

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

**Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de
geografia da UFV?**

Darlene do Carmo Ferreira
Magister Scientiae

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

DARLENE DO CARMO FERREIRA

Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de geografia da UFV?

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Geografia, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Caroline Delpupo Souza

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

F383c
2023
Ferreira, Darlene do Carmo, 1987-
Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo
no curso de Geografia da UFV? / Darlene do Carmo Ferreira. –
Viçosa, MG, 2023.

1 dissertação eletrônica (148 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndices.

Orientador: Caroline Delpupo Souza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Geografia, 2023.

Referências bibliográficas: f. 87-92.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2025.674>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Identidade de gênero na educação. 2. Mulheres -
Educação (Superior). 3. Sexismo na educação. 4. Geografia -
Estudo e ensino (Superior). I. Souza, Caroline Delpupo, 1986-.
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Geografia.
Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 22. ed. 306.43

DARLENE DO CARMO FERREIRA

Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de geografia da UFV?

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Geografia, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 11 de dezembro de 2023.

Assentimento:

Darlene do Carmo Ferreira
Autora

Caroline Delpupo Souza
Orientadora

Essa dissertação foi assinada digitalmente pela autora em 29/10/2025 às 21:03:29 e pela orientadora em 06/11/2025 às 05:48:09. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **913F.F8GC.JOFJ** e clique no botão 'Validar documento'.

À Tia Célia, a mulher mais forte que já conheci. À tia Dalva, pela alegria contagiante.
À vó Maria, pela doçura, e à vó Naná, quem não conheci pessoalmente, mas pelas
muitas histórias. Dizem que nosso jeito se parece e isso me orgulha! Que eu
carregue sempre comigo a fortaleza, o gosto pela vida, a doçura e o acolhimento ao
próximo, herdados de vocês. Obrigada por terem contribuído para minha formação
enquanto pessoa, enquanto mulher. Eu sou porque vocês também foram. Suas
presenças são eternas em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de pesquisa brasileiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Agradeço ainda à minha orientadora, Caroline Delpupo Souza, pela importante troca, que resultou na escrita desta dissertação, à professora Gracinha (UNIR), referência na discussão de gênero e quem prontamente aceitou compor minha banca avaliadora. Especialmente e amorosamente sou grata à minha família, por tudo e por tanto!

“[...] Encontrando-me perdida em sentimentos aparentemente contraditórios. Foi através dessas constantes reflexões - que, às vezes, parecem não conduzir a lugar algum, mas em outras sim - que me convenci de que não só os pressupostos implícitos que fazemos em relação ao espaço são importantes, mas também que, talvez, fosse produtivo pensar sobre o espaço de maneira diferente.”

(Doreen Massey)

RESUMO

FERREIRA, Darlene do Carmo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2023. **Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de geografia da UFV?**. Orientadora: Caroline Delpupo Souza.

A pesquisa trata-se de um estudo de caso, através do qual analisou-se a trajetória acadêmica de mulheres no curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, considerando os atravessamentos de uma cultura sexista na formação discente, versando assim sobre currículo acadêmico, relações de gênero e as dimensões geográficas espaço e território. Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se os seguintes procedimentos metodológicos: revisão de literatura, entrevistas semiestruturadas, questionários e análise documental. Ao trazer a discussão para o recorte pretendido, constatou-se que no decorrer do curso as discentes envolveram-se majoritariamente com o campo da Pesquisa, em detrimento do Ensino e da Extensão, porém, observou-se um maior número de mulheres, tendo em vista o quesito proporcionalidade, compondo a área de Licenciatura e uma maior ocupação masculina na área de Bacharelado. A disparidade numérica entre os gêneros compondo o corpo docente, evidenciou-se como um dos atravessamentos sexistas na formação da discente, bem como manifestações machistas, produzidas e reproduzidas no curso. A implicação da esfera privada na pública, foi também notada como um fator limitante para a plena formação acadêmica da aluna, assim como outros aspectos relacionados a: assédio e constrangimento, hierarquia, ausência/insuficiência de discussões voltadas às temáticas gênero e feminismo, o cumprimento de papéis de gênero, a condição social e a sensação de não pertencimento ao espaço público acadêmico. O estudo é relevante, pois localiza-se na fronteira entre o vasto campo de discussões da Geografia e temas contemporâneos que impactam a produção e a transformação do espaço geográfico. Possui importância ainda por fortalecer a ampliação da análise espacial a partir da categoria gênero; contudo, encontra limitações, uma vez que trata-se da investigação de um fenômeno abstrato e que, portanto, condiciona-se muitas vezes à percepção daquelas(es) que o vivenciam.

Palavras-chave: gênero ; mulher; formação acadêmica; sexismo; geografia

ABSTRACT

FERREIRA, Darlene do Carmo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2023. **How is the training of a geography crossed by sexism in the geography course at ufv?**. Adviser: Caroline Delpupo Souza.

The research is a case study, through which the academic trajectory of women in the Geography Course at the Universidade Federal de Viçosa was analyzed, considering the crossings of a sexist culture in student training, thus dealing with academic curriculum, relationships gender and the geographic dimensions of space and territory. To achieve the proposed objectives, the following methodological procedures were used: literature review, semi-structured interviews, questionnaires and document analysis. When bringing the discussion to the intended focus, it was found that during the course the students were mostly involved in the field of Research, to the detriment of Teaching and Extension, however, a greater number of women were observed, taking into account considering the proportionality aspect, comprising the Graduation degree area and a greater male occupation in the Bachelor's degree area. The numerical disparity between the genders making up the teaching staff was evident as one of the sexist obstacles in the student's training, as well as sexist manifestations, produced and reproduced in the course. The implication of the private sphere in the public sphere was also noted as a limiting factor for the student's full academic training, as well as other aspects related to: harassment and embarrassment, hierarchy, absence/insufficiency of discussions focused on gender and feminism themes, compliance of gender roles, social condition and the feeling of not belonging to the public academic space. The study is relevant, as it is located on the border between the vast field of Geography discussions and contemporary themes that impact the production and transformation of geographic space. It is also important to strengthen the expansion of spatial analysis from the gender category; however, it has limitations, since it is the investigation of an abstract phenomenon and, therefore, is often conditioned by the perception of those who experience it.

Keywords: gender; woman; education; sexism; geography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: UFV, localização	17
Figura 2: Classificação por cor ou raça das alunas egressas	33
Figura 3: Classificação por cor ou raça das(os) cursistas	34
Figura 4: Classificação por gênero das(os) cursistas	34
Figura 5: Naturalidade das alunas egressas	36
Figura 6: Naturalidade das(os) cursistas	37
Figura 7: Faixa etária das alunas egressas	38
Figura 8: Faixa etária das(os) cursistas	38
Figura 9: Currículo do curso de Geografia (Bacharelado)	43
Figura 10: Currículo do curso de Geografia (Licenciatura)	43
Figura 11: Fragmento curricular do curso de Geografia (Licenciatura)	48
Figura 12: Fragmento curricular do curso de Geografia (Bacharelado)	48
Figura 13: Período de formação acadêmica das(os) cursistas	51
Figura 14: Envolvimento das alunas egressas com a Pesquisa, o Ensino e a Extensão	51
Figura 15: Envolvimento das(os) cursistas com a Pesquisa, o Ensino e a Extensão	52
Figura 16: Envolvimento dos alunos egressos com a Pesquisa, o Ensino e a Extensão	52
Figura 17: Representatividade docente pelo olhar das alunas egressas	57
Figura 18: Representatividade docente pelo olhar das(os) cursistas	58
Figura 19: Representatividade docente pelo olhar dos egressos	60
Figura 20: Manifestação da territorialidade feminina no campus da UFV	69
Figura 21: Manifestação da territorialidade feminina no campus da UFV	69
Figura 22: Divulgação de palestra com o tema: Geografia Feministas	80
Figura 23: Divulgação de publicação com o título: Gênero, sexualidades e violência	80
Figura 24: Divulgação de espaço de acolhimento à saúde mental das mulheres trans e travestis	81
Figura 25: Divulgação de projeto: Do quilombo às favelas [...]	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cap-Coluni - Colégio de Aplicação da UFV
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DED - Departamento de Economia Doméstica
ECOA - Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia
Esav - Escola Superior de Agricultura e Veterinária
ESCD - Escola Superior de Ciências Domésticas
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGC - Índice Geral de Cursos
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBTQIAP+ - Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero.
MEC - Ministério da Educação
MF - Movimento Feminista
NIEG - Núcleo Interdisciplinar de Estudo de Gênero
OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
Pibid - Programa de Iniciação à Docência
PPC - Projeto Político do Curso
SARS-CoV-2 - Coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave
Sinan - Sistema de Informação de Agravos de Notificação
UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFV - Universidade Federal de Viçosa
UREMG - Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. HIPÓTESES	15
1.2. OBJETIVOS	15
1.2.1. Geral.....	15
1.2.2. Específicos	16
2. METODOLOGIA.....	16
2.1. Localização, caracterização e contextualização da área de pesquisa.....	16
2.2. O objeto em estudo	17
2.3. Definição da amostra e Levantamento de dados	19
2.4. Os caminhos da pesquisa	20
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
3.1. TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DA ESTUDANTE DE GEOGRAFIA DA UFV E OS PAPÉIS DE GÊNERO	32
3.1.1. Perfil demográfico da estudante de Geografia da UFV	33
3.1.2. O currículo do curso e suas implicações na formação acadêmica da geógrafa.....	39
3.1.3. Formação acadêmica para além do currículo	50
3.1.4. A graduação da geógrafa: escolha ou tendência ao cumprimento de papéis de gênero?	54
3.2. A GEÓGRAFA E A CONSTRUÇÃO DE ESPACIALIDADES E TERRITORIALIDADES NA UFV	62
3.2.1. A ocupação feminina no ambiente universitário. Há limites para essa inserção?...	62
3.2.2- Espacialização e territorialização da geógrafa na UFV	66
3.3. A APROPRIAÇÃO FEMININA AO ESPAÇO PÚBLICO UNIVERSITÁRIO.....	72
3.3.1. Mulher, um corpo subversivo na universidade	72
3.3.2. Espacialidade e territorialidade como formas de resistência	77
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
APÊNDICES	92

1. INTRODUÇÃO

O patriarcado, enquanto sistema opressor às mulheres, assola a sociedade desde períodos longínquos da história da humanidade, os quais não são especificamente datados, uma vez que acontecimentos dessa natureza não ocorrem de forma repentina mas sim gradual. De acordo com estudos antropológicos propostos por Muraro (2002), tendo em vista as sociedades pré-históricas, acredita-se que houve a passagem paulatina de uma sociedade matricêntrica para outra patriarcal. Segundo a autora, este fato deveu-se à capacidade das mulheres gestarem, pois, junto ao nascimento da criança, um trabalho instaurava-se, ocupando-as principalmente das funções relacionadas ao provimento da vida.

Elas, que não eram responsáveis apenas pelo cuidado dos filhos, mas também de todo o grupo, pois coletavam vegetais, as fontes mais seguras de alimentação na época, tinham o tempo reduzido em relação ao dos homens, que se dedicaram ao domínio da natureza e até mesmo da sexualidade feminina, de acordo com o pensamento da autora. Dessa forma, este controle concretizou-se na “superioridade/transcendência do homem sobre a natureza e a mulher” (MURARO, 2002, p. 64).

Essa breve contextualização a respeito das origens do patriarcado, revela que a dominação do homem sobre a mulher não é algo natural, ela está situada no tempo e no espaço, sendo assim, socialmente e culturalmente construída, ao contrário do que disseminam o senso comum e ideologias derivadas do mito da superioridade masculina, como algo intrínseco ao sexo biológico.

Embora esta superioridade seja fantasiosa, indivíduos do gênero feminino permanecem em situações de subalternidade perante diferentes ocasiões e, incluída nesta gama, está a experiência universitária, campo investigado neste estudo.

Devido ao foco da pesquisa, é necessário discorrer também sobre a gênese da universidade, para entender como foi pensada, quem foram seus fundadores e consequentemente quais as intenções advindas a partir de sua constituição enquanto importante espaço de formação de pessoas.

Esta instituição, qualificada como local de construção e transmissão do saber científico, há muito se configura como lócus de negação à presença feminina, fato claramente confirmado tendo em vista a história de seu surgimento, que segundo Simões (2013), ocorreu durante o século XI na Itália, mais especificamente em Bolonha. Dessa forma, fica evidente que a produção do conhecimento científico origina-se em uma conjuntura de monopólio masculino, branco, cisheteronormativo e burguês.

A despeito destas origens, forjadas em severo patriarcalismo, de acordo com os dados obtidos na pesquisa realizada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e divulgados em setembro de 2019, “enquanto 18% dos homens brasileiros de 25 a 34 anos têm ensino superior, essa porcentagem sobe para 25% entre as mulheres da mesma faixa etária”. Ampliada a escala, ao se considerar os demais países analisados, 36 num total, desenvolvidos e em desenvolvimento, a porcentagem se eleva, sendo “38% para homens e 51% para mulheres, segundo dados de 2018.”

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), aponta que a porcentagem de matrículas brasileiras no ensino superior, em 2020, foi de 42% para homens e de 58% para as mulheres, considerando-se as instituições públicas e privadas. Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) diz que, “desde a década de 1970 o público feminino destaca-se como porção majoritária na área da pesquisa”, todavia, ainda carrega heranças de uma condição de desprestígio, o que se verifica tendo em vista que os cargos de poder dentro das instituições, em sua maioria, são ocupados por homens. Cabe contextualizar, que tais dados não revelam importantes recortes sociais, como o étnico-racial e o de classe, portanto, não é possível mensurar estatisticamente a heterogeneidade de grupos de mulheres pertencentes a este todo.

Contudo, pode-se afirmar, que apesar de definitivamente ter adentrado o ambiente acadêmico, a estrutura patriarcal estipula limites na inserção feminina, abrindo caminhos para campos do saber afins aos papéis pré-determinados e limitando o acesso para aqueles “destinados” a homens.

Ao observar as porcentagens, nota-se que as mulheres compõem maioria numérica nos centros de estudo e pesquisa, mas, mesmo possuindo essa vantagem, ainda não detêm supremacia em determinados cargos e carreiras. O que as impede? Escolhas individuais ou formação estrutural da sociedade? Inquietações desta natureza instigaram o interesse pela busca de respostas e alternativas para lidar com a problemática.

No contexto da Geografia, campo do conhecimento analisado neste estudo, percebeu-se que a lógica supracitada não se faz diferente, sendo algumas áreas desta ciência mais e outras menos ocupadas por mulheres e homens, o que revela assimetrias, que podem ser entendidas como verdadeira divisão sexual do trabalho e, frequentemente, estruturam-se reproduzindo a tendência do cumprimento de papéis de gênero. Tendo em vista que tal realidade fomenta segregação e desigualdade, a universidade torna-se, por conseguinte, mais um dos cenários sociais onde disputas se materializam.

Por tratar-se de um espaço destinado à formação acadêmica, à produção e

aperfeiçoamento do saber científico, é sintomático que alguns sujeitos se beneficiem em detrimento de outros, pois, conforme revela a máxima de Bacon: “conhecimento é poder!”, logo, quem produz o conhecimento não só detém o poder, mas também dita as regras para a reprodução societal, que, segundo Brenner e Laslett (1989), trata-se da “reprodução de um sistema inteiro de relações sociais”, ou seja, determina a ocupação dos lugares pelos diferentes sujeitos na estrutura social, onde alguns atingem patamares mais elevados.

Corroborando os pontos tratados anteriormente, vale lembrar que desde sua estruturação, o meio acadêmico revela-se como espaço de privilégio para uns e de negação para muitos. Segundo Silva (2009), as universidades e centros de pesquisas são entendidos como “espaços masculinizados”. Ao analisar o campo da Geografia, a autora afirma que “as mulheres geógrafas brasileiras, mesmo participando ativamente da produção científica geográfica no Brasil, ainda não alcançam o mérito da produção científica masculina”.

De acordo com essa controversa questão envolvendo a discussão de gênero, tão latente na sociedade atual, e entendendo que a universidade reproduz desigualdades contidas no cotidiano espacial, veio à tona o problema de pesquisa que rege o estudo em voga: “Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV?”.

A UFV, por sua vez, trata-se da Universidade Federal de Viçosa, uma das grandes e mais antigas universidades públicas brasileiras, a qual data de 1926 e localiza-se no interior de Minas Gerais, na região geográfica intermediária da Zona da Mata mineira, de acordo com a nova regionalização proposta pelo IBGE. Adiante, no eixo metodológico, maiores informações acerca da instituição serão apresentadas.

Para levantar possíveis respostas ao problema identificado, fez-se necessário o mapeamento de variáveis que revelassem atravessamentos patriarcais na formação da estudante. Tal tarefa foi tida como fundamental para evidenciar as desigualdades de gênero ocorridas dentro do curso e da instituição, bem como para traçar caminhos e alternativas que possibilitem a transformação desta realidade em equiparação de direitos e acessos dentro da unidade de ensino superior.

As escolhas metodológicas que deram suporte ao mapeamento basearam-se na aplicação de questionários; direcionados às(aos) estudantes, tanto aquelas(es) com matrículas ativas quanto egressas(os) e na realização de entrevistas semiestruturadas; feitas com alunas, ex-alunas e professoras(es) do curso de Geografia da UFV; além do levantamento de dados via pesquisas documentais e bibliográficas.

A partir dos depoimentos coletados, foi realizada uma categorização que permitiu agrupá-los de acordo com classificações que expressam limitações ou potencialidades,

relacionadas à formação acadêmica das estudantes pertencentes ao curso. Dessa forma, foi possível demonstrar, através de diversas narrativas, as maneiras através das quais o fenômeno se manifesta.

Este estudo justifica-se, pois revela, a partir de dados científicos, a existência de uma problemática comumente desacreditada, já que naturalizada socialmente. Faz-se referência ao mito da inferioridade feminina, in verdade esta que ainda hoje limita a atuação de mulheres nos diferentes espaços e confere a elas caminhos nem sempre condizentes com suas potencialidades. É igualmente importante, uma vez que contribui para o fortalecimento das Geografias Feministas, campo de estudos fundamental à ciência geográfica contemporânea, que busca entender, dentre outras, a realidade da maioria das sujeitas que espacializam e territorializam dia a dia, as mulheres.

Por não tratar-se de uma área de estudos tradicional para a Geografia, investigações dessa natureza apresentam grande relevância para a expansão deste novo campo do saber, enriquecendo, portanto, não apenas a ciência geográfica mas também todas as demais áreas do conhecimento com as quais interage.

Economicamente esta pesquisa demonstra relevância, tendo em vista que quanto maior o nível de qualificação de uma pessoa maiores são as chances de galgar melhores cargos no mercado de trabalho, o que irá interferir diretamente no poder aquisitivo e conseqüentemente na qualidade de vida do indivíduo, reverberando assim em sua posição e atuação na reprodução societal. Desse modo, identificar e entender fatores limitantes na formação da estudante de Geografia permite relacioná-los ao futuro profissional desta mulher e atacá-los enquanto entraves.

Somando-se a todas as justificativas anteriores, outras motivações para o desenvolvimento desta pesquisa estão diretamente ligadas à realidade da pesquisadora, ex-aluna do curso de graduação em Geografia da UFV, atualmente mestranda do programa de pós-graduação em Geografia da mesma instituição, bem como à sua trajetória de envolvimento com movimentos sociais e por se entender enquanto mulher feminista. Vale ressaltar que a investigadora não coloca-se enquanto sujeita da pesquisa, a fim de manter o devido distanciamento e rigor científico para a condução do estudo e análise dos dados.

Para pautar todo este debate buscou-se desvendar incompatibilidades, analisadas também pelo viés de algumas categorias de análise caras ao pensamento geográfico, enfatiza-se: o espaço e o território; tendo em vista o potencial de ambas para descrever e compreender as engrenagens que movem a sociedade patriarcalista. Valendo-se sobretudo de uma Geografia Feminista, “ler” tal realidade torna-se ainda mais interessante. Para Silva (1998), “a Geografia

Feminista é aquela que objetiva uma transformação não só da ciência geográfica, mas também das formas de vivência e trabalho, incorporando as contribuições teóricas do feminismo à exposição e análise dos fatos geográficos”.

Ao propor a análise do sistema de gênero é imprescindível que se adentre as discussões feministas, uma vez que tais temáticas caminham *pari passu*. Nesse sentido, as abordagens teórico-metodológicas que iluminaram as interpretações do fenômeno estudado remetem-se aos feminismos: decolonial e marxista. Por tratar-se de uma corrente teórica latino-americana, entende-se que o primeiro abarca de maneira mais efetiva a realidade das mulheres que compõem o objeto estudado; e o segundo, por trazer questões relacionadas à classe, que atravessam a vida destas sujeitas de forma consistente e interferem, conseqüentemente, em suas escolhas e oportunidades ao longo de suas vidas.

Diante de um contexto amplo, amparado sobre sistemas historicamente consolidados, como é o caso do patriarcado, do racismo e do capitalismo, que interferem em toda a dinâmica social, é que este trabalho de pesquisa se delineou. Estudou-se mulheres em seus contextos de formação universitária, a fim de entender a interferência de tais sistemas em suas trajetórias acadêmicas, tendo destaque o patriarcado, do qual deriva o sexismo, principal fenômeno investigado.

Por fim, acredita-se que uma melhor compreensão acerca desta dinâmica possibilitará a ampliação do debate e trará diferentes olhares que contribuirão para mudanças tão latentes e necessárias na estrutura social.

1.1. HIPÓTESES

- a) O sexismo que estrutura a sociedade se reproduz no ambiente universitário e no curso de Geografia da UFV;
- b) A formação da estudante de Geografia é impactada negativamente por essa estrutura, que atua limitando-a em relação ao rol de possibilidades que poderia percorrer;
- c) A falta de paridade de gênero no corpo docente reforça tais assimetrias;
- d) Há papéis pré-definidos para as estudantes nas diferentes áreas de formação em Geografia.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Geral

Este trabalho objetiva analisar a formação de mulheres no curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa a fim de identificar, através de seus percursos acadêmicos, os atravessamentos de uma cultura sexista nesta formação, bem como revelar as assimetrias de gênero vivenciadas pelas estudantes e fomentar reflexões acerca da universidade enquanto espaço público reprodutor de uma estrutura social patriarcalista.

1.2.2. Específicos

- Levantar dados sobre a formação das alunas do curso de Geografia da UFV, relacionados ao ensino, à pesquisa e à extensão;
- Analisar as trajetórias formativas, identificar variáveis e traçar padrões de caminhos percorridos por estudantes de Geografia que expressam a reprodução de papéis sociais de gênero no ambiente universitário;
- Discutir a existência de espacialidades/territorialidades no curso de Geografia, a partir de uma perspectiva de gênero, e possíveis conflitos referentes à cada uma delas;
- Descrever o espaço feminino e avaliar a real inserção das mulheres na Universidade, dentro da perspectiva do direito ao espaço público, a partir da experiência do curso de Geografia da UFV.

2. METODOLOGIA

2.1. Localização, caracterização e contextualização da área de pesquisa

O espaço que serviu de base para o desenvolvimento desta pesquisa, é uma das grandes e mais antigas universidades públicas brasileiras, a Universidade Federal de Viçosa. A instituição data de 1926, como Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav) e atingiu sua federalização no ano de 1969. Atualmente conta com três *campi*: UFV - Viçosa, UFV - Florestal e UFV - Rio Paranaíba.

O estudo em questão realizou-se no campus situado na cidade de Viçosa, localizada na mesorregião da Zona da Mata mineira, onde é oferecido o curso de Geografia nas modalidades Bacharelado e Licenciatura.

O ambiente acadêmico da UFV é composto por uma comunidade que ultrapassa o

número de 20.000 estudantes, levando em consideração os três *campi*. Segundo informações extraídas do site da própria instituição:

“[...] a UFV oferece ensinos médio e técnico, cursos de graduação e programas de pós-graduação nos seus três campi, [...]. No total, a Universidade já graduou mais de 60 mil profissionais e orientou a defesa de mais de 12 mil dissertações de mestrado e quatro mil teses de doutorado”. (UFV, 2021)

Outra característica que merece destaque é a excelência dos cursos de graduação e pós-graduação, que atingiram nível máximo de acordo com o índice geral de cursos (IGC) 2021, dado divulgado no ano de 2023, pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Ainda de acordo com o site oficial da UFV, “dentre todas as universidades federais avaliadas, ela está na 7ª colocação no país e na 2ª em Minas Gerais.” Sendo assim, a Universidade em questão demonstrou possuir importância relevante enquanto espaço investigativo para a temática, que se propôs entender em que medida as questões de gênero desdobram-se sobre a formação da geógrafa.

A busca pela identificação e compreensão do impacto provocado por disparidades de gênero dentro das instituições de ensino superior é necessária, pois possibilita a tentativa de traçar novos caminhos que sejam favoráveis a todos, todas e todes e não privilegiem grupos específicos. Acredita-se que somente assim haverá a promoção de uma educação verdadeiramente libertária e emancipadora.

Figura 1: UFV, localização



Fonte: Google Earth.

2.2. O objeto em estudo

Esta pesquisa estudou de modo específico o curso de Geografia da UFV a partir do recorte de gênero, tendo como foco o percurso formativo das estudantes de Geografia, futuras

geógrafas. As sujeitas que ajudaram a compor o fenômeno trataram-se de estudantes egressas e regularmente matriculadas.

O curso de Geografia da UFV, surgido há vinte e dois anos, nasceu no bojo de uma Universidade agrária e masculina, que teve como base de sua formação as graduações em Agronomia, Engenharia Florestal e Economia Doméstica. As duas primeiras, naquele momento, voltadas especificamente para homens, enquanto a terceira surgiu com papel claramente pré-definido para as mulheres, o que pode ser verificado através de informações retiradas do histórico do curso, no site do mesmo.

“O Departamento de Economia Doméstica - DED, instituído em 1978, originou-se da antiga Escola Superior de Ciências Domésticas - ESCD, implantada em 1952 na então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG (hoje UFV), sendo a primeira do gênero no Brasil, com o curso de Administração do Lar. A nova Escola contava com os departamentos de Nutrição, Vestuário, Decoração, Puericultura, Arte e Recreação, Educação, Psicologia e Sociologia.” (ECONOMIA DOMÉSTICA, Histórico)

Estas informações evidenciam que o público feminino adentrou a UFV com limites bastante claros, ou seja, o lugar da mulher nesta instituição era o de uma cuidadora do lar e não de uma futura cientista. Por outro lado, os homens também cumpriam seus papéis previamente estabelecidos, de engenheiros agrônomos ou florestais.

A graduação em Geografia desta instituição, por sua vez, apesar de apresentar intenções diferenciadas em relação às anteriormente citadas, seja por situar-se em outra escala espaço temporal, seja pelos objetivos críticos propostos pelo próprio curso, no que tange à formação das(dos) estudantes, demonstra também traços reveladores de uma estrutura sexista, uma vez que insere-se em uma sociedade altamente patriarcal e, portanto, não está imune à reprodução deste paradigma.

Um exemplo de tal afirmação é a composição de seu corpo docente, que apresenta número inferior de mulheres em relação ao de homens, 03 para 06 respectivamente, bem como a falta de representatividade feminina em determinadas áreas, principalmente aquelas relacionadas às Geociências, campo mais voltado para as ditas “ciências duras” ou exatas.

A partir de um levantamento de dados realizado junto à coordenação do curso em junho de 2022, entre egressas(os) e matriculadas(os), as modalidades Bacharelado e Licenciatura em Geografia da UFV já reuniram 1.619 estudantes, dentre estas(es), 373 mulheres e 462 homens concluintes, somando um total de 835 pessoas graduadas. Levam o título de licenciadas(os) 252 mulheres e 308 homens; e bacharelas(éis), 176 mulheres e 199 homens.

Diante de um número historicamente expressivo do público feminino na composição deste curso, tornou-se relevante investigar e entender a realidade da mulher estudante de

Geografia da UFV. Revelar sua trajetória formativa é importante, pois expõe, ainda na atualidade, a existência das assimetrias de gênero inseridas no ambiente acadêmico, espaço dito imparcial.

2.3. Definição da amostra e Levantamento de dados

A pesquisa em questão trata-se de um estudo de caso exploratório e descritivo, e, configura-se enquanto uma investigação quali-quantitativa, uma vez que levantou dados numéricos mas também analisou a realidade com base em informações não mensuráveis. Para tanto, utilizou-se diferentes formas de coleta de dados, a saber: revisão teórica, entrevistas semiestruturadas, questionários e análise documental.

Partindo da revisão teórica, esta foi de fundamental importância, uma vez que embasou a pesquisa e ofereceu o suporte necessário e indispensável à teorização. Mesmo que utilizados outros métodos, a leitura pertinente será sempre ferramenta indispensável para a execução de um bom trabalho, pois contribui para aclarar e expandir o campo das ideias.

Inicialmente realizou-se uma vasta investigação teórica sobre os principais assuntos norteadores, o que possibilitou o aprofundamento conceitual e fomentou as discussões. Tal busca literária levantou tanto fundamentações históricas quanto discussões atuais, procurando sempre que possível evidências em dados estatísticos que embasassem, incrementassem e possibilitassem um melhor desenvolvimento do tema e sua interpretação. Essa revisão teórica contribuiu fundamentalmente para a análise e reconhecimento de possíveis padrões que expressassem a reprodução de papéis sociais de gênero, bem como outras manifestações de caráter machista, nas trajetórias formativas das estudantes de Geografia da UFV.

Quanto à entrevista semiestruturada, trata-se daquela entendida como menos rigorosa no que tange à formalidade entre entrevistado e entrevistador, ou seja, pode ocorrer com certo nível de descontração. Cabe ao pesquisador sempre inferir no diálogo os assuntos que pretende analisar. Para Lüdke e André (1986), este tipo de entrevista se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

Ainda no sentido de interrogar, como bem menciona Gil (2002), utilizou-se também a aplicação de questionários. “Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado [...]” (Gil, 2002, p. 115 e 116). Optou-se por este método pelo fato de possibilitar maior alcance, viabilizando assim o acesso às(aos) estudantes já desvinculados da instituição.

Em relação à análise documental, esta contribui de maneira efetiva nos trabalhos de pesquisa, podendo complementar satisfatoriamente os dados da mesma. Ela pode, também, se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Através deste tipo de investigação, buscou-se respaldar algumas hipóteses e complementar as análises feitas a partir de dados obtidos por outras fontes.

A população de amostra para a realização deste estudo foi definida com base em uma escolha intencional a partir dos critérios: gênero, raça/etnia, momento de ingresso no curso e área do conhecimento, este último aplicou-se apenas às(aos) docentes. Para Gil:

Uma amostra intencional, em que os indivíduos são selecionados a partir de certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participantes, mostra-se mais adequada para a obtenção de dados de natureza qualitativa; [...]. A intencionalidade torna uma pesquisa mais rica em termos qualitativos. (GIL, 1991, p. 97)

Receberam questionários 80 pessoas, entre estudantes egressas(os) e regularmente matriculadas(os). De maneira específica: 24 mulheres egressas, 31 homens egressos, 21 mulheres com matrículas ativas e 4 homens na mesma condição. Foram selecionadas ainda outras 4 alunas, com base nos mesmos critérios, para responderem à entrevista semiestruturada. Tal entrevista foi realizada também com as professoras e os professores do curso de Geografia, que se propuseram a participar e com uma docente de área colaborativa. Os roteiros utilizados com as(os) educadoras(es) apresentaram diferenças sutis dada a permissividade deste método, bem como para contemplar de modo eficaz os variados setores de atuação destas pessoas e coletar de forma proveitosa as informações pretendidas. Participaram 03 docentes mulheres, sendo 01 delas de área externa à Geografia e 03 docentes homens, pertencentes ao Departamento em questão.

2.4. Os caminhos da pesquisa

Inicialmente analisou-se as mulheres do curso de Geografia, tanto as discentes quanto as docentes. A abordagem direta a elas foi feita a partir de questionários e entrevistas semiestruturadas. Por uma questão de viabilidade de acesso aos sujeitos da pesquisa, optou-se pela entrevista semiestruturada quando a abordagem se direcionou a um número menor de pessoas, como foi o caso das professoras, dos professores e do grupo de 4 alunas. Finalizadas, as entrevistas foram transcritas através da mescla das técnicas “só essência” e “literal”, conforme aponta Gibbs (2009). O primeiro mecanismo permite que a narração dos fatos seja

feita com maior rapidez, considerando apenas o que é relevante; a segunda alternativa trata-se da transcrição na íntegra de trechos considerados importantes para a interpretação da problemática estudada. Optou-se por transcrever neste último formato apenas os relatos que poderiam sugerir dúvidas ao leitor quanto à autenticidade.

O questionário, por sua vez, foi utilizado para a coleta de informações junto às(aos) demais estudantes. Por tratar-se de um grupo maior e disperso, visto que muitas(os) não se encontram mais na Universidade e por consequência o acesso é dificultado, o questionário configurou-se enquanto a técnica mais adequada, pois, pôde ser enviado por e-mail e compartilhado por outras mídias eletrônicas.

Pensou-se no grupo composto pelas professoras, para tomar conhecimento de suas motivações ao optarem por determinada área da Geografia enquanto campo de formação e carreira, a fim de compreender os desafios enfrentados por mulheres ao adentrarem uma ciência que possui em sua gênese um tradicionalismo arraigado, fala-se aqui principalmente das discussões propostas por este campo do conhecimento.

Em relação às estudantes, as pretensões não foram diferentes, buscou-se entender possíveis determinações e escolhas destas mulheres por caminho(s) específico(s) no curso em detrimento de outro(s), ou seja, objetivou-se descobrir a existência de variáveis influenciadoras nestas escolhas, para que então fosse possível responder o questionamento chave e título desta pesquisa: *“Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV?”*

A participação dos professores e dos alunos, serviu de suporte para o mapeamento de trajetórias femininas a partir de um comparativo entre suas escolhas, caminhos e carreiras. Estes sujeitos atuaram como coadjuvantes nesta investigação, mas foram elementos necessários na identificação de possíveis papéis de gênero e padrões formativos para os públicos feminino e masculino.

As entrevistas e questionários possibilitaram traçar o perfil socioeconômico, racial e etário destas pessoas, bem como identificar elementos que indicassem ou não a reprodução de papéis de gênero na academia; a existência ou não de uma especialização/territorialização por parte dos diferentes gêneros no curso de Geografia; assim como a real inserção feminina nesta Universidade, tendo como perspectiva o direito ao espaço público.

Outra técnica utilizada trata-se da análise documental, que se deu a partir do levantamento de dados solicitados nas Pró-reitorias de Ensino, Pesquisa e Extensão, tripé da formação estudantil na Universidade Federal de Viçosa e também a partir de documentos do próprio Departamento do curso. Foram analisadas informações advindas do registro de projetos

de pesquisa, por gênero, na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, bem como daqueles registrados na Pró-reitoria de Extensão; do agrupamento discente das turmas do curso; das matrizes curriculares do mesmo; do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e do levantamento dos temas das monografias. Este último aspecto foi investigado na tentativa de identificar a ocorrência de tendências temáticas por gênero.

É importante pontuar, que devido o contexto vivenciado ao longo dos três últimos anos, em relação à crise global do novo coronavírus (SARS-CoV-2), envolvendo restrições sanitárias, realizou-se algumas etapas da metodologia de maneira remota, através do uso de ferramentas como o Google Meet, Google Formulário, e-mails, entre outras, de modo a garantir a segurança de todos os envolvidos. Durante os encontros presenciais a pesquisadora fez uso e disponibilizou aos participantes, quando necessário, máscaras descartáveis e álcool em gel.

A análise dos dados, no que refere-se às respostas obtidas pelas entrevistas e questionários, ocorreu a partir da categorização das informações (narrativas), com base na utilização da literatura proposta, que embasou o estudo e forneceu os caminhos teóricos necessários para a interpretação do fenômeno.

No que tange aos dados quantitativos, conseguidos através de documentos, utilizou-se a ferramenta Microsoft Excel, para a tabulação correta dos números acessados e para a consequente elaboração de gráficos e tabelas. Todas as informações foram tratadas e interpretadas com o rigor científico exigido, a partir da utilização dos métodos teóricos e ferramentas metodológicas que embasam essa pesquisa.

Após a coleta, tratamento e conclusão da análise de todos os dados, construiu-se a presente dissertação, que apresenta os resultados obtidos a partir da realização deste estudo.

2.5. Categorização de dados qualitativos obtidos via entrevistas semiestruturadas e questionários

Categoria	Subcategoria	Narrativa
1- Potencialidades (atravessamentos positivos) na/para a formação da geógrafa	1.1- Representatividade de gênero/ Acolhimento (fator de atração)	1- “O assunto (gênero e feminismo) geralmente só é abordado pelas docentes mulheres, o que acaba me atraindo ainda mais para as áreas que elas atuam.” 2- “Sim, pois haviam apenas 2 professoras. Acabei focando mais na área de ensino, pois, me identifiquei com a didática da professora e também por me sentir à vontade com ela.” 3- “[...] Das três mulheres que tive aula na UFV, a mais potente e com um debate bem mais social, me fez apaixonar pelas questões urbanas que me facilitaram muito em minhas futuras

		<p>pesquisas. Inclusive foi ela que me fez pensar que a geografia da UFV não era só campo ou rural.”</p> <p>4- “[...] fico pensando: se eu tivesse tido as aulas de ensino com homens, eu teria trilhado o mesmo caminho? Eu não sei! O fato é que as áreas que mais me inclinei e me dediquei durante o curso foram de disciplinas oferecidas por mulheres.”</p> <p>5- “Sim, sempre identifico uma maior proximidade a áreas em que possuem mulheres na geografia, penso que as mulheres de certa maneira sempre se esforçam mais para terem o reconhecimento que homens tem, e no geral, na geografia quando analiso o trabalho e a bagagem dos discentes, as mulheres sempre têm um destaque a mais em seus currículos e como pessoa!”</p> <p>6- “Sim, as melhores aulas foram com professoras mulheres.”</p> <p>7- “Sim. Acho por exemplo que as professoras do departamento poderiam ocupar mais os espaços de chefia e coordenação do curso pois iria fazer uma grande diferença na visibilidade e representatividade de mulheres nesses espaços.”</p>
<p>2- Limitações (atravessamentos negativos) na/para a formação da geógrafa</p>	<p>2.1- Ausência de representatividade de gênero (fator de repulsão)</p>	<p>1- “Eu participei apenas do PIBID [...] não participei de demais projetos, primeiro por uma questão pessoal e emocional e segundo porque não sentia afinidade com os professores que atuavam na área que eu tinha interesse.”</p> <p>2- “[...] não havia mulheres na parte de geografia física [...]”</p> <p>3- “[...] arrisco a dizer que a área da "Geografia Física" tem uma predominância masculina, o que pode influenciar algumas mulheres a se sentirem mais inseguras ao seguir essa área.”</p> <p>4- “Poucas mulheres nas áreas físicas. A maioria está no ensino.”</p> <p>5- “Acredito que indiretamente acaba interferindo , nunca pensei sobre o assunto.”</p> <p>6- “Sim. Acaba que por ser mulher, nós sempre queremos nos inspirar em mulheres, e levando em conta que hoje, o nosso corpo docente conta cada vez menos com mulheres, o que acaba refletindo diretamente na área de formação em que imagino seguir.”</p> <p>7- “Não necessariamente a falta de paridade, mas o comportamento de certos professores desencoraja a aproximação deles e de suas áreas de pesquisa.”</p>

		8- “Sim, a falta da presença feminina torna o ambiente menos confortável para as estudantes.”
	2.2- Assédio/ Constrangimento (fator de repulsão)	<p>1- “Em determinada área de formação não, mas já fui assediada fora do curso de Geografia, tanto por um professor (da Eng. Florestal), quanto por um funcionário, durante a Semana do Fazendeiro. O primeiro fazia propostas para que saísse com ele e o segundo se dirigia a mim e a outras meninas com expressões eróticas não condizentes com o momento vivenciado (no caso estávamos trabalhando na Semana do Fazendeiro e o cara coordenava a equipe na qual eu e essas outras garotas estavam inseridas).”</p> <p>2- “Sim. Deboche/incompreensão de professor durante as aulas, o que causava certa aversão ao tema dado.”</p> <p>3- “Sim, primeiramente por ter mais docentes homens ocupando cadeiras no departamento. Outro fato é que alguns professores já assediaram alunas e isso ficou por debaixo dos panos e nunca aconteceu nada com os mesmos, pois as alunas tiveram medo e receio de denunciar e serem perseguidas depois, ou por saberem que nada iria acontecer com eles.”</p>
	2.3- Machismo (produzido e reproduzido)	<p>1- “Diretamente não envolve o curso de geografia mas presenciei uma fala de um professor de outro departamento numa de suas aulas. Era aula de campo e o referido professor comentou que não dava certo mulher se envolver naquela determinada linha de pesquisa pois era muito exaustivo e a mulher não possuía força física para essas tarefas. Eu até entendo o fato de naturalmente os homens serem mais fortes, mas a forma limitante como aquilo foi colocado me chamou atenção.”</p> <p>2- “Sim, um determinado episódio me lembro de quase ter desistido do curso por que um professor foi muito infeliz em determinada circunstância.”</p> <p>3- “Fui muito mal recebida por outra mulher ao fazer uma entrevista para um estágio. Ela, ao me entrevistar, mencionou que a minha roupa a estava irritando e que o meu currículo seria jogado no lixo, porque ninguém iria ler. O meu pai, por ser funcionário na universidade, acionou o responsável pela área para relatar o ocorrido. Apesar da mulher ter sido notificada, eu não quis retornar ao estágio para obter a vaga.”</p>

		<p>4- “Sim, não na graduação, mas no mestrado, sofri abusos morais, que me fizeram desistir da vida acadêmica, isso me marcou muito. A graduação foram tempos de boas lembranças e muito aprendizado, já o mestrado me senti humilhada e desrespeitada por minhas orientadoras. Apesar de estudar gênero, não fui acolhida por mulheres que estudam e defendem essa temática. Essa contradição, entre defender o feminismo e não ter empatia com mulheres que estudam sobre gênero, me fez enxergar que ainda estamos muito longe de diminuir o machismo dentro do curso de geografia.”</p> <p>5- “Já fui perseguida por um professor homem, que menosprezava minhas colocações e tentava a todo custo me diminuir em público. Curiosamente antes não percebia isso como machismo, hoje sim.”</p> <p>6- “Sim, tanto por parte de estudantes quanto de professores. Dos estudantes, principalmente aqueles que têm "discursos" que já desrespeitaram inclusive as professoras do departamento, e pelo departamento na ausência de docentes mulheres, de disciplinas e também no tratamento com as estudantes.”</p> <p>7- “Apesar de todas as discussões sociais que são aprofundadas durante esse curso, considero que o curso de Geografia, talvez em menor escala, também é atravessado pelo sexismo.”</p> <p>8- “Considero que por vivermos em uma sociedade machista, qualquer setor da sociedade em que tenha relação de homens com mulheres será atravessado por sexismos. No curso de Geografia não é diferente, discursos, atitudes (mesmo que sutis), são presentes.”</p> <p>9- “Sim. Já senti em sala de aula um professor dando mais atenção ao que homens falavam do que à minha opinião, por exemplo. Não estou conseguindo lembrar de outros exemplos, mas toda a estrutura da universidade é atravessada pelo sexismo, um exemplo é a questão do assédio e essa é uma das violências que, com certeza, afetam as graduandas da Geografia.”</p> <p>10- “Sim, a maioria dos professores são homens e sempre escuto casos de que as opiniões deles têm mais peso do que as delas.”</p>
	2.4- Hierarquia (poder)	<p>1- “Sim. Neste caso não se refere apenas a uma relação que envolve gênero, mas também de relações de dominação entre quem detém o "conhecimento" e o estudante, e quando envolve os dois aspectos a sua autoestima é bem abalada.”</p>

		2- “Tenho vontade de fazer mestrado em planejamento urbano no Rio e a minha própria orientadora me desanimou.”
	2.5- Sobrecarga no trabalho	<p>1- “Sim. Porque ficava sobrecarregada quando morava em república mista em relação às tarefas domésticas.”</p> <p>2- “Sim, porque eu trabalhava mais que colegas sem filhos e o pior, nunca fui paga para isso. Criei força de trabalho qualificada sem receber um real por isso, pelo contrário, tive apenas gastos e preocupação.”</p> <p>3- “Sim, era a responsável. Interferiram muito, pois foi um tempo muito grande despendido nessas atividades.”</p> <p>4- “Quando temos que trabalhar para nos manter e preocupar com questões de casa e outros, tudo isso acaba impactando nos estudos. Já não tinha muito tempo, então fazia o que dava mesmo. Acabei não fazendo matérias que gostaria de ter feito estágios entre outros.”</p> <p>5- “Sim. As tarefas domésticas consomem boa parte do tempo e nunca acabam.”</p> <p>6- “Sim. Com certeza interfere na dedicação ao curso, pois os compromissos domésticos, que normalmente recaem sobre as mulheres, competem diariamente com as atividades acadêmicas.”</p> <p>7- “Sim. Mulheres sempre têm jornadas duplas...tripas...”</p> <p>8- “Sim, mas por precisar trabalhar fora, trabalhar com extensão ou ensino e ainda cuidar das tarefas domésticas. Isso definitivamente tornou a graduação um pouco mais complicada, pois não podia me dedicar inteiramente.”</p> <p>9- “Sim. Sim, porque é uma tarefa que ocupa bastante seu tempo.”</p> <p>10- “Sim. Sou mulher e moro com mais um amigo (homem) e noto que a forma como me preocupo com a limpeza da casa é diferente da dele. Cuidar de uma casa não é apenas mantê-la limpa, para sobreviver, é preciso também trabalhar para pagar as contas da casa e isso atrapalha sim no rendimento acadêmico.”</p> <p>11- “Moro com minha irmã e meu pai, e eu que cuido da casa e cozinheiro, tem dias que confesso ficar cansado mentalmente até para ler um pequeno livro recomendado pelo professor.”</p> <p>12- “Sim, sou responsável. Como trabalho, estudo e tenho tarefas domésticas, não consigo ter o mesmo proveito e desempenho de estudantes do meu curso que tem o tempo livre. Portanto, interfere sim!”</p>

		<p>13- “Sim. Acho que interfere, principalmente, pelo tempo necessário de dedicação a essas tarefas.”</p> <p>14- “Sim, isso acaba interferindo um pouco [...]”</p> <p>15- “Sim, pois às vezes tem muitas coisas para fazer e não dá tempo de ler os textos ou estudar.”</p> <p>16- “Sim. Com certeza pelo tempo que leva com essas tarefas.”</p> <p>17- “Sim. Sim, pois acabo tendo que escolher entre ler um livro pra uma disciplina ou fazer alguma tarefa de casa.”</p> <p>18- “Sou a responsável e isso interfere sim. Sempre acabo o semestre exausta e tenho que me esforçar muito para dar conta de todas as atividades.”</p> <p>19- “Sim. De certa forma acaba interferindo, mas hoje como moro em repúblicas, muitas das atividades são compartilhadas, o que me facilita.”</p> <p>20- “Não sou completamente responsável, porém sinto que não sobra tempo para essas atividades quando estou envolvida com os fazeres acadêmicos.”</p> <p>21- “Sim. Pois são atividades que demandam tempo para além das aulas e tempo de estudos independentes, aumentando as responsabilidades e diminuindo o tempo disponível para atividades acadêmicas.”</p> <p>22- “Sim, mas não só eu. Moro com mais três pessoas, sendo uma menina e dois meninos, a divisão de tarefas é feita de forma igual. Mas, de certa maneira as tarefas domésticas interferem sim no desempenho acadêmico às vezes, porque tais tomam tempo e são cansativas.”</p> <p>23- “Sim, atualmente não interferem, mas na pandemia era como se os meus estudos não fossem tão importantes quanto os serviços domésticos.”</p>
	<p>2.6- Ausência/ Insuficiência de discussões sobre as temáticas gênero e feminismo</p>	<p>1- “Não era muito discutido não. O que era debatido era muito mais dentro de outros segmentos como o movimento estudantil e a AGB, os quais participei. Entretanto, não me recordo de trabalharmos nas disciplinas textos com essa temática.”</p> <p>2- “Não me lembro, tendo a achar que não. Meu maior conhecimento sobre o assunto se deu através do movimento estudantil.”</p> <p>3- “Não foi adotado.”</p>

		<p>4- “Não, que eu me lembre. Se foram abordadas foram por interesse dos próprios estudantes em está desenvolvendo pesquisa e discussões dentro da sala de aula. Tive discussões a respeito em uma disciplina que não era da geografia.”</p> <p>5- “Foi abordado muito pouco.”</p> <p>6- “Não foram.”</p> <p>7- “Não me lembro de perceber uma abordagem mais direta sobre essas discussões.”</p> <p>8- “[...] Uma disciplina e outra aparecia discussões sobre gênero. Nada transformador de fato.”</p> <p>9- “[...] Essas discussões apareciam de formas transversais. Não eram discutidas diretamente nos currículos das disciplinas [...]”</p> <p>10- “Não tive formação em gênero e feminismo.”</p> <p>11- “As categorias de gênero e feminismo foram abordadas sim, porém a discussão que acontece hoje dentro da academia é muito mais forte e consistente do que na época em que fiz o curso [...]”</p> <p>11- “[...] não tanto. A discussão sempre esteve presente entre os colegas. Mas pouco entre alguns professores.”</p> <p>12- “Era pouco discutido [...]”</p> <p>13- “Foram abordadas durante poucas disciplinas, de modo pontual, principalmente por professoras. Porém, não houve debates específicos ou aprofundados sobre o tema.”</p> <p>14- “Não me recorde de ser abordado de forma regular em disciplinas.”</p> <p>15- “Não muito, as discussões partem mais das estudantes que procuram sempre trazer o papel da mulher na geografia, as geógrafas que contribuíram com seus conhecimentos, em relação às bibliografias é questionado pelas estudantes mais textos que tenham mulheres como autoras.”</p> <p>16- “Aconteceram algumas mesas em eventos pontuais. [...]”</p> <p>17- “Não me lembro.”</p> <p>18- “Não me recorde.”</p> <p>19- “Sinceramente não me lembro de tantas abordagens. Se tiveram, foram poucas.”</p> <p>20- “Poucas.”</p> <p>21- “Estes temas foram abordados, porém em discussões má coordenadas [...]”</p> <p>22- “Muito pouco, os únicos contatos que tive em sala de aula relacionada a essas questões foram em disciplinas optativas de outros</p>
--	--	--

		<p>departamentos. Durante esse mínimo contato, sinto que me aperfeiçoei mais ainda como profissional em construção.”</p> <p>23- “As abordagens foram feitas de forma muito pontual e por poucos professores, sem aprofundamento das discussões.”</p> <p>24- “Tais pontuações não foram abordadas até o momento no meu período de graduação.”</p> <p>25- “Não.”</p> <p>26- “Não.”</p> <p>27- “Não, infelizmente.”</p> <p>28- “Não.”</p> <p>29- “[...]. Acho que criar uma disciplina, a geografia de gênero e grupos de estudos sobre gênero seria fundamental.”</p>
	2.7- Cumprimento de papéis de gênero	<p>1- “[...] fica parecendo que as mulheres só podem ou conseguem exercer um caminho profissional, como ser professora.”</p> <p>2- “Sim, é um mundo totalmente diferente (masculino), ter mulheres mostraria como seria a vivência que eu provavelmente teria, fazendo aquilo.” (Faz referência à ausência de mulheres na área física)</p> <p>3- “Não, optei pela Licenciatura, lugar onde mulheres são maioria.”</p> <p>4- “Como moradora de república não interferia, pois as tarefas eram divididas. Mas o que eu percebi ao longo dos quatro anos é que em repúblicas femininas as tarefas eram feitas pelas próprias moradoras, dividindo, e em masculinas é muito mais terceirizado, com diaristas.”</p> <p>5- “Sim, existem cursos que são preenchidos, em sua maioria, por mulheres como Educação Infantil e Pedagogia. Esses cursos são menos valorizados se comparados com as engenharias, em sua maioria, preenchidos por homens.”</p> <p>6- “Sim, percebe-se pelo número de professoras mulheres no departamento e pela distribuição das estudantes nos laboratórios. Os laboratórios voltados para a licenciatura e que possuem professoras atraem muito mais garotas que os laboratórios de Geografia Física, por exemplo.”</p>
	2.8- Renda (classe social)	<p>1- “Participei do PIBID [...] e sempre tive muito interesse no Programa, pois além de ter bolsa (algo que preciso muito para me manter na faculdade) [...].”</p> <p>2- “Eu participei apenas do PIBID e mais por uma necessidade financeira. [...].”</p> <p>3- “Extensão apenas. Os motivos foram: enriquecer o currículo, ganhar experiência em</p>

		<p>áreas afins com meus interesses e ganhar bolsa.”</p> <p>4- “Pela bolsa e pela experiência. Projeto de extensão sobre educação patrimonial. [...]”</p> <p>5- “Inicialmente, o dinheiro da bolsa e depois, na extensão, pela possibilidade de exercer minha então futura profissão.”</p> <p>6- “Participei de projetos de extensão e de pesquisa.[...] além do valor da bolsa mensal que me ajudava no orçamento de estudante.”</p> <p>7- “Possibilidade de conhecer as áreas de atuação, ganhar bolsa e acrescentar ao currículo.”</p> <p>8- “[...] trabalhei como bolsista do PIBID [...]”</p> <p>9- “Participei do PIBID, [...], e sempre tive muito interesse no Programa, pois além de ter bolsa (algo que preciso muito para me manter na faculdade) também já teria um contato prévio com a sala de aula [...]”</p> <p>10- “Oportunidade de bolsa, ensino.”</p> <p>11- “[...] a questão financeira pesou porque em vários momentos vi extremamente preocupada e ansiosa pela falta de suporte.”</p> <p>12- “Não consegui ainda seguir carreira acadêmica... mas não quer dizer que eu não vá. Por questões financeiras familiares e outras, acabei indo para outro campo.”</p> <p>13- “Sim. Eu me identifico com a área acadêmica, mas ainda não prestei o doutorado por questões financeiras.”</p>
3- Ocupação do espaço público	3.1- Territorialização e espacialização por gênero	<p>1- “Sim, percebo que os campos de pesquisa feitos por mulheres no departamento estão esvaziados. Além disso, parece que existe uma separação muito grande entre as áreas, como se a Geo-gra-fia fosse duas. [...]”</p> <p>2- “Eu gostaria muito de ter aulas com mulheres do departamento de Geografia (e não de outros cursos) envolvidas nas áreas ambientais, gerenciamento de resíduos, sustentabilidade, ecologia e afins. [...]”</p> <p>3- “Sim, é um mundo totalmente diferente (masculino), ter mulheres mostraria como seria a vivência que eu provavelmente teria fazendo aquilo.” (Faz referência à ausência de mulheres na área física)</p> <p>4- “Creio que me distanciei um pouco da questão cartográfica tão importante para um geógrafo, confesso que apesar do professor ser esforçado, faltou um pouco de refinamento da didática.”</p> <p>5- “Sim. Há maior número de docentes homens do que docentes mulheres no curso. Ao que</p>

		<p>tudo indica o corpo masculino da instituição é mais privilegiado detendo, inclusive, os maiores salários e poder de decisão. O corpo feminino da instituição tem seus direitos violados quando não são respeitadas por engravidar e tirarem licença maternidade, quando são assediadas (alunas, funcionárias e professoras), quando limitam os horários de circulação (não podendo ir e vir pelas vias públicas ou ônibus em determinados horários).”</p> <p>6- “Me formei há 11 anos. Alguns novos professores entraram e o número de mulheres continua o mesmo: 3. Sinto que os professores (homens) se potencializam nessa estrutura e acabam se beneficiando bem mais, seja em laboratório ou mesmo em nome.”</p> <p>7- “Sim, maioria de professores homens, brancos e heterossexuais; leituras e recomendações bibliográficas.”</p> <p>8- “Sim. Acho que quando o quadro de professores é predominantemente masculino, é de certa forma sexista. Seria interessante uma política de curso e de universidade em que os departamentos tivessem a quantidade de professores dividida igualmente entre homens e mulheres. Seria um começo para grandes mudanças enquanto academia e sociedade.”</p> <p>9- “[...] E também pelo corpo docente na época ser quase que majoritariamente masculino. Atualmente não sei como está.</p> <p>10- Sim. Há atualmente apenas uma mulher no corpo docente.”</p> <p>11- “Sim. É notório o "descaso" com a figura feminina no departamento, desde o momento em que o número de mulheres são bem menores no corpo docente, além de relatos que já escutei de alunas dizendo já terem sofrido com isso.”</p> <p>12- “Com certeza, o número de professores homens no departamento em comparação ao número de mulheres é o que mais me revolta, ainda mais enquanto a quantidade de professoras mulheres e negras muito competentes e formidáveis segue diminuindo.”</p> <p>13- “[...] Algo curioso que acho interessante apontar: ao longo de toda minha graduação, houve vários processos seletivos para professores substitutos e em nenhum foi contratada uma professora.”</p> <p>14- “Sim, corpo docente é composto em grande parte por homens e poucos vemos mulheres na liderança, isso não se reflete apenas com os</p>
--	--	--

		<p>professores, mas os técnicos do departamento são apenas homens.”</p> <p>15- “Sim. Existe disparidade no número de funcionários e professores, que são maioria em homens.”</p>
	3.2- Sensação de não pertencimento	<p>1- “Trabalho na educação básica. Não me dediquei ao ensino superior porque sentia a Universidade um ambiente ruim. Ego, disputas, desrespeito e violência emocional me afastaram do ambiente. Vivenciei isso durante o mestrado, que não foi na Geografia.”</p> <p>2- “Fiz o mestrado. Mas por ter tido uma experiência ruim, não tenho muita vontade em prosseguir para o doutorado. Acho que o ambiente acadêmico vem adoecendo muito as pessoas. Cobranças excessivas para publicação, orientadores despreparados, sobretudo emocionalmente...”</p> <p>3- “Segui até o mestrado, as desmotivações foram a ausência de bolsa, falta de empatia e a ausência de preocupações com a saúde mental dos estudantes.”</p> <p>4- “Havia intenção de seguir carreira acadêmica. Ministrei disciplinas em Universidade, realizei mestrado acadêmico, porém, deixei a área e atualmente estou como docente em ensino fundamental e médio. Me senti desmotivada pelo ambiente acadêmico, muito competitivo, em grande parte tóxico, aspectos que a mim, não colaboram à qualidade de vida e saúde mental.”</p> <p>5- “Sem dúvidas, seguindo para o doutorado teria mais oportunidades, mas devido às crises de ansiedades enfrentadas pelos problemas relatados no mestrado, ainda não consigo seguir a carreira acadêmica.”</p>

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DA ESTUDANTE DE GEOGRAFIA DA UFV E OS PAPÉIS DE GÊNERO

“A educação é o poder das mulheres” (Yousafzai, Malala)

Para entender as trajetórias formativas das estudantes de Geografia da UFV, fez-se necessário o levantamento do perfil destas mulheres antes mesmo que adentrassem a

Universidade, a fim de sondar, a partir de suas origens, quais suas pretensões enquanto graduandas, pois, considera-se que muitos dos condicionantes direcionadores de tais formações, relacionam-se à história de vida destas alunas e ex-alunas e não apenas às suas realidades estudantis. Buscou-se ainda, a partir da análise documental, da realização de entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários; identificar padrões que revelassem os caminhos percorridos pelas geógrafas em formação ao longo de suas graduações.

3.1.1. Perfil demográfico da estudante de Geografia da UFV

O substantivo mulher, apesar de remeter imediatamente aos indivíduos que carregam consigo uma específica carga biológica, ou seja, que possuem um órgão sexual determinante, está contido também de múltiplas subjetividades e peculiaridades quando pensado a partir de uma perspectiva sociocultural e histórica.

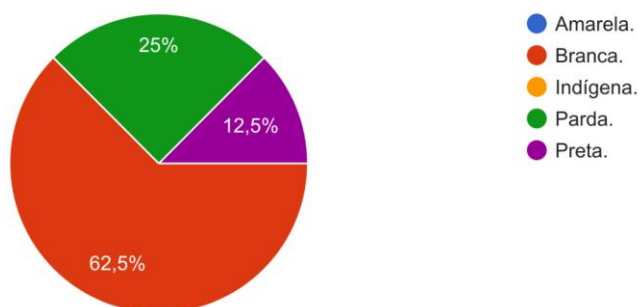
A mulher, ao longo de sua existência humana, vinculou-se a diferentes papéis e denominações a ela designados, ou até mesmo assumidos autonomamente. Cabe lembrar, que durante as primeiras organizações sedentárias em comunidades, hoje reconhecidas como matricêntricas, a sujeita ocupou lugar de destaque no arranjo dos grupos aos quais pertencia. Porém, não manteve por longo período este protagonismo, sendo possível afirmar que, historicamente, esteve em desvantagem quando considerada a partir da uma perspectiva de gênero, uma vez que a sociedade solidificou-se e permanece sobre uma estrutura patriarcal.

Buscou-se neste estudo considerar o percurso sociocultural e histórico deste indivíduo e não apenas o fator biológico, a fim de evidenciar quais são as distintas camadas que envolvem a aluna de Geografia da UFV e entender como tais especificidades relacionam-se à formação da mesma. Dessa forma, verificou-se, em consonância com a amostra, que 12,5% das estudantes em questão se autodenominam pretas, 25% pardas e 62,5% brancas, de acordo com as respondentes egressas. Importa recordar que tais mulheres foram estudantes do curso entre os anos de 2001 e 2014.

Figura 2: Classificação por cor ou raça das alunas egressas

De acordo com a classificação por cor ou raça proposta pelo IBGE, você se autodeclara:

24 respostas



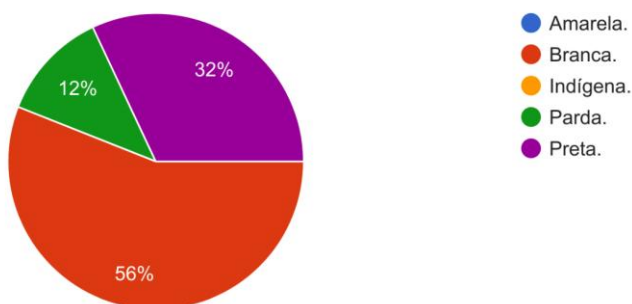
Fonte: Questionário aplicado às estudantes egressas.

O grupo dos respondentes regularmente matriculados, compreendido no período de tempo 2015 - 2023, apresentou a seguinte estatística: 32% da amostra de pessoas negras, 12% de pardas e 56% de brancas.

Figura 3: Classificação por cor ou raça das(os) cursistas

De acordo com a classificação por cor ou raça proposta pelo IBGE, você se autodeclara:

25 respostas



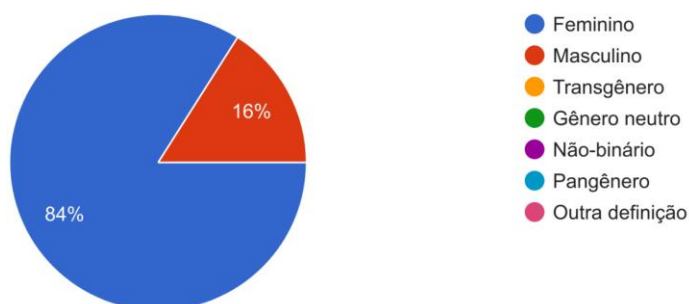
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes regularmente matriculados.

É necessário apontar que o questionário aplicado às(aos) estudantes com matrículas ativas apresentou um gargalo, pois não separou a categoria raça por gênero, porém, anteriormente a esta questão, as(os) respondentes se auto classificaram em relação ao gênero. O resultado foi o seguinte: 84% se autodeclararam mulheres e 16%, homens.

Figura 4: Classificação por gênero das(os) cursistas

Como você se reconhece enquanto ao gênero?

25 respostas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes regularmente matriculados.

Diante dos dados e levando em consideração a determinação do IBGE, que inclui como indivíduos pretos também aqueles que se autodeclararam pardos, nota-se que esta população está em número inferior à branca, fato que reitera outras pesquisas reveladoras da diferença do acesso às universidades pelos distintos grupos étnicos, onde os não brancos frequentemente aparecem em desvantagem. Porém, é válido destacar que o número de estudantes de Geografia negras e negros aumentou ao longo dos anos, fato provavelmente atrelado também às políticas de afirmação implementadas no decorrer do curso. A Lei nº 12.711, conhecida popularmente como “lei de cotas”, foi sancionada no Brasil em 2012 e passou a vigorar na UFV no ano de 2013.

De acordo com os números apresentados, 46,25% da população do curso é composta por negras e negros e 53,75%, por brancas e brancos, assim, mesmo a Universidade valendo-se do regime de cotas, é possível inferir que o acesso da mulher negra à graduação em Geografia ainda é menor que o atingido pela sujeita branca.

Esta ocorrência pode ser explicada tendo em vista a realidade brasileira, inicialmente pelo sistema escravista, que assolou o país por 388 anos e mesmo após sua abolição não deu condições para a reinserção digna da população negra à sociedade. Em seguida, é possível associar a este fator a condição de ser mulher, que independente da classe social, credo ou cor, carrega consigo o papel de cuidadora, assumindo, por vezes, tarefas que as limitam ou até mesmo as impossibilitam de “alçarem voos” maiores, ou seja, para além da esfera doméstica. Porém, ignorar as camadas que envolvem a dimensão *mulher* não contribui para o entendimento da realidade das inúmeras sujeitas que dão vida a tal denominação, por isso considera-se aqui a raça como um atravessador relevante na vida destes indivíduos.

Lélia Gonzalez (2020), em sua condição de negra e intelectual, aponta que o impacto da herança escravista sobre a mulher negra é consideravelmente destacado em relação aos demais sujeitos sociais. Para ela, as transformações ocorridas na sociedade brasileira, que elevaram o patamar feminino, principalmente no que tange ao acesso à educação superior, não atingiram igualmente a mulher negra. Para afirmar seu pensamento, a autora se vale da posição da força de trabalho atribuída à mulher ou às “mulheres negras”, como ela mesma diz. Em suas palavras: “[...] as trabalhadoras negras concentram-se sobretudo nas ocupações manuais (83%), o que significa: quatro quintos da força de trabalho negra têm uma inserção ocupacional caracterizada por baixos níveis de rendimento e de escolaridade.”

Lélia discorre ainda sobre os impactos desta baixa escolaridade na possibilidade de ascensão social da sujeita negra.

“Enquanto isso nas ocupações não manuais, a presença da trabalhadora negra ocorre em proporções muito menores: 16,9% para 38,5% de trabalhadoras brancas. A análise dessas ocupações, divididas em dois níveis, o médio e o superior, revela-nos aspectos bastante interessantes com relação às dificuldades de mobilidade social ascendente para a mulher negra.” (GONZALEZ, 2020, p. 98 e 99)

Neste sentido, chama-se a atenção para o fato do curso de Geografia da UFV ainda ser um espaço de privilégio para aquelas(es) que o acessam, apesar de não carregar consigo o *status* social de maior destaque dentro das diversas graduações existentes.

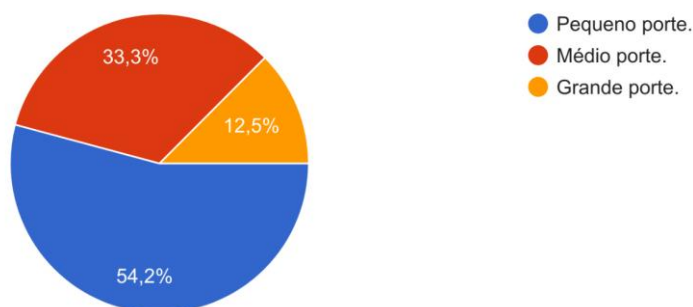
Tendo em vista a naturalidade das(os) respondentes, outro aspecto que envolve a dimensão *mulher* neste trabalho, verificou-se que a maioria são pessoas naturais de cidades de “pequeno porte”, considerando a classificação do IBGE. Embora o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística não utilize a nomenclatura pequeno, médio e grande porte, para referir-se à hierarquia urbana, optou-se por citar desta forma a fim de garantir maior clareza e direcionamento tanto às(aos) respondentes dos questionários quanto às(aos) leitoras(es). Faz saber que os termos empregados são: metrópole, capital regional, centro sub-regional e centro de zona, possuindo cada um destes sub-classificações.

De acordo com as respostas das egressas, 54,2% são de cidades pequenas, 33,3% de médias e 12,5% provêm das de grande porte. Ao analisar a estatística das(os) estudantes cursistas, tem-se o seguinte resultado: 64% são naturais de cidades de pequeno porte, 24% das de médio e apenas 12% têm suas vidas atreladas aos grandes centros urbanos brasileiros, como afirmam os gráficos a seguir:

Figura 5: Naturalidade das alunas egressas

Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte?

24 respostas

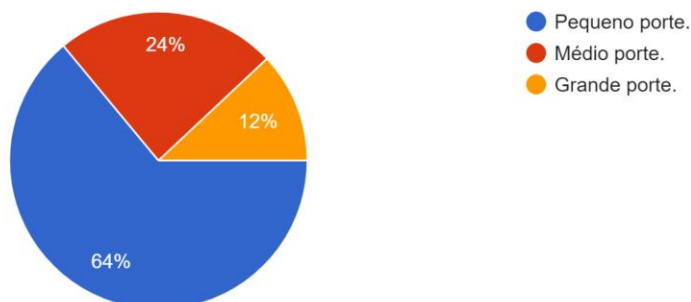


Fonte: Questionário aplicado às estudantes egressas.

Figura 6: Naturalidade das(os) cursistas

Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte?

25 respostas

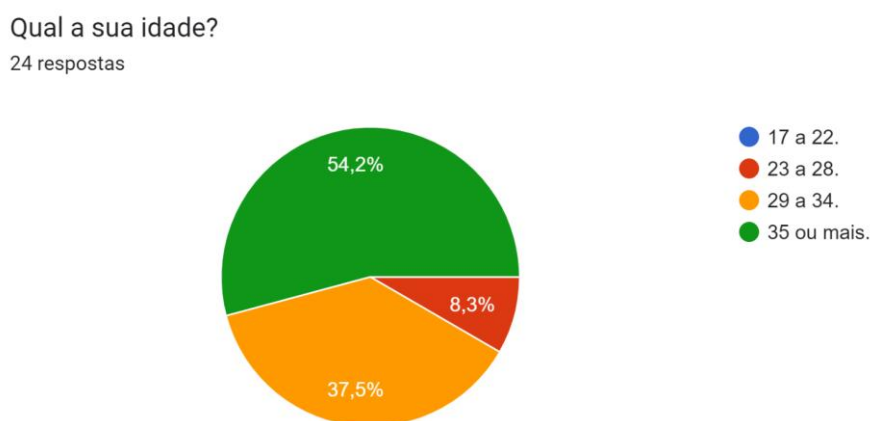


Fonte: Questionário aplicado aos estudantes regularmente matriculados.

Nota-se que a maioria das pessoas e seguramente mulheres, pois predominaram como respondentes do questionário unificado, que vincularam-se à Geografia da UFV, são oriundas de cidades pequenas. É importante destacar, que este curso foi criado para atender a uma demanda dos municípios interioranos da região, que careciam da(o) profissional professora(professor) de Geografia para atuar nas escolas locais. Assim, ao associar o fato da deficiência no número de docentes àquele que aponta a naturalidade das mulheres respondentes, entende-se que o curso fomentou, em certa medida, a formação de professoras para sanar a carência inicial de profissionais da educação voltados ao ensino da Geografia escolar. Em sequência, acredita-se também, que a maioria destas mulheres permaneceu no interior, ocupando o lugar de educadora e assumindo, talvez, predominantemente o papel de cuidadora em seu campo geográfico de origem, tornando assim limitada sua área de atuação profissional.

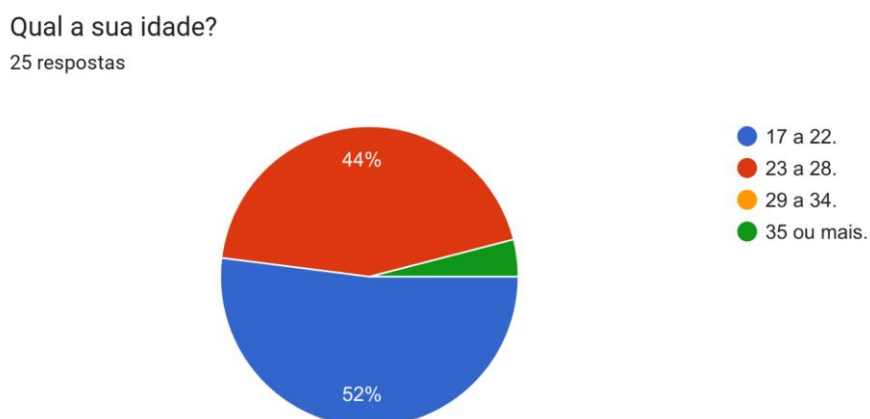
Quando levada em consideração a questão etária, a aluna egressa apresenta média de idade de 41,3 anos. Se subtraído este valor em relação ao tempo de existência do curso, tem-se como resultado, aproximadamente, 19 anos. Já de acordo com o grupo das pessoas regularmente matriculadas, a idade média é de 20,4 anos. Tais médias etárias configuram-se em um dado revelador da entrada desta estudante no curso na idade esperada ou, minimamente próxima a ela, em torno dos 17 ou 18 anos.

Figura 7: Faixa etária das alunas egressas



Fonte: Questionário aplicado às estudantes egressas.

Figura 8: Faixa etária das(os) cursistas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes regularmente matriculados.

Diante das informações trazidas e levando-se em consideração o recorte investigado, afirma-se que a estudante de Geografia da UFV, situada no espaço temporal entre os anos de 2001 a 2023, é uma mulher branca, jovem e interiorana. Essa mulher, em sua maioria,

direcionou-se e direciona-se para os campos da Pesquisa e da Extensão, segundo dados coletados junto a estas Pró-Reitorias.

Estiveram vinculadas a projetos de pesquisa até o ano de 2022, o total de 237 mulheres em detrimento de apenas 75 homens. Já em projetos voltados à Extensão universitária, o número apresentou maior equilíbrio, sendo de 285 mulheres e 297 homens.

A despeito de uma maior espacialização feminina do que masculina nestas áreas e, levando em consideração principalmente a Pesquisa, essa estudante, ao graduar-se, segue majoritariamente para o campo do Ensino, atuando como professora, majoritariamente da educação básica, não dando continuidade à carreira de pesquisadora. A passagem é confirmada tanto por dados de formação levantados junto à coordenadoria do curso, quanto através das respostas dadas pelas alunas, egressas e cursistas, aos questionários aplicados.

Ao analisar a proporcionalidade de estudantes formadas(os) em Geografia, verificou-se que de um total de 486 mulheres, 261 graduaram-se apenas na Licenciatura, enquanto os homens, de 596, 329 tornaram-se licenciados. Tendo em vista a relação entre os números, verifica-se uma maior quantidade de alunas licenciadas do que de alunos com a mesma formação.

Já, ao levar em consideração as respostas fornecidas pelas egressas, via questionários aplicados, a porcentagem foi de: 56,6% das estudantes cursaram ambas as modalidades, 39,1% graduaram-se apenas na Licenciatura e 4,34% optaram somente pelo Bacharelado. No grupo das(os) cursantes, os números foram os seguintes: 60% das(os) respondentes pretendem cursar as 2 modalidades, 16% estão direcionando-se apenas para a Licenciatura e 24% para o Bacharelado.

Assim, comprova-se que a formação acadêmica voltada para a Licenciatura exerce maior influência e destaque na vida das sujeitas. Tal fato, pode ser entendido, em certa medida, tendo em vista o histórico de surgimento do curso e o objetivo central de sua criação, que serão apresentados adiante.

3.1.2. O currículo do curso e suas implicações na formação acadêmica da geógrafa

Sabe-se que o currículo é o elemento mais importante que subsidia a formação de uma(um) estudante, futura(o) profissional, uma vez que esta pessoa o cumprirá e, portanto, certamente carregará os direcionamentos deste documento por toda a sua carreira, como conhecimento basilar. Dessa forma, analisar os caminhos percorridos pelas(os) estudantes do

curso de Geografia da UFV, tendo como viés o currículo obrigatório, é uma valiosa ferramenta tanto para apontar trajetórias formativas, quanto os elementos presentes nas mesmas.

Para pensar o currículo é necessário valer-se do contexto histórico, ou, em termos geográficos, situar-se no espaço-tempo em que este inseriu-se e insere-se. A fim de investigar tal questão, participou-se de uma palestra intitulada: “*Histórico e objetivos da Licenciatura, Bacharel e Pós-graduação em Geografia*”, proferida por um docente da instituição, em 18/10/2022, durante a “*XI Semana Acadêmica de Geografia e II Seminário da Pós-Graduação em Geografia: Interlocuções a partir da Ecologia Política*”.

O palestrante relatou que a Universidade Federal de Viçosa “privilegia fortemente as ciências agrárias”. Tal fala deu-se no sentido de problematizar acerca das dificuldades enfrentadas pelo curso, pertencente às ciências humanas nesta instituição, no que tange à composição do corpo docente, que sempre operou em número reduzido desde seu surgimento até a atual fase. Ainda segundo o mesmo professor, a Geografia na UFV nasce como um curso “caseiro”, ou seja, aquele que não demandaria tanto ônus para a Universidade, já que poderia usufruir de outros departamentos consolidados, tanto no que se refere à infraestrutura espacial e principalmente ao corpo docente presente na instituição. Além disso, ajudaria a eliminar a ausência de cursos faltantes na lista do vestibular, visto que era um dos únicos restantes para completar o quadro daqueles correspondentes às licenciaturas.

Constata-se, a partir desta perspectiva, que a Universidade claramente entende a Geografia como uma “ciência de síntese”, já que vários de seus conteúdos formativos foram, e ainda são, oferecidos por professores de outras áreas do conhecimento, que apesar de suas significativas formações intelectuais não estão devidamente preparados para abordarem suas cadeiras através de um viés geográfico, o que é fundamental para a formação discente, pois entender onde situa-se a Geografia nas diferentes discussões contribui para a compreensão da mesma enquanto ciência, sem perder o foco de seu objeto de estudo principal, o espaço geográfico, e todas as relações que o configuram enquanto tal. A fala de uma aluna egressa está em consonância com tal perspectiva. Quando questionada a respeito de sua formação, ela respondeu:

“Na UFV me formei somente em Licenciatura. [...]. Não quis continuar para a modalidade bacharelado, pois queria cursar em alguma universidade que tivesse mais professores geógrafos de todas as áreas, diferente do que acontece na UFV onde a graduação é completada com vários cursos. E assim fiz o bacharel em outra universidade e descobri um novo mundo dentro da geografia física, com professores geógrafos mesmo e não agrônomos ou engenheiros.” (Relato de aluna egressa registrado em questionário aplicado entre março e maio de 2023).

Esta breve retomada histórica é importante para evidenciar e entender a maneira como foi pensada e estabelecida a primeira “grade” curricular que atenderia as futuras geógrafas e os futuros geógrafos. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, tomou-se como base os projetos políticos pedagógicos (PPC’s) do curso de Geografia para analisar suas matrizes curriculares. É válido destacar ainda, que até o presente momento o PPC passou por duas alterações a partir da primeira versão. De acordo com documentos disponíveis no site do Departamento de Geografia da UFV, existem versões reelaboradas nos anos de 2013 e 2018.

Antes de adentrar precisamente no estudo dos PPC’s, é necessário recordar que o currículo, por si só, trata-se de um documento e, como tal, é pensado e escrito a partir da pretensão das sujeitas e sujeitos que o elaboram. Esta ideia corrobora-se ao pensamento de Milton Santos (2006), quando o autor refere-se ao sistema de objetos e ações, no qual trata-se, a ação, de uma intencionalidade colocada sobre o objeto, neste caso, o currículo, que de forma isolada configura-se enquanto matéria inerte. Porém, ao pensar, delinear e implementar determinada forma de ver e atuar sobre o mundo, os sujeitos detentores do conhecimento, e, porque não dizer, do poder, deliberam a respeito de como a sociedade se molda, também, a partir da formulação de um documento que regerá a vida de inúmeros profissionais e conseqüentemente daqueles que serão atingidos pelas ações dos mesmos. Assim, o currículo ganha amplitude e projeta-se para além de um mero objeto, pois passa a possuir um fim determinado.

Corazza (2001), ao problematizar acerca de tal documento, faz pensar sobre a pretensão deste arquivo e então questiona: “o que quer um currículo?”. A autora defende o pressuposto de que o mesmo é uma forma de linguagem, e esta, por sua vez, tem o papel de comunicar. Em conformidade com o pensamento de Corazza, indaga-se: o que o currículo do curso de Geografia da UFV comunica? O que ele intenciona?

Para aclarar estes questionamentos é imprescindível considerar o contexto de surgimento da graduação em Geografia, que, como já mencionado, nasce no seio de uma universidade agrícola. Este não é qualquer “rótulo”, pois a UFV adquire importância nacional e internacional por vincular-se ao pacote da chamada Revolução Verde, que, sabe-se, sempre esteve atrelado a interesses de grupos empresariais específicos. Tal referência à Revolução Verde faz considerar o sistema econômico em voga, aliás, as reflexões alcançadas aqui não ignoram sua enfática influência nos processos de formação acadêmica e produção do conhecimento.

Tendo em vista outra fala do docente supracitado, o mesmo coloca que “o Capitalismo privilegia os objetos e não as pessoas”. Este apontamento sintoniza-se aos relatos proferidos

por 2 professores durante o evento: *“Atividades Comemorativas dos 20 anos de curso da Geografia da UFV”*, ocorrido em modalidade remota na plataforma *YouTube*, em 25 de agosto de 2021. Ambos os docentes compuseram a mesa de abertura, que teve como tema o assunto: *“20 anos do curso de Geografia - UFV”*.

Tais professores estiveram à frente da comissão criadora do curso, há 22 anos, e afirmaram que naquele momento havia uma escassez regional de profissionais da área, principalmente de professoras e professores de Geografia para atender às escolas das localidades. Segundo eles, este fator foi de grande importância para a união de esforços em prol da criação do curso. Foram também enfáticos em dizer que a Universidade passava por dificuldades financeiras consideráveis, pois, inserida em um contexto neoliberal, no qual o Brasil tinha como presidente o ex-chefe de Estado Fernando Henrique Cardoso, os cortes nas verbas públicas impactaram negativamente a educação pública superior. Dessa forma, a abertura do curso configurou-se enquanto grande desafio para aquelas(es) que almejavam sua criação.


Ao traçar um paralelo entre a realidade mencionada e a composição curricular regida a partir de uma educação mercantilista e neoliberal, faz sentido inferir que a “grade” inicial do curso, mesmo tendo sido pensada, segundo seus criadores, para favorecer o público principal, as(os) estudantes, acabou por privilegiar Universidade de forma genérica, já que os recursos dispensados na época estiveram muito aquém do que seria necessário para garantir robustez à graduação recém iniciada, ou seja, faltaram meios para a contratação de professores da área, o que impactou diretamente na criação de disciplinas que atendessem ao público alvo. Porém, apesar de todos os desafios enfrentados e tendo em vista o enredo que envolveu o surgimento dessa graduação, a Geografia da UFV teve seu início no ano de 2001.

A seguir, tem-se a primeira matriz curricular implementada no curso. As disciplinas que seguem até o 4º período compuseram o núcleo comum das modalidades Bacharelado e Licenciatura, a partir do 5º período de formação há mudanças nos direcionamentos, que foram pensados para atender a cada modalidade especificamente. De acordo com o catálogo de graduação da UFV do ano de 2002, apresenta-se a seguinte passagem referente a este arranjo das matérias: “após cursar quatro semestres, o estudante deverá optar pela Licenciatura ou pelo Bacharelado, ou poderá graduar-se em ambas, desde que cumpridas todas as exigências”. (Catálogo de Graduação, p. 255, 2002)

Figura 9: Currículo do curso de Geografia (Bacharelado)

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período	9º Período
Antropologia (ECO180) 4(4-0)	Filosofia (EDU123) 4(4-0)	Cartografia Geral (CIV370) 4(3-2)	Cartografia Temática (CIV371) 3(2-2)	Geografia Humana e Econômica do Brasil (GEO340) 4(4-0)	Espaço Natural do Brasil (GEO320) 3(2-2)	Geografia Política (GEO430) 4(3-2)	Estágio (GEO499) 0(0-12)	Monografia e Seminário (GEO481) 7(2-10)
Sociologia (ECO280) 4(4-0)	Geografia da População (GEO130) 4(4-0)	Geografia Urbana (GEO230) 3(2-2)	Fotointerpretação e Sensoriamento Remoto (ENF314) 4(3-2)	Espaço Urbano e Industrial do Brasil (GEO341) 4(3-2)	Espaço Agrário do Brasil (GEO342) 3(2-2)	Geografia e Meio Ambiente (GEO450) 3(2-2)	Optativa	Estudos Independentes (GEO492) 7(0-14)
Climatologia (ENG220) 4(4-0)	Organização do Espaço (GEO140) 3(2-2)	Geografia Agrária (GEO231) 3(2-2)	Teoria e Metodologia da Geografia (GEO200) 4(4-0)	Levantamento e Avaliação de Recursos Naturais (GEO460) 4(3-2)	Introdução ao Geoprocessamento (SOL480) 3(2-2)	Optativa	Optativa	Optativa
Introdução à Geografia (GEO100) 4(4-0)	Elementos de Estatística (INF160) 4(4-0)	Organização do Espaço Mundial (GEO240) 3(3-0)	Geografia da Indústria e do Comércio (GEO232) 3(2-2)	Projeto e Instrumentação para a Pesquisa em Geografia (GEO480) 2(2-2)	Optativa	Optativa	Optativa	Optativa
Formação do Mundo Contemporâneo (HIS121) 4(4-0)	Geologia e Pedologia (SOL213) 4(3-2)	Geomorfologia Geral (SOL330) 3(2-2)	Biogeografia (GEO250) 3(2-2)	Optativa	Optativa	Optativa	Optativa	Optativa

Legenda:

 Base comum Bacharelado e Licenciatura.


Fonte: Catálogo de graduação da UFV, 2002.

Figura 10: Currículo do curso de Geografia (Licenciatura)

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Antropologia (ECO180) 4(4-0)	Filosofia (EDU123) 4(4-0)	Cartografia Geral (CIV370) 4(3-2)	Cartografia Temática (CIV371) 3(2-2)	Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento (EDU117) 4(4-0)	Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio (EDU144) 4(4-0)	Didática III (EDU155) 4(4-0)	Prática de Ensino em Geografia (GEO470) 4(1-6)
Sociologia (ECO280) 4(4-0)	Geografia da População (GEO130) 4(4-0)	Geografia Urbana (GEO230) 3(2-2)	Fotointerpretação e Sensoriamento Remoto (ENF314) 4(3-2)	Prática em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento (EDU410) 1(0-3)	Prática em Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio (EDU440) 1(0-3)	Prática em Didática III (EDU450) 1(0-3)	Instrumentação e Projetos de Ensino em Geografia (GEO471) 5(2-6)

Climatologia (ENG220) 4(4-0)	Organização do Espaço (GEO140) 3(2-2)	Geografia Agrária (GEO231) 3(2-2)	Teoria e Metodologia da Geografia (GEO200) 4(4-0)	Geografia Humana e Econômica do Brasil (GEO340) 4(4-0)	Espaço Natural do Brasil (GEO320) 3(2-2)	Geografia Política (GEO430) 4(3-2)	Estudos Independentes (GEO492) 7(0-14)
Introdução à Geografia (GEO100) 4(4-0)	Elementos de Estatística (INF160) 4(4-0)	Organização do Espaço Mundial (GEO240) 3(3-0)	Geografia da Indústria e do Comércio (GEO232) 3(2-2)	Espaço Urbano e Industrial do Brasil (GEO341) 4(3-2)	Espaço Agrário do Brasil (GEO342) 3(2-2)	Geografia e Meio Ambiente (GEO450) 3(2-2)	Optativa
Formação do Mundo Contemporâneo (HIS121) 4(4-0)	Geologia e Pedologia (SOL213) 4(3-2)	Geomorfologia Geral (SOL330) 3(2-2)	Biogeografia (GEO250) 3(2-2)	Optativa	Optativa	Optativa	Optativa

Legenda:

 Base comum Bacharelado e Licenciatura.

Fonte: Catálogo de graduação da UFV, 2002.

Em consonância aos pontos abordados previamente, é trazido um pequeno trecho de entrevista concedida no dia 16/11/2022, por um servidor da Pró-Reitoria de Ensino da UFV, pessoa diretamente ligada às comissões de elaboração de matrizes curriculares, no qual o mesmo destacou que a composição de professores por gênero e por área afeta significativamente a escolha de disciplinas que compõem as matrizes dos cursos. Tal afirmação é confirmada pela seguinte fala: “Mas fato é que há algo grande por trás da formulação de uma matriz, que está ligado diretamente aos interesses dos docentes e esses interesses irão variar, óbvio, de acordo com os gêneros e as áreas de formação de cada um.”

Nesse sentido, ao se considerar a história de criação do curso, onde professores de diversas áreas estiveram envolvidos, faz sentido a ocorrência de um número considerável de disciplinas terem sido voltadas às predileções específicas de docentes e de seus respectivos departamentos, pois seriam, num primeiro momento, muitos deles os responsáveis por lecionar também para a Geografia.

Independente da intencionalidade das sujeitas e sujeitos criadores desta matriz, os interesses das futuras geógrafas e dos futuros geógrafos ficaram relegados a um segundo plano, já que a carência de um olhar geográfico permeou grande parte das disciplinas lecionadas na época. Todavia, é importante não perder de vista que o contexto econômico vigente naquele período não favoreceu a incrementação da graduação em Geografia, no que tange à possibilidade de escolhas mais ousadas e interessantes do que as que foram feitas.

Diante deste contexto, cabe mencionar que a primeira comissão coordenadora do curso, responsável por delinear seu formato, foi composta por docentes dos seguintes departamentos: Solos, Economia, Engenharia Civil e Cartográfica, Educação e um professor da Geografia

escolar, vinculado ao Colégio de Aplicação da UFV (Cap-Coluni). Essa comissão teve duas mulheres em sua composição, das quais uma atuou como presidenta do grupo e era docente do Departamento de Solos e a outra representava o Departamento de Economia, sendo geógrafa de formação.

Havia então nesta comissão um geógrafo e uma geógrafa, o que foi importante para nortear minimamente os caminhos que levariam de fato a uma Geografia acadêmica.

Adversidades vividas, há de se considerar também as potencialidades surgidas a partir da existência do curso de Geografia na UFV. Segundo a presidenta da comissão, em relato ocorrido durante evento já mencionado e disponível via site *YouTube*, um dos pontos positivos foi o fato dos discentes do curso terem circulado e ainda circularem por toda a Universidade. Para ela, essa “capilaridade” é muito positiva, pois, ao frequentarem diversos departamentos, os estudantes ampliam seus conhecimentos e o repertório de possibilidades a serem exploradas.

Enquanto a maior motivação da UFV era formar pessoas para o mercado de trabalho, de acordo com os moldes exigidos por este, desconsiderando assim as peculiaridades e subjetividades das sujeitas e sujeitos, a motivação da comissão de criação da Geografia era “humanizar a Universidade”. A docente que esteve à frente deste grupo enunciou a seguinte frase: “as pessoas vêm com muitos sonhos, então, precisamos acolher bem.”

Ao contrário do que propunha a UFV, no que tange à desconsideração das peculiaridades e subjetividades das(os) estudantes, em prol de uma formação neoliberal, Castro e Ferrari (2021) alertam para a importância destes quesitos na formação das(os) discentes:

“[...] problematizar os processos de subjetivação torna-se fundamental no sentido de questionarmos que imagens nos subjetivam, especialmente quando pensamos nas relações de gênero e sexualidades. [...] defendemos que a educação não é o lugar de permanência com um tipo de senso comum que nos distancia da necessária problematização e transformação do que sabemos. Ao contrário disso, é função da educação colocar sob suspeita nossas formas de saber, agir e ser no mundo, de maneira que apostamos na função problematizadora dos processos educativos.” (CASTRO E FERRARI, p. 4, 2021)

Levando em conta todos os relatos anteriores e de conhecimento dos emaranhados que envolveram a criação da matriz curricular, debruçou-se por conseguinte à análise do currículo sob a forma de PPC. Este apresenta inicialmente a seguinte passagem, que anuncia-se de forma hierárquica, ou seja, como missão da Universidade enquanto instituição e não somente do curso:

“Exercer uma ação integrada das atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando à universalização da educação superior de qualidade, à promoção do desenvolvimento das ciências, letras e artes e à formação de cidadãos com visão técnica, científica e humanística, capazes de enfrentar desafios e atender às demandas da sociedade. (PPC, p. 2, 2013)

A passagem é enfática quando comunica aquilo que almeja a instituição e, ao mencionar o atendimento às demandas sociais, entende-se que a UFV se pretende um local equitativo, igualitário e plural para toda a sua comunidade. Acredita-se que o curso de Geografia está em consonância com a Universidade e que intenciona para suas(eus) estudantes uma formação de qualidade, que garanta à sociedade a adequada atuação de suas(eus) futuras(os) profissionais.

Crê-se que uma das formas de percepção acerca da veracidade do que demonstra a passagem anterior, verifica-se exatamente a partir dessa ferramenta indispensável à formação estudantil, o currículo. Assim sendo, estudou-se especificamente os projetos pedagógicos do curso de Geografia da UFV, desde seu início, no ano de 2001, até o atual momento. Ao longo destes 22 anos, o curso supracitado contou, entre elaborações e reformulações, com 5 projetos pedagógicos, dos quais 1 abarcava indissociavelmente as modalidades Bacharelado e Licenciatura e os outros 4 tratam-se de documentos separados por modalidades. O primeiro foi elaborado no ano de 2001 e os últimos foram reformulados em 2013 e 2018, por área, respectivamente. Estas últimas reformulações implementaram-se a partir dos anos seguintes, 2014 e 2019, nesta ordem.

Ao analisar as matrizes curriculares destes dois últimos anos, constatou-se inicialmente uma divergência entre os modelos disponíveis no site do curso de Geografia da UFV, ou seja, as “grades” apresentadas de forma isolada no endereço eletrônico, e aqueles encontrados nos PPC’s, documentos formais. Nestes últimos não aparece a disciplina oferecida pelo Departamento de Educação, enquanto nas matrizes presentes no site, sim. A matéria em questão é mostrada da seguinte forma: “EDU 332 - Corpo, gênero, sexualidade e educação”. Ela trata-se de uma disciplina optativa, ou seja, ajuda a compor a formação estudantil, mas não configura-se enquanto indispensável, obrigatória. A(o) estudante, tem a liberdade de escolher as cadeiras optativas que quer cursar e geralmente tal escolha é dada a partir da área de formação percorrida, assim, é possível afirmar que nem todas(os) adentraram as discussões relacionadas a gênero, sexualidade, sexismo, feminismo, etc. durante suas graduações.

Ainda tendo em vista a análise dos PPC’s, tanto o do Bacharelado quanto o da Licenciatura, percebeu-se a ocorrência da palavra gênero 06 vezes em cada um dos documentos, sendo que em apenas 04 delas apresentou o sentido investigado na pesquisa, as outras 02 tratavam-se de gênero no sentido textual. Esta contabilização é importante, pois revela de forma direta a presença ou a ausência de determinado assunto na formação acadêmica dita obrigatória.

Desmembrando de maneira minuciosa a ocorrência do termo gênero nos PPC’s, ele apareceu na ementa de duas disciplinas, são elas: “CIS 234 - Antropologia” e “ERU 315 - Sociologia do Trabalho”. A primeira, oferecida pelo Departamento de Ciências Sociais e a

segunda pelo Departamento de Extensão Rural, sendo a Antropologia uma disciplina obrigatória para ambas as modalidades do curso de Geografia e a Sociologia do Trabalho uma matéria de caráter optativo também para ambas as modalidades, Bacharelado e Licenciatura.

A partir deste contato com os dados levantados via matriz curricular, foi possível identificar que as disciplinas que trazem consigo abordagens de gênero e cursadas pelos estudantes da Geografia, advém de outros departamentos, o que leva a pensar... Por que a Geografia, em toda sua amplitude e por tratar-se de uma ciência social, não faz tal discussão por si própria, considerando o espaço geográfico e as sujeitas que o caracterizam? Monk e Hanson (1982), no artigo: “Não excluam metade da humanidade da Geografia humana”, alertaram que “o grau em que a geografia permanece intocada pelo feminismo é notável, e a escassez de atenção voltada às questões das mulheres assola, explícita ou implicitamente, todos os ramos da geografia humana”. (SILVA *et al.* 2016)

A evidência apresentada anteriormente aponta para um obstáculo existente e a ser enfrentado no curso de Geografia da UFV, uma vez que o mesmo encontra-se ainda incipiente diante de uma discussão tão contemporânea quanto a de gênero e todas as camadas que a permeiam. Porém, é necessário lembrar que os docentes possuem liberdade de cátedra. Segundo informações retiradas do sítio eletrônico *Qstione*:

“A liberdade de cátedra não é uma lei ou uma norma, trata-se de um princípio que, em tese, assegura a liberdade de aprender, de ensinar, de pesquisar, de divulgar conteúdos e conhecimentos diversos com o intuito de ampliar as possibilidades educacionais de um indivíduo.”

Entende-se que é possível, neste sentido, falar sobre uma maleabilidade particular que é dada ao currículo, tendo em vista os atravessamentos que permeiam a vida da(do) docente. Estas(es), possuem a liberdade de inserir em suas disciplinas, caso seja aplicável, a discussão de temas caros às suas existências enquanto profissionais mas também como seres humanos, que experimentam o espaço geográfico muito antes de suas formações de caráter acadêmico/trabalhista.

Logo, é subjetivo afirmar que apenas pelo o que é demonstrado na matriz não tenha havido ou não haja discussões de natureza das Geografias Feministas no curso de Geografia da UFV. Cabe pontuar ainda que a(o) docente, possui sim autonomia no que tange à sua prática didática, mas desde que esta não fira a pluralidade das(dos) estudantes.

Outro ponto importante a ser abordado acerca do currículo do curso, diz respeito a uma diferença marcante entre as matrizes das modalidades Bacharelado e Licenciatura, pois, não há a exigência da escrita da monografia para as(os) discentes que optam por se graduarem apenas na Licenciatura. Sabe-se que a monografia é o maior trabalho de pesquisa realizado por

uma(um) estudante a nível de graduação e, portanto, possui o potencial de despertar o interesse para a área da Pesquisa, incentivando a(o) discente a seguir, por exemplo, a carreira acadêmica.

A inexistência dessa opção na “grade” curricular da Licenciatura boicota, em grande medida, a possibilidade de atuação dessa(e) estudante como pesquisadora(or), uma vez que os direcionamentos dados são muito bem definidos, criando assim um marcador de divergência entre a(o) dita(o) geógrafa(o) e a(o) professora(or) de Geografia. Dessa forma, torna-se ainda mais dificultoso o processo de fazer da ciência geográfica uma unidade, visto que a dicotomia entre Geografia Humana e Geografia Física só tende a enfraquecer a ciência e seus pensadores, que deixam de possuir uma visão holística do espaço geográfico em toda sua completude e complexidade.

A seguir, apresenta-se a organização de disciplinas referentes ao último período de formação das(os) estudantes do curso de Geografia da UFV, por modalidades:

Figura 11: Fragmento curricular do curso de Geografia (Licenciatura)

8º período				
GEO470	Prática de Ensino de Geografia	8(2-6)	120	(GEO 472 e GEO 476*) ou (GEO 479 e GEO 483 e EDU 144 e EDU 155)
GEO492	Atividades Complementares	0(0-14)	210	
LET290	LIBRAS Língua Brasileira de Sinais	3(1-2)	45	
Total		11	375	
Total Acumulado		150	2460	

Fonte: Catálogo de graduação da UFV, 2019.

Figura 12: Fragmento curricular do curso de Geografia (Bacharelado)

8º período				
GEO486	Projeto Orientado de Monografia II	6(2-4)	90	GEO 485
GEO492	Atividades Complementares	0(0-14)	210	
GEO498	Estágio Supervisionado II	6(-6)	90	GEO 497
Total		12	390	
Total Acumulado		127	2115	

Fonte: Catálogo de graduação da UFV, 2019.

A discussão feita até aqui revela que este curso de Geografia surge com propósito específico voltado à criação de profissionais para o mercado de trabalho, mais especificamente de professoras(es) para atender a uma demanda regional. Por este motivo, valorizou-se a Licenciatura, a fim de que esta se tornasse equivalente ao Bacharelado, já que historicamente não fora tratada com a devida importância pela UFV. Segundo a docente palestrante, o que sempre ocorreu nesta instituição foi o “pacote de desvalorização do professor”, em que, até

mesmo os cursos de Licenciatura, que possuíam as duas modalidades, privilegiavam a formação do bacharel.

De posse dos dados apresentados e ao traçar um paralelo entre os mesmos e a formação estudantil, apesar de todas as ressalvas já consideradas, é possível afirmar que o currículo do curso de Geografia da UFV não versa de forma considerável sobre as pautas ditas minoritárias, já que estas não são incluídas nas ementas de disciplinas obrigatórias nem trazidas à tona através da construção de novas disciplinas. Assim, revelam-se como discussões menos essenciais que outras dentro do espaço acadêmico geográfico.

Este fator aponta para a necessidade da ampliação dos debates relacionados à temática gênero dentro do curso, pois, acredita-se que a sacralização de alguns temas e a omissão de outros não contribui para uma evolução latente e necessária da ciência. Como sabe-se, o espaço geográfico é fruto das relações entre os seres e as dinâmicas que os envolve, portanto, é fundamental que a academia se aproprie e trate com a devida seriedade assuntos que contribuem para a estruturação da sociedade atual.

Ao refletir sobre a ausência da categoria gênero nas disciplinas geográficas “ufveanas”, considera-se que tal circunstância contribui negativamente para a emancipação feminina, uma vez que deixa de fortalecer cientificamente esta ação. A dinâmica da territorialidade, como enfatiza Haesbaert (2021), possui caráter múltiplo e assim deve ser vista. Portanto, contribuir para a ocorrência de territorialidades que se propõem transformar positivamente a realidade, é papel da Geografia enquanto uma ciência de caráter social.

Mulheres que passam a perceber a realidade a partir de óticas amplas, ou seja, para além daquela ditada pela sociedade patriarcal e pelo binarismo de gênero, constroem vidas, territórios e espaços geográficos mais equitativos para todas, todos e todes. Ignorar a potencialidade das discussões de gênero dentro do currículo acadêmico é invalidar uma poderosa ferramenta capaz de promover mudanças estruturais na sociedade, principalmente no que tange à vida das mulheres.

Acredita-se que ao levar essa discussão formalmente para a sala de aula, através de disciplinas amparadas por teorias científicas, isso contribua para o aumento da autoestima feminina e, conseqüentemente, para que mulheres rompam com posições historicamente pré-definidas para elas e passem também a ocupar locais de maior destaque, tradicionalmente reservados a homens, como os cargos de maior relevância e poder dentro das instituições acadêmicas.

Como visto, embora a Geografia da UFV ainda precise avançar consideravelmente nas discussões de gênero e, de forma geral, em todos os tópicos abordados pelas Geografias

Feministas, uma vez que estes não são devidamente contemplados pelo currículo, é impossível ignorar que este curso surge de um grande enfrentamento entre uma pequena comissão e uma Universidade conservadora, diante de um contexto governamental não apenas inserido na dinâmica neoliberal mas atuante de forma a promover seu fortalecimento. Assim, a Geografia da UFV emerge, mesmo em condição precarizada, o que leva a concluir que o curso foi, desde sempre, uma conquista de territórios, físico(concreto) e abstrato, por parte de mulheres e homens que o gestaram.

3.1.3. Formação acadêmica para além do currículo

Como discutido no tópico 3.1.2, o currículo trata-se de um documento, mais especificamente de um plano de estudos voltado à formação acadêmica das(os) estudantes. Ele é pensado, primeiramente, dentro dos moldes previstos pelo sistema educacional ao qual pertence. No caso da Geografia UFV, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei n.º 9.394/1996.

Este documento preocupa-se em garantir as condições necessárias à formação da geógrafa e do geógrafo, de maneira que tais pessoas cumpram rigidamente as disciplinas apontadas como obrigatórias, bem como aquelas chamadas optativas, já que, uma vez escolhidas pela(o) aluna(o), tornam-se também obrigatórias. Porém, por mais que o currículo formal seja difundido e implementado como algo pouco maleável, ou seja, como um manual a ser seguido sem muitas brechas para caminhos alternativos, há de se considerar que a formação acadêmica, principalmente em uma instituição de ensino pública, está para muito além de uma “grade” curricular formal.

A UFV, assim como grande parte das universidades brasileiras, estrutura sua formação estudantil sobre três pilares fundamentais: o Ensino, a Pesquisa e a Extensão. Cada uma destas três grandes áreas possui como objetivo principal garantir às(aos) estudantes aporte teórico e prático para que adquiram condições adequadas de atuação profissional quando atingirem o mercado de trabalho. Neste sentido, a formação da geógrafa extrapola o currículo formal e esta mulher usufrui de possibilidades que ultrapassam a sala de aula, ao frequentar ambientes como laboratórios de Pesquisa e Ensino, grupos de estudos, projetos de Extensão, etc.

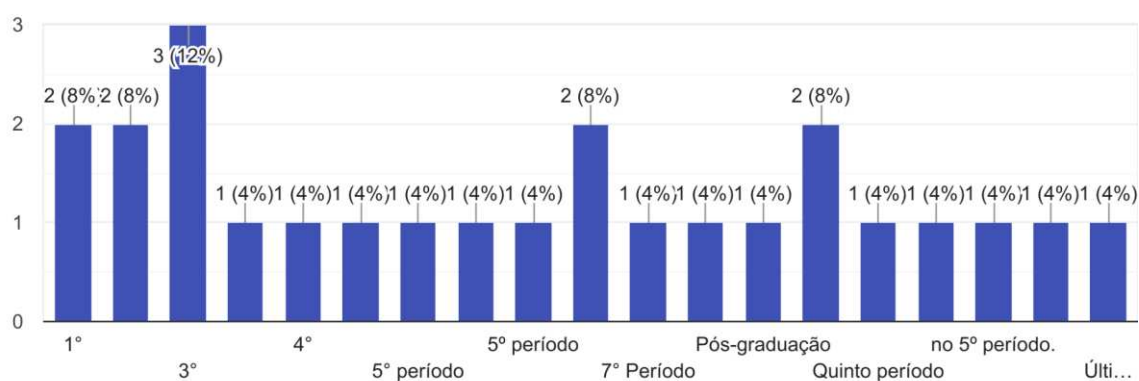
O questionário aplicado apontou que a estudante de Geografia, inseriu-se e insere-se em espaços importantes para sua formação acadêmica, que complementam os conhecimentos alcançados durante as aulas. Quando questionada sobre seu envolvimento com projetos ligados ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão, a estudante, na maioria das vezes, deu parecer positivo, ao

apontar seu vínculo com uma das três grandes áreas ou até mesmo com mais de uma. Porém, de acordo com a amostra e ao comparar os dois gráficos de setores a seguir, é notável que a aluna egressa engajou-se mais à formação extracurricular do que a regularmente matriculada. Enquanto apenas 12,5% das estudantes egressas disseram não ter se vinculado, 48% das cursistas responderam que não participam de nenhum projeto envolvendo os três grandes pilares da formação estudantil. Acredita-se que tal ocorrido deva-se ao fato de muitas cursistas estarem ainda em seus semestres iniciais de graduação, de acordo com o que se observa no gráfico, não tendo assim se ambientado por completo à Universidade e às possibilidades oferecidas pela mesma.

Figura 13: Período de formação acadêmica das(os) cursistas

Você se encontra em que período de sua formação acadêmica?

25 respostas



Fonte: Questionário aplicado às estudantes regularmente matriculadas.

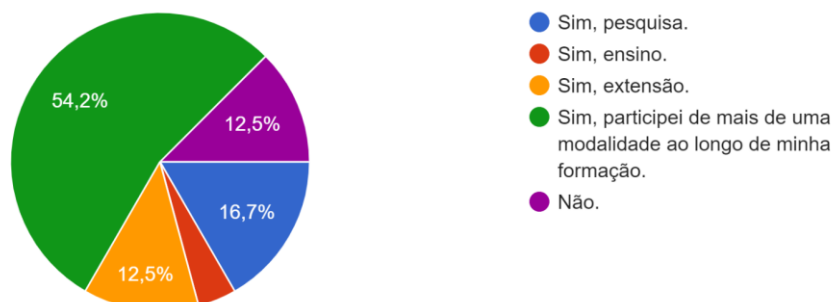
Cabe informar que o termo “pós-graduação”, evidente entre as demais respostas do gráfico, surgiu como um equívoco, uma vez que o questionário não se direcionou às(aos) estudantes do mestrado em Geografia, mas apenas àquelas(es) pertencentes à graduação. A(o) respondente em questão precipitou-se em participar da pesquisa, porém, não é possível corrigir o erro apresentado na figura, pois, a ferramenta utilizada (Formulários do Google) não permite tal alteração.

A seguir apresenta-se os gráficos de setores que revelam os direcionamentos estudantis para as três grandes áreas de formação: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Figura 14: Envolvimento das alunas egressas com a Pesquisa, o Ensino e a Extensão

Ao longo de sua formação você esteve envolvida em projetos ligados à pesquisa, ao ensino ou à extensão?

24 respostas

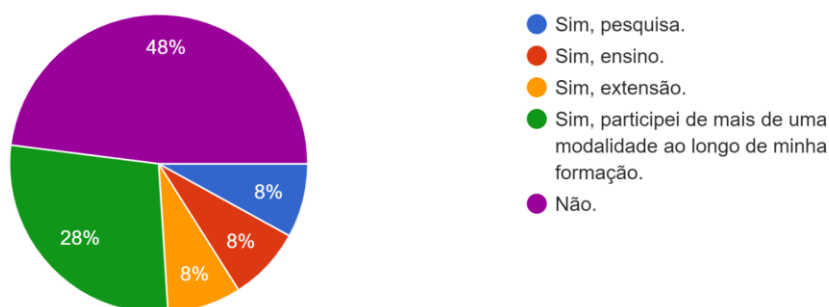


Fonte: Questionário aplicado às estudantes egressas.

Figura 15: Envolvimento das(os) cursistas com a Pesquisa, o Ensino e a Extensão

Ao longo de sua formação acadêmica você esteve ou está envolvida, envolvido, envolvido em projetos ligados à pesquisa, ao ensino ou à extensão?

25 respostas



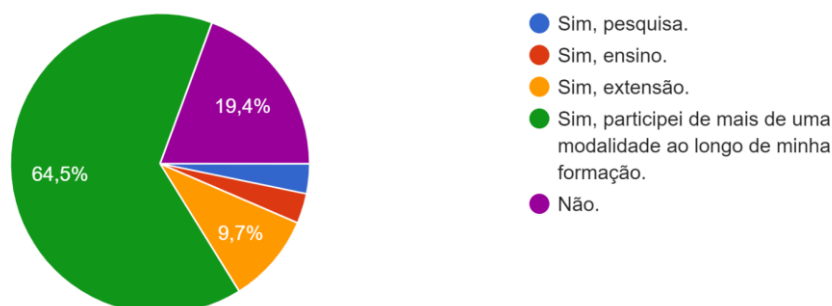
Fonte: Questionário aplicado aos estudantes regularmente matriculados.

Em contrapartida ao apresentado pelas mulheres, ao observar o gráfico retirado do questionário respondido pelos homens egressos do curso, tem-se o seguinte apontamento: 64,5% dos entrevistados disseram ter se envolvido em mais de uma modalidade de formação, enquanto 19,4% não o fizeram.

Figura 16: Envolvimento dos alunos egressos com a Pesquisa, o Ensino e a Extensão

Ao longo de sua formação você se envolveu em projetos ligados à pesquisa, ao ensino ou à extensão?

31 respostas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes egressos.

Ao levar em consideração os números das amostras: mulheres egressas, 24; e homens egressos, 31; ou seja, em um quadro de 7 respondentes a mais para os homens, é possível dizer que o envolvimento de ambos os gêneros com as diferentes modalidades de formação é bastante equânime. Porém, quando observada a modalidade Pesquisa, a disparidade entre as porcentagens chama a atenção: 16,7% das estudantes vincularam-se a este segmento e apenas 3,7% dos alunos participaram deste tipo de projeto.

O dado levantado pelo questionário corrobora-se àquele apresentado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, já que ambos revelam maior envolvimento feminino com este segmento. Segundo esta Pró-Reitoria, 237 mulheres, estudantes de Geografia na UFV, vincularam-se a projetos de pesquisa ao longo dos 20 anos de existência do curso, completados em 2021, momento em que as informações foram coletadas, e apenas 75 homens realizaram tal feito. A diferença é considerável e faz refletir a respeito dos espaços ocupados pelas mulheres, futuras geógrafas, nesta Universidade. Eles demonstram que a estudante de Geografia tem percorrido um caminho por ela desejado, uma vez que insere-se nos diferentes espaços de formação oferecidos pela instituição, tendo importante destaque aqueles vinculados à Pesquisa.

Cabe não perder de vista que o envolvimento da aluna com a referida área, durante a graduação, não determinou o direcionamento de sua carreira, pois, como visto anteriormente, a maioria das estudantes enveredaram-se pelos caminhos da docência, sendo esta, aquela voltada à educação básica.

Ainda no intuito de desvendar os percursos formativos das discentes e seus desdobramentos, tendo em vista a ocupação espacial feminina na UFV, analisou-se os temas

contidos nas monografias¹ registradas no site do curso de Geografia, entre os anos de 2006 e 2022, e presentes no arquivo físico do Departamento. Totalizaram-se 349 trabalhos encontrados, 166 de autoria feminina e 183 masculina. Tais pesquisas foram classificadas de acordo com 3 áreas distintas dentro da Geografia acadêmica, são elas: Ensino, Geografia Física e Geografia Humana. A maioria dos trabalhos de ambos os grupos de estudantes pertencem a esta última categoria, seguidos da Geografia Física; e, em menor número aparecem aqueles voltados para o Ensino.

Dentro deste contexto, ao associar o número de mulheres na pesquisa às discussões predominantes nas monografias de conclusão de curso, infere-se que, possivelmente, a maioria das alunas desenvolveram suas pesquisas na área da Geografia Humana e esta, sabe-se, é composta por uma pluralidade de temas. Logo, as estudantes possuem a possibilidade de explorar uma gama de assuntos, tal qual às interesse. A conhecida frase de Moraes (2007, p. 47) aqui se aplica: “Assim, existirão tantas Geografias, quantos forem os posicionamentos sociais existentes”.

Realizadas a compilação e análise dos dados, verificou-se a inexistência de padrões formativos específicos voltados para os diferentes gêneros, percebeu-se que a formação extracurricular discente na UFV propicia aberturas para a ampliação do espectro acadêmico, aspecto fundamental para que os indivíduos percorram os diferentes campos do conhecimento e potencializem suas trajetórias acadêmicas.

3.1.4. A graduação da geógrafa: escolha ou tendência ao cumprimento de papéis de gênero?

Falar sobre escolhas autenticamente livres quando relaciona-se esta questão a minorias inseridas em uma sociedade capitalista, racista e patriarcal, composta por regras e condicionamentos próprios, inerentes a tais condições, torna-se contraditório. Portanto, pensar a situação da geógrafa em formação, no que tange às escolhas feitas por esta mulher, requer atenção para apontamentos por vezes tidos como subjetivos, mas que não podem ou devem ser obscurantizados, uma vez que tratam-se de depoimentos oriundos das falas das próprias alunas e revelam, assim, um retrato de sua condição enquanto estudante.

Antes de atingir o cerne da questão que intitula o presente subcapítulo, é interessante lembrar que os gêneros assumem papéis relacionados ao que entende-se por masculino e

¹ Os dados referentes às monografias foram organizados em tabelas e podem ser verificados nos apêndices, a partir da página 144.

feminino, quando se pensa na problemática do binarismo, destaque central para a discussão desta categoria neste trabalho.

O binarismo de gênero, quando confrontado à ciência geográfica, destaca-se a partir das diferentes áreas de estudos da mesma. Como referido ao longo da discussão desta dissertação, de acordo com a análise feita, percebe-se uma maior tendência de ocupação feminina na área de Ensino, quando verifica-se as formações em Bacharelado e Licenciatura, já a masculina aparece mais pulverizada pelos diferentes campos do saber geográfico.

Acredita-se que a formação masculina capilariza-se com maior intensidade, tendo em vista que a produção do conhecimento geográfico em si, como bem menciona Silva (2003), está calcada em uma perspectiva andrógena e caracteriza-se por uma invisibilidade do papel feminino na produção do espaço.

Este aspecto é relevante para refletir a respeito de escolhas, já que invisibilizada a mulher não protagoniza e, não assumindo este lugar, tende a se adaptar a uma dinâmica prévia, de reprodução do espaço e não de transformação. Partindo desse raciocínio é coerente afirmar que há um cumprimento de papéis, porém, ao analisar as falas das estudantes, percebe-se que a afirmativa anterior torna-se taxativa e generalista se considerada enquanto evidência única, uma vez que o relato das mesmas hora concorda, hora discorda com a assertiva.

O *paper* intitulado “Geografias Femininas: papel do gênero na geografia brasileira”, assevera a discrepância entre a inserção de homens e mulheres na área de Geomorfologia e questiona: “Geografia humana. O lugar das mulheres?”. Em trecho de entrevista presente no artigo tem-se a fala do renomado geógrafo Pedro Geiger, que classificou o território brasileiro em três grandes regiões geoeconômicas: Amazônia, Nordeste e Centro-Sul. Ele evidencia claramente a diferença outrora dada às(aos) estudantes de Geografia em seu curso de graduação:

“... Eu me lembro de que nos ônibus de expedição a geomorfologia sentava na frente, e a geografia humana, na parte de trás. Em uma dessas ocasiões não havia cavalos suficientes; os geomorfólogos os pegaram e foram em frente, cavalgando, e as mulheres, isto é, a geografia humana, tiveram que subir a montanha a pé e ficaram furiosas.” (Pedro Geiger, aluno de graduação em Geografia da Universidade do Distrito Federal, Rio de Janeiro, de 1940 a 1942. ARANHA, Patrícia. *Jornal da USP*, 2018)

“A confusão metonímica do geógrafo Pedro Geiger entre a geografia humana e as mulheres é um exemplo claro do papel substancial que o gênero teve nas escolhas profissionais das mulheres geógrafas, bem como na maneira como seus colegas do sexo masculino as viam. As mulheres entrevistadas eram fascinadas por geomorfologia e estudos de campo, mas acabaram por trabalhar na área de geografia humana. Por quê? Esta é a principal questão sobre essa “escolha de gênero”.” (ARANHA, Patrícia. *Jornal da USP*, 2018)

No aspecto macro, não há como negar que o fenômeno sexismo permeie as relações de gênero, ele é, na verdade, condição *sine qua non* à existência das mesmas. Como já entendido,

a dicotomia entre os sexos é notória e reflete-se em relações desiguais, tendo em vista as formas como homens e mulheres espacializam e territorializam. Em grande medida, tal fato deve-se à definição de características específicas para os diferentes grupos, que historicamente foram introjetadas no imaginário social. Essa diferença, segundo Massey (2008), advém também do fenômeno da globalização que, para ela, parece estabelecer uma “cartografia de gênero”, conceito explicativo da maior mobilidade de homens pelo espaço. Ao falar sobre os espaços globais, como por exemplo os laboratórios científicos, a autora aponta uma nítida diferença entre suas dinâmicas e seus frequentadores, quando comparados ao lar.

“Esses lugares de trabalho globalizados são espaços especializados e excludentes, defensivos, firmemente lacrados contra invasões “dissidentes” de outros mundos. Tais fechamentos são construídos, tanto material quanto imaginativamente, tanto através de guardas de segurança quanto de simbolismos de exclusividade. Sua própria existência como lugares especializados de P&D [...] é tanto um produto quanto reforça, simultaneamente, a ideia da necessidade de um espaço da Razão, defendido contra contaminações do Corpo. [...] é suficientemente eficaz para moldar a identidade do cientista (“lógico”, “masculino”), reforçar o diferencial de sua profissão e afirmar a legitimidade e o status de um tipo específico de conhecimento”. (MASSEY, Doreen, p. 252, 2008)

Dessa forma, ao encontrar-se inserido em um contexto global, o curso de graduação em Geografia da UFV, não está isento às problemáticas estabelecidas no espaço geográfico. Tanto que, ao ser indagada a respeito de atravessamentos sexistas na formação da geógrafa, neste curso, uma das alunas egressas, em entrevista semiestruturada, respondeu que o preconceito era praticado principalmente em relação às mulheres que optavam por direcionar seus estudos para a Geografia Física. Segundo ela, uma fala corriqueira proferida por alguns docentes era: “Vocês não vão dar conta disso, Geografia Física é coisa de homem.” A entrevistada relatou que sempre havia “piadinhas machistas” por parte dos professores e que tais atitudes aconteciam tanto de maneira escancarada quanto sutis, a depender da pessoa que praticava. Para ela, tal situação tratava-se de um desmerecimento relativo às alunas.

Porém, há vezes em que a realidade e a teoria se encontram, outras, nem tanto. E é em conformidade com esta perspectiva paradoxal que se deram as respostas das pessoas entrevistadas nesta pesquisa. Em alguns relatos constatou-se a presença de sinalizações relativas à opressão de gênero e em outros, este aspecto foi negado. Assim, é coerente afirmar que a formação da geógrafa na UFV é, em certa medida, atravessada pelo sexismo, porém, verifica-se que este atravessamento está ligado à percepção de mundo de quem o vive, o que é importante demarcar.

Neste sentido, considerar as discussões feministas e de gênero dentro da academia é fundamental, pois, são ferramentas potentes que dão a base para a consciência feminina de sua existência enquanto mulher no mundo em que habita. Dotada de um arcabouço teórico que

possibilite seu empoderamento, definido para o feminismo, segundo Moreira (2022) como emancipação e forma de resistência, a estudante de Geografia torna-se apta a fazer uma leitura adequada do espaço geográfico, bem como transformá-lo.

Quando questionadas se as discussões de gênero e feminismo permearam ou permeiam as disciplinas do curso e se tais discussões tiveram influência em suas escolhas de formação acadêmica, as respostas das estudantes² configuraram as seguintes porcentagens: para o grupo das egressas 36,4% consideraram que sim, aconteceram, porém de maneira pontual e pouco aprofundada e 63,3% disseram que tais discussões não ocorreram. Para aquelas que confirmaram a ocorrência, 60% afirmaram que não houve influência em suas escolhas dentro do curso, já 40% disseram que sim, que foi importante o contato com estes assuntos, pois ampliaram o espectro para a “leitura” da realidade e conseqüentemente suas escolhas.

Uma das respostas obtidas destaca-se, não necessariamente sobre o impacto da abordagem das temáticas gênero e feminismo, mas porque revela a influência da representatividade das professoras para as discentes.

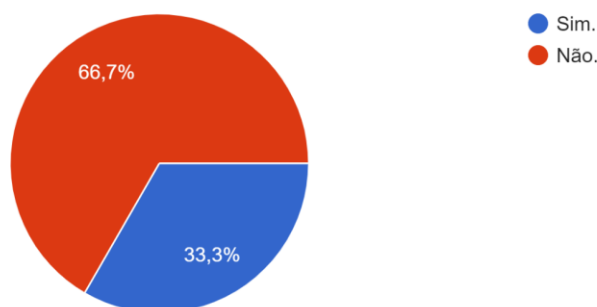
“Sim, foi abordado especialmente por professoras mulheres. Muitas foram inspiração em minha graduação e trajetória na educação. A influência se deu na posição que elas exerciam, no domínio sobre si mesmas enquanto mulher em uma sociedade patriarcal. Exemplos de força, sucesso, inteligência e humanidade.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

Ainda sobre o quesito representatividade, 66,7% das alunas egressas disseram não terem se sentido representadas pelo quantitativo docente feminino.

Figura 17: Representatividade docente pelo olhar das alunas egressas

Enquanto mulher, você se sentia representada em relação à composição numérica do corpo docente, levando em consideração a questão de gênero?

24 respostas



² Todas as respostas relativas aos questionários e entrevistas semiestruturadas encontram-se nos apêndices desta dissertação.

Fonte: Questionário aplicado às estudantes egressas.

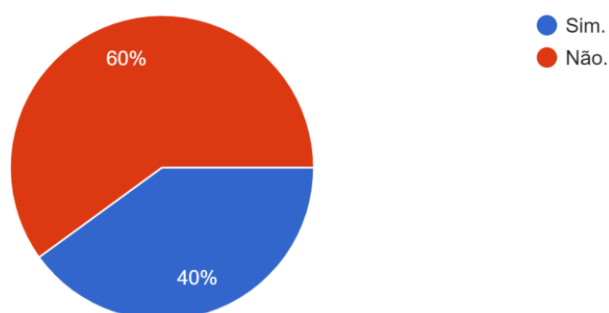
Os mesmos questionamentos foram feitos às(aos) estudantes regularmente matriculadas(os), 52% delas(es) responderam que sim, que as abordagens referentes a gênero e feminismo são discutidas nas disciplinas curriculares, já 48% disseram que não. As(os) respondentes que sinalizaram positivamente, relataram que tais discussões são feitas pontualmente e com pouca expressividade, 60% alegaram não perceber a influência destas abordagens em suas escolhas formativas.

Em relação ao quesito representatividade, para o grupo das(os) estudantes ativas(os), tem-se o gráfico a seguir:

Figura 18: Representatividade docente pelo olhar das(os) cursistas

Você se sente representada, representado, representade em relação à composição numérica do corpo docente, levando em consideração a questão de gênero?

25 respostas



Fonte: Questionário aplicado às(aos) estudantes regularmente matriculados.

Diante dos dados apresentados apura-se a ocorrência de um aumento nos debates de gênero e feminismo nas disciplinas obrigatórias do curso de Geografia, que passaram de 36,4%, entre os anos de 2001 a 2015 aproximadamente, para 52% nos últimos anos, porém não confirmou-se uma influência marcante destes assuntos nas escolhas acadêmicas das(dos) estudantes. É possível que tal interferência não tenha sido verificada pelo fato da abordagem aos temas acontecerem, segundo relatos das(dos) estudantes, pontualmente e superficialmente. Crê-se que tais afirmativas se deem, tendo em vista, que estes conteúdos parecem ainda serem tratados como coadjuvantes nas aulas, utilizados apenas para complementação de enfoques centrais.

Tendo em vista o quesito representatividade, comprovou-se que a maioria das alunas, egressas e matriculadas, não sentiram-se ou sentem-se representadas pelo quantitativo feminino de professoras, porém, apesar do número reduzido de docentes, as estudantes, na maioria das

vezes, sentiram-se e sentem-se mais acolhidas por elas, o que pode ser observado a partir das falas a seguir, provenientes da seguinte pergunta presente no questionário aplicado: “Você já vivenciou alguma situação relacionada a instâncias superiores dentro da Universidade que a impediu de seguir em determinada área de formação? Em caso afirmativo, pode relatar o ocorrido? Lembre-se, sua identidade será mantida em sigilo e não há necessidade de citar nomes em seu relato.”

“Sim. Deboche/incompreensão de professor durante as aulas, o que causava certa aversão ao tema dado.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

“Sim, um determinado episódio me lembro de quase ter desistido do curso por que um professor foi muito infeliz em determinada circunstância.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

“Já fui perseguida por um professor homem, que menosprezava minhas colocações e tentava a todo custo me diminuir em público. Curiosamente antes não percebia isso como machismo, hoje sim.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

“Não, optei pela Licenciatura, lugar onde mulheres são maioria.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

Embora muitas das experiências vivenciadas por cada pessoa sejam únicas, existem padrões que revelam ocorrências de situações que se aplicam a grupos, assim, entende-se que tais atravessamentos estejam ligados a esferas estruturais da sociedade e não a situações particulares. As falas supracitadas demonstram que algumas estudantes sentiam-se consideravelmente mais seguras e acolhidas quando compartilhavam seus momentos de formação com as docentes. Porém, existem controvérsias, como percebe-se nos relatos a seguir, nos quais discentes apontaram terem vivenciado constrangimentos advindos de mulheres. Cabe ressaltar que o questionamento anterior não direcionou-se apenas ao curso de Geografia mas à Universidade como um todo.

“Fui muito mal recebida por outra mulher ao fazer uma entrevista para um estágio. Ela, ao me entrevistar, mencionou que a minha roupa a estava irritando e que o meu currículo seria jogado no lixo, porque ninguém iria ler. O meu pai, por ser funcionário na Universidade, acionou o responsável pela área para relatar o ocorrido. Apesar da mulher ter sido notificada, eu não quis retornar ao estágio para obter a vaga.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

“Sim, não na graduação, mas no mestrado, sofri abusos morais, que me fizeram desistir da vida acadêmica, isso me marcou muito. A graduação foram tempos de boas lembranças e muito aprendizado, já no mestrado me senti humilhada e desrespeitada por minhas orientadoras. [...] ainda estamos muito longe de diminuir o machismo dentro do curso de Geografia.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

As passagens acima são reveladoras da reprodução de posturas machistas praticadas por mulheres, o que demonstra a necessidade de um olhar atento, por parte desta minoria, no intuito de entender que o gênero deveria uni-las e não separá-las.

Diversos condicionantes separam uma(um) docente de uma(uma) estudante, neste caso a hierarquia é o principal, daí a necessidade de considerar outras camadas para as discussões de gênero e feminismo, que não apenas o fator sexo biológico. Para entender as reproduções de padrões negativos no convívio social é fundamental analisar concomitantemente outros atravessamentos, como a raça, a classe, o etarismo, a hierarquia, etc. pois, diante da estrutura vigente, sabe-se que o poder designa-se, em maior ou menor grau, de acordo com a posição ocupada pelos indivíduos, seja econômica, cultural, etc.

A célebre frase de Paulo Freire “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”, em certa proporção relaciona-se ao relato acima e faz refletir a respeito da situação. Acredita-se que diante de uma sociedade marcada por mazelas tão profundas não é surpreendente que os sujeitos e sujeitas não se identifiquem enquanto grupos, dentro dos quais, em alguma medida, são igualmente atingidos, dependendo da camada ou camadas a(às) qual(is) pertencem, seja(m) ela(s) relacionadas à etnia, classe, sexualidade, etc.

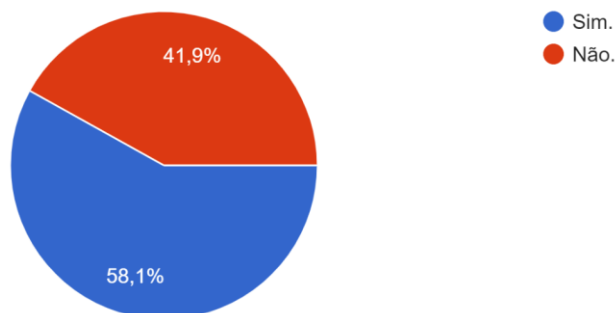
Ainda sobre os relatos anteriores, que demonstram a ocorrência de constrangimentos vivenciados pelas alunas, advindos de comportamentos andrógenos praticados tanto por docentes homens quanto mulheres, é possível afirmar que tal aspecto interfere negativamente na trajetória acadêmica da estudante de Geografia, pois, a impacta, provocando desmotivação e conseqüente “abandono” de alguns caminhos na carreira acadêmica. Nesse sentido, é conveniente dizer que o poder de escolha da discente é ceifado por uma dimensão estrutural que atravessa sua formação, o fenômeno do machismo.

Na tentativa de identificar padrões de ocorrência do mesmo, questionou-se às estudantes egressas e matriculadas, se o sexismo é uma característica presente no curso de graduação em Geografia e conseqüentemente em suas formações. As respostas variaram, mas em 63,3% delas, foi mencionada a falta de paridade numérica entre as(os) docentes do curso, o que segundo as respondentes, é uma expressão clara da desigualdade de gênero e falta de representatividade. Contrariando a porcentagem feminina, 58,1% dos ex-alunos disseram que sentiram-se representados numericamente em relação seus pares, como pode ser comprovado a seguir:

Figura 19: Representatividade docente pelo olhar dos egressos

Você se sentia representado, em relação à composição numérica do corpo docente, levando em consideração a questão de gênero?

31 respostas



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes egressos.

A falta de equivalência quantitativa entre professoras e professores revela-se enquanto uma das expressões do fenômeno presentes no curso. Tem-se a seguir as falas de uma ex-aluna e de uma discente matriculada, respectivamente, que ilustram esta questão. Elas foram questionadas a respeito da existência ou inexistência de atravessamentos sexistas no curso.

“Me formei há 11 anos. Alguns novos professores entraram e o número de mulheres continua o mesmo: 3. Sinto que os professores (homens) se potencializam nessa estrutura e acabam se beneficiando bem mais, seja em laboratório ou mesmo em nome.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

“Sim, percebe-se pelo número de professoras mulheres no departamento e pela distribuição das estudantes nos laboratórios. Os laboratórios voltados para a Licenciatura e que possuem professoras atraem muito mais garotas que os laboratórios de Geografia Física, por exemplo.” (Resposta dada por estudante regularmente matriculada do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

Em ambos os grupos das respondentes mulheres, as respostas dividiram-se quase igualmente. 41,7% das egressas disseram que sim, que o curso de Geografia é atravessado pelo sexismo, enquanto 45,8% apontaram que não e 12,5% não quiseram ou não souberam responder. Quanto às(aos) discentes regularmente matriculadas(os), 40% disseram que o sexismo está presente no curso; 48% falaram que não identificam e 12% não quiseram ou não souberam responder.

Como verificado ao longo de toda a discussão, a formação da geógrafa ora perpassa por uma liberdade de escolhas, ora pela impossibilidade de fazê-las, uma vez que são interrompidas por atravessamentos sexistas. Esta mulher, porém, busca formas para conquistar cada vez mais seu espaço no ambiente universitário, imprimindo sua territorialidade, seja individual ou coletiva, nos ambientes que frequenta.

3.2. A GEÓGRAFA E A CONSTRUÇÃO DE ESPACIALIDADES E TERRITORIALIDADES NA UFV

A discussão deste item considerou a dinâmica feminina no campus universitário da UFV, ou seja, buscou identificar a espacialização e a territorialização da geógrafa, levando-se em conta todas as dimensões das possíveis espacialidades e territorialidades por elas expressas.

Ao revelar os locais frequentados por essas mulheres na Universidade, demonstrou-se de que maneira ocorre sua inserção no ambiente acadêmico, revelando assim as condições em que ocorre o acesso feminino ao espaço público universitário.

3.2.1. A ocupação feminina no ambiente universitário. Há limites para essa inserção?

A universidade pode ser vista como território, pois representa um local onde verifica-se claramente a ocorrência de relações de poder e de disputas a partir de diferentes perspectivas, seja pela vivência concreta daquelas(es) que espacializam, seja por questões abstratas regidas pelo ego que permeia as relações acadêmicas.

Entendido a partir da proposição de Claude Raffestin (1993), o território emerge como resultado da territorialização dos sujeitos no espaço geográfico e este, por sua vez, o antecede. Para o autor, o espaço está dado, já o território é construído. Dessa forma, é possível inferir que aquilo que é construído é também dotado de intencionalidade, portanto, a partir deste prisma, o espaço acadêmico constitui-se enquanto território condicionante de privilégios maiores ou menores, a depender de quem o ocupa.

Como mencionado outrora, as estudantes de Geografia da UFV inserem-se nos mais diversos ambientes relacionados à sua formação no campus desta Universidade, não encontrando concretamente entraves para isso. Elas frequentam laboratórios, fazem parte de projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, participam de grupos de estudos, coletivos identitários, etc. porém, apesar da aparente democratização deste espaço público, sabe-se que os diferentes corpos experienciam de forma distinta o espaço geográfico. Inúmeros são os fatores que levam a tal disparidade e seria ingênuo acreditar que o gênero não constitui-se enquanto um atravessador relevante neste quesito. Silva lembra, que um dos pontos centrais para a leitura espacial a partir de uma perspectiva da Geografia Feminista é o fato de que:

“[...] mulheres e homens têm se posicionado diferentemente no mundo e, sendo assim, suas relações com os lugares são diferentes também. Além disso, essas diferenças são resultado de um conjunto de elementos reveladores da opressão das mulheres pelos homens em diferentes lugares e em diferentes tempos.” (SILVA, p. 36, 2003.)

Valendo-se da leitura proporcionada pelos autores a respeito do território, do espaço e das potencialidades das interferências dos diferentes gêneros na produção dos mesmos, verificou-se que um dos desafios, no que tange à espacialização e territorialização da aluna, relaciona-se a aspectos intrínsecos à sua própria condição feminina, que podem ser entendidos não somente a partir da vivência acadêmica em si, mas também de sua vida para além da universidade. Nesse sentido, considera-se as questões relacionadas à vida na esfera privada, onde mulheres, em sua maioria, deparam-se com afazeres domésticos que recaem, em totalidade ou quase, sob sua responsabilidade. Ressalta-se que os ditos “aspectos intrínsecos” à condição feminina, neste caso, não relacionam-se ao fator biológico, mas sim a condicionantes sócio-culturais e estruturais.

Arruzza, em seu artigo de 2016 intitulado: “Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos”, alerta acerca da teoria da reprodução social, proposta pelas feministas marxistas e socialistas, onde discorre a respeito do papel condicionado e exercido pela mulher, na esfera privada, para atender aos interesses de um sistema político e econômico que explora, oprime e se beneficia lucrativamente. A autora contrapõe essa teoria à da interseccionalidade e argumenta sobre seu potencial, pois, para ela, a referida vertente é capaz de abarcar de forma unitária os diversos atravessamentos que limitam as mulheres quando pensa-se na condição desses indivíduos dadas as imposições do capitalismo vigente, diferentemente do que propõe a interseccionalidade, a partir de sua visão.

Cinzia Arruzza aduz que a perspectiva teórica interseccional busca analisar a realidade tendo em vista categorias de análise que se separam, ou seja, acredita que o estudo da condição feminina é feito levando-se em consideração cada um dos sistemas de forma separada, ainda que a proposta seja relacioná-los. Para a autora haverá sempre uma camada que irá se sobrepor às outras e, portanto, será privilegiada, sendo incapaz de ler a realidade holisticamente. Ademais, sugere a teoria da reprodução social não somente para reflexões acerca do papel feminino na sociedade capitalista mas, de forma mais abrangente, para análises sobre a reprodução do próprio sistema, já que, em seu modo de pensar, este não sustenta-se apenas devido a automatismos, mas liga-se totalmente à reprodução da vida humana, a qual origina-se e mantém-se, majoritariamente, devido ao trabalho feminino.

Ela assevera que:

“Uma teoria unitária da reprodução social implicaria a compreensão da abrangente lógica da acumulação ampliada capitalista de uma maneira que é substancialmente diferente de uma lei mecânica. O capital, de fato, não é uma máquina. Enquanto o automatismo é um dos traços do processo de auto-valorização do valor, o entendimento do processo de reprodução do capitalismo não pode estar simplesmente apoiado em uma compreensão de seus aspectos automáticos. Esses, de fato, são

constantemente combinados com a agência humana e com a agência de classe dentro do processo de reprodução total, de maneira que perder de vista um desses aspectos leva a uma compreensão muito empobrecida do funcionamento fundamental da acumulação ampliada capitalista.” (ARRUZZA, 2016, p. 56)

Outras autoras mais, como Bhattacharya, Fraser, Safiotti e Federici, abordam as jornadas duplas e triplas assumidas por mulheres, que além do trabalho formal, assumem os afazeres domésticos. Estes, apesar de fundamentais para a existência e continuidade da vida, são invisibilizados como estratégia para garantir ganhos ao capital, uma vez que introjetou-se historicamente no imaginário social que a trabalhadora do lar exerce tal tarefa por amor à sua prole. O depoimento de uma estudante alude à argumentação anterior; esta mulher afirmou que as tarefas domésticas designadas a ela impactaram em sua performance acadêmica. Em suas palavras: “Sim, porque eu trabalhava mais que colegas sem filhos e o pior, nunca fui paga para isso. Criei força de trabalho qualificada sem receber um real por isso, pelo contrário, tive apenas gastos e preocupação”.

Em consonância a dados recentes levantados pelo IBGE, verifica-se que as problematizações feitas pelas autoras e confirmadas pela aluna, ainda se aplicam. Segundo o Instituto, “em 2019, os homens dedicaram em média 11 horas por semana aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, enquanto o tempo dedicado pelas mulheres a estas tarefas foi de cerca de 21 horas e meia por semana”.

A passagem revela que, mesmo diante de avanços significativos conquistados pelas mulheres, no que refere-se à maior autonomia e, conseqüente, fluidez diante dos papéis impostos socialmente, o público feminino ainda sobrecarrega-se com as ditas “tarefas do lar”, fator que interfere diretamente em suas vidas para além deste ambiente.

Depoimentos relacionados a essa problemática foram proferidos por algumas alunas, que sinalizaram a sobrecarga do trabalho doméstico e o impacto deste sobre suas formações, sendo este um dos limitadores para sua plena inserção no ambiente acadêmico. Esta é uma evidência clara de que o estudo proposto necessita entrelaçar diferentes olhares para ser capaz de interpretar o fenômeno investigado, uma vez que o mesmo se ampara por sistemas amplamente consolidados, como o capitalismo e o racismo.

Quando questionadas(os) acerca da responsabilidade com as tarefas domésticas e se estas interferiam ou interferem no desempenho acadêmico, houve uma prevalência de respostas positivas, dadas tanto por mulheres quanto por homens, o que evidencia relativa mudança na predestinação deste papel às mulheres. Relativa, pois, como demonstrado pelo IBGE, mulheres ainda são maioria nesses afazeres. Dentre a vasta gama de depoimentos, destacam-se os seguintes, feito por uma estudante egressa e outra regularmente matriculada, respectivamente:

“Quando temos que trabalhar para nos manter e preocupar com questões de casa e outros, tudo isso acaba impactando nos estudos. Já não tinha muito tempo, então fazia o que dava mesmo. Acabei não fazendo matérias que gostaria de ter feito, estágios, entre outros.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

“Sim, sou responsável. Como trabalho, estudo e tenho tarefas domésticas, não consigo ter o mesmo proveito e desempenho de estudantes do meu curso que tem o tempo livre. Portanto, interfere sim!” (Resposta dada por estudante regularmente matriculada do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

Entender as implicações da esfera privada na pública, a partir da visão proposta pelo feminismo de cunho marxista, esclarece que a produção do espaço acadêmico ocorre a partir da interação das diferentes classes, que abarcam grupos variados. Assim, tanto o sujeito detentor de poder, quanto o excluído, deixam suas marcas no espaço público. Como ressalta Ana Fani (2013), “a produção espacial é a expressão das contradições da sociedade que aparece na paisagem pela justaposição de riqueza e pobreza [...]”, ou pela justaposição de outras oposições mais, como a de gênero, embebida em seu binarismo, ou a de raça.

Todos os aspectos abordados até aqui revelam entraves na real inserção feminina universitária, porém, é devido a situações desafiadoras que surgem alternativas e propostas de mudanças às realidades existentes. Ao refletir a respeito do espaço geográfico acadêmico da UFV, há de se ressaltar a presença de mulheres à frente de laboratórios que compõem este espaço. As professoras inseridas no Departamento de Geografia, estão na dianteira de projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão, contribuindo, desta maneira, para a construção de espaços representativos para as estudantes do curso.

São elas, mulheres negras e brancas, que coordenam ou já coordenaram programas de iniciação à docência; o núcleo de Geografia de residência pedagógica; o mestrado acadêmico; que já estiveram à frente da chefia do departamento, dentre outras funções. Estas docentes estiveram ou estão presentes também em grupos de estudo e pesquisa interdisciplinares presentes na Universidade, a exemplo tem-se: o Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG/UFV); o Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (ECO/UFV) e o Programa Espaço de Ciências "Entre Folhas".

Ao entender o espaço acadêmico para além dos muros da Universidade, uma vez que no mundo atual as conexões são estabelecidas também pelos fluxos, definido por Milton Santos (1988) como “um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam”, há mulheres que integram e possibilitam o intercâmbio com programas e projetos de outras universidades, brasileiras e internacionais. É o caso do vínculo com o Centro de Estudos de

Geografia do Trabalho (CEGeT) e o Centro de Estudos e Pesquisas do Trabalho, Ambiente e Saúde (CETAS), situados na Unesp de Presidente Prudente.

Outro exemplo deste tipo de iniciativa relaciona-se ao trabalho de uma das primeiras docentes a integrar o curso de graduação em Geografia da UFV. Através dos questionários foi possível constatar que tal professora sempre atuou como referência para o corpo discente, principalmente para as mulheres, uma vez que vê-la ocupar espaços importantes dentro da ciência geográfica fez com que grande parte das estudantes se inspirassem e almejassem lugares antes desacreditados para elas. A profissional em questão, além de exercer com maestria sua profissão junto às(aos) alunas(os), atuou, segundo informações retiradas do Currículo Lattes, concomitantemente como bolsista do Programa da Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE) de Apoio à Pesquisa para Jovens Docentes Pesquisadores; coordenou e participou de projetos financiados pela Agência Nacional de Pesquisa (França) CAPES, FUNARBE, CNPq e FAPEMIG, além de ser pesquisadora convidada do Centre de Recherche en Histoire Internationale et Atlantique (CRHIA-França).

Diante destas evidências e da ideia trazida por Joseli Maria Silva, sobre a produção do espaço ser ocasionada pelo gênero e não o contrário, é notável a importância destas professoras na construção de espaços acadêmicos, que, por suas vezes, não devem ser lidos como femininos mas sim como ambientes capazes de enxergar seus pares com maior acolhimento e empatia, em detrimento daqueles que, por ventura, possam ser hostis para as mulheres.

Os limites para a inserção da estudante de graduação em Geografia no ambiente universitário não se materializam de forma concreta, mas fazem parte de toda uma organização social e econômica que, através de discursos e performances viris, potencializam e reafirmam posições para os diferentes sujeitos dentro deste espaço. Sendo assim, é interessante pensar na existência de uma identidade feminina como importante agente na compreensão do espaço, pois, é partir desta identidade, que questões relacionadas ao poder e à hierarquia, ocasionadoras de assimetrias, como bem aponta Joseli (2003), são tensionadas a fim de que sejam reconfiguradas.

3.2.2- Espacialização e territorialização da geógrafa na UFV

O conceito de territorialização está atrelado ao de território e territorialidade, juntos complementam-se e tornam animado aquilo que chama-se espaço geográfico, seja a partir de uma visão antropocêntrica, seja pelo arranjo organizacional de outras espécies, uma vez que o ato de territorializar refere-se à demarcação e defesa de um território específico percebido como

próprio. Ao considerar especificamente o *Homo sapiens*, estes indivíduos são capazes de dar significado cultural e identitário aos lugares que ocupam.

Dentro desta perspectiva, entende-se que um território existe como manifestação da territorialidade de um grupo e de sua territorialização. Ao territorializar, as diferentes sociedades espalhadas pelo mundo criam seus costumes e tradições e se reconhecem a partir de práticas afins, que variam de acordo com a narrativa de cada uma delas. Esse reconhecimento advém também pela diferença em relação ao outro, uma vez que os sujeitos sabem quem são pela identificação daquilo que não são.

Quando reflete-se a respeito das minorias, o raciocínio não é diferente e, portanto, pode-se entender a formação de coletivos identitários como formas de expressão da territorialidade, bem como práticas peculiares, exercidas individualmente mas adquiridas por meio da estrutura, como exemplo tem-se os comportamentos impostos aos diferentes grupos: mulheres, homens, homossexuais, negros, etc. À medida que estas ações se propagam, é possível perceber mais facilmente a espacialização das(os) sujeitas(os), ou seja, sua disseminação, maior ou menor, pelo espaço geográfico.

A exemplo do que foi dito e tendo em vista o ambiente universitário, pode-se pensar nas diversas conformações acadêmicas que dão vida ao campus, como grupos de estudos e pesquisas, a organização de pessoas compondo projetos que promovem intervenções diretas no território academicista, seja no quesito cultural, político, econômico, etc.

Vistos sob esta ótica e levando em conta um enfoque generalista, a análise do objeto de estudo e dos componentes³ que ajudam a formá-lo, aponta que a estudante de Geografia da UFV encontra-se inserida nos diversos espaços formadores desta Universidade, como visto na discussão do subtópico 3.1.3, o que sugere sua territorialização e espacialização acadêmicas da maneira esperada, ou seja, ocupando de forma simétrica, quando comparada a seu par oposto, este espaço.

É relevante ponderar que, de forma genérica, tal espacialização não considera aspectos abstratos, que, como já discutido no decorrer do trabalho, não são facilmente detectados. Assim, não é exagero afirmar que a “ampla” espacialização feminina aparece mascarada, tendo em vista os atravessamentos sexistas imateriais que permeiam a vida da aluna. Para Ribeiro (2019, p. 77), “se racismo e machismo são elementos fundadores da sociedade, as hierarquizações de humanidade serão reproduzidas em todos os espaços”.

³ Chama-se a atenção para o fato de que nesta pesquisa as pessoas não são entendidas como objetos, apenas ajudam a compor o lócus analisado, o curso de Geografia da UFV.

E, para além desta questão, faz sentido retomar o pensamento de Massey (2008) a respeito da dimensão tempo-espaço e do seu entendimento de que o espaço é relacional, ou seja, aquele que constitui-se a partir da multiplicidade.

A autora reflete sobre a ideia de homogeneidade proposta pela globalização, segundo ela tal ideia trata-se apenas de um imaginário ancorado na dimensão temporal para se firmar enquanto realidade inquestionável; ressalta ainda que tempo e espaço são conceitos complementares, porém, essencialmente diferentes. A concepção de que os “diferentes tempos” (processo particular, unitário, individual) são responsáveis pela distinção entre os povos e territórios espalhados pelo mundo, suprime a dimensão espacial e faz crer que algum dia todos os povos e seus respectivos países, independente de suas realidades peculiares, estarão no mesmo patamar econômico, tecnológico, social..., tal qual aqueles pertencentes ao norte global. Será essa uma verdade?

Notadamente, trata-se de uma narrativa hegemônica, que ignora a multiplicidade espacial a fim de atender aos interesses de grupos específicos. É possível afirmar que a globalização não produz homogeneidade mas sim diferença, isso se aplica quando fala-se, sobretudo, no tocante a produtos, lugares e pessoas, pois, é a desigualdade disfarçada de diferença que favorece o capitalismo. Milton Santos assevera que:

“[...] para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção.” (SANTOS, Milton, p. 10, 2000)

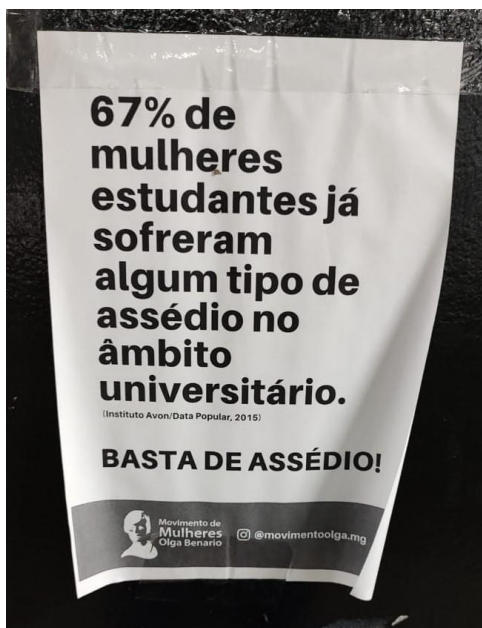
Dessa forma, ao fazer a leitura da realidade analisada, a territorialização e a espacialização feminina no *campus* da UFV, a partir da interpretação de mundo trazida por Doreen Massey, percebe-se que a estudante de Geografia espacializa tendo em vista sua multiplicidade e assim, certamente, destoa da narrativa hegemônica sobre a qual edificou-se a instituição, ainda que tal realidade não se mostre claramente. A partir desse entendimento avança-se na ideia de que a multiplicidade feminina não é imperativa neste espaço, uma vez que o mesmo não foi criado visando a mulher como componente, mas sim como sujeita excluída. Haja vista depoimentos coletados via questionários, que evidenciam notadamente a superioridade da presença masculina em determinados espaços e territórios institucionais. As falas a seguir retratam a situação: “Eu gostaria muito de ter aulas com mulheres do departamento de Geografia (e não de outros cursos) envolvidas nas áreas ambientais,

gerenciamento de resíduos, sustentabilidade, ecologia e afins. [...]” Outra aluna, ao ser questionada sobre a falta de paridade no corpo docente influenciar ou não em suas escolhas formativas, respondeu: “Sim, é um mundo totalmente diferente (masculino), ter mulheres mostraria como seria a vivência que eu provavelmente teria fazendo aquilo.”

Porém, apesar da realidade destacada, verifica-se na Universidade Federal de Viçosa, coletivos femininos que contribuem para grafar no espaço suas especificidades, um deles é o Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG), que, segundo informações retiradas do site da organização, “desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão tendo como referência os Estudos de Gênero e Estudos Feministas [...]”

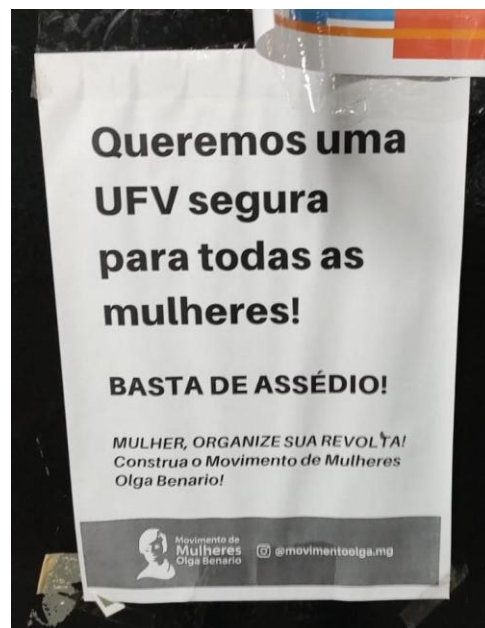
Outro, trata-se do movimento de mulheres Olga Benário, que existe a nível nacional e está presente também na UFV. Abaixo tem-se fotos representativas de intervenções realizadas no campus da Universidade por intermédio deste, as quais abordam o assédio contra as mulheres tendo em vista o cenário brasileiro e o lócus investigado.

Figura 20: Manifestação da territorialidade feminina no campus da UFV



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21: Manifestação da territorialidade feminina no campus da UFV



Fonte: Arquivo pessoal

Não há dúvidas que estas organizações tratam-se de importantes espaços formadores e de acolhimento às mulheres, onde as mesmas, em um contexto interdisciplinar, têm a oportunidade de refletir e juntas tensionar a respeito de suas realidades enquanto estudantes, manifestando dessa forma suas territorialidades femininas e, conseqüentemente, contribuindo para a transformação do ambiente no qual especializam.

Na tentativa de tornar visível essas diferentes formas de territorialização e espacialização da geógrafa na UFV, entrevistou-se docentes do curso e de área colaborativa, bem como alunas e ex-alunas, para ponderarem a respeito da questão. A resposta de algumas(alguns) professoras(es) destacaram-se diante do entendimento de que é possível a territorialização estudantil a partir do gênero, estas(es) afirmaram que tal dinâmica ocorre com base nas narrativas das sujeitas, via seus lócus de enunciação, que podem ser entendidos tendo em vista um conceito em voga, recuperado e difundido na atualidade por Djamilia Ribeiro, “lugar de fala”. Ribeiro (2017) explica que possuir lugar de fala permite a expressão da existência de todas(os) aquelas(es) que historicamente foram subalternizadas(os), é o que permite a discussão de poder e seu tensionamento, a partir de uma compreensão foucaultiana.

Ao possuir lugar de fala, a sujeita (que deve ser compreendida inserida em um grupo e não individualmente, uma vez que localiza-se socialmente a partir de atravessamentos em comum, neste caso, o sexismo), é capaz de expor sua perspectiva sobre sua experiência no mundo e, ao ser ouvida, reduz a distância para o acontecimento de possíveis transformações que venham a atender suas necessidades. Tal otimização do processo é fundamental e deve-se ao fato de dispensar um sujeito específico, que pode ser entendido como “atravessador” do discurso. Este, por não vivenciar em essência as demandas daquelas(es) que não são seus pares, pouco ou nada contribui para a resolução de conflitos e promoção de igualdade e equidade. Esta é a história feminina, da raça não ariana, das sexualidades que fogem ao padrão heteronormativo, contada e, por consequência, definida por aqueles que dão vida ao patriarcado.

O momento presente traz “ventos de esperança”, conduzindo a pensar que novas formas de existir tornam-se cada vez mais possíveis e ganham concretude a partir da espacialização das narrativas daquelas e daqueles que tradicionalmente não possuíam lugar de fala, mas que têm conquistado significativamente este lugar na contemporaneidade, a partir de sua legítima territorialização. Dessa forma, é possível entender que os fenômenos territorialização e espacialização, pelo viés do gênero, ocorrem, na UFV, via formação de nichos que se definem, uns a partir dos outros, porém, é difícil delimitar claramente tais fenômenos pela atuação específica da estudante de Geografia, uma vez que esta insere-se nos mais diversos espaços de formação propostos pela Universidade.

Em contrapartida à visão destacada, outro grupo de professores argumentou não perceber a vinculação entre os atos de territorializar e espacializar junto às questões de gênero, para eles, a maneira como os diferentes grupos territorializam associa-se ao quesito afinidade e isso independe do gênero. Para um dos entrevistados, as(os) alunas(os), ao chegarem na Universidade, se aproximam de grupos com os quais se identificam. Disse que tal identificação

pode até coincidir com o gênero, porém, não tem conhecimento de alguma pesquisa que aborde tal associação. Em suma, para o docente, tais escolhas vinculam-se à história de vida das pessoas, individualmente, e não ao gênero.

Diante das diferentes percepções apresentadas pelas(os) participantes da entrevista semiestruturada, percebe-se que a leitura da realidade hora é feita considerando a estrutura social, hora realiza-se tendo em foco o indivíduo. Porém, cabe recordar, que ao tratar-se de problemáticas altamente engendradas no tecido social, fala-se em estrutura e não em experiências unitárias. Assim, entende-se que a geógrafa territorializa e espacializa, tendo em vista sua classificação enquanto mulher, localizada socialmente, e atravessada por questões que permeiam a sua existência enquanto grupo.

A fala de uma das docentes reitera a passagem anterior: “As mulheres são mais retraídas em sala de aula, os homens falam muito mais”. Este comportamento, percebido como algo coletivo, revela a distinta vivência espacial por parte destes indivíduos, trata-se de um exemplo claro, que por ser naturalizado e dada sua sutileza, deixa de chamar atenção enquanto uma problemática de gênero, mas que claramente o é. O que explica tal introspecção feminina em massa, com apenas algumas exceções à regra? A resposta remete a situações estruturais já exaustivamente mencionadas neste ensejo. Todavia, cabe trazer a experiência de uma aluna regularmente matriculada, que expõe sua territorialização e espacialização na instituição, enquanto mulher cisgênero⁴. Ela afirma, que apesar de ter sido bem acolhida no laboratório de Geografia Física, o qual frequenta como bolsista, sentiu-se inicialmente intimidada⁵, pois era a única mulher naquele ambiente. Segundo a mesma, é facilmente perceptível a discrepância entre o número de mulheres e homens, que julga ocorrer por acreditar que haja um direcionamento feminino à Licenciatura. Além disso, entende que demorou mais a ser incluída nos projetos de seu interesse do que colegas que são homens, interpreta que, quando chegam os recursos para inclusão de estudantes em grupos de pesquisa, os rapazes são alocados primeiro e, posteriormente, as moças, para ela: “os homens têm sempre mais chance de protagonizar esses papéis”.

Porém, é importante destacar também, que a territorialização e espacialização da estudante de Geografia é potencializada pela ação de docentes que buscam o rompimento de padrões ultrapassados e propõem transformações em suas práticas de sala de aula. A adoção de

⁴ O termo cisgênero é utilizado para descrever pessoas cuja identidade de gênero está alinhada com o sexo que lhes foi atribuído no nascimento.

⁵ A intimidação neste caso não se relaciona a atitudes machistas que porventura poderiam ser sofridas pela aluna. Ela deixou claro que nunca foi acometida por esse tipo de conduta. O que leva à sua intimidação, é sua própria individualidade, no que tange ao seu jeito de ser.

literatura que contemple os conteúdos e que sejam assinadas por autoras, tem sido cada vez mais comum. Isso promove a expansão tanto do reconhecimento de estudiosas mulheres, quanto da identificação feminina na ciência geográfica.

Tendo em vista a argumentação proposta, percebe-se que a geógrafa em formação, na Universidade Federal de Viçosa, espacializa a partir de suas peculiaridades enquanto sujeita social localizada estruturalmente, enfrentando assim desafios inerentes de sua condição de gênero e outros atravessamentos possíveis. No entanto, essa mulher tem conquistado cada vez mais seu espaço através da expressão de sua territorialidade.

3.3. A APROPRIAÇÃO FEMININA AO ESPAÇO PÚBLICO UNIVERSITÁRIO

Dando prosseguimento ao debate anterior, este tópico problematiza o acesso conferido à mulher ao espaço público universitário, através da abordagem da apropriação feminina a este ambiente. Buscou-se identificar e entender as limitações enfrentadas pelas mulheres na academia, no que tange ao direito de ir e vir. Paradoxalmente investigou-se a apropriação e a produção do espaço pela geógrafa.

3.3.1. Mulher, um corpo subversivo na universidade

“Ele [o corpo] marca uma fronteira entre o eu e o outro, tanto em um sentido fisiológico literal quanto em um sentido social. É um espaço pessoal. Um órgão sensual, o local de prazer e dor em torno do qual as definições sociais de bem estar, doença, felicidade e saúde são construídas, é o nosso meio de nos conectar com, e experimentar outros espaços.” (Valentine, apud Johnston e Longhurst, 2023, p. 41)

A passagem introdutória refere-se ao corpo como um meio de conexão e experimentação de outros espaços, dessa forma, aduz ser a matéria, também um espaço. Tal entendimento é coerente quando associado à dinâmica da vida, composta por diversos cenários experimentados pelas sujeitas, sujeitos e sujeites, dadas as suas especificidades associadas ao corpo. Ou seja, a forma como cada ser humano experimenta sua estadia no espaço geográfico tem relação direta com atravessamentos de variadas ordens, inclusive com aqueles relacionados à forma física, o que inclui: etnia, sexualidade, raça, idade, gênero, etc. Assim, é correto dizer que a universidade não isenta-se de acolher de forma diferenciada os distintos corpos que a ela frequentam, uma vez que inserida na escala mundo está ancorada sobre problemas oriundos da

formação social, que levam à disseminação de preconceitos, racismo, exploração, opressão e desigualdades.

Dessa maneira, ao pensar a relação instituição e corporeidade, cabe retomar que a criação deste espaço deu-se através de sujeitos específicos, para atingir a um nicho igualmente específico. Dada a sua origem, como sabido, quem esteve à frente de sua idealização e implementação, como berço do conhecimento científico, foi o homem branco europeu.

Retomando o pensamento de que “conhecimento é poder”, o fato da universidade ter sido criada por homens caucasianos diz muito a respeito de quem foram e ainda são os detentores do conhecimento e, conseqüentemente, empossados de poder. Essa lógica, que possui a exclusão por inerência, está envolvida em problemáticas relevantes no contexto social atual e tais adversidades associam-se à presença das minorias no espaço acadêmico. Compondo as mulheres uma minoria, a figura feminina configura-se enquanto um corpo estranho no espaço de construção do saber formal.

Analisar o espaço a partir da corporeidade significa entender o corpo como uma dimensão capaz de contribuir para o debate geográfico. Faz sentido tal compreensão, uma vez que os sujeitos que territorializam, o fazem de diferentes maneiras, não somente devido às suas peculiaridades culturais, mas também por imposições hegemônicas sobrepostas ao corpo, já que algumas características fisionômicas, como por exemplo cor e sexo, sempre foram marcadores de hegemonia ou subalternidade concomitantemente.

É o que se verifica ao longo da história da colonização, onde o poder esteve sob a posse dos colonizadores em detrimento dos demais povos. A dominação ocorrida teve como uma de suas bases o discurso acerca da supremacia racial branca, mas não somente as características étnicas foram usadas como justificativas a tal feito, o gênero também fez parte desta dinâmica. Assim, muitas sociedades foram inferiorizadas em prol de um etnocentrismo, a exemplo, tem-se a história da colonização latino-americana a partir de uma referência eurocêntrica.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que os ditos corpos dissidentes, representados principalmente através do gênero, da etnia, da raça e da sexualidade, ou seja, mulheres, indígenas, negras(os) e comunidade LGBTQIAP+, estiveram, ao longo de um extenso período, e ainda permanecem, subalternizados. Haesbaert (2021, p. 173) reitera essa ideia ao dizer que “devemos reconhecer também a longa negligência e/ou o menosprezo em relação à multiplicidade inerente ao próprio corpo, ou seja, suas manifestações em termos de classe, gênero, raça, nacionalidade, capacitação física e idade ou faixa geracional.”

Porém, em contrapartida à lógica hegemônica, formas de resistência surgem. Estas se materializam através da presença dos “corpos desiguais”, ou seja, aqueles que não refletem a

figura soberana do homem caucasiano, abastado, europeu; mas sim de sociedades exploradas e oprimidas. Este movimento de contraposição, representado em grande parte por grupos que levantam bandeiras tensionadoras ao tradicionalismo arcaico e segregador, configura importante mecanismo de re-territorialização e de (r)existência, termos cunhados também por Haesbaert (2021). (R)existir, neste caso, é muito mais do que apenas permanecer diante da discordância, é, na verdade, encontrar novas formas para existir, para se manter viva(o) em uma sociedade marcada por violências diversas.

Já Lima (2023), vai além, ao extrapolar a ideia dos corpos compondo o espaço, para o autor, assim como para Valentine, *apud* Johnston e Longhurst (2023), “os corpos não estão no espaço, [...] são o espaço.” Esta visão não apenas potencializa a leitura espacial, pois propicia a emergência do corpo como nova categoria de análise, mas inova epistemologicamente, fazendo a Geografia avançar enquanto ciência.

Em consonância a ambas as perspectivas, é possível traçar um paralelo entre o corpo feminino, historicamente inferiorizado em relação ao masculino, e a inserção da mulher na universidade, pois, como é notório, o sujeito normatizado é quem adquiriu protagonismo também na formação acadêmica e inevitavelmente manteve posição de centralidade e privilégio.

Nesse sentido, a universidade, que não foi feita por e nem para as mulheres, até os dias atuais reflete assimetrias relacionadas ao gênero que remetem ao surgimento da instituição. Ainda hoje, homens ocupam os cargos de maior prestígio dentro dos centros de ensino superior, ficando as mulheres, na maioria das vezes, em posições coadjuvantes, mesmo compondo a maioria numérica nestes locais. Segundo reportagem de 2023 publicada pelo IBGE, no Brasil,

“quanto à educação, mostra-se uma tendência geral de aumento da escolaridade das mulheres em relação aos homens, sendo que as mulheres atingem em média um nível de instrução superior ao dos homens. Entre os homens com 25 anos ou mais de idade, 15,1% têm ensino superior completo. Já entre as mulheres com 25 anos ou mais de idade no país, 19,4% completaram o ensino superior.” (IBGE, c2023, <<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>>)

Assim, ainda que não numericamente, o espaço acadêmico coloca-se enquanto ambiente masculinizado e, segundo Silva (2009) interdito, pois não permite que os diferentes gêneros o experimentem de forma igualitária. O pensamento trazido por Joseli Maria Silva dialoga com a ideia de espaço e território proposta por Léfèbvre *apud* Raffestin (1993), quando o autor diz que o espaço se transforma em território à medida em que é produzido. Logo, ao entender a universidade como espaço interdito para as mulheres, fica claro que este se constituiu a partir

da intencionalidade de sujeitos específicos, que o territorializam de modo a dominá-lo cada vez mais.

Discutindo ainda acerca da noção de espaço e de território para a Geografia, a partir da perspectiva proposta por Raffestin (1993), este aborda a produção territorial via a atuação dos sujeitos sintagmáticos e paradigmáticos⁶. O autor argumenta que o território é um espaço ocupado por um agente sintagmático, que estabelece relação de dependência em um espaço-território. Este ator, segundo Raffestin, é aquele que realiza um programa, ou seja, um plano de ação para territorializar.

Sua discussão traz o território como originário do espaço. Para ele, o espaço antecede o território, que por sua vez é formado a partir do trabalho dos sujeitos, da territorialização dos mesmos. Para que o espaço se torne território é preciso que ali tenha sido empregado energia e informação, que por consequência levarão ao poder. De forma a clarear o que foi dito, tem-se a seguinte passagem: “o espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si”. (RAFFESTIN, p. 144. 2013)

Partindo desta breve concepção de território provocada por Raffestin e indo ao encontro do pensamento de Silva, fica evidente que a universidade constituiu-se enquanto território a partir do trabalho, energia, intenções e poder daqueles que a conceberam. Existe aí uma problemática clara, que atenta para a ideia de que o território voltado à produção do saber científico, apesar de se dizer plural, ainda carece de avanços neste quesito.

A diversidade aparente hoje no território acadêmico só é possível a partir da resistência e do tensionamento gerados por aquelas e aqueles que historicamente foram subalternizados, ações estas que levam a alterações na estrutura vigente. A implementação de políticas públicas afirmativas é um exemplo, a organização de coletivos acolhedores para as minorias, outro.

Para além da realidade de surgimento da instituição, que faz entender o gênero feminino menos ambientado ao espaço acadêmico do que seu par oposto, tem-se também os atravessamentos de cunho sexista, os quais provocam certo retraimento do corpo feminizado ou até mesmo levam à sua ausência neste espaço, que passa a ser então local de negação para as sujeitas que o frequentam, a exemplo tem-se laboratórios voltados a certas áreas, nas quais a presença masculina é majoritária e, sendo assim, conseqüentemente se impõe.

A fala de todas as alunas entrevistadas confirmam tal afirmação. Quando questionada se algumas áreas de formação oferecidas pelo curso apresentam tendências de maior ou menor

⁶ Ver: RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

ocupação por determinado gênero, uma das estudantes cursistas afirmou que percebe certa tendência das mulheres irem mais para a Licenciatura e os homens para o Bacharelado, o que para ela, é perceptível nos laboratórios, sobretudo naqueles mais relacionados ao bacharel, onde, frisa, “a presença masculina, em termos de número de alunos, é consideravelmente superior”. A estudante acredita que tal questão se dê por estrutura cultural, embora também considere que tal situação venha mudando aos poucos com o crescente interesse de mulheres pela área.

Outro viés menos discutido sobre o corpo, mas igualmente importante aos anteriores, pois, afeta consideravelmente a existência feminina e, portanto, sua territorialização e espacialização, diz respeito ao “corpo belo”, assim entendido apenas quando padronizado, ou seja, de acordo com o dito popular, quando atinge o *status* de “corpo sarado”. Neste, estão presentes elementos que muitas vezes ultrapassam o conceito de saúde mas são usados em referência a esta, amparados pelo discurso do “autocuidado”, por sua vez, elitizado e segregador.

Quando se pensa em um país como o Brasil, onde o poder aquisitivo da maior parcela populacional não proporciona condições para arcar com um estilo de vida que atenda às necessidades básicas, encontrar-se refém de padrões estéticos inatingíveis, confere, principalmente às mulheres, perda de energia e alienação para lutarem por mudanças reais que as possibilite alcançar maiores projeções de vida e atuação no espaço geográfico.

Como bem menciona Naomi Wolff (2020), tal imposição e opressão, trata-se de um mito, o da beleza, que leva ao controle feminino, pois, enquanto as mulheres estão preocupadas com seu perfil estético, os homens estão conquistando o mundo.

A mulher, que vivencia na pele tal opressão, quando dona de um corpo que não se encaixa às determinações socialmente colocadas, se vê inadequada e, devido à estereotipização corporal, normalmente não possui forças para lutar, pois é distraída de seu foco principal. Evidentemente, esta trata-se de uma das ferramentas do patriarcado para o controle feminino.

Retomando o pensamento de Lima (2023), que afirma ser o corpo o próprio espaço, em conformidade com aquele proposto por Johnston e Longhurst (2023), que acreditam ser ele a geografia mais íntima, percebe-se que a corporeidade está para além de um simples elemento destoante da análise geográfica, pelo contrário, todas as(os) renomadas(os) geógrafas(os) apontadas(os) neste texto, revelam que o corpo deve ser entendido como uma categoria de análise, capaz de provocar interpretações a respeito do espaço em suas diversas conformações e nuances, afinal, “nossos corpos fazem diferença em nossa experiência de espaços e locais. Nosso tamanho, formato, saúde, aparência, vestimenta, comportamento, sexualidade e práticas

sexuais afetam como nós respondemos aos outros e como as pessoas respondem a nós” (Johnston e Longhurst, 2023, p. 41) e, conseqüentemente, como conduzimos a configuração daquilo que chama-se espaço geográfico.

A cultura do estupro é um exemplo claro de como os corpos dos diferentes gêneros estão expostos à violência. Sabe-se que uma mulher, em local ermo, independente do horário, está consideravelmente mais propensa a sofrer algum tipo de agressão do que um homem. Dados do Ipea (2023), estimam que ocorra no Brasil cerca de 822 mil casos de estupros por ano, o que segundo o Instituto, significa dizer que são 2 ocorrências por minuto, sendo que desse total apenas 8,5% chegam ao conhecimento da polícia e apenas 4,2% são identificados pelo sistema de saúde.

Pessoas que se reconhecem a partir do gênero feminino, compõem a maioria das vítimas, correspondendo ao número de 88,90%, enquanto aquelas identificadas a partir do gênero masculino, representam 11,10% dos casos, segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan/Ministério da Saúde). É cabível a apresentação destes dados, pois, fomentam a reflexão acerca da permanência da cultura sexista nos dias atuais, cultura esta que capilariza-se por toda a sociedade e espaços frequentados por esta.

Diante deste espectro, é comum a existência de discursos legitimadores do cerceamento feminino e de outros corpos destoantes da perspectiva heteronormativa, como é o caso dos transexuais, das travestis, etc., ao espaço geográfico. Em convergência, tem-se a ocorrência deste tipo de conduta nas universidades, que por serem regidas pela estrutura imposta, em maior ou menor grau, limita ou até mesmo impede a presença feminina em determinados locais, desautorizando a mulher em seu direito de ir e vir, de se portar, de se vestir, colocando, ainda nos dias atuais, sua conduta como determinante das violências e opressões por ela vivenciadas.

Esta cultura, trata-se de um fenômeno social que reflete a existência de atitudes, crenças e práticas que minimizam, normalizam ou toleram a violência sexual. Ela perpetua estereótipos de gênero, desvaloriza o consentimento, responsabiliza as vítimas e cria um ambiente onde a violência sexual é frequentemente desculpada.

Dessa maneira, é notório como a dimensão corpo relaciona-se à conformação do espaço geográfico e é, ao mesmo tempo, por ele moldada, em uma relação paradoxal, uma vez que ambos se interferem.

3.3.2. Espacialidade e territorialidade como formas de resistência

Introduzida a discussão sobre corpo e análise espacial geográfica a partir da presença feminina no ambiente universitário, é possível entender que o espaço, ao tornar-se território, não é neutro. Assim, compreende-se também, que realidades concretas são construídas pelos propósitos de suas(seus) atrizes(atores). Logo, o ato de territorializar coloca-se como forma de afirmação identitária de um grupo ou pessoa, podendo tal identidade manifestar-se tanto em âmbito concreto quanto simbólico.

Entendida a partir desta perspectiva, a territorialização é fator indispensável para que a(o) sujeita(o) coloque-se no espaço geográfico a partir de suas diferentes intencionalidades. Como evidenciado no decorrer do presente trabalho, intencionalidades estas, em grande medida distintas, já que provêm de papéis sociais pré-estabelecidos e conseqüentemente desempenhados pelos indivíduos. Assim, homens e mulheres tendem a almejar caminhos que atendam a seus interesses enquanto seres únicos e também coletivizados a partir de seus pares. Nesse sentido, as estudantes da UFV, por iniciativas próprias ou inseridas em grupos, atuam de forma a marcarem suas presenças no espaço acadêmico em que encontram-se inseridas. Pode-se dizer, que assim tensionam a realidade e resistem enquanto seres que buscam ser ouvidas, validadas e reconhecidas por meio da paridade, tendo em vista a experiência espacial vivida por seu par oposto.

É a partir dessa resistência que a transformação estrutural acontece, levando à ocorrência de novas narrativas que contribuem com a construção do espaço geográfico. Como aponta Massey (2008, pág. 31), o espaço deve ser imaginado como a esfera de possibilidade da existência da multiplicidade [...] sempre em processo, nunca como sistema fechado.

Uma das formas de resistir ocorre através da conscientização dos grupos sociais, que ao entenderem os mecanismos de manipulação sob o qual se inserem, traçam caminhos para a reversão desta lógica. Em vista disso, é possível apontar a consciência de gênero e o(s) Movimento(s) Feminista(s) (MF) como ferramentas disponíveis para a luta contra a exploração e a opressão; e a universidade, ao mesmo tempo em que não constitui-se enquanto território feminino majoritariamente, é o campo fértil que subsidia a discussão, inovação e aplicabilidade das teorias feministas.

O MF, através de suas diversas vertentes e epistemologias, trouxe as discussões de gênero para dentro das academias, provocando debates que ampliaram as reflexões e promoveram, conseqüentemente, maior empoderamento por parte das mulheres, que passaram a reivindicar igualdades e a pautar debates que caminham rumo a reconfigurações do espaço acadêmico. Como apontou Margareth Rago (2021), o feminismo promove uma transformação cultural que é muito relevante no que tange à mudanças na estrutura social. Neste sentido, é

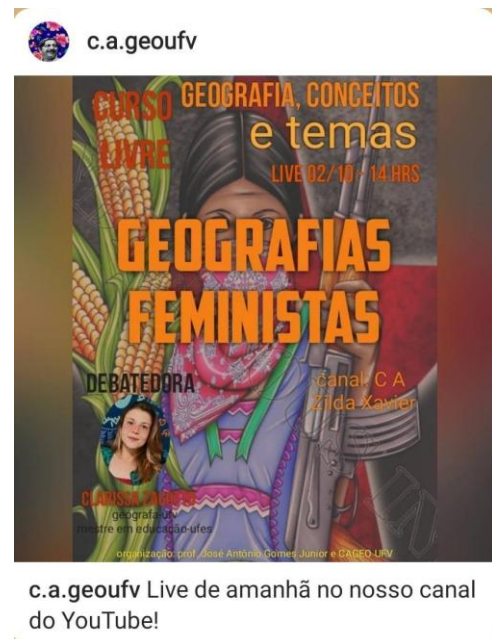
possível encontrar grupos que exercem esse tipo de atuação dentro da UFV, sejam diretamente vinculados ao curso, como é o caso do Centro Acadêmico de Geografia, atualmente representado pela gestão Chico Mendes, mas principalmente interdisciplinares, a exemplo do NIEG, do movimento de mulheres Olga Benário, do Ambulatório LGBTQIA+, do Meios (grupo de pesquisa em comunicação, relações raciais e gênero) e outros grupos formadores de consciência de gênero, existentes na instituição.

À exceção do NIEG, nenhum dos demais coletivos citados contam com a presença exclusiva de mulheres, mas sabe-se que estes espaços são acolhedores e amplamente mais democráticos do que aqueles ditos formais e tradicionais. Tratam-se de lugares que abraçam e abarcam as causas levadas pelas minorias, bem como pautam discussões que impulsionam transformações necessárias no espaço acadêmico.

Este território, tomado por disputas de narrativas e apesar de ser formado pela pluralidade de pessoas e ideias, tende a ser conservador, tendo em vista o histórico de sua origem e, especificamente no caso da UFV, por tratar-se de uma Universidade enraizada em uma cultura interiorana, agrária e tradicionalista. Todavia, embates se fazem presentes e grupos marginalizados têm conquistado progressivamente seu lugar na instituição. No caso feminino verificou-se ações como: estudantes mulheres à frente de mesas e discussões importantes em espaços formativos (semanas acadêmicas, seminários, etc.); reivindicação por temas que tratem gênero nas disciplinas; denúncias de assédio; exigência de uma literatura que contemple autoras, dentre estas, negras, latinas, indígenas, decoloniais; pesquisas que demonstrem a necessidade de dar atenção às questões de gênero.

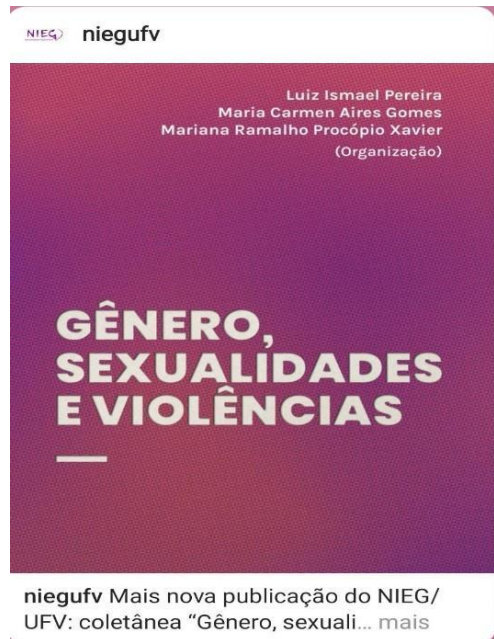
De acordo com uma das docentes entrevistadas, este devir demonstra a força daquelas e daqueles que “possuem outra forma de fazer a Geografia”. A seguir tem-se imagens representativas de alguns dos coletivos atuantes na instituição citados anteriormente.

Figura 22: Divulgação de palestra com o tema: Geografias Feministas



Fonte: Reprodução Instagram.

Figura 23: Divulgação de publicação com o título: Gênero, sexualidades e violência



Fonte: Reprodução Instagram.

Figura 24: Divulgação de espaço de acolhimento à saúde mental das mulheres trans e travestis



Fonte: Reprodução Instagram.

Figura 25: Divulgação de projeto: Do quilombo às favelas [...]



Fonte: Reprodução Instagram.

Como trata os autores Michael França e Alysson Portella, em bibliografia recente intitulada “Números da Discriminação Racial”; a importância de representatividades em posições capazes de promover alterações necessárias no tecido social, é indispensável. Segundo França, em entrevista concedida à Folha de São Paulo, em 01 de novembro de 2023, quando na ocasião falava a respeito da publicação de sua obra e de Portella, a “participação política é algo que importa”, para ele, a política brasileira é marcada pela figura do homem branco de alta renda, o que não favorece a implementação de políticas públicas que venham a atender as necessidades de grupos excluídos. Em suas palavras:

“[...] por mais que, [...], um indivíduo branco de alta renda possa ser bem intencionado e tente mudar a situação socioeconômica brasileira, ele também vai ter os vieses. [...] de gênero, [...] de classe social, ele vai ter o viés racial. Então, mesmo que ele tenha vontade [...] de fazer boas políticas públicas que de fato vão impactar a realidade do cidadão brasileiro, esses vieses podem fazer com que ele cometa erros sistemáticos. Não é por acaso, [...], que muitas políticas públicas no Brasil são mal desenhadas, também não é por acaso que [...] não estão chegando na população mais marginalizada. Quando uma pessoa, o homem branco, por exemplo, vai pensar política pública, ele pode ter uma agenda específica que vai ser muito diferente, por exemplo, de uma mulher negra da periferia e só essa mudança de agenda já pode fazer todo um efeito em termos de concepção de políticas públicas [...], tem a questão, não só do desenho, quanto da implementação, que vivências distintas podem beneficiar todo esse desenho, implementação e articulação de políticas públicas, como também pode afetar [...] a população ser mais participativa do processo político. Quando você

chega em Brasília, [...], vai no Senado, vai no Congresso e olha aquilo lá, que é basicamente só figuras de homens brancos na parede, por todo lado, isso é um problema estrutural da sociedade brasileira que tem que ser corrigido, enquanto a gente não conseguir corrigir isso, essa má representação política [...] é difícil quebrar com essa perpetuação estrutural das desigualdades, tanto raciais quanto de gênero [...].” (Spotify, ep. A discriminação racial no Brasil em números. 01 nov. 2023)

A fala do autor e entrevistado, reflete o pensamento de autoras e autores já mencionados ao longo de toda a discussão, como Doreen Massey, Rogério Haesbaert, Lélia Gonzalez, Joseli Maria Silva, Milton Santos, dentre outros, que compreendem a multiplicidade existencial e a necessidade desta ser entendida e tratada com o devido rigor, para que os caminhos tomados levem à igualdade e equidade e não à discriminação pela diferença.

Nesse sentido, entende-se que as estratégias utilizadas pelas estudantes de Geografia da UFV, para se autoafirmarem enquanto alunas que devem ter assegurados seus direitos ao e no espaço público, que é a Universidade, driblam a negação espacial embutida nas relações de poder que permeiam a instituição e conferem às minorias, melhores e maiores possibilidades de existência e permanência neste local.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a questão inicial, norteadora desta pesquisa, “Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV?” e diante dos levantamentos de dados realizados e conclusão das análises, considera-se que, para reputar a existência e a atuação do fenômeno sexismo enquanto um atravessamento na graduação de mulheres no curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, é preciso que se atente também às questões subjetivas não descritas em documentos oficiais, já que normatizadas e portanto desconsideradas, mas comumente presentes na oralidade advinda de vivências, tanto a partir de experiências coletivas quanto particulares das sujeitas e sujeitos. Refere-se assim a relatos envolvendo situações de desconforto vivenciadas pelas alunas, no que tange à relação destas com superiores hierárquicos dentro da academia.

Quando fala-se em subjetividade, remete-se fundamentalmente às relações de poder estabelecidas e como as ações de quem detém cargos de liderança impactam a vida daquelas(es) que não detêm. No contexto universitário, as(os) agentes detentoras(es) do poder são mulheres e homens, mas como já comprovado exaustivamente por diversos outros estudos científicos, principalmente os homens. Dessa forma, a falta de representatividade feminina nos cargos mais privilegiados da instituição reflete-se diretamente na configuração de um espaço geográfico não

equitativo, que por consequência apresenta disparidades no que tange também ao acolhimento ao público feminino e à promoção de transformações que venham a sanar estas assimetrias.

A Geografia da UFV, em conformidade com a passagem anterior, é atravessada pela falta de representatividade no corpo docente, sendo esta a primeira evidência do fenômeno estudado que destaca-se visivelmente, pois, sendo a professora uma referência de gênero importante para a discente em formação, a ausência desta profissional em áreas específicas do curso contribui como um dificultador para a inserção de mulheres nestas áreas, a exemplo tem-se aquelas voltadas à Geografia Física, o que fica explícito no DGE/UFV, onde todos os representantes docentes são homens. De acordo com a categorização metodológica realizada nesta abordagem, este aspecto foi enquadrado na segunda categoria: “Limitações (atravessamentos negativos) na/para a formação da geógrafa”, no item “2.1- Ausência de representatividade de gênero (fator de repulsão)”.

Em relação aos dados reveladores da participação feminina na área da Pesquisa, o curso estudado manteve-se refletindo o macro, uma vez que mais alunas participam ou participaram de projetos de pesquisa em detrimento dos alunos, como visto no subtópico 3.1.3. Quanto à participação destes grupos na Extensão, a diferença não é considerável, ficando ambos os gêneros em equilíbrio. Já a modalidade Ensino apareceu em último lugar, no quesito envolvimento em projetos, tanto para o grupo das mulheres quanto para o dos homens.

Diante dessas informações constata-se que as alunas do curso de Geografia da UFV ocupam notadamente o espaço universitário, uma vez que se inserem nos três pilares formativos da instituição, extrapolando inclusive projetos vinculados somente ao próprio curso. Essa ocupação é perceptível principalmente na Pesquisa, campo que possui maior peso quando considera-se os requisitos para adentrar a carreira acadêmica enquanto profissional. Desse modo, a destacada presença das estudantes de Geografia nesta área, pode ser entendida como um enfrentamento à estrutura patriarcal existente, em âmbito concreto ou simbólico, uma vez que ocupam lugar de visibilidade na academia, apesar desta espacialização na Pesquisa não refletir, necessariamente, o alcance a cargos de poder dentro das instituições de nível superior, no que se refere ao futuro destas mulheres.

Seguindo esta tendência está a realidade das estudantes de Geografia da UFV, que apresentam-se, em sua maioria, enquanto professoras da educação básica, estando assim mais voltadas ao Ensino do que à Pesquisa após formadas. Essas mulheres exercem sim poder em seus campos de atuação, porém, em um nível aquém daquele que poderia, porventura, ser alcançado, dado um dos indicadores predominantes em seu percurso formativo, o envolvimento com a Pesquisa.

Salienta-se que todas as funções sociais legalmente exercidas, no que diz respeito ao mundo do trabalho, são essenciais para o adequado funcionamento da sociedade, assim, entende-se que todas as categorias docentes possuem a mesma importância, bem como as grandes áreas de formação Ensino e Extensão, que são tão fundamentais ao desenvolvimento acadêmico quanto a Pesquisa.

Não trata-se aqui de valorar mais uma coisa que outra, a problemática em voga é a não reverberação do maior envolvimento das estudantes de Geografia com a Pesquisa em suas carreiras futuras, o que sabe-se, relaciona-se a escolhas mas também a atravessamentos sexistas estruturais em suas formações. Neste caso, alguns relatos envolvendo denúncia de abuso moral, ridicularização da discente em relação a seu nível intelectual e a intimidação⁷ por ser, por vezes, a única mulher em ambientes majoritariamente masculinos, apareceram nos questionários e nas entrevistas semiestruturadas e foram enquadrados nas subcategorias: “2.2- Assédio/ Constrangimento (fator de repulsão); 2.3- Machismo (produzido e reproduzido); 2.4- Hierarquia (Poder).” De modo específico e a fim de identificar claramente o fenômeno, entende-se estas subcategorias como atravessamentos negativos identificados na formação da estudante de Geografia da UFV.

Outro impacto negativo percebido, concerne à ocorrência insatisfatória das discussões de gênero e feminismo no currículo do curso, o que não instrumentaliza formalmente as estudantes para que se reconheçam enquanto mulheres providas de direitos e busquem, então, superar as desigualdades nem sempre percebidas. Cabe salientar que quanto ao currículo, refere-se principalmente às cadeiras próprias da Geografia, ou seja, tanto disciplinas obrigatórias quanto optativas oferecidas pelo Departamento do curso e suas(seus) docentes. Este atravessamento enquadra-se na subcategoria “2.6- Ausência/ insuficiência de discussões sobre as temáticas gênero e feminismo”.

Foram encontrados também, atravessamentos sexistas relacionados ao cumprimento de papéis de gênero, à condição social da discente e à sensação de não pertencimento ao espaço público acadêmico. Estes aspectos, nem sempre relacionados somente à vivência universitária, pois originam-se de entraves externos à instituição, como é o caso da condição socioeconômica e das implicações da esfera privada na pública, acabam por refletir negativamente na trajetória estudantil da discente.

⁷ Neste caso não trata-se de intimidação ocasionada por seu par oposto, mas pelo próprio sentimento de sentir-se inadequada por ser a única mulher em um laboratório.

Diante das ocorrências do fenômeno identificadas nesta pesquisa, é possível afirmar que quando considerada a grande estrutura, a formação da estudante de Geografia é atravessada pelo sexismo, uma vez que o arranjo do curso, por si só, dá a base para a existência de condicionamentos que, mesmo sutilmente, impactam a formação da futura geógrafa, são eles: a ausência de paridade representativa no corpo docente e a ineficaz presença e, conseqüentemente, discussão, das temáticas gênero e feminismo no currículo desta graduação.

Acredita-se que dentro desta estrutura social, só há escolha quando há tensionamento, enfrentamento e resistência, caso contrário será reproduzida uma única narrativa, aquela já posta e normatizada. Então, considera-se que a(s) resposta(s) para a questão norteadora relaciona(m)-se, quando positiva, a fatores subjetivos; quando positiva ou negativa, para além da subjetividade, também a diferentes grupos e personalidades femininas, uma vez que existem aquelas que não veem problema algum na estrutura tal qual está colocada, não enxergando dessa forma as falhas presentes, e existem outras que corriqueiramente irão se indignar.

Como verificado em respostas conferidas ao questionário aplicado, discentes declararam terem vivenciado situações relativas ao preconceito de gênero no curso apenas depois de tomarem consciência a respeito dessa discussão. Via de regra, tais situações, apesar do desconforto gerado, não eram associadas a esse tipo de atravessamento. Para respaldar a interpretação, retoma-se uma citação feita anteriormente: “Já fui perseguida por um professor homem, que menosprezava minhas colocações e tentava a todo custo me diminuir em público. Curiosamente antes não percebia isso como machismo, hoje sim.” (Resposta dada por estudante egressa do curso de Geografia da UFV, ao questionário aplicado entre março e maio de 2023.)

Contudo, é necessário reiterar que o curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, uma vez inserido na estrutura social, não isenta-se de padecer de algumas mazelas, assim como qualquer outro e em qualquer universidade brasileira ou do mundo. É importante salientar que a intenção deste estudo não é meramente apontar falhas, mas sim contribuir para que, coletivamente, se possa alcançar avanços que beneficiem a toda a comunidade acadêmica. Ademais, a graduação em Geografia da UFV, historicamente colocou-se enquanto um curso progressista, haja vista seu envolvimento com causas caras à sociedade brasileira, além de ser munido de um corpo docente capacitado que busca qualificar suas(seus) estudantes cotidianamente, mesmo diante das dificuldades pedagógicas enfrentadas, sejam estas relacionadas à falta de contratação de mais professoras(es) ou à ausência de recursos para a promoção de melhorias internas.

É necessário lembrar que este trata-se de um jovem curso, que no auge dos seus 22 anos fomentou muitas histórias positivas e conseqüentemente boas memórias, a julgar pelos diversos

relatos presentes nos questionários e outros revelados durante as entrevistas semiestruturadas, tanto pelas(os) professoras(es), quanto pelas(os) alunas(os). Desafiando sua origem precária, o curso consolidou-se e tem destaque na formação de profissionais competentes em suas diferentes áreas.

O intuito deste estudo sempre foi analisar a formação discente feminina e possíveis atravessamentos sexistas neste percurso, porém, ao se realizar uma pesquisa, os fatos colocam-se tal qual sua ocorrência, independente dos anseios da(o) pesquisadora(or). Dessa forma, durante o processo de levantamento dos dados, foram identificados atravessamentos provenientes da estrutura patriarcal não somente afetando as estudantes mas também as docentes. Importantes relatos neste sentido foram evidenciados. Entendida a relevância do apuramento, aponta-se aqui sua existência. Por não ser o objetivo central do estudo, depoimentos que afirmam esta ocorrência não foram trazidos ao texto, porém, a transcrição das entrevistas semiestruturadas encontram-se nos apêndices desta dissertação.

Esta pesquisa não defende a ideia de sobreposição dos sexos, mas acredita e busca caminhos para a equidade entre as pessoas no ambiente universitário. Para tanto, problematizar acerca da discussão de gênero na ciência geográfica contribui para lançar luz sobre um conceito significativo que está atrelado à produção espacial, já que são os seres, masculinos e femininos que o produzem. Silva (2003), alerta para a “importância de se contemplar o conceito de gênero como categoria explicativa da produção do espaço e, também, para romper a perspectiva andrógena na produção do conhecimento geográfico”. A autora afirma que este tipo de investigação é feita, em sua maioria, por mulheres, que se dispõem ao estudo desta dimensão tida como periférica para a Geografia. Segundo ela:

“uma abordagem da perspectiva feminina na produção do espaço exige um olhar atento ao cotidiano, ao micro-social e aos grupos sociais marginalizados do poder e assim, tais temáticas foram consideradas questões de menor importância na análise do espaço geográfico”. (SILVA, J. M. p. 33, 2003)

Ao entender que o espaço constitui-se a partir de um mosaico de relações, sejam elas humanas ou não, por seres animados e inanimados, múltiplos e que coexistem em diferentes tempos e territórios, é que acredita-se que este espaço não deve apenas ser produzido ou reproduzido, ele precisa ser transformado. Transformado para acompanhar a evolução dos tempos, para ser capaz de abrigar a multiplicidade, a realidade e seus fenômenos, tal qual ela se coloca. Para tanto, é necessário que as relações de poder não sejam díspares e que os agentes detentores deste recurso, portanto construtores e transformadores da esfera da vida, não estejam a serviço apenas de grupos específicos, mas de todas(os) aquelas(es) que nele coabitam.

Diante das evidências encontradas e da discussão realizada, acredita-se que será possível entender melhor os mecanismos que conduzem à realidade, onde mulheres ainda encontram-se em posições desfavoráveis em relação ao público masculino em diversos campos, inclusive no acadêmico. Porém, é necessário reconhecer que um estudo desta natureza não é capaz de esgotar as considerações a respeito de um tema permeado por numerosas camadas. Sabe-se que este tipo de pesquisa, exploratória e qualitativa, abre espaço para que novos questionamentos surjam, resultando em novos problemas de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBULATÓRIO, Lgbtqi+. **Você não está sozinho! Se estiver apresentando humor deprimido, sofrimento mental ou ansiedade, causando prejuízos a sua qualidade de vida, busque o ambulatório, nós podemos ajudar.** Viçosa. 19 ago. 2022. Instagram. @ambulatoriolgbt.ufv <https://www.instagram.com/p/Chdb6KjMJZX/?img_index=1> Acesso em: 20 out. 2023.

ARANHA, Patrícia. **Geografias Femininas: papel do gênero na Geografia brasileira.** Jornal da USP, 2018.

ARRUZZA, Cíntia. **Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos.** Cadernos Cemarx, nº 10 – 2017.

ARRUZZA, Cíntia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99% um manifesto.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social.** Tradução de Maíra Mee Silva e revisão técnica de Mariana Luppi. Revista Outubro, n. 32. 1º semestre de 2019.

BRASIL, **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012. Acesso em: 20 jul. 2023.

CAFÉ DA MANHÃ: **A discriminação racial no Brasil em números.** Entrevistados: Michael França e Alysson Portella. Entrevistadores: Magê Flores e Gustavo Simon. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4nTfL6Z6BGvTHzKykRvZqz>>. Nov. 2023. Podcast. Acesso em: 01 nov. 2023.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. 356p.

CASTRO, Roney Polato de; FERRARI, Anderson. **Currículo e formação em pedagogia: o que dizem os estudantes sobre os paradoxos que marcam o trabalho com relações de gênero e sexualidades?** Revista Brasileira de Educação, v. 26. 2021.

CATÁLOGO DE GRADUAÇÃO. **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa, 2002.

CENTRO ACADÊMICO, Geografia UFV. **Live de amanhã no nosso canal do YouTube!** Viçosa. 01 out. 2020. Instagram. @c.a.geoufv <<https://www.instagram.com/p/CFzW0vvhjOp/>> Acesso em: 20 out. 2023.

CÉSAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **“Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013”**. Ponta Grossa, 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território – Área de concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA. **Histórico**. Disponível em: <https://www.ded.ufv.br/?page_id=626> Acesso em: 18 jun. 2022.

CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. **Página inicial**. Disponível em: <https://www.geo.ufv.br/?page_id=5> Acesso em: 13 nov. 2021.

CURSO DE GEOGRAFIA - UFV, **Mesa de abertura - 20 anos do curso de Geografia - UFV**. YouTube, 25 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eorSXhRGB6Q&t=3953s&ab_channel=CursodeGeografia-UFV> Acesso em: 25 ago. 2021.

CURRÍCULO LATTES. Disponível em: <<https://lattes.cnpq.br/>> Acesso em: 10 set. 2023.

Federici, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. ISSN 1983-7364, ano 13, 2019. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019- FINAL_21.10.19.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

GALVÃO, G. M.; LIZARDO, Y. R. T. **O caso Mari Ferrer e o sistema patriarcal que nos condena**. Brasil de Fato, Belo Horizonta, MG, 10 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/10/artigo-o-caso-mari-ferrer-e-o-sistema-patriarcal-que-nos-condena>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

GARCIA, Fabrício. **Quais são os limites da liberdade de cátedra? Qstione**, 2019. Disponível em: <<https://www.qstione.com.br/blog/artigos/quais-sao-os-limites-da-liberdade-de-catedra/>>. Acesso em: 19, nov. 2022.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. São Paulo: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos** / organização: Flávia Rios; Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”**. 1ª ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

IDOETA, Paula Adamo. **Mulheres são maioria nas universidades brasileiras, mas têm mais dificuldade em encontrar emprego**. BBC News, São Paulo. 9 set. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49639664>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Página inicial. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

IBGE EDUCA. **Mulheres brasileiras na educação e no trabalho**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). **Policy Brief. Em Questão. Evidências para políticas públicas**. Nº 22. Março, 2023. Disponível em: <ipea.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). **Atlas da Violência, 2020**. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resultados**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>> Acesso em: 09 jun. 2022.

JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. A Geografia mais íntima: o corpo. **In: Corpos e Geografia: Expressões de Espaços Encarnados**. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 41-66, 2023.

LASLETT, Barbara; BRENNER, Johanna. **Gender and Social Reproduction: Historical Perspectives**. Annual Review of Sociology, vol. 15, 1989, pp. 381-404. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2083231>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

LIMA, Ivaldo Gonçalves de. O argumento político do corpo nas dobras do espaço liminar. **In: Corpos e Geografia: Expressões de Espaços Encarnados**. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 69-115, 2023.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATOS, M. **Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências**. Rev. Estud. Fem.,

Florianópolis, ISSN 1806-9584, vol. 16, n. 2. pp. 333-357, mai/ago. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200003>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MEIOS, Grupo de Pesquisa UFV. **Quer conhecer nosso mais recente projeto, contemplado pela chamada nº 40/2022 do CNPq Pró-Humanidades?** Viçosa. 01 jun. 2023. Instagram. @meios_ufv. <https://www.instagram.com/p/Cs8601yuBGN/?img_index=1> Acesso em: 20 out. 2023.

NIEG, Núcleo Interdisciplinar de Estudo de Gênero. **Mais nova publicação do NIEG/UFV: coletânea “Gênero, sexualidades e violências”, com a colaboração de pesquisadoras e pesquisadores nacionais e internacionais.** Viçosa. 10 ago. 2023. Instagram. @niegufv <<https://www.instagram.com/p/Cvxv0mHPpRZ/>> Acesso em: 20 out. 2023.

MONARDO, M. L. **O corpo enquanto “primeiro” território de dominação: o biopoder e a sociedade de controle.** Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mondardo-marcos-o-corpo.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

MONK, Janice; HANSON, Suzan. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; JÚNIOR, Alides Baptista Chimin. **Geografias Feministas e das Sexualidades: encontros e diferenças.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2017. p. 31-54.

MOREIRA, O. M. (2022). **O gênero para a geografia: por uma ciência feita com, por e para mulheres.** Revista Da ANPEGE. <https://doi.org/10.5418/ra2022.v18i36.13293>

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro.** 8.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002. 205 p.

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS DE GÊNERO. Página inicial. Disponível em: <<https://nieg.ufv.br/>> Acesso em: 10 ago. 2023.

OECD. **Education At a Glance 2019.** Country Note, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2019_f8d7880d-en> Acesso em: 23 jan. 2022.

OLIVEIRA, M. L. R. **Reflexões sobre o uso de metodologias participativas como instrumento de trabalho em comunidades rurais.** Em Extensão, v. 14, n. 1, p. 30-51, 12 ago. 2015.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. Página inicial. Disponível em: <<http://plataformanilopecanha.mec.gov.br>> Acesso em: 16 mai. 2022.

PORTO-GONÇALVES. C. W. **A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico para o estudo de conflitos e movimentos sociais na América Latina.** Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas, v. 1, n. 3, p. 5-26, 1 mai.2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/1344>>. Acesso em 11 nov. 2020.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: Curso de Geografia, Bacharelado. 388p. **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa, 2013.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: Curso de Geografia, Licenciatura. 396p. **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa, 2013.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: Curso de Geografia, Bacharelado. 97p. **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa, 2018.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: Curso de Geografia, Licenciatura. 93p. **Universidade Federal de Viçosa**, Viçosa, 2018.

QUEM SOMOS NÓS: Episódio 193: **Novo Feminismo**. Entrevistada: Margareth Rago. Entrevistador: Celso Loducca. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6Dqc8Af6dfBG2caLpevZAl?si=tEKnWnpWRMWqEkdW WmTwbQ&utm_source=whatsapp&nd=>>. Ago. 2017. Podcast. Acesso em: 04 dez. 2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 1ª ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013 [1969].

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SENADO, Agência. **Há 131 anos, senadores aprovavam o fim da escravidão no Brasil**. 13 mai. 2019. <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/13/ha-131-anos-senadores-aprovavam-o-fim-da-escravidao-no-brasil>> Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1. ed. PR: TODAPALAVRA, 2009. p. 1-318.

SILVA, J. M. **Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica**. Revista de História Regional, v. 8, n. 1, 2003, p. 31- 45.

SILVA, S. M. V. **Geografia e Gênero/Geografia feminista - o que é isto?** Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre, v. 23, n. 1, 1998. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SIMÕES, M. L. **O surgimento das universidades no mundo e sua importância para o contexto de formação docente**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v. 22, n. 2, p. 136-152, jul.- dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Página inicial. Disponível em: <<https://www.ufv.br/apresentacao/>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

UFV conquista nota máxima no índice geral de cursos. Universidade Federal de Viçosa, 2021. Disponível em: <<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=35087&link=corp>>.

Acesso em: 29 abr. 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada: “*Como a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV?*” da discente Darlene do Carmo Ferreira, do programa de Pós-Graduação em Geografia da UFV (PPGeo/UFV) e sob orientação da Dr^a. Caroline Delpupo Souza, professora convidada do PPGeo/UFV e permanente do IF Ouro Preto. Todas as informações sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e em caso de dúvidas favor esclarecê-las antes de responder o questionário ou participar da entrevista semiestruturada.

Tanto o questionário quanto a entrevista, tem como objetivo traçar o perfil da estudante de Geografia da UFV e analisar seu envolvimento com o curso mediado a partir de fatores que envolvem as questões de gênero. O critério para selecionar os(as) participantes da pesquisa será o fato de serem pessoas envolvidas ou que já tiveram envolvimento com o curso de Geografia da UFV, tanto estudantes (egressos(as) e matriculados(as)), quanto professores(as), sempre com indivíduos maiores de 18 anos e de acordo com a amostra representativa da população do curso.

A aplicação dos questionários e realização das entrevistas, ocorrerá de maneira individual, sendo os participantes da pesquisa abordados pela pesquisadora e convidados a participar do estudo, diante do pleno conhecimento deste Termo de Consentimento livre e esclarecido.

As informações prestadas serão confidenciais, portanto, sob hipótese alguma, o nome ou quaisquer informações específicas e pessoais de algum participante serão divulgados ou citados e os nomes não serão utilizados.

Você poderá desistir da participação a qualquer momento ou mesmo optar por não responder a determinada questão, como também retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Você poderá também, sempre que desejar, pedir esclarecimentos sobre cada etapa desta pesquisa.

Durante o processo de abordagem ao/à participante, poderão ocorrer riscos de lembranças desagradáveis, constrangimento ou mesmo desconforto, por isso o esclarecimento dos objetivos desta pesquisa, de todo o processo metodológico e a garantia ao anonimato visam minimizar estes riscos. Para garantir que você se sinta à vontade durante o processo, você mesmo(a) poderá preencher o questionário. Já para a entrevista semiestruturada isso não será possível, pois, esta se dará no formato de uma conversa entre pesquisadora e participante.

A pesquisa poderá trazer benefícios às estudantes do curso de Geografia da UFV, bem como ao próprio Departamento, pois, ao evidenciar problemas invisibilizados, advindos de uma estrutura sexista, no que tange à formação da geógrafa, os mesmos podem ser atacados na busca de serem sanados, contribuindo assim para uma formação de fato mais efetiva para as mulheres.

Para participar desta pesquisa você não receberá nenhum custo ou qualquer vantagem financeira, portanto, a sua participação é voluntária. No entanto, diante de possíveis danos, identificados e comprovados, provenientes desta pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora que encaminhará sua solicitação para os órgãos competentes de acordo com as legislações que respaldam esta pesquisa. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. As pesquisadoras tratarão sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações para fins acadêmicos e científicos.

Em caso de qualquer dúvida, o(a) participante poderá entrar em contato com a discente Darlene do Carmo Ferreira pelo e-mail darlene.ferreira@ufv.br e pelo telefone (32) 9 9831-9817.

Coordenadora da pesquisa (pesquisadora responsável)

Professora Dr^a. Caroline Delpupo Souza
caroline.delpupo@ifmg.edu.br

Departamento: Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa

Telefone: (31) 3612- 7401

Equipe de pesquisa

Darlene do Carmo Ferreira

Telefone (32) 99831-9817

E-mail: darlene.ferreira@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:
CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

APÊNDICE B - Transcrições das entrevistas semiestruturadas

(Aluna Egressa 1): 2008 - 2012

Data: 25/04/2022

Hora: 12:30

Pesquisadora: Para delinear o seu perfil enquanto pessoa, gostaria que você me dissesse, por favor, como se reconhece em relação à classificação do IBGE por raça ou cor (amarela, branca, indígena, preta ou parda).

Entrevistada: Branca.

Pesquisadora: Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte? Enquanto estudou na UFV, você fez uso dos serviços de assistência estudantil, como bolsa atividade (alimentação) e moradia?

Entrevistada: Médio. Sim, fui moradora do alojamento Feminino.

Pesquisadora: Porque você escolheu o curso de Geografia da UFV? Quando estava no ensino médio, como imaginava que seria sua carreira? Você está hoje cumprindo esse objetivo inicial?

Entrevistada: Porque sempre foi uma matéria que me interessou muito na escola e eu sempre gostei de estudar o espaço, a natureza, né?! A princípio isso sempre me interessou, aí eu fui vendo que a disciplina que concentrava essas características era a Geografia, então por isso eu me interessei pelo curso. Primeiramente eu achei que eu seria professora porque uma das pessoas que me inspirou a escolha do curso foi a minha professora de Geografia, então eu achei que eu seguiria pelo mesmo caminho, mas aí na universidade, né, a gente vai trilhando outros caminhos e vai vendo outras opções, então não segui o meu objetivo do ensino médio.

Pesquisadora: Você se graduou nas duas modalidades oferecidas pelo curso, bacharelado e licenciatura? Qual foi o motivo dessa escolha?

Entrevistada: Sim, me formei nas duas modalidades e o objetivo foi para ter um leque maior de opções no mercado de trabalho.

Pesquisadora: A monografia é o maior trabalho de pesquisa realizado por um/uma estudante da graduação, caso você tenha realizado uma, qual foi o tema trabalhado e quais motivações a levaram a escolhê-lo?

Entrevistada: O tema que eu trabalhei foi interpolação de dados climatológicos na bacia do Rio Doce por krigagem e cokrigagem, são modelos de interpolação. Me interessou porque lá no Lab. Geo. (Laboratório de Geoprocessamento), que eu trabalhava, tinha um projeto muito grande disso, da bacia do Rio Doce, tinha essa demanda por pesquisa dessa área, então acabou que o meu estágio foi me levando ao tema.

Pesquisadora: Quando você menciona Lab. Geo. é o laboratório de Geomorfologia, do Departamento de Solos?

Entrevistada: Isso, do Departamento de Solos. Eu fui estagiar lá, mas sem bolsa, só o estágio mesmo e acabou surgindo essa oportunidade de trabalhar com esse projeto que já existia e aí eu trabalhei com uma parte específica que é a interpolação desses dados de clima.

Pesquisadora: Como foi seu processo formativo no curso de Geografia da UFV? Você se recorda de como eram as aulas, as discussões? Temas transversais amplamente discutidos na atualidade eram abordados?

Entrevistada: Eu não me lembro de especificamente esses assuntos terem abordagem assim tão expressiva, eu lembro que algumas aulas como psicologia, em algumas aulas esses temas aí transversais que você falou antropologia, psicologia, alguma matéria que não seja própria da Geografia talvez tenha trazido alguma coisa nesse sentido, mas não muito específico. Não me recordo.

Pesquisadora: E quanto à formação extraclasse, você participou de eventos, sejam eles internos ou externos? Fale um pouco sobre essa experiência.

Entrevistada: Sim, participei. Sempre que tive oportunidade de apresentar trabalho em congresso, seja nacional ou local mesmo, sempre gostei de participar e de fazer esse tipo de atividade que eu acho que agregou muito no meu currículo.

Pesquisadora: Em uma escala de 0 a 10, quanto você diria que as disciplinas cursadas te motivaram a seguir em sua área de formação? Ou sua motivação maior não veio necessariamente das aulas?

Entrevistada: A minha área de atuação é de geoprocessamento e eu acho que tem muito a ver sim, as aulas influenciaram 80% da minha escolha, digamos assim.

Pesquisadora: As aulas na Geografia ou em outro departamento?

Entrevistada: No Departamento de Solos.

Pesquisadora: Então as/os professores/professoras, que mais te influenciaram foram as/os pertencentes ao Departamento de Solos, é isso?

Entrevistada: É sim, os meus orientadores de pós-graduação, principalmente, já mais na fase da pós, né? Na Geografia em si não, mais em outros departamentos que eu tive essa influência.

Pesquisadora: Quando você fala em orientadores, só pra confirmar, eram homens?

Eram homens, até porque lá no Solos 99% dos professores eram homens, então as referências que eu tive foram masculinas, nesse sentido.

Pesquisadora: Você participou de algum projeto relacionado ao ensino, à pesquisa ou à extensão? Em caso afirmativo, o quanto isso foi relevante pra você? Te motivou em relação à sua área de atuação hoje?

Entrevistada: Já participei. De projeto de pesquisa apenas. É... e sim, motivou uma escolha sim, porque nesses projetos eu trabalhava com as áreas que eu trabalho hoje né, o Geoprocessamento, então sim, motivou.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre esse direcionamento em específico. Por que o ensino, a pesquisa ou a extensão?

Entrevistada: Não ensino, porque no decorrer da graduação eu vi que eu já não queria tanto assim o ensino, eu queria pesquisa ou atividade de consultoria, essas coisas, né, empresarial. Não a extensão, porque acho que não tive oportunidade nesse meio da extensão; e a pesquisa, porque o meio que eu estava, ali no Solos, os projetos envolvidos, eram todos de pesquisa, então acabou que a circunstância me levou para esse caminho.

Pesquisadora: Olhando para sua trajetória, você gostaria de ter feito um caminho diferente? Por quê?

Entrevistada: Eu acho que eu não teria feito um caminho diferente, mas se eu tivesse escolhido, por exemplo, a licenciatura, né? Seguir nessa área, fazer pós-graduação na área de licenciatura, eu acho que eu também estaria bem, estaria feliz. É uma área que eu gosto muito. Não faria nada diferente, mas, foi o que o caminho me levou.

Pesquisadora: Ainda levando em consideração a questão anterior, em caso afirmativo, por que você não seguiu pelo caminho desejado? Você considera que foi uma escolha pessoal ou houveram motivos de impedimento maiores?

Entrevistada: No caso eu segui pelo caminho desejado. Fui por ele porque me identifiquei e também no período que eu formei, é... veio uma política, né, do governo, que assim, os concursos eram quase inexistentes. Então eu não tinha muito para onde correr nesse sentido, então o lado empresarial, né, de consultoria, ele tava mais forte nesse momento que eu me formei, logo depois veio a pandemia, aí que não tinha concurso mesmo, então acabou que eu fiquei.

Pesquisadora: De acordo com sua experiência, é possível dizer que algumas áreas de formação oferecidas pelo curso apresentam tendências de maior ou menor ocupação por determinado gênero? Por favor, fale um pouco sobre isso.

Entrevistada: Por gênero? Não percebo. Eu não acho que a Geografia aí da UFV tem essa separação, não acho. Talvez em professores sim, docentes, mas dentro da sala de aula eu não vejo essa separação não, não consigo enxergar.

Pesquisadora: E quando pensamos sobre o Bacharelado e a Licenciatura, o que você acha?

Entrevistada: Eu acho, eu acho que talvez as mulheres tendem mais à área da licenciatura. Eu acho que eu percebi isso, na minha época, né; hoje eu não sei como tá, mas na minha época eu acho que havia uma tendência maior das mulheres optarem mais pelo ramo da licenciatura.

Pesquisadora: Voltando rapidamente a um ponto que você disse anteriormente, quando mencionou que o departamento de Solos era composto em sua maioria por homens. Então é possível entender que o laboratório que você estagiou também era majoritariamente composto por homens?

Entrevistada: Sim, o laboratório que eu estagiei era composto mais por homens, isso era. Não sei se é porque ele pertencia ao departamento de Agronomia, né, que sempre teve mais homens, não sei se é por isso. Mas aí é uma experiência fora da Geografia, né? Os laboratórios da Geografia mesmo eu não frequentei, até porque na minha época não tinham muitos, eu acho que não tinha nenhum na verdade. Nos que eu frequentei tinha mais homem sim.

Pesquisadora: E como você fez para conseguir este estágio lá?

Entrevistada: Eu sabia que o laboratório, o Lab. Geo., trabalhava com geoprocessamento e no nosso departamento não tinha essa oferta, na minha época, então eu procurei, porque eu tinha interesse em aprender mais sobre a área, e entre os departamentos que trabalhavam com essa área dentro da Universidade lá foi onde eu mais senti familiaridade com os temas trabalhados. Aí eu procurei por iniciativa mesmo.

Pesquisadora: Pra você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? Em caso positivo, de que maneira?

Entrevistada: Eu acho assim, acho que tem duas vertentes dentro do nosso curso. Tem a vertente do sexismo acadêmico mesmo e isso eu não percebo, sabe? É tipo... desvalorização por ser mulher, na questão intelectual, isso eu não percebo não. Mas agora, sempre a gente vê, é... essas interferências por ser mulher, de cunho sexualmente falando, tipo o professor, é... ele tem uma visão diferente, no gênero. Aí, como é que eu te explico? É difícil falar isso! Mas talvez no sentido de privilegiar, por talvez ele entender que aquela pessoa é mais sensível ou na cabeça dele alguma coisa assim. Eu já vi também um pouco de assédio nesse sentido, mas eu nunca vi assim, de forma geral, o grupo feminino ser desprezado intelectualmente do grupo masculino, isso eu nunca vi, no contexto geral; mas em contextos pontuais eu já vi algumas coisas no sentido: “ah, tudo bem, vou te dar mais um ponto aqui”, mas é por eu ser mulher, talvez por ter alguma coisa assim do machismo, “ah, de você ser bonitinha”, de você ter alguma característica “assim, assado”, mas assim, não no conjunto, acho que são pontuais, entendeu?

Pesquisadora: Em relação a assédio, seja físico ou moral, você já passou ou já presenciou algum tipo de situação

vinculada a instâncias de poder dentro da UFV?

Entrevistada: Não, nunca presenciei esse tipo de situação. Não, nunca identifiquei.

Pesquisadora: Ok. Muito obrigada por sua contribuição com a pesquisa.

Entrevistada: Imagina, por nada!

(Aluna Egressa 2): 2005 - 2010

Data: 24/04/2022

Hora: 15:45

Pesquisadora: Para delinear o seu perfil enquanto pessoa, gostaria que você me dissesse, por favor, como se reconhece em relação à classificação do IBGE por raça ou cor (amarela, branca, indígena, preta ou parda).

À pergunta respondeu: se reconhece branca.

Pesquisadora: Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte? Enquanto estudou na UFV, você fez uso dos serviços de assistência estudantil, como bolsa atividade (alimentação) e moradia?

À pergunta respondeu: é nascida em uma cidade de pequeno porte e fez uso dos serviços: bolsa atividade e alojamento.

Pesquisadora: Porque você escolheu o curso de Geografia da UFV? Quando estava no ensino médio, como imaginava que seria sua carreira? Você está hoje cumprindo esse objetivo inicial?

À pergunta respondeu: a inspiração para fazer Geografia veio dos professores dos ensinos fundamental e médio, mas seu objetivo nunca foi lecionar e sim atuar na área de pesquisa, em suas palavras: “Ele me inspirou, mas desde o início eu tinha uma certeza: eu nunca quis ser professora de Geografia, eu queria ser geógrafa.” A entrevistada conseguiu atingir esta meta e hoje trabalha, dentro da Geografia, prestando consultorias, porém, também leciona.

Pesquisadora: Você se graduou nas duas modalidades oferecidas pelo curso, bacharelado e licenciatura? Qual foi o motivo dessa escolha?

À pergunta respondeu: Sim, para aproveitar a opção que lhe foi dada, cursar as duas. Mas caso tivesse que escolher, teria optado pelo bacharelado.

Pesquisadora: A monografia é o maior trabalho de pesquisa realizado por um/uma estudante da graduação, caso você tenha realizado uma, qual foi o tema trabalhado e quais motivações a levaram a escolhê-lo?

À pergunta respondeu: estudou a bacia do rio dos Bagres, localizado em sua cidade natal, Guiricema, através da morfometria de bacias hidrográficas. Sua escolha se deu pelo fato do rio ser de uma cidade pequena, porém extremamente poluído. É válido destacar que sua motivação vem também de sua história de vida e não somente da graduação em si.

Pesquisadora: Como foi seu processo formativo no curso de Geografia da UFV? Você se recorda de como eram as aulas, as discussões? Temas transversais amplamente discutidos na atualidade eram abordados?

À pergunta respondeu: disse que se recordava da discussão destes temas nas disciplinas de Sociologia e Antropologia, que compunham a grade curricular do curso de Geografia, porém nas disciplinas do Departamento, ou seja, próprias da Geografia, mencionou se lembrar de discussões muito pontuais envolvendo, por exemplo, desigualdade social, gênero. Além de pontuais tais discussões ocorriam em poucas matérias.

Pesquisadora: Você acha que eram discussões consideráveis, no sentido da quantidade e qualidade da abordagem destes temas?

À pergunta respondeu: disse que sim e citou como exemplo mais uma vez as disciplinas de Antropologia e Sociologia em detrimento das de Geografia. Referenciou um livro que a marcou durante a realização de uma destas matérias. O livro em questão falava sobre a vida de prostitutas no bairro de Santa Teresa no Rio, incluindo discussões sobre a transexualidade e as drogas.

Pesquisadora: E quanto à formação extraclasse, você participou de eventos, sejam eles internos ou externos? Fale um pouco sobre essa experiência.

À pergunta respondeu: que sim, que pelo fato de ter definido muito cedo que queria de seguir na vida acadêmica, participou de eventos nacionais e internacionais, bem como publicou consideravelmente. Vale pontuar que tais participações e eventos estavam ligados ao Departamento de Solos, onde a ex-aluna estagiou durante quase toda sua graduação. Porém, a estudante egressa ressaltou que quem a incentivou a seguir por este caminho foi um docente da Geografia.

Pesquisadora: Em uma escala de 0 a 10, quanto você diria que as disciplinas cursadas te motivaram a seguir em sua área de formação? Ou sua motivação maior não veio necessariamente das aulas?

À pergunta respondeu: a entrevistada respondeu 5, levando em consideração que as motivações surgiram via professores mas não disciplinas. Enfatizou que sua área de atuação está mais ligada às oportunidades e orientações vivenciadas no Departamento de Solos.

Pesquisadora: Qual é especificamente sua área hoje que se relaciona à Geografia?

À pergunta respondeu: Licenciamento Ambiental, trabalhando em equipe multidisciplinar.

Pesquisadora: Ainda sobre sua área de formação, você teve alguma referência relacionada aos docentes e suas áreas de atuação que influenciou nessa escolha?

À pergunta respondeu: respondeu que sim, mencionou o profissionalismo de uma das docentes e como isso a

inspirava, mencionou também professores homens como referências e influenciadores para sua área de formação. A ex-aluna disse que conseguiu captar as boas características dos docentes citados e fazer bom proveito disso.

Pesquisadora: Você participou de algum projeto relacionado ao ensino, à pesquisa ou à extensão? Em caso afirmativo, o quanto isso foi relevante pra você?

À pergunta respondeu: Sim, participou de projetos em todas as áreas. Uma das relevâncias foi o fato de seu mestrado ter sido oportunizado por uma consultoria feita por ela enquanto participante do projeto de pesquisa.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre esse direcionamento em específico. Por que o ensino, a pesquisa ou a extensão?

À pergunta respondeu: apesar de ter mesclado os três caminhos em sua formação, a entrevistada disse que se direcionou mais à pesquisa. Ela considera que foi uma experiência muito rica ter participado das três áreas, pois, tal vivência a aproximou da realidade (mundo do trabalho) para além dos muros da Universidade. Em suas palavras: “se unir os três você atinge o grande objetivo, porque te propicia uma visão, enquanto aluno, da prática.” Quando questionada sobre o direcionamento para a pesquisa, a entrevistada respondeu literalmente: “Porque é ela que me dá adrenalina, é ela que me causa borboletas no estômago. A pesquisa é aquilo que te desafia, sabe? [...] porque muitas das vezes o que você busca querendo ser a sua verdade, não vai ser, porque contra dados não há argumentos. E isso é que é o legal!”

Pesquisadora: Olhando para sua trajetória, você gostaria de ter feito um caminho diferente? Por quê?

À pergunta respondeu: que não, pois, acha que estaria frustrada.

Pesquisadora: Ainda levando em consideração a questão anterior, em caso afirmativo, por que você não seguiu pelo caminho desejado? Você considera que foi uma escolha pessoal ou houveram motivos de impedimento maiores?

À pergunta respondeu: a questão não se aplica à entrevistada já que na anterior sua resposta foi negativa.

Pesquisadora: De acordo com sua experiência, é possível dizer que algumas áreas de formação oferecidas pelo curso apresentam tendências de maior ou menor ocupação por determinado gênero? Por favor, fale um pouco sobre isso.

À pergunta respondeu: disse que não consegue identificar, julga que os direcionamentos se dão por afinidades e não por gênero. Disse que a questão de gênero ela sente hoje, na vida profissional, mas não na graduação. Em relação às grandes áreas de formação bacharelado e licenciatura, a aluna egressa disse que em sua turma, a maioria das/dos estudantes se formaram na licenciatura, quem cursou o bacharelado foi apenas pela opção, oferecida naquele momento pela Geografia UFV, de se cursar conjuntamente as duas modalidades. Segundo ela, a maior parte de seus colegas de sala hoje, atuam como professores e gostam muito do que fazem.

Pesquisadora: Pra você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira?

À pergunta respondeu: disse que nas entrelinhas sim, citando como exemplo o fato de que em sua época de estudante havia apenas uma professora no Departamento de Geografia e os professores eram bastante machistas. Em suas palavras: “a professora x era a única mulher e meu orientador era um machista. Não é só ele, eu digo todos. Então assim, eu via, percebia o preconceito nítido e passando nas línguas, entendeu? Mas ali na sala de aula não deixavam tão explícito, mas ali nos bastidores isso rolava muito.”

Pesquisadora: Mas você fala isso em relação à colega de trabalho deles ou às alunas, de modo geral?

À pergunta respondeu: que era um comportamento comum a todas. Relatou que o preconceito era praticado principalmente em relação às mulheres que optavam em ir para a Geografia Física. Segundo ela uma fala corriqueira era: “Vocês não vão dar conta disso, Geografia Física é coisa de homem.” A entrevistada disse que sempre havia “piadinhas machistas” por parte destes professores. Ela relatou que tais atitudes aconteciam tanto de maneira escancarada quanto sutis, a depender da pessoa que praticava. Citou como exemplo a situação de desmerecimento de alunas.

(Aluna regularmente matriculada 1): 2020 - até o momento presente

Data: 03/05/2023

Hora: 09:00

Pesquisadora: Para delinear o seu perfil enquanto pessoa, gostaria que você me dissesse, por favor, como se reconhece em relação à classificação do IBGE por raça ou cor (amarela, branca, indígena, preta ou parda).

À pergunta, respondeu: Preta.

Pesquisadora: Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte? Você faz uso dos serviços de assistência estudantil, como bolsa atividade (alimentação) e moradia?

À pergunta, respondeu: médio porte; faz uso de serviço assistência estudantil de alimentação.

Pesquisadora: Porque você escolheu o curso de Geografia da UFV? Quando estava no ensino médio, como imaginava que seria essa formação? Você está hoje cumprindo esse objetivo inicial?

À pergunta, respondeu: escolheu o curso de Geografia porque sempre foi a matéria preferida na escola; a UFV, escolheu pela proximidade com a sua cidade de origem, porque, por questões de recursos, as melhores opções seriam Viçosa ou Belo Horizonte, tendo optado então por Viçosa, que se mostrou a melhor opção no momento.

Se surpreendeu com o curso, pois pôde ampliar significativamente a noção de abrangência da Geografia, especialmente relacionada ao bacharel, pois nunca quis ser professora.

Está cumprindo o inicial, aliás, acredita que até o ultrapassou um pouco, pois está se aprofundando na parte da Geografia Física. Portanto, considera estar cumprido o pensamento definido para aquilo que pretendia fazer dentro do curso.

Pesquisadora: Como está sendo seu processo formativo neste curso? Fale um pouco sobre as aulas, os tópicos abordados nas mesmas e os espaços de discussão oferecidos por elas. Temas transversais são abordados como parte do conteúdo pela Geografia acadêmica adotada na UFV?

À pergunta, respondeu: Nota que a parte da Geografia Humana se preocupa muito com o aspecto relacionado aos temas transversais dentro do curso da UFV, de modo que entende bem possível se aprofundar, dentro das matérias, nessas questões, que são tratadas, exemplificativamente, em seminários e projetos dentro do curso, de modo que percebe bastante contato, na formação, com tais temáticas.

Pesquisadora: Quanto à formação extraclasse, você participa de eventos, sejam eles internos ou externos? Fale um pouco sobre essa experiência.

À pergunta, respondeu: na formação extraclasse, procura participar de eventos internos, principalmente daqueles relacionados à Geografia Física, os quais, considera a entrevistada, ser minoria dentro do curso. Acredita que os eventos relacionados à Geografia Física (em comparação à Humana) são minoria também em razão do reduzido número de professores da Geografia Física: apenas dois. Dentro da Geografia Humana, percebe forte participação dos alunos nas causas sociais e na geopolítica.

Pesquisadora: Há alguma ou mais de uma área de formação no curso com a qual você tenha mais afinidade? Por quê?

À pergunta, respondeu: tem mais afinidade com a Geografia Física, notadamente a geomorfologia.

Pesquisadora: Ainda em relação à área de formação, você considera que as aulas e os professores te inspiram ou influenciam em suas escolhas? De que maneira?

À pergunta, respondeu: acredita que os professores inspiram e influenciam a entrevistada. Muito embora entenda que as aulas de geomorfologia sejam tão fortes dentro do curso, mas os materiais aos quais os alunos têm acesso influenciam bastante. Porém, acredita que os alunos são mais influenciados na Geografia Humana, pelo olhar diferente que os professores trazem às aulas, que nem sempre a entrevistada tinha anteriormente. Nesse aspecto, os professores são bem importantes.

No tocante a instrumentos, acredita que o acesso a alguns instrumentos, tais como os relacionados à programação, deveriam ser melhor dentro do curso.

Em relação à infraestrutura dos laboratórios, também considera que o curso de Geografia da UFV não tem muitos recursos e os alunos sempre têm que trabalhar com recursos escassos, então os usuários dos laboratórios tentam fazer o melhor com o pouco que têm.

A entrevistada participa de projeto relacionado à pesquisa relacionado à Colômbia, no aspecto ambiental. Avalia ser bastante importante a participação no projeto, porque pôde aprender bastante desde que iniciou e tem contato com coisas diferentes, o que é possível porque se trata de um projeto internacional e é o primeiro que a entrevistada participa como bolsista.

Em complementação, já ao final da entrevista, declarou que os professores da Geografia Humana possuem vasto repertório, inclusive ao se comparar com os professores da Geografia Física. Assim, acredita que os professores da Geografia Humana inspiram mais.

Não se sente representada pelo corpo docente em relação ao quesito gênero, mesmo porque atualmente havia apenas duas professoras na Geografia, sendo que uma delas de aposentou e agora há apenas uma e acredita que se houvesse maior representatividade haveria também repercussão em sua formação, pois se sentiria mais confortável e acredita que isso pudesse atrair mais alunas para a Geografia.

Pesquisadora: Você participa de algum projeto relacionado ao ensino, à pesquisa ou à extensão? Em caso afirmativo, como você avalia a importância dessa experiência?

À pergunta, respondeu: com relação ao direcionamento à pesquisa, acredita que optou pela área por ser o que mais combina consigo, mesmo porque não se vê trabalhando sua vida toda ensinando algo (referindo-se à área do ensino). Quanto à extensão, acha interessante e acredita que possa trabalhar na área, se surgir oportunidade.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre esse direcionamento em específico. Por que o ensino, a pesquisa ou a extensão?

À pergunta, respondeu: para conseguir o projeto de pesquisa, foi convidada pelo orientador, após ter ingressado em estágio relacionado ao geoprocessamento.

Pesquisadora: Você pretende se graduar nas duas modalidades oferecidas pelo curso de Geografia da UFV, bacharelado e licenciatura? Qual o motivo dessa escolha?

À pergunta, respondeu: pretende se graduar nas duas modalidades, em razão, preponderantemente, das oportunidades que podem surgir e do próprio currículo. Mesmo não tendo tanta afinidade com o ensino, pretende cursar também a licenciatura.

Pesquisadora: Diante dos caminhos oferecidos pelo curso, você considera estar trilhando aquele que mais a

contempla, que mais gostaria? Fale um pouco sobre isso, por favor.

À pergunta, respondeu: Acredita que sim. Desde que iniciou o curso já percebeu sua inclinação à Geografia Física. Então, quando surgiu a oportunidade de fazer estágio na área, no laboratório de geomorfologia, já foi incluída e começou a conviver com isso, e tem confirmado que é de fato isso que mais combina com a entrevistada.

Pesquisadora: Em caso negativo, por que você não seguiu pelo caminho desejado? Você considera que foi uma escolha pessoal ou houveram motivos de impedimento maiores?

(respondida em outra questão).

Pesquisadora: A monografia é o maior trabalho de pesquisa realizado por uma estudante da graduação. Caso vá elaborar uma, qual tema você pretende trabalhar e por quê?

À pergunta, respondeu: ainda não definiu, mas certamente será algo relacionado à Geografia Física.

Pesquisadora: De maneira mais específica, você já vivenciou alguma situação relacionada a instâncias superiores dentro da universidade que a impediu de seguir em determinada área de formação? Em caso afirmativo, pode relatar o ocorrido? Lembre-se, sua identidade será mantida em sigilo e não há necessidade de citar nomes em seu relato.

À pergunta, respondeu: nunca vivenciou.

Pesquisadora: De acordo com sua experiência, é possível dizer que algumas áreas de formação oferecidas pelo curso apresentam tendências de maior ou menor ocupação por determinado gênero? Por favor, fale um pouco sobre isso.

À pergunta, respondeu: acredita que exista direcionamento. As mulheres, segundo crê, tendem muito mais à licenciatura do que ao bacharelado, o que a causa certo desconforto. Cita como exemplo o fato de que no laboratório onde desenvolve suas atividades, quando lá chegou, havia apenas a entrevistada de mulher. Não sabe o porquê de tal diferença, mas ela é facilmente perceptível: o número de mulheres é muito menor.

Foi bem acolhida no laboratório onde desenvolve suas atividades e lá se sente confortável, mas não dá para deixar de notar a diferença entre gêneros, mesmo porque só havia a entrevistada lá (referindo-se ao momento que entrou), e isso a deixou um pouco tímida, mais retraída. Isso leva a entrevistada a se questionar se as mulheres deixam de se interessar tanto pelo local justamente pela presença maçante dos homens, o que pode, eventualmente, causar algum tipo de desconforto.

Pesquisadora: Tendo em vista sua vivência cotidiana, você considera que mulheres e homens, estudantes do curso de Geografia da UFV, experienciam a Universidade da mesma forma, no que tange à ação de frequentar e pertencer aos diferentes espaços que fazem parte de suas formações, como por exemplo laboratórios de estudo e pesquisa etc.?

À pergunta, respondeu: respondida na indagação anterior.

Pesquisadora: Para você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira isso ocorre?

À pergunta, respondeu: que sim, pois nota diferença. Nesse sentido, acredita que demorou mais a ser incluída nos projetos de seu interesse do que colegas que são homens. Entende que, quando chegam os recursos para inclusão em grupos, os rapazes são incluídos primeiro e, posteriormente, as moças. Acredita que os homens sempre têm mais chance de protagonizar esses papéis.

(Aluna regularmente matriculada 2): 2021 - até o momento presente

Data: 05/05/2023

Hora: 18:00

Pesquisadora: Para delinear o seu perfil enquanto pessoa, gostaria que você me dissesse, por favor, como se reconhece em relação à classificação do IBGE por raça ou cor (amarela, branca, indígena, preta ou parda).

À pergunta, respondeu: que é branca.

Pesquisadora: Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte? Você faz uso dos serviços de assistência estudantil, como bolsa atividade (alimentação) e moradia?

À pergunta, respondeu: que é natural de cidade de médio porte.

Pesquisadora: Porque você escolheu o curso de Geografia da UFV? Quando estava no ensino médio, como imaginava que seria essa formação? Você está hoje cumprindo esse objetivo inicial?

À pergunta, respondeu: na verdade, até o ensino médio planejava estudar para fazer concurso da polícia, mas se decidiu pela Geografia quando saiu a nota do Enem, e foi aprovada. Declarou que tem gostado do curso e se identificado, de modo que não pretende abandoná-lo.

Acrescentou, ainda, que está começando a vivência com as salas de aulas, nos estágios que tem feito, na licenciatura.

Pesquisadora: Como está sendo seu processo formativo neste curso? Fale um pouco sobre as aulas, os tópicos abordados nas mesmas e os espaços de discussão oferecidos por elas. Temas transversais são abordados como parte do conteúdo pela Geografia acadêmica adotada na UFV?

À pergunta, respondeu: que os temas transversais são bastante abordados nas disciplinas, mais em algumas matérias do que outras, evidentemente. Informa que os alunos fazem debates, pesquisas, etc.

O tema é mais discutido na Geografia Humana, tendo sido abordado, por exemplo, na Geografia Urbana e Geografia Rural. Há também discussões desse tipo na Geografia Física, mas com menor frequência.

Pesquisadora: Quanto à formação extraclasse, você participa de eventos, sejam eles internos ou externos? Fale um pouco sobre essa experiência.

À pergunta, respondeu: que faz parte do laboratório de um professor e está trabalhando com áreas de risco, ou seja, tem trabalhado mais com a área física, mas participa também de palestras, como de mineração, relacionado à Geografia.

Trabalha no laboratório do quaternário, com geomorfologia, na área de pesquisa e não é bolsista, ou seja, participa voluntariamente.

Pesquisadora: Há alguma ou mais de uma área de formação no curso com a qual você tenha mais afinidade? Por quê?

À pergunta, respondeu: que ingressou na Geografia pensando que o curso era mais voltado à licenciatura, pois pouco sabia da área de atuação do bacharel. Então, era mais apegada à Geografia relacionada às humanas, mas, ao chegar no curso acabou se adaptando mais à geografia física e posteriormente mais à área de atuação do bacharel. Tem gostado da área de geomorfologia.

Pesquisadora: Ainda em relação à área de formação, você considera que as aulas e os professores te inspiram ou influenciam em suas escolhas? De que maneira?

À pergunta, respondeu: que sim. Referencia como exemplo professor que apontou que determinada área tem mais carência de profissional qualificado, o que influenciou a entrevistada a se interessar por ela, não apenas porque gosta, mas também pelo aspecto econômico.

Pesquisadora: Você participa de algum projeto relacionado ao ensino, à pesquisa ou à extensão? Em caso afirmativo, como você avalia a importância dessa experiência?

À pergunta, respondeu: que sim, de projeto de pesquisa. Está gostando pois está ampliando seu leque de conhecimentos, inclusive sobre viçosa. Não se envolveu com ensino e nem extensão.

Pesquisadora: Fale um pouco sobre esse direcionamento em específico. Por que o ensino, a pesquisa ou a extensão?

À pergunta, respondeu: que conversou com um professor, o qual lhe passou algumas opções, sendo que a área que está lhe chamou a atenção. Mais especificamente, chegou ao laboratório do professor, que disse que estava com um projeto e indagou da entrevistada se ela tinha interesse, ao que respondeu que sim. Trata-se de projeto de áreas de risco do Município de Viçosa-MG.

Pesquisadora: Você pretende se graduar nas duas modalidades oferecidas pelo curso de Geografia da UFV, bacharelado e licenciatura? Qual o motivo dessa escolha?

À pergunta, respondeu: que sim. Quer se graduar em ambos para ampliação do leque no mercado de trabalho.

Pesquisadora: Diante dos caminhos oferecidos pelo curso, você considera estar trilhando aquele que mais a contempla, que mais gostaria? Fale um pouco sobre isso, por favor.

À pergunta, respondeu: que sim, certamente, o que constata sempre que conversa com amigas que fazem outros cursos, com os quais a entrevistada não se identifica.

Pesquisadora: Você considera que foi uma escolha pessoal ou houveram motivos de impedimento maiores?

À pergunta, respondeu: que houve ajuda externa sim, principalmente de professor.

Pesquisadora: De maneira mais específica, você já vivenciou alguma situação relacionada a instâncias superiores dentro da universidade que a impediu de seguir em determinada área de formação? Em caso afirmativo, pode relatar o ocorrido? Lembre-se, sua identidade será mantida em sigilo e não há necessidade de citar nomes em seu relato.

À pergunta, respondeu: que nunca se sentiu oprimida por onde passou, tanto na Geografia quanto na UFV em geral.

Pesquisadora: A monografia é o maior trabalho de pesquisa realizado por uma estudante da graduação. Caso vá elaborar uma, qual tema você pretende trabalhar e por quê?

À pergunta, respondeu: que gosta muito da geomorfologia, mapeamento e regularização fundiária, e, portanto, imagina que seja em alguma dessas áreas.

Pesquisadora: De acordo com sua experiência, é possível dizer que algumas áreas de formação oferecidas pelo curso apresentam tendências de maior ou menor ocupação por determinado gênero? Por favor, fale um pouco sobre isso.

À pergunta, respondeu: que percebe tendência das mulheres irem mais para a licenciatura e os homens para o bacharelado, o que é perceptível nos laboratórios, sobretudo naqueles mais relacionados ao bacharel, onde, frisa, a presença masculina, em termos de número de alunos, é consideravelmente superior.

Acredita que tal questão se dê por estrutura cultural, embora também considere que isso vem mudando um pouco agora, com o crescente interesse de mulheres pela área.

Pesquisadora: Você se sente representada em relação ao número de docentes por gênero do curso?

À pergunta, respondeu: que não, pois há apenas duas professoras no curso e acredita que poderia ter mais representantes. Nota grande desproporcionalidade.

Pesquisadora: Tendo em vista sua vivência cotidiana, você considera que mulheres e homens, estudantes do curso de Geografia da UFV, experienciam a Universidade da mesma forma, no que tange à ação de frequentar e pertencer aos diferentes espaços que fazem parte de suas formações, como por exemplo laboratórios de estudo e pesquisa etc.?

À pergunta, respondeu: que acredita que ocorre de maneira igualitária, porque em qualquer dos ambientes da universidade é facultada a presença e participação de homens e mulheres, indistintamente. Acredita que o ato de frequentar determinados locais ou grupos se dê por questões alheias ao gênero, tais como as escolhas pessoais e afinidade.

Pesquisadora: Para você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira isso ocorre?

À pergunta, respondeu: que acredita que não, pois vê acolhimento de alunos interessados, sejam homens ou mulheres.

(Docente 1: Geografia/ homem)

Data: 01/03/2023

Hora: 14:00

Pesquisadora: Há quanto tempo você se formou e está nesta carreira?

Entrevistado: Pra você ter uma ideia eu dou aula, esse ano faz 35 anos né, de sala de aula. É uma longa história! Eu dei aula no município do Rio, no estado do Rio, em duas, três escolas particulares, né, e na universidade. Eu já dei aula para todos os níveis, desde a antiga quinta série até o doutorado, hoje estou orientando uma estudante de pós-doc., então, quase quatro décadas de Geografia, né? Primeiramente de Geografia, né? Assim, porque na verdade, eu como eu tenho uma ligação muito forte com a História, então eu sempre tive essa... sempre caminhei aí... na verdade eu sempre caminhei entre a Geografia, História, Antropologia, um pouco da Literatura, né? Mas assim, minha formação foi em Geografia e em História, né? Mas enfim, desde os anos 80 eu tô nessa lida, né, acompanhando as modificações, né? Assim, por exemplo, um tema como o seu era absolutamente, era quase, não sei se absolutamente, não sei se é a palavra, mas era pouco, muito pouco provável no final dos anos 80, por exemplo, entendeu? Esse tema ou questões étnicas, ou questões... absolutamente fora. Isso foi chegando até a Geografia ou a Geografia foi chegando até esses temas, né interessante! Hoje há uma abordagem a novos problemas, novos objetos na Geografia. Eu só fui ter contato, né, com isso que seria uma Geografia cultural, por exemplo, quer dizer, o tema da cultura vindo para Geografia, eu já tava no doutorado, né? Então, essa Geografia humanista, isso é uma coisa mais recente para mim.

Pesquisadora: Fale um pouco, por favor, sobre sua formação acadêmica, considerando as diferentes etapas de sua formação.

Entrevistado: A UFRJ, que foi onde eu me formei, é uma escola de Geografia, que refletia as tendências, assim... tanto de uma Geografia clássica francesa, né, quanto do que era novidade, que entra pelo viés neopositivista de uma Geografia americana. Era basicamente o que se encontrava na Geografia quando eu estudei Geografia. Você tinha, na graduação, né, você tinha uma Geografia clássica francesa, né, fortemente Lablanchiana, uma penetração de uma Geografia americana neopositivista. Não estamos falando de Claval, perdão, de Sawyer e tal, não, uma Geografia neopositivista fortíssima, teórico-quantitativa e começava, né, ganhando força, uma Geografia marxista. Então os temas eram ligados, digamos assim, a essas correntes de pensamento, né? Não se falava de movimentos.

Eu tenho uma formação, que eu diria, dentro da Geografia, fortemente francesa, né, francófila. Mas é uma Geografia francesa renovada, né? Claro, vai ficar essa base Lablanchiana, mas com outras abordagens, outras tendências e tal. Até então, até um determinado momento eu caminhava dentro daquilo que seria uma Geografia marxista, né? Num outro momento, já no doutorado, já tendo feito História também, eu trabalhava com uma outra perspectiva, que era uma Geografia que eu não gosto de chamar de Geografia cultural, porque é uma coisa que me parece que não é “nem carne, nem peixe”, mas é assim, era uma discussão que falava da espacialidade da cultura, digamos assim, que se preocupava com a espacialidade da cultura, com a territorialidade da cultura. Cultura não do ponto de vista supraorgânico, como alguma coisa que paira assim, mas cultura levando em consideração que existem questões de classes dentro da cultura. Digamos assim, é uma Geografia que se aproxima na Geografia cultural mais crítica, né?

Pesquisadora: Houveram desafios ao longo dessa trajetória? Você os associa a algum fator determinante?

Entrevistado: O que aconteceu e aí são essas coisas da própria carreira, né, isso quando eu dava aula no ensino médio, fundamental no Rio. Quando eu fui pra Viçosa, em 2002, e tava se criando o curso de Geografia, né, primeiro ano, segundo ano, na verdade, o curso é de 2001, mudou, a perspectiva se ampliou um pouco, uma discussão de territorialidades, Zona da Mata e tal. Mas uma grande virada aconteceu em 2013, quando nós criamos o curso de Mestrado Profissional em Patrimônio, Paisagem e Cidadania. Aí assim, por questões absolutamente ligadas ao trabalho prático, me voltei a uma discussão sobre paisagem. Já havia uma discussão sobre cultura, né, já havia um viés fortemente historiográfico, né, o que eu acrescentei foi essa questão do patrimônio, uma discussão sobre o patrimônio. E vai fazer esse ano uma década, este mestrado tem uma década, já tem por volta de 70

dissertações defendidas e tal.

Na verdade o que eu vinha trabalhando, que é a minha tese doutorado, é a história da Geografia ou como a gente chamava, a história do pensamento geográfico, era historiografia, teoria da geografia e tal, geografia histórica, então eu participo ainda hoje desses grupos, mas o mestrado abriu uma outra frente de trabalho, que é a questão do patrimônio. Então os meus artigos, o meu trabalho ultimamente tá diretamente relacionado a isso, né? Eu tenho, por exemplo, todos os meus orientandos, eu dou aula na pós, no programa da Arquitetura, todos estão nessa área entendeu? Na área de Patrimônio e tal, lá na História também. E de certa forma, na Geografia eu tô orientando temas muito próximo do seu, né? Sobre o movimento dos LGBTQIA+; relacionados à Geografia histórica; sobre Guimarães Rosa, então você tá vendo que é uma Geografia, assim, que corre pari passu aí com os grandes temas.

Pesquisadora: Por que você optou por sua área de atuação? Quais foram suas motivações?

Entrevistado: Darlene eu acho que as escolhas nunca são individuais. Quer dizer, eu acho que é o Ortega y Gasset que dizia “o homem é sempre o homem”, o homem barra mulher, né, para não ficar com essa coisa. O homem é sempre, né, é o ser humano e as suas circunstâncias, ninguém escapa do seu contexto histórico, entendeu? Então assim, evidentemente tem as escolhas pessoais, mas as escolhas pessoais elas estão dialogando com o que tá acontecendo na sua vida pessoal, com o que tá acontecendo na academia, sendo discutido, entendeu? É muito difícil separar uma coisa e outra, é muito difícil e as coisas vão chegando e você vai esbarrando nos diversos temas. Na verdade, é a tal coisa, a realidade corre e a gente corre atrás, né? Você começa a..., de repente, essa questão, né, feminina. Eu tô orientando um trabalho de arquitetura, que é um trabalho de planejamento urbano do ponto de vista feminista, é uma coisa que eu nunca tinha parado para pensar, Darlene, sabe? Assim, a cidade é pensada dentro de um racionalismo, eu sempre, desde os anos 80 que eu fazia essa crítica, a crítica ao racionalismo ocidental branco. Mas essa crítica que tava aí, né, ele é branco, ele é europeu, ele é ocidental, ele é racionalista, clássico, mas a gente não trazia nem a questão étnico-racial e nem tampouco a questão de gênero. A gente não percebia que dentro daquilo que a gente chama de racionalismo ocidental, europeu, racional, havia também uma discussão, evidentemente, que ninguém olhava, não existia porque ninguém olhava, porque é um a partir do momento em que as pessoas olharam passaram a existir, é, havia uma questão étnico-racial, havia uma questão ambiental, essa chegou mais rápido, mais cedo e a havia uma questão de gênero, sem sombra de dúvidas, isso tava ali, entendeu? Isso tava ali. Não há como separar capitalismo de patriarcado, nem de racismo.

Pesquisadora: Você já esteve ou está à frente de cargos de chefia em seu departamento? Você associa o fato de ter alcançado ou não essa posição a algum fator especificamente?

Entrevistado: Sempre. Olha, eu sempre estive, para te falar a verdade. Agora eu estou há pouquíssimo tempo na chefia de departamento da Geografia, coisa que eu nunca exerci nos meus 20 anos, apenas por brevíssimos períodos, assim, de transição, sabe? Mas, assim, assumir um cargo de chefia, é a primeira vez nos 20 anos que eu tenho de UFV. Agora coordenação, coordenação, desses 20 anos de UFV, eu não sei te precisar mas talvez uns 15 de coordenação, porque eu já fui coordenador da graduação da Geografia durante muito tempo, depois eu fui, durante quase quatro anos, coordenador do mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagem e Cidadania, então eu sempre exerci. Na verdade eu saí da coordenação do mestrado para assumir o cargo de chefia na Geografia.

Na realidade Darlene, o fato, sinceramente, o fato de eu assumir esses cargos eu não consigo saber quais são os reais motivos. Eu gosto de fazer um, digamos assim, um discurso um pouco cabotino, de que foi pela minha dedicação ao curso, pela maneira como eu sempre me coloquei em relação aos alunos, por literalmente gostar muito de fazer o que eu faço, porque você sabe, outros sabem também, que eu gosto de fazer o que eu faço, eu fico muito triste quando eu vejo e isso é muito comum na universidade, professores que não gostam de fazer o que eles fazem, eu acho isso um privilégio, eu tá fazendo uma coisa que eu gosto muito, que é entrar em sala de aula e dar a minha aula, que é orientar os meus inúmeros orientandos. Eu tenho 14 orientandos, né? Assim, isso só em pós, de estar participando de banca, de estar participando da vida acadêmica, eu gosto muito disso. Então assim, eu acho que talvez, se não foi isso, digamos assim, o *primum mobile*, quer dizer, né, o motor principal... foi certamente isso. Agora, eu acho que na sua pergunta, talvez, esteja embutida a questão do gênero, né? Sinceramente eu não saberia te dizer se isso fez algum tipo de diferença.

Pesquisadora: Ao se colocar enquanto trabalhadora/trabalhador inserida/o em uma sociedade capitalista, você acredita que sua jornada de trabalho na esfera privada (doméstica) interfere em sua jornada de trabalho formal na Universidade? Discorra sobre, por favor.

Entrevistado: Eu acho assim, eu tenho uma jornada excessiva de trabalho, né? Por conta também, vê bem, onde eu fui me enfiando, né? O fato de estar em três programas de mestrado, eu sou responsável por isso, né, quer dizer, não posso botar isso no colo de ninguém, são escolhas. Certamente a minha jornada em casa interfere, né? Agora, eu não quero ficar respondendo o que está subentendido nas suas perguntas, não é justo. Mas eu compreendo a sua pergunta, ela vem no sentido de mostrar que, né?... Eu, então se me for permitido responder o que tá subentendido, eu não tenho a menor dúvida que a jornada feminina interfere muito mais, entendeu? É, eu já convivi, convivo, embaixo do mesmo teto, com mulheres, com filhos e seria uma hipocrisia dizer que a jornada de trabalho masculina dentro de casa é a mesma que a da mulher, nem de longe! Ainda que a gente faça, entendeu? Eu faço, eu passo roupa, limpo casa, eventualmente cozinho alguma coisa, mas o que acontece é que essa administração da casa acaba ficando como uma responsabilidade feminina. Claro que nem de longe, né, assim, mas nem de longe, é o

que era a vida da minha mãe! Foi uma vida de dona de casa clássica. Então, nem de longe, né? Mas, por exemplo, nem de longe eu também tenho uma postura como a do meu pai, mas também não vou mentir a você e dizer que as funções são totalmente divididas, porque não são. Pensa na maternidade, por exemplo. A maternidade, assim, se você pensar em termos acadêmicos, a maternidade que não deveria ser um problema, mas em termos acadêmicos é, né? Porque você perde em termos competitivos do jeito que a coisa foi feita. Agora eles estão pensando lá na Capes, em colocar lá, no CNPq, no Lattes, “a maternidade”, porque de fato são dois anos em que você fica, né? Enfim... Na verdade eu tenho e já tive companheiras, todas professoras: duas professoras universitárias e uma professora de Ensino Médio e Fundamental. Não há a menor dúvida, então... quer dizer, as carreiras eram muito diferentes, né? Agora para as que são professoras universitárias, a coisa pesa muito mais. Na verdade, as duas têm doutorado, mas não há dúvida que isso pesou. Mas o que acontece é que as pessoas fazem aquilo, né, elas correm atrás. E aí acaba que não há uma defasagem, porque o que acontece? É que quem tá aqui atrás, corre muito mais, entendeu? É mais ansiedade, é menos conforto. Acaba afetando na saúde, sobretudo.

Agora tem uma coisa que eu acho que é um dado importante para o teu trabalho, que eu concordo plenamente com essa teoria marxista, né? É o fato de, em famílias de classe média, com dois professores universitários, esse trabalho é transferido para uma outra pessoa, para uma empregada doméstica, que normalmente é uma mulher negra que vem cuidar de filhos de brancos, né? Assim, eu venho de uma cidade, Darlene, em que eu fui criado, né? Saí do Rio eu tinha 25 anos, mas estou sempre no Rio, né? Então desde a mais tenra idade eu me acostumei com quarto de empregada, com elevador de serviço, com o espaço na Praia do Leblon, do baixo BB, onde se tem todas as empregadas negras vestidas de branco, tomando conta das das crianças brancas na praia.

Pesquisadora: Há claramente uma segregação espacial, né?

Entrevistado: Certamente é sim, espacial, de raça e de gênero. Deve ter visto o filme: “Que horas ela volta”, né? Vale a pena, porque a discussão é essa. Dani é uma empregada doméstica, nordestina, que vai para São Paulo e cuida do filho da branca, entendeu? A filha dela mesmo, ela não cuida, ela cuida da filha dos outros. Essas mulheres, em condição social de subalternização, elas cuidam das filhas das outras mulheres e não cuidam das suas, né?

Pesquisadora: Você se considera uma representatividade para as alunas/alunos do curso? Por quê?

Entrevistado: Eu não sei se eu me considero, de fato eu não sei, eu tô há muitos anos, né? Eu sou a pessoa, em atividade, mais antiga do curso. Enfim, eu não sei se eu sou uma referência, eu sei que eu procuro fazer o meu meu trabalho com muita dedicação, com muito carinho e em relação aos alunos, sobretudo. Na verdade, o meu viés, o meu foco, sempre foi os alunos, desde sempre. Então, eu acho, que... tem uma coisa assim, teve um evento, quando eu dava aula numa escola particular do Rio, que a gente teve uma reunião lá com um psicanalista e ele me perguntou o que que eu queria, qual era o meu objetivo em sala de aula. E o meu objetivo continua sendo o mesmo, o meu objetivo é que os alunos se apaixonem por aquilo que eu sou apaixonado, né? Que é o saber. Então, quando isso “dá liga”, eu acho que você tem assim, sabe?... É uma coisa sublime! Quando não dá, não dá! Mas assim, eu sempre procurei fazer isso. E eu sempre procurei deixar claro que eu estou ali com enorme prazer, eu não estou ali como um sacrifício, não é um fardo, é um enorme prazer, é uma dose de carinho, de compreensão e, evidentemente, o que você quer é diálogo, que você quer, é a compreensão. Então, nesse sentido, eu acho que não é uma questão de fazer juízo de valor, mas eu deixo claro para os alunos que eles importam, né, eles importam; o saber importa, a universidade importa, eu deixo isso bem claro, eu espero que isso seja um bom exemplo.

Pesquisadora: Você observa se há um direcionamento, uma tendência, de mulheres seguirem majoritariamente determinada área dentro do curso de Geografia? E quanto aos homens? Em caso positivo, a que fatores atribui essa situação?

Entrevistado: Na Geografia da UFV?

Entrevistado: Eu não sei se eu identifico isso. Ou se eu identifico, é uma coisa muito empírica, não é nada que eu possa dizer: “ah, existe isso!” Eu não consigo ver isso com tanta clareza. O que eu acho é que existem, dentro da Geografia, né, às vezes uma área um pouco mais, como é que eu vou te dizer?... Uma coisa mais dura, mais hard, né? Assim, talvez nessa área, nesse locus, você vai encontrar mais homens do que mulheres, entendeu? Mas eu não tenho, seria um pouco leviano da minha parte eu achar: “ah não, tá seguindo para cá, tá seguindo... não dá, não dá, não dá. O que eu acho é que em algumas áreas da Geografia, os alunos têm contato com discursos auto laudatórios, uns discursos assim, é... de trajetória, de conquista. Você tá entendendo? Quero dizer, trajetória de vitória. E isso eu acho que é um discurso masculino, entendeu? Isso captura. É um discurso falocêntrico: “eu fiz, eu venci, eu isso...”, essa coisa autocentrada. E aí o que é que acontece? Como essas pessoas usam esses sinais exteriores de riqueza (e que não é) mas enfim... como resultante desse discurso de conquista, eu acho que isso é fortemente masculino. É muito difícil você ver as mulheres com um discurso desse, né? O discurso feminino da ciência é muito mais humilde. Sem generalizações, mas enfim, eu acho que há um pouco mais de humildade nisso.

Pesquisadora: Pensando a partir da questão anterior, seria possível falar sobre a existência de espacialidades/territorialidades no curso de Geografia, a partir de uma perspectiva de gênero?

Entrevistado: Olha eu acho que hoje isso fica um pouco mais evidente do que já foi antes, na medida em que você de fato vê. Por exemplo, o tema lgbtqia+ acaba atraindo um público, né, que... como é um problema a ser resolvido pelas pessoas, é natural que você traga aquilo como uma discussão científica, como uma discussão da

própria academia, uma discussão de comportamento. Então você vê que há alguns recortes onde você vai encontrar muito fortemente a questão do gênero, a questão da etnia, sem sombra de dúvida. Aí é uma coisa que dá “pano para manga”, porque esbarra também numa certa perspectiva marxista, né? Talvez um pouco mais ortodoxa, que eu acho que gera uma contenda desnecessária entre aqueles que se dizem marxistas e aqueles que se dizem identitaristas. Não são, não são positivistas e “pá, pá, pá”... mas enfim, eu acho que é forçar a barra para uma briga, para uma situação em que poderia convergir, entendeu? Porque a condição de opressão ela tá dentro do discurso identitário e tá dentro também no discurso marxista. Mas eu vejo que é uma disputa de espaço entre esses vieses digamos assim. Acho que sim, acho que acontecem. Dentro da Universidade você vê isso com clareza, quando você tem essas, a maneira como você coloca ou a estigmatização do outro, né? Grupos de bicho grilo, grupos de agroboys... você vai separando a partir de um locus discursivo e colocando outros em outros locus discursivos. Isso me parece cada vez mais evidente na Universidade.

Pesquisadora: Quando pensamos na universidade enquanto espaço público, como você avalia a inserção da estudante de Geografia neste espaço?

Entrevistado: Eu acho que cada vez mais essa estudante de Geografia, não dá para generalizar, mas ela se percebe a partir de um locus que hoje comumente se fala, em “lugar de fala”, né? É diferenciado dentro da Universidade, então ela se coloca, né, se coloca como mulher. Ela se coloca, se for, como mulher negra ou como mulher negra favelada, quer dizer, você tem esses recortes, né? Esse locus de enunciação como diz o Bourdieu, me parece cada vez mais evidente dentro da Geografia. Então assim, literalmente, o que a gente tá vendo é uma disputa territorial pelo espaço público, porque evidentemente isso provoca também uma reação daquele grupo dominante, que se sente incomodado com a vontade de visibilidade, né, a vocalização desses grupos. Isso pra mim é uma aula de cidadania, né? E a universidade mudou muito nos 20 anos que eu tô nela, mudou muito! Ela hoje é muito mais feminina, ela é muito mais negra, ela é muito mais gay, no sentido de generalizar o grupo dos lgbtqia+, então assim, nem se compara, nem se compara. Isso é uma forma de você buscar espaços, territorializar discursos, isso é muito claro para mim há muito tempo! Talvez porque também sejam temas que sempre vieram até mim, sempre vieram me procurar, eu sempre fui muito aberto. Eu acho que é isso, aberto a esse tipo de coisa porque sempre me posicionei de uma maneira fortemente contrária a qualquer tipo de opressão. E a opressão é muito forte, né? Mas você vê que mesmo a ciência vai mostrando rachaduras, as fissuras vão se abrindo, entendeu? Eu espero que a coisa ande nesse sentido.

Pesquisadora: Para você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira isso ocorre?

Entrevistado: Olha eu acho que é inevitável que seja atravessada pelo sexismo, veja bem, não é evidentemente, não estamos falando aqui de uma de um muro de concreto, nós estamos falando aqui de coisas subjetivas. Não há uma coisa assim, como não é nítido e evidente, portanto é muito eficiente, entendeu? Quanto menos nítido e menos evidente, mais eficiente. Onde é que tá? Onde é que eu acho que tem o sexismo? Não é que haja o impedimento. “Fulana não vai fazer isso porque é mulher, não vai fazer aquilo”, não é nada disso, isso não existe, mas existe um discurso masculino, um discurso auto-laudatório, um discurso de conquista, né? Que certamente tá direcionado aos machos, digamos assim, entendeu? E evidentemente isso constrange as mulheres, né? Isso coloca as mulheres em outras circunstâncias. Eu já presenciei, mas “n”, “n” situações, em que as pessoas fizeram discursos vergonhosamente machistas, vergonhosamente. Mas evidentemente que essas pessoas não fazem mais isso na frente das mulheres, elas se policiam. Mas a questão não tá aí, não é essa, entendeu? Quando é que é eficiente, Darlene? Eu não preciso dizer para você assim: você não vai fazer porque você é mulher. Mas eu posso dizer, assim nas entrelinhas, um monte de coisa pra você, um milhão de obstáculos que não tô colocando para o seu companheiro, entendeu? “Olha, com isso aqui você vai poder dirigir um carro esporte, sabe?”. Eu quero dizer que não é uma coisa que tá no valor feminino, as mulheres não usam os automóveis como instrumento de poder, né? Quer dizer, o acelerador não é um segmento do pênis, entendeu? Esse discurso existe. “Com isso eu conquisto isso, entendeu? Com aquilo e aquilo outro. Isso aqui foi eu que fiz!”. Essas coisas aparecem não como uma sutileza, não é sutileza porque não é sutil, mas sim como uma ordem discursiva e portanto não há dúvida que aparece. E apareceria, provavelmente, se você estendesse essa pesquisa, apareceria em “n” outros cursos de Geografia, né? Evidentemente que o curso de Geografia da UFV não é um ponto fora da curva, claro que dentro da Geografia, da História, da Antropologia, provavelmente isso vai ser muito menos do que em outros cursos onde tradicionalmente isso sempre foi mais normal, né? Você lembra que o pessoal falava, que os estudantes da Engenharia Florestal eram os pica-pau e as estudantes da Economia Doméstica eram as pica-couve, né? Eu participei de toda a discussão do fim do curso de Economia Doméstica, foi um negócio dramático, porque atualizava toda essa coisa.

Pesquisadora: Inclusive a história que se conta, né, é que o curso de Economia Doméstica foi criado para as mulheres dos Engenheiros Agrônomos, que vinham estudar na UFV. Não havia mulheres nas Engenharias Agrônoma e Florestal.

Entrevistado: Mas é, a família rural perfeita, né? Quer dizer, o maridão vira agrônomo ou veterinário e a mulher economista doméstica. O teu trabalho, é sugestivo que ele seja na UFV, porque de vários lugares a UFV é um lugar que potencialmente esses problemas são elementos fundadores. Eu pelo menos sinto muita diferença entre as minhas outras experiências universitárias e a UFV. Já passei por situações muito curiosas na UFV, por exemplo,

uma vez eu cheguei de cachecol porque estava fazendo muito frio então eu fui dar aula de cachecol e eu entrei e falei que eu tava vestido à mineira, no sentido de estar coberto porque tava frio e eu venho do Rio, onde é quase impossível usar um cachecol, né? E um rapaz falou: “não, à mineira não, porque homem aqui não usa essas coisas”. Em outra situação, pedi a um aluno que tomasse conta para mim das minhas coisas porque eu ia ao banheiro e aí usei uma palavra popular, né? Geralmente eu falo que vou ao banheiro mas nesse momento quando o cara tava ali eu falei: “eu vou fazer xixi” e ele logo me corrigiu, disse: “Não professor, homem não faz xixi não, homem mijá”, entendeu? Ambos da Geografia. Outra coisa é sobre eu parar às vezes com a mão “nas cadeiras” e aí um aluno falou: “professor, não fica assim não porque homem não fica assim, quem fica assim é mulher”. Então assim, você vai encontrar coisas, eu não diria que são exceções não, eu diria que você tenha uma parcela que traz consigo o patriarcado e o machismo.

O que eu queria era te parabenizar pelo tema, pela relevância do seu trabalho, entendeu? Eu acho que com tudo aquilo que a gente falou, é muito sugestivo que por exemplo eu esteja agora, nesse mês de março com três defesas na Geografia: uma de Geografia histórica, uma é Geografia e Literatura e a outra é sobre movimento lgbtqia+, tem o seu trabalho, que é sobre o feminismo, você vê que há um movimento muito grande de mudança, né? E isso para mim é um vento de mudança. Não há a menor dúvida que é um vento de mudança. A Geografia deixa de ser aquela disciplina enfadonha tal e ela já tinha passado a se transformar em alguma coisa muito mais crítica, mas agora ela ganha outra criticidade, né? Que é desses locus de enunciação diferenciados e que são absolutamente fundamentais. Então ver um tema como o seu, como o do aluno “x”, é sempre muito bom, é sempre muito bom, porque mostra o frescor da Geografia. A maneira crítica com que a gente se debruça sobre o mundo e que no fundo é um mecanismo de libertação, aquilo que sempre foi a educação para mim, a educação é libertadora, porque se não for libertadora, Darlene, ela é a reprodução da ordem burguesa. E quem quer a reprodução da ordem burguesa? Para as mulheres, por exemplo, a reprodução da ordem burguesa é uma tragédia, entendeu? A tragédia dos últimos 200 anos, 250, enfim... Olha Darlene, tem uma coisa que é importante, porque o pessoal traz cientificidade para isso, sabe? Por exemplo, você pega hoje o maior biólogo britânico, tem programa na televisão na Inglaterra, é uma figura importantíssima, um neo darwinista importantíssimo. Esse cara diz textualmente que a quantidade do aumento de câncer no útero tem a ver com o fato das mulheres não esfriarem mais a sua barriga no tanque e esquentarem no fogão. Não há cientificidade nisso, mas você imagina o alcance, o poder que uma pessoa dessa tem, entendeu? Por isso é que eu acho que trabalhos com o seu são fundamentais, porque eles são, na verdade, a munição para a libertação. Você é uma das pioneiras, haverá lugar para isso você pode ter certeza que o que tá hoje na periferia amanhã será o centro.

Pesquisadora: Muito obrigada por sua rica contribuição, professor!

Entrevistado: Eu que agradeço, foi um prazer!

(Docente 2: Geografia/ homem)

Data: 07/03/2023

Hora: 14:00

Pesquisadora: Há quanto tempo você se formou e está nesta carreira? Fale um pouco, por favor, sobre sua formação acadêmica, considerando as diferentes etapas de sua formação. Por que você optou por sua área de atuação? Quais foram suas motivações?

À pergunta, respondeu: que antes mesmo de entrar na faculdade, fez cursos profissionalizantes da área de desenho, então trabalhava dando curso de cartografia, mais no aspecto relacionado à engenharia. Chegou a iniciar o curso de engenharia de minas, em 1999, por causa do aspecto ambiental, mas foi migrando depois para a área da educação. Então, depois disso, iniciou o curso de Geografia em 2002 na UFMG e em 2004 eu já estava dando aula em uma escola de movimento sindical. Terminou a graduação em 2007 e em 2008, concursado, já estava dando aula na Prefeitura de Belo Horizonte. Fez mestrado (na educação) e dava aula simultaneamente. Depois, quando já havia saído da Prefeitura, começou a dar aula de fundamentos de Geografia para a turma de psicologia, na UFMG. Isso foi a primeira metade do doutorado, o qual foi defendido em 2016 e em 2017, como professor substituto, começou a lecionar Educação do Campo na UFV. Em julho de 2017 tomou posse como efetivo no departamento de Geografia da UFV. Ou seja, leciona desde 2004, há, portanto, dezenove anos, atuando com educação popular, escola básica e ensino superior.

Pesquisadora: Houveram desafios ao longo dessa trajetória? Você os associa a algum fator determinante?

À pergunta, respondeu: que sim, diverso em cada momento. Na educação popular, o desafio se deu em relação ao fato de que a direção tinha uma visão política extremamente “fechada”, de modo que os desafios se deram no campo ideológico, pela incompatibilidade do pensamento do pesquisador, que pensava o indivíduo “mais livre” enquanto os diretores pensavam mais numa perspectiva “disciplinar”, de modo que haviam momentos em que convergiam e outros que não.

No período da Prefeitura, os conflitos eram outros, pois ela (a Prefeitura) tinha suas metas e normas, muito pela implementação da política de gestão de resultado. Assim, haviam embates e conflitos nas escolas relacionados à questão da necessidade de se fazer uma escola pública de qualidade, mas que não alienasse o aluno, sobretudo num contexto de saída recente de período de ditadura militar, em que o conteúdo era imposto “de cima para baixo”.

Assim, os desafios neste período muito se relacionavam à maneira plural dos profissionais enxergarem a questão, exemplificada com relevância dada pelos profissionais a visita em um córrego nas imediações da escola (sobretudo por causa da Dengue) e, por outro lado, a inclinação de outros profissionais a conseguir ingressos para que os alunos fossem passear no Shopping Center. Embates como esse fizeram parte do período das escolas.

Na graduação, como professor, vê a questão das mães, de conseguir conciliar os horários, compromissos e afazeres, dificuldade exemplificada como pela questão das aulas aos sábados. Até hoje, considera difícil conseguir uma alternativa suficientemente pedagógica para a questão.

Como professor da escola básica, presenciou a dificuldade das colegas em conseguir conciliar os horários do trabalho produtivo, no sentido econômico e o trabalho reprodutivo, pouco reconhecido pela sociedade de modo geral.

Pesquisadora: Você já esteve ou está à frente de cargos de chefia em seu departamento? Você associa o fato de ter alcançado ou não essa posição a algum fator especificamente?

À pergunta, respondeu: que no caso do entrevistado, sim para coordenador de curso, que lida com a parte acadêmica. No seu caso, ao chegar na universidade de dizer que já foi coordenador pedagógico, várias pessoas já disseram que ele tem perfil para coordenação de curso, pela atuação anterior, na escola básica. A esse respeito, o próprio entrevistado já declarou que gosta das questões relacionadas à coordenação do curso, por envolver majoritariamente a questão acadêmica. Explicou, de modo geral, que não há hierarquia entre os gestores, eis que cada qual possui sua própria atribuição.

Pesquisadora: Ao se colocar enquanto trabalhadora/trabalhador inserida/o em uma sociedade capitalista, você acredita que sua jornada de trabalho na esfera privada (doméstica) interfere em sua jornada de trabalho formal na Universidade? Discorra sobre, por favor.

À pergunta, respondeu: que sim, significativamente. Do ponto de vista teórico, o entrevistado já imaginava o quanto fatores como a paternidade/maternidade influenciariam o trabalho formal, mas vivenciou experiência a partir da gestação da esposa – na pandemia –, com significativo aumento da demanda familiar, sobretudo relacionado à alimentação da família, o que demandou grande envolvimento e, conseqüentemente, interferência no trabalho formal. Assim, consegue perceber como, de modo geral, tal debate não é percebido entre os pais, principalmente porque a estrutura do serviço público e da carreira docente não reconhece o trabalho reprodutivo. Nesse sentido, percebe professoras que são mães assumindo demandas familiares nos “horários flexíveis”, enquanto as que não são mães ou os professores que não assumem demandas da casa, neste aspecto, conseguem se dedicar mais às atividades acadêmicas, tais como leituras de artigos/textos de interesse acadêmicos, idealizar boas pesquisas a se fazer, etc. Portanto, sem sombra de dúvidas, afirma que o trabalho formal é muito afetado pelo doméstico.

Pesquisadora: Você se considera uma representatividade para as alunas/alunos do curso? Por quê?

À pergunta, respondeu: que acredita que sim, sobretudo do ponto de vista da licenciatura, que, por parcela da comunidade acadêmica da Geografia, ainda é tida como um anexo, um complemento à formação do geógrafo acadêmico.

No tocante à questão da representatividade de gênero, narrou dois episódios, ambos ocorridos durante as aulas, em que os alunos tiveram abertura para promover debate acerca da questão de gênero. Considerou que tais episódios, da forma como foi conduzido o debate, foram construtivos.

Pesquisadora: Você observa se há um direcionamento, uma tendência, de mulheres seguirem majoritariamente determinada área dentro do curso de Geografia? E quanto aos homens? Em caso positivo, a que fatores atribui essa situação?

À pergunta, respondeu: que não consegue identificar direcionamento. Nesse sentido, citou exemplos de alunos e alunas que se envolveram por áreas diversas. Assim, se existe desigualdade, considera o entrevistado que o fenômeno não é tão aparente.

Pesquisadora: Pensando a partir da questão anterior, seria possível falar sobre a existência de espacialidades/territorialidades no curso de Geografia, a partir de uma perspectiva de gênero?

À pergunta: narrou o entrevistado que, do ponto de vista de sala de aula, não se recorda de observar salas com absoluta maioria de alunos ou alunas, de modo que considera haver um equilíbrio entre os gêneros. No departamento, também observa alunos e alunas transitando.

Além desses espaços, também não se lembra de identificações de espaços masculinos ou femininos, mesmo os espaços que são conduzidos por lógicas mais conservadoras do ponto de vista social.

Pontua, por fim, que do ponto de vista da fala, o entrevistado, em suas aulas, também não observa, mesmo porque sempre procura incluir geógrafas em seus planos de ensino. Por fazer intervenções nesse sentido, acredita que o fenômeno do acesso à fala, enquanto capacidade de intervenção no espaço da sala de aula, é igualmente facultada às alunas e alunos.

Pesquisadora: quando pensamos na universidade enquanto espaço público, como você avalia a inserção da estudante de Geografia neste espaço?

À pergunta, respondeu: que procura adotar métodos que facilitam a inserção dos estudantes no espaço universitário, tendo citado como exemplo a questão das práticas alimentares, o que gera algum tipo de abertura

aos discentes.

Pesquisadora: para você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira isso ocorre?

À pergunta, respondeu: que acredita que sim, de vários modos. De modo geral, considera que a UFV, que é uma universidade conservadora do ponto de vista da excelência acadêmica – que não reconhece o cuidado, a reprodução, etc. –, acaba produzindo um sexismo. Já presenciou alunas terem comportamentos “viris” para entrar em embate com outras alunas. Assim, verifica algum tipo de dificuldade com relação às alunas que possuem encargos fora da universidade, pela dificuldade em ter a mesma disponibilidade de outras alunas. Mas acredita que isso não é exclusividade da geografia.

Com relação ao problema do sexismo, acredita que a principal questão esteja relacionada ao fato de haver bibliografias que não abordam um debate de geografia e gênero. Nesse sentido, nota certa dificuldade na existência de bibliografia que tenha capilaridade no curso, pois, por exemplo, sabe de autores que abordam a Geografia do ponto de vista do gênero, mas a partir de um referencial teórico muito específico, por exemplo o campo decolonial, com traços pós modernos que reafirmam uma individualidade neoliberal, que, segundo acredita, não atinge a raiz dos problemas que produzem o patriarcado.

Na seara prática, nos espaços por onde a mulher circula durante sua formação, o entrevistado não vê questões sexistas relevantes, embora também não duvide que existam e o entrevistado é que não as tenha identificado.

(Docente 3: área colaborativa/ mulher)

Data: 06/03/2023

Hora: 19:30

Pesquisadora: Inicialmente eu gostaria que você falasse um pouco sobre carreira, formação acadêmica e por que optou por sua área de atuação. Quais foram suas motivações?

À pergunta respondeu: que é nascida em Belo Horizonte e que se formou em Ouro Preto no curso de Engenharia Geológica, entre os anos de 1978 e 1982. A entrevistada relatou que em um curso de 100 pessoas, apenas 03 eram mulheres e que, portanto, tratava-se de um ambiente muito masculino. Segundo ela, neste período era muito comum o assédio, o machismo, o sexismo, já que eram banalizados, naturalizados. Ela ressaltou que por ser de uma cidade grande, ela era uma jovem mais alternativa, em suas palavras “meio bicho grilo” e que por isso sofreu uma agressão simbólica. Como exemplo de tal fato citou que um dia estava usando um vestido curto e então, no ônibus, as pessoas jogaram cascas de jabuticaba nela. Julgou a situação como muito violenta. A entrevistada disse que nunca se incomodou muito com a opinião alheia e que isso incomodava. Em 1983 passou em um concurso em Viçosa, em 1º lugar, e se instalou no Departamento de Solos, que naquele momento deveria ter um número de docentes entre 20 e 22, mas recordava-se que havia apenas 02 professoras, ela e outra geóloga. Posteriormente iniciou o mestrado em Solos, pois queria se capacitar na área em que passou como docente, porém, não foi liberada para os estudos e começou a ter seus primeiros problemas no Departamento, apesar de ter sido bem recebida quando chegou. Segundo ela, por aparentar ser uma figura dócil, inicialmente acharam que a dominariam. Em suas palavras: “menina bonitinha, novinha, que todo mundo achou que ia tomar conta”. Porém, quando resolveu participar de uma greve e dizer que não aceitaria determinadas situações referentes ao trabalho e que sua vontade também deveria ser acatada, começou a ter problemas. Se afastou para o mestrado em Ciência do Solo, que cursou em Lavras entre os anos de 1988 e 1990. Voltou para lecionar em Viçosa, inicialmente em outros departamentos, até que se criou uma disciplina de Geologia para as Agrárias. Junto a esta disciplina, a professora criou também uma sala de aula para a ocorrência da mesma, uma sala de aula com amostras de rochas e minerais. Doutourou-se em Holanda e enquanto estudante de Doutorado exercia concomitantemente o papel de mãe, pois havia se tornado há pouco. Ao retornar para o Brasil, Viçosa especificamente, voltou a lecionar a disciplina de solos, citada anteriormente e neste mesmo momento estava ocorrendo a criação do curso de Geografia. Certo dia o diretor do Centro de Ciências Humanas a comunicou que o curso de Geografia havia sido criado e que precisava de um coordenador, então ela foi chamada para assumir este cargo, já que não havia geógrafo na Universidade. Relata que por tal fato e por seu filho estudar em uma escola freiriana, ela começou a trabalhar na formação de professores, aproximando-se assim da educação. Esta experiência fez com que a entrevistada mudasse radicalmente sua perspectiva profissional, tornando-se educadora. Em suas palavras: “eu deixo de ser professora e viro educadora”. Enquanto coordenadora da Geografia, a docente continuou com seu vínculo no Departamento de Solos, porém com a ótica mais direcionada à educação. Nesta fase ela dedicava-se também ao Museu de Solos existente na UFV, que segundo a mesma, tornou-se uma referência na educação em solos, que foi um campo do saber estruturado em termos de Brasil em diálogo com as referências internacionais europeias e americanas.

Pesquisadora: Houveram desafios ao longo dessa trajetória? Você os associa a algum fator determinante?

À pergunta respondeu: relatou que houveram muitos desafios, que um “colega” do Departamento foi um verdadeiro obstáculo em sua vida profissional, já que foi uma pessoa que a atrapalhou bastante. Segundo ela: “Quando chega esse sujeito x, ele resolveu que ele tinha que me destruir!”. Dentre as importunações causadas pelo sujeito x, estava a fala de que a grade curricular montada para o curso de Geografia era um absurdo, pois, em seu julgamento, havia sido feita por pessoas incompetentes para exercer tal função. A entrevistada relatou o ocorrido

com indignação, já que o currículo proposto havia sido pensado por uma comissão e o trabalho dos envolvidos havia sido desmerecido pelo sujeito x. A docente em questão abriu um processo contra o “colega” de trabalho, mas segundo ela, foram colocados “panos quentes” sobre a questão, já que o sujeito x, era alguém renomado na Universidade.

Pesquisadora: Ao que você confere este comportamento do sujeito x? Será que em alguma medida ele sentiu-se ameaçado por sua competência enquanto professora?

À pergunta respondeu: que quando era professora lecionou para o sujeito x, este, na ocasião, estava na graduação. Ele era bastante interessado em suas aulas de Paleontologia e então a pediu para ser seu estagiário, ela achou ótimo, pois, ele era bom aluno, inteligente. Certo dia, ao chegar de um curso, para o qual havia se afastado durante um período determinado, lecionando apenas de 15 em 15 dias, e ao entrar em contato com sua turma, os alunos reclamaram do sujeito x, que a substituíu durante a semana. A professora, sem saber de fato o que havia acontecido, o defendeu. Enfatizou assim que a história dos dois começa muito bem. Passado um tempo ele foi para a Inglaterra complementar seus estudos e retornou à Viçosa para a realização de um concurso no Departamento de Solos no qual classificou-se em 3º lugar. Segundo relato, inconformado com sua colocação, o sujeito x instigou os outros candidatos que passaram em 2º e 4º lugar, a entrarem com recurso contra a candidata aprovada em 1º lugar, argumentando que ela não estava apta a lecionar Paleontologia, pois não tinha formação para tal. Assim, o concurso foi suspenso e a professora que havia passado em 1º lugar só conseguiu assumir o cargo 2 anos depois. Algum tempo mais tarde ele enviou uma carta para a entrevistada e para outro professor do Departamento de Solos se desculpando pelo ocorrido, já que havia ficado claro que toda aquela articulação era de sua autoria, mesmo seu nome não aparecendo na contestação do concurso. Enquanto a entrevistada estava no Doutorado, o sujeito x conseguiu passar em outro concurso no Solos e quando ela retornou ao Departamento ele se aproximou para que pudessem realizar trabalhos juntos, como por exemplo, orientações, porém a mesma percebeu que ele a estava boicotando, agindo de forma duvidosa, a impedindo de realizar “algumas coisas”, então ela concluiu que havia ali uma competição. Segundo ela, a partir de então, algumas brigas ocorreram, o sujeito x, a colocava em situações difíceis com seus próprios orientandos e em suas próprias palavras: “Ele foi me queimando, me queimando! O que é isso? Sei lá... Sexismo, não sei. Eu podia estar perto dele, mas desde que eu servisse a ele. Porque na verdade ele tem um monte de gente que serve ele ali, né? Que faz as coisas pra ele. Então eu acho que ele pensou que eu ia acabar fazendo esse papel também, sendo submissa e ele ser meu chefe. Mas eu já tinha minha história, né?”.

A docente contou que recebeu um prêmio por um trabalho desenvolvido no doutorado, que foi convidada a escrever um capítulo de livro, mas que no fim das contas quem escreveu foi o sujeito x. Relembrou ainda o ocorrido relacionado ao curso de Geografia, que segundo ela foram “coisas horríveis” e que, portanto, abriu um processo contra o sujeito x. Mencionou a falta de ética do colega de trabalho citando alguns exemplos que não cabem aqui serem citados e a impunidade cometida pelo Departamento de Solos ao deixar tudo isso passar de forma ílesa. Para ela, esta postura do Departamento relaciona-se ao fato do sujeito x publicar muito e levar o nome de muitas pessoas adiante, contribuindo para o reconhecimento do Departamento e, segundo ela, também pelo fato dele ser homem. Para ela, o fato de ser mulher pesa nesse sentido, ou pelo menos pesou naquele momento, pois mesmo denunciando as posturas antiéticas do colega, nada aconteceu. Relatou que o que sofreu foi um assédio moral grave. Em suas palavras: “Eu era muito boba, se fosse hoje eu teria entrado com processo de danos morais pra cima desse cara, eu tinha pedido para demitir ele da Universidade, porque as coisas que ele fez, sabe, foram muito, muito, muito sérias.”

Revelou que quando fez o concurso para titular no departamento, apesar de ter indicado outras pessoas para compor sua banca, o colegiado do departamento elegeu o sujeito x para ser o presidente da banca. Sentindo-se constrangida pela indicação e respaldada pela resolução do concurso, ela recorreu. A docente relatou que apenas hoje, após processo terapêutico, consegue identificar que teve uma trajetória acadêmica brilhante, mas que no passado, por mais que ela fizesse coisas importantes, sua autoestima era muito baixa. Ela confere tal sentimento às experiências que teve em seu ambiente de trabalho. Em suas palavras: “Eu fazia esse monte de coisa e tinha uma autoestima lá embaixo. Porque essas pessoas faziam isso comigo, mas hoje eu sei, na terapia eu sei, que eu deixei o Departamento abusar muito de mim, eu hoje considero que fui abusada naquele Departamento, por alguns. Aí, quando eu fiz o memorial foi que eu me dei conta que tive uma trajetória acadêmica brilhante, brilhante!”. Ela disse que o Departamento, em todos estes anos, nunca fez uma nota em reconhecimento a seu trabalho. Atualmente a professora compõe a consultoria do projeto “Novas Exposições” do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Não surtindo efeito no Departamento, seu pedido de retirada do sujeito x de sua banca, ela recorreu ao diretor de centro das ciências agrárias.

Pesquisadora: Naquela época o Departamento era majoritariamente masculino? Ainda é?

À pergunta respondeu: Que sim, era, e ainda é. Atualmente o Departamento de Solos conta com 2 professoras em um quadro de 26 docentes. Voltando ao relato anterior, ela disse que depois de duas reuniões o Centro de Ciências Agrárias (CCA) definiu que a banca escolhida não poderia permanecer e então o pedido da docente de retirar o sujeito x foi levado em consideração. Segundo a professora, ele só foi retirado da banca porque quem definia isso era o CCA e não o Departamento, caso contrário ela acredita que ele não teria saído. Voltando à questão do sexismo, a entrevistada relatou que a outra docente do Departamento diz que a questão com elas é

ideológica, tanto em relação ao espectro político partidário quanto na questão da agroecologia e do agronegócio, porém, a entrevistada acha que na base de toda esta situação está o machismo. Em suas palavras: “A docente y, ela fala: Não, a questão do Departamento com a gente é ideológica, é de concepção. Não, não é só a questão de ser de esquerda, no espectro político partidário, a questão da agroecologia e do agronegócio também, né? E eu pego a questão da educação. Ela acha isso, mas eu acho que na base disso tudo é machismo, mesmo. Eu assumo que é isso, sabe? Como pra gente o mundo era muito machista, no princípio não era isso que me... Mas hoje, se eu voltasse atrás, eu ia ser odiada 20 vezes mais, porque eu ia peitar eles muito mais. Então foi muito duro, mas isso não me impediu de fazer as coisas que eu acreditava e fazer coisas muito bacanas na Universidade.”

Ela relata que o machismo foi muito forte e dolorido, que a atrapalhou, inclusive. Disse que poderia ter alcançado patamares maiores dentro da UFV, que tinha certeza que seria uma excelente pró-reitora de ensino e uma boa chefe de departamento, mas que isso nunca foi posto, ou seja, seu nome nunca foi sugerido. Segundo ela, todos no Departamento de Solos já foram chefe, exceto ela e a professora y.

Pesquisadora: Você enquanto professora enfrentou tudo isso, mas será que uma estudante conseguiria?

À pergunta respondeu: Relatou que isso no Departamento de Solos é um problema enfrentado pelas estudantes de mestrado, pois, havia muito assédio, não especificando corretamente como ocorriam ou ocorrem tais situações. Enfatizou que pode afirmar tal fato em relação ao Departamento supracitado, mas não em relação ao de Geografia. Porém, citou que é de seu conhecimento um professor na Geografia que é “uma decepção em relação às mulheres”. Em suas palavras: “Ele é muito sedutor, se você for olhar, todas as monitoras são só mulheres. E parece que aconteceram alguns casos que não podem acontecer, né? [...] ele teve algumas acusações de assédio de uma aluna que acabou se envolvendo com ele e que ficou muito mal.” A entrevistada disse que acredita que a questão do machismo seja mais forte no Departamento de Solos do que no de Geografia, pelo fato deste curso ser mais novo, possuir gente mais jovem, ter mais mulheres do que na Agronomia, mesmo que em relação ao corpo docente o número de mulheres também seja inferior. Já ao final deste relato, uma fala marcante da entrevistada foi a seguinte: “Fiquei bem mal depois que eu aposentei, porque mal ou bem foram anos dedicados à instituição. Eu nunca fui uma pessoa que quis ter muitos louros, nada disso. Até que eu não busquei posições de poder, eu fui de fazer e também porque muita gente quer ganhar dinheiro, essa cultura do ganhar dinheiro, que tem que ganhar mais. Não, não era isso. Então eu nunca dei consultoria, nunca trabalhei em projeto de pesquisa pra ganhar. Não, eu trabalhava institucionalmente, as coisas eram para instituição. E aí eu percebi que eles tentaram me apagar do Departamento, sabe? Foi muito ruim. Se eles pudessem eles tinham pegado o museu.”

Pesquisadora: Você se considera uma representatividade para as alunas/alunos do curso? Por quê?

À pergunta respondeu: Acredita que sim, que é uma referência enquanto mulher competente em sua carreira conciliando isso à tarefa da maternidade. É referência por mostrar que é possível realizar as duas coisas.

Pesquisadora: Ao se colocar enquanto trabalhadora/trabalhador inserida/o em uma sociedade capitalista, você acredita que sua jornada de trabalho na esfera privada (doméstica) interfere em sua jornada de trabalho formal na Universidade? Discorra sobre, por favor.

À pergunta respondeu: Disse que sim, que interfere, porém disse que a Universidade dá muita liberdade no sentido do ajuste dos horários, por exemplo. Relatou que fez isso quando seu filho era criança, para que pudesse dar a ele mais assistência.

Pesquisadora: Você acredita que a questão do maternar impactou em sua atividade formal na academia, em sua produção científica?

À pergunta respondeu: Relatou que impactou, principalmente quando se separou de seu cônjuge e teve que arcar com os cuidados da criança praticamente sozinha. Iniciou seu doutorado quando seu filho tinha apenas 5 meses de vida e, por conta disso, seu processo para a finalização desta pesquisa foi um pouco mais moroso. Mesmo tendo que se dedicar a duas tarefas que a demandavam tanto (a de pesquisadora e a de mãe), ela conseguiu publicar um total de 7 artigos em seu doutorado.

Pesquisadora: De acordo com sua prática docente, você seria capaz de apontar a predominância do ou da estudante de Geografia em suas aulas e em outros espaços de formação acadêmica, como por exemplo laboratórios, vinculados à área de formação em que você atua? Ou a predominância de um gênero específico não é algo que se observa?

À pergunta respondeu: Não conseguia perceber a predominância de determinado gênero durante suas aulas, o que enfatizou é que de forma geral considera que as mulheres são melhores alunas, mais responsáveis e comprometidas, enquanto os homens conseguem ocupar mais espaço, segundo ela eles se colocam mais, perguntam mais durante as aulas. Porém, em sua prática com estagiárias/estagiários no museu de solos, ela percebeu sim uma predominância de mulheres e uma maior permanência no projeto. A entrevistada julga que elas permaneciam por terem maior compromisso e responsabilidade. Em suas palavras: “depois de uns anos no museu eu já sabia assim, com as meninas eu não precisava preocupar, porque as coisas deslanchavam. Tinham iniciativa, expediente, sabe? Os meninos são muito imaturos e ficam esperando alguém falar o que é que tem que fazer, e depois eles galgam maiores posições, isso é que é louco!” Segundo ela, no museu havia e há uma diferença muito grande.

Pesquisadora: Você observa se há um direcionamento, uma tendência, de mulheres seguirem majoritariamente

determinada área dentro do curso de Geografia? E quanto aos homens? Em caso positivo, a que fatores atribui essa situação?

À pergunta respondeu: Acha que na Geografia física, pelo menos em Viçosa, há mais homens, pois, as mulheres procuram espaços onde são mais acolhidas e valorizadas. Para ela, o acolhimento não é algo típico do Departamento de Solos ou da área física da Geografia. Ressaltou que sim, o Laboratório de Geomorfologia do Solos recebia mulheres que desempenhavam muito bem, porém, relata que diz isso com base em sua empiria e não em comprovações numéricas.

Pesquisadora: Você acha que o curso de Geografia da UFV é atravessado pelo sexismo? Em caso afirmativo, aponte algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre.

À pergunta respondeu: que ao se levar em consideração que o curso de Geografia não está isolado mas que se conecta a outras áreas dentro da Universidade, como por exemplo o Departamento de Solos, então sim. Como exemplo, retomou o fato de um professor da Geografia ter apenas monitoras mulheres. Citou que compôs a banca de um concurso juntamente a outras 2 mulheres para a seleção de docente para o curso de Geografia e que na ocasião ela não achava que nenhum candidato deveria ser aprovado, porém as outras professoras tiveram medo de tomar esta decisão. A entrevistada relatou tal fato como exemplo da insegurança feminina em muitas ocasiões. Ao final de sua resposta, ela reitera que sim, que o curso de Geografia da UFV é atravessado pelo sexismo, mas que não tem elementos suficientes para citar como exemplo.

(Docente 4: Geografia / mulher)

Data: 17/04/2023

Hora: 18:30

Pesquisadora: Há quanto tempo você se formou e está nesta carreira? Fale um pouco, por favor, sobre sua formação acadêmica, considerando as diferentes etapas de sua formação. Por que você optou por sua área de atuação? Quais foram suas motivações?

À pergunta, respondeu: que se formou em 1993, na UERJ no bacharelado em na licenciatura dois anos depois, mas antes disso já era professora do ensino primário, da rede pública do Município do Rio de Janeiro desde 1985, pois fez o curso Normal, do Instituto de Educação, que se destinava a formação de professores.

A formação se deu com todas as dificuldades de estudante e trabalhadora, conciliando o tempo, e dispendendo boa parte do tempo em deslocamentos, como ocorre nas metrópoles. A rotina da entrevistada iniciava às 5 da manhã e terminava quase às 00h., todos os dias.

Foi do sindicato, diretora do centro acadêmico. Se engajou na pesquisa nos dois últimos anos, quando ganhou bolsa de iniciação científica e foi nesse contexto que, em 1994, ingressou no mestrado, em planejamento urbano e regional, o que fez também trabalhando e estudando e foi defendido em 1998. Em 2000, entrou no doutorado, quando já havia deixado de ser professora da rede pública mas lecionava Geografia em escolas particulares, além de ter se engajado em escritório de planejamento urbano, tudo isso conciliado com os cuidados à filha. Completou seu doutorado em 2006.

Quando ingressou na UFV, como docente, as coisas eram precárias, a começar pelo número reduzido de professores efetivos, mas não apenas por isso, haviam outros fatores dificultadores, tais como o fato de que a Geografia, enquanto área do saber, era de certo modo desprezado por outras pessoas, de outros departamentos. Nesses primeiros momentos, não teve apoio institucional nem departamental por ser mãe solteira e, enfim, tinha que “se virar”.

O trabalho na esfera privada sempre impacta emocionalmente, mas a entrevistada, como se habituou a ter muitos afazeres, em termos produtivos, não apresentou rendimento aquém dos colegas, pelo contrário, mas, como disse, houve dificuldade, especialmente no campo emocional.

Pesquisadora: Ao se colocar enquanto trabalhadora/trabalhador inserida/o em uma sociedade capitalista, você acredita que sua jornada de trabalho na esfera privada (doméstica) interfere em sua jornada de trabalho formal na Universidade? Discorra sobre, por favor.

(resposta abordada em outra indagação).

Pesquisadora: Houveram desafios ao longo dessa trajetória? Você os associa a algum fator determinante?

Pesquisadora: Você já esteve ou está à frente de cargos de chefia em seu departamento? Você associa o fato de ter alcançado ou não essa posição a algum fator especificamente?

À pergunta, respondeu: que já teve cargo de chefia, coordenação de curso e coordenação de pós-graduação. No caso desses cargos, como não existem tantos professores, acaba não tendo muitas opções, de modo que à entrevistada, assim como seus colegas, foi atribuída a tarefa, mas, sem dúvidas nenhuma, observa que tais cargos chegaram até si por causa de um compromisso com a instituição e também da seriedade do trabalho, mas não foi simples, pois há muito trabalho e pouca valorização e, associado à isso, há também uma questão de gênero, que, embora não seja diretamente falada, é perceptível, de modo que a liderança feminina é muito mais colocada em prova do que a masculina, pela questão do machismo. É, portanto, uma relação conflituosa por natureza, pois mesmo os que apoiam, naquela condição, é aquele apoio que não rompe com a homonormatividade, ressalvadas exceções. Algumas pessoas se incomodam com isso e acabam não assumindo cargos de chefia, mas a entrevistada,

porém, aceita o desafio, como sempre fez.

Declarou que a UFV é uma Universidade mais machista do que as demais que passou (UFRJ, UERJ e UFF). Dessas, a UERJ é a mais revolucionária e progressista. Exemplo disso é que ela foi a primeira a implementar cotas e a vida política na instituição sempre foi muito intensa, e isso colocou a mulher mais rápido nos debates públicos. No Rio de Janeiro, outrossim, a mulher está mais inserida nos debates públicos do que em outras localidades interioranas, como Viçosa, onde ainda se percebe um ranço católico e paternalista, e a universidade está inserida nisso. Com isso, há certa dificuldade em se trabalhar temas transversais na UFV, tais como o debate acerca de cotas, que nunca foi promovido ou estimulado pela instituição, o que, aliás, é algo que sempre fez parte das críticas institucionais da entrevistada. Citou como exemplo o trabalho desenvolvido com uma orientanda para fazer um censo racial em Viçosa, narrando dificuldades enfrentadas no decorrer do trabalho, como o fato de professores terem rasgado questionários, além de outras agressividades. Com relação à questão da mulher, por igual, nota dificuldade. Citou também que não se abre debates acerca da questão da paridade, vê-se dominação masculina nos conselhos universitários e cargos executivos, enfim, empiricamente, é notório que a universidade é masculina, e aduz: “quem manda, já há mais de noventa anos, são os homens brancos”. Continua dizendo que a mulher tem uma participação muito limitada. Negros, ainda menos. A mulher então, menos ainda. Há, portanto, várias hierarquias. Enfim, é nesse sentido que disse que a UFV é uma universidade machista. Mas declara a entrevistada que trouxe a questão dos debates e da luta consigo, motivo pelo qual não se importou em “brigar” (termo empregado pela entrevistada, em sentido figurado, que, ao que se infere do contexto, se refere à busca por direitos e interesses) aqui, assim como também não se “escondeu” (termo em sentido figurado), mesmo porque veio de um universo de muita luta e igualdade de debates e, reitera, isso a acompanhou, mas, de fato, na UFV, encontrou mais dificuldades, como mulher e como negra também, ainda que por racismo velado, pois “a universidade transfere tudo em branco sem ser tudo branco”, ou melhor, em homem branco. Cita como exemplo o fato de ter feito uma colocação, na última eleição para reitor, e obteve uma resposta ruim, no sentido de que reconhece o problema mas que a solução seria a resolução por meio da estrutura que já existe, as quais, segundo pensa a entrevistada, é precária e não protege a vítima, como ocorre em relação ao assédio sexual. Então, considera a entrevistada, isso perpetua um pouco o que é a UFV, de pouca abertura de debate público, como se vislumbra na UFMG e UFJF, que têm uma política de cotas mais claras, de inserção de gêneros mais claras, etc. Na UFV, pensa a entrevistada, só haverá uma decisão se houver imposição de ordem, mas não por iniciativa própria. Pensa, com isso, que deve haver representatividade qualificada e politizada, pois, do contrário, se compromete o discurso da representatividade.

Além disso, a questão do machismo na UFV está relacionada ao tronco da questão da tradição agrária da universidade, seara que, em certa medida, conserva tradições ruins.

Pesquisadora: Você se considera uma representatividade para as alunas/alunos do curso? Por quê?

À pergunta, respondeu: que acredita que sim, pelo que já ouviu de alunas e alunos no sentido de que já foi homenageada por várias vezes, o que demonstra reconhecimento por parte deles, muito embora não desempenha suas atividades para isso, faz porque gosta de lecionar e isso a mobiliza muito. Também percebe representatividade como negra, embora isso não seja muito falado, mas há alguns alunos que mencionam, o que alegra a entrevistada. Também acredita que falar um pouco da trajetória seja importante para estimular os jovens, muitos dos quais estão inseridos em contexto de depressão e sentimentos negativos.

Pesquisadora: Você observa se há um direcionamento, uma tendência, de mulheres seguirem majoritariamente determinada área dentro do curso de Geografia? E quanto aos homens? Em caso positivo, a que fatores atribui essa situação?

À pergunta, respondeu: que normalmente as mulheres tendem a seguir a área da geografia humana, mas tem-se visto cada vez mais mulheres na área da geofísica. A entrevistada não dispõe de estudo empírico, mas é uma realidade que observa nos congressos e outros eventos.

Acredita haver carga de herança cultural nessa situação, que não necessariamente é reconhecida diretamente, mas ocorre por disposição indireta. No caso da entrevistada, se relacionou à formação e à condição de moradora da cidade, fatores que a fizeram escambar para a geografia urbana e, no caso da parte histórica, se deu pela inserção da pesquisa relacionada à história, ou seja, se desmobilizou de uma parte mais física e cartográfica da Geografia, além do que, por ser pessoa politizada, se indignava com a forma com que alguns professores da área física lidavam com a coisa pública, aparentemente preocupados tão somente com interesses financeiros próprios, o que a fez afastar um pouco dessa área, muito embora reconheça, cada vez mais, a relevância do estudo desse ramo do saber, o qual, evidentemente, não deve ser desprezado, mas inserido nas humanidades. Então, considera que sua trajetória tem a ver com sua formação e com o contato com os professores, além, eventualmente, de herança cultural da qual nem tenha se dado conta da influência.

Pesquisadora: Pensando a partir da questão anterior, seria possível falar sobre a existência de espacialidades/territorialidades no curso de Geografia, a partir de uma perspectiva de gênero?

À pergunta, respondeu: que sim, pois os professores dos recursos, projetos, enfim, da Geografia que faz convênios, adquirem, por conta disso, melhores recursos, tais como laboratórios maiores e espaços de reconhecimento e visibilidade mais expressivos dentro da lógica da UFV em que “não se importa o que se faz,

mas sim o que se arrecada”. Nesse sentido, quem ganha um grande prêmio, na UFV, ele é destinado à captura, sequer fazendo distinção de áreas, o que acaba, na visão da entrevistada, não valorizando, mas sim premiando uma ótica. Assim, na UFV, acaba ressaltando o ganho econômico em detrimento do social.

Pesquisadora: quando pensamos na universidade enquanto espaço público, como você avalia a inserção da estudante de Geografia neste espaço?

À pergunta, respondeu: que é sempre uma oportunidade de mudança e superação de condições que essas estudantes estavam vivenciando num contexto anterior à entrada, inclusive pela mudança de visão de mundo delas, muitas vezes restrita a esquemas familiares e num círculo geográfico reduzido de convivência, que se traduzem em projetos limitados. Mais importante do que querer ser algo na vida, pensa a entrevistada, é relevante conhecer aquilo que se pode ser, e a partir daí se poder fazer a escolha de ser aquilo que se pretendia no início ou não, não se limitar a não poder fazer escolhas esclarecidas, o que se considera um problema. Acredita, nesse sentido, que a Geografia, com todas as questões que lhe são inerentes te possibilita questionamentos sobre a vida, seu papel, sua situação, o que se pode fazer como mulher nessa vida, no que se é limitado, etc. Nesse sentido, a entrevistada cita exemplo próprio ao dizer que quando criança e morava na periferia não se dava conta que era aprisionada àquele lugar. Hoje nota que alguns jovens conseguem ter a percepção de que estão de certo modo limitados por alguma questão periférica, como a mulher às vezes está aprisionada ao lugar pela questão da violência, do recurso, etc. A Geografia, nesse aspecto, instiga tais questionamentos a faculta ao estudioso “olhar com uma visão diferente”, seja na praia, no parque, ao shopping, às vezes até mesmo involuntariamente.

Para além disso, considera que, independentemente do sexo, questão social, raça, quanto mais a pessoa seja aberta a essas novas visões, melhor o processo vai se dar, pois tem pessoas que vivem fechadas num universo e não querem se abrir, ou seja, essa questão também se relaciona também à personalidade.

Pesquisadora: Para você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira isso ocorre?

À pergunta, respondeu: que sim e não, e explica: do ponto de vista o “sim”, pois de uma forma mais abstrata, porque a visão da mulher na universidade ainda é marcada por seus atributos sexuais, que colocam papéis à mulher como sendo frágil, que tem que ter proteção do professor, da que pode ouvir piadas sexistas, mesmo as mais sutis, e a mulher naturalizar esse comportamento. Por outro lado, o “não” porque não acredita que haja um programa deliberado para isso na matriz, de modo que há uma preocupação de uns tempos para cá que se expressa nas aulas, nas referências bibliográficas, etc., o que coloca isso em xeque (mas também não quer dizer que não existam contradições). Assim, a formação das mulheres é, cada vez mais, uma formação que coloca a crítica como mulher, de modo que há um programa de desconstrução, embora isso não se dê “de uma hora para a outra”.

(Docente 5: Geografia/ homem)

Data: 07/03/2023

Hora: 16:00

Pesquisadora: Há quanto tempo você se formou e está nesta carreira?

À pergunta, respondeu: que se formou há 30 anos nas modalidades licenciatura e bacharelado, mas já era graduado em Estudos Sociais, que o permitia lecionar Geografia e História, na época.

Pesquisadora: Fale um pouco, por favor, sobre sua formação acadêmica, considerando as diferentes etapas de sua formação.

À pergunta, respondeu: que inicialmente entrou para o curso de Engenharia Civil e Ciência da Computação, que se identificava com a parte tecnológica mas não entendia bem a aplicabilidade de tudo aquilo. Por não enxergar muito sentido, resolveu voltar ao cursinho e posteriormente ingressou concomitantemente em Geografia, na UFJF, e em Estudos Sociais na faculdade particular. Além dos dois cursos, fazia um estágio para ter suporte financeiro. Segundo o entrevistado, à medida que ele foi adentrando o curso de Geografia a área ambiental sobressaiu como uma consequência natural, pois, além de se identificar, teve a oportunidade de estagiar no Instituto de Pesquisa e Planejamento de Juiz de Fora. Nesta ocasião teve contato com a fotografia aérea, teodolito, ferramenta utilizada para fazer medição de ângulos horizontais e verticais. Relatou que se envolveu bastante com astronomia durante sua graduação em Geografia. O docente disse que a partir do estágio ele começou a analisar processos de licenciamento ambiental e que a partir de então tudo foi caminhando para esta área. Teve experiência de trabalho atuando com resíduos sólidos, como supervisor na usina de reciclagem que havia acabado de ser construída, em sua cidade natal. Posteriormente retornou à Juiz de Fora, pois, havia sido chamado para uma vaga de concurso, atuou na ocasião com os alunos da antiga 5ª série, hoje, 6º ano. Em seguida adentrou a UFJF como professor substituto e neste momento percebeu a importância do mestrado, tentando assim a seleção, através da qual não conseguiu ingressar. Alegou que o fato de ter se formado muito novo, por ser inexperiente e não ter tido nenhuma instrução neste sentido, teve que ir descobrindo os caminhos sozinho. Acredita que se tivesse sido melhor conduzido naquela época, teria se tornado doutor aos 26 anos de idade. Fez uma especialização em planejamento ambiental, pela PUC-BH, pois lecionava Geologia em uma turma do curso de Ciências em uma faculdade particular. Sua maior preocupação era se consolidar profissionalmente. Prestou serviço para uma conhecida empresa, atuando na demarcação de terras e no licenciamento ambiental. Defendeu seu mestrado em 2001 e foi

convidado a continuar com o doutorado na Agronomia, em ciências do solo (UFRRJ). Não precisou passar por seleção, já que havia recebido um convite para continuar os estudos devido sua conduta de destaque no mestrado. Relatou ainda que também lecionou para o curso de Turismo, entre os anos de 1998 e 2003 e coordenou um curso de Geografia de uma faculdade particular. Realizou estes últimos trabalhos até o momento de seu ingresso na UFV como professor adjunto.

Entrou no doutorado em 2003 e passou no concurso da UFV, para o qual foi chamado no ano de 2004. Desse modo optou por abrir mão da finalização do doutorado e então se dedicou à carreira de professor na UFV, caso tivesse adiado sua entrada na Universidade e finalizado o doutorado, hoje já seria professor titular.

Iniciou seu trabalho na Geografia da UFV no segundo para o terceiro ano de criação, acompanhando assim o desenvolvimento do mesmo desde a 1ª turma. Segundo o docente, a partir do momento que se vinculou ao curso, sempre pensou em uma Geografia que fosse, em suas palavras: “múltipla, diversa”. Dentro deste contexto, cabe citar fielmente uma fala do entrevistado: “Então por exemplo, seu tema você navega com a educação, você navega com as Ciências Sociais, você navega com a História com a Geografia. O meu eu navego com os Solos, com a Geologia, com a Cartografia, então essa liberdade que a Geografia dá, mas ao mesmo tempo ela te tolhe, porque ao mesmo tempo que as pessoas falam que essa integração é importante na Geografia, muitos colegas barram essa integração, que não faz sentido nenhum.”

O docente relatou ainda que a interdisciplinaridade é algo pelo qual ele preza muito, pois, o conhecimento das diferentes áreas se somam e evoluem para algo maior. Segundo ele, “isso é universidade.” Sobre a participação das/dos estudantes no laboratório em que coordena, o entrevistado fez a seguinte fala: “E aqui, quem quer trabalhar, é só entrar, não importa a área. Não importa se é preto, se é branco, se é azul, se é gay... qualquer linha de pensamento que ele tenha, pra mim não importa. Quer trabalhar aqui dentro? Tem espaço, tem respeito.”

Pesquisadora: Houve desafios ao longo dessa trajetória? Você os associa a algum fator determinante?

À pergunta respondeu: que sim, o tempo inteiro enfrentou desafios, dentre eles, o de ser capaz de mostrar o óbvio. Segundo o professor, desafios são encontrados juntamente aos próprios colegas de trabalho, que não enxergam, muitas vezes, a importância da Geografia Física. Em suas palavras: “[...] por exemplo, eu não questiono a importância do conhecimento rural nem urbano, nem social, nem de ensino na formação, mas por que se questiona tanto o conhecimento de cartografia, de matemática, de estatística na formação? Aí eu me pergunto: como é que esse cara, que tem essa deficiência, ensina esse conteúdo, né? E uma coisa muito interessante, como nós estamos abrindo mão desse conteúdo, quem tá abarcando ele? Mas quando você não trabalha e não estimula, o que o estudante naturalmente faz? Ele relaxa. Eu consigo entender hoje porque no livro de Ciências tem solos, tem geologia, tem clima, tem água. Tô entendendo porque que eu tô observando no livro de ciências a cartografia. A Geografia não tá dando conta. Se tá no livro, é porque alguém tá assumindo esse conteúdo, porque não é novo.”

Pesquisadora: Por que você optou por sua área de atuação? Quais foram suas motivações?

À pergunta respondeu: que optou inicialmente pela licenciatura pois tinha pressa em trabalhar e ter seu próprio dinheiro, então visualizou nesta qualificação uma possibilidade mais rápida de atingir o mercado de trabalho. Foi a profissão que escolheu.

O docente faz um paralelo com a realidade brasileira, ao dizer que atualmente ao escolher esta profissão, por estarmos diante de governos neoliberais, a área humana tem sido cada vez mais prejudicada.

Pesquisadora: Você já esteve ou está à frente de cargos de chefia em seu departamento? Você associa o fato de ter alcançado ou não essa posição a algum fator especificamente?

À pergunta respondeu: que sim, sempre assumiu cargos de chefia, como: chefe de departamento, diretor, membro de comissões coordenadoras. Segundo ele, muitas pessoas dentro da instituição não querem exercer estes cargos, mesmo sabendo de suas importâncias para o crescimento e consolidação do departamento e então, às vezes, pelo perfil, alguns acabam por assumir tais posições e outros não. O entrevistado disse que às vezes tais cargos são até mesmo terceirizados, seja por falta de interesse dos membros internos ou por indisponibilidade. Citou como exemplo o fato do coordenador da pós-graduação ser de outro departamento e não da Geografia. Ele reitera que tal fato gera uma imagem negativa para a Geografia dentro da instituição.

Pesquisadora: Ao se colocar enquanto trabalhadora/trabalhador inserida/o em uma sociedade capitalista, você acredita que sua jornada de trabalho na esfera privada (doméstica) interfere em sua jornada de trabalho formal na Universidade? Discorra sobre, por favor.

À pergunta respondeu: que sim, já interferiu, especialmente quando ele não dividia bem a questão vida pessoal e profissional, principalmente quando era solteiro, pois, segundo ele, não se importava se estava em seu ambiente de trabalho ou em casa. Porém, ao assumir um relacionamento, percebeu que era importante dissociar as duas coisas, pois, em suas palavras: “[...] minha vida privada não pode ser privada de mim em função da universidade.” Para ele, a UFV apresenta uma especificidade no que diz respeito à exigência da presença do professor durante os três turnos na Universidade, enfatizando a realidade da Geografia, que trata-se de um curso noturno. Ao ser retomada a questão norteadora, o entrevistado respondeu que atualmente o trabalho doméstico não interfere em sua jornada formal na Universidade, pelo motivo de conseguir separar bem as duas coisas. Em suas palavras: “Não, eu quando tô em casa eu viro a tomada e desligo. O que deu pra fazer, bem, o que não deu, não deu.”

Pesquisadora: Você se considera uma representatividade para as alunas/alunos do curso? Por quê?

À pergunta respondeu: que o professor acaba virando uma referência, seja ruim ou positiva, intelectual ou pessoal e então cabe a cada um utilizar isso da melhor forma possível. Segundo ele, alguns colegas de trabalho utilizam o fato de serem vistos como referência, para se aproximar dos estudantes e não para fazer com que estes alunos cresçam intelectualmente. Para o professor, tal aproximação é feita até mesmo para haver contato sexual, pessoal. Em suas palavras: “A gente acaba virando uma referência, né? Seja ruim ou positiva, seja uma referência intelectual, seja uma referência pessoal. Cabe a cada um, é, eu acho que assim, usar isso da melhor forma possível. Então, tem colega que às vezes usa isso pra se aproximar das alunas, dos alunos, e não pra fazer com que eles cresçam, transferir conhecimento, experiência, às vezes é pra ter contato sexual, pra ter contato pessoal, esse tipo de coisa. Eu nunca fiz uso disso, pra isso. Se aconteceu deu ter ficado com aluna, e já fiquei, já namorei e já casei com ex-aluna minha, que inclusive é professora na UFJF. Isso aconteceu naturalmente, eu não usei da minha posição pra me impor, pra “mim” ser inconveniente. As minhas alunas podem falar até que eu sou grosseiro, porque eu sou muito objetivo, você me conhece e sabe disso. Agora nunca elas vão poder falar que eu fui inconveniente, que eu as intimidei. Inclusive aqui no laboratório, as meninas, né, [...] eu falo sempre com elas: se alguém a desrespeitar, converse. Se não resolver, fala comigo, que eu vou resolver. E a mesma coisa se for gago, se for gay, se for binário [...]. E o que eu quero que os meninos tenham em mim é a visão de profissional que eu sempre tive. Eu sou um profissional que eu cumpro com aquilo que eu falo, eu sou um profissional que respeito prazo, eu sou um profissional que respeito horário. Então eu procuro treiná-los, por exemplo, pra encarar o mercado de trabalho, seja Licenciatura ou Bacharelado.”

Pesquisadora: Você observa se há um direcionamento, uma tendência, de mulheres seguirem majoritariamente determinada área dentro do curso de Geografia? E quanto aos homens? Em caso positivo, a que fatores atribui essa situação?

À pergunta respondeu: que não percebe. Ele entende que a tendência no curso de Geografia da UFV é mais para a Licenciatura, porém, não enxerga isso como uma questão de gênero, mas sim, porque o curso de Licenciatura, em função dos estágios, demanda um tempo maior e assim sendo, as/os estudantes se direcionam primeiro para essa modalidade de formação para depois cursarem o Bacharelado. Para ele esta escolha depende também do perfil da/do estudante. Segundo sua experiência enquanto docente, alguns/algumas alunos/alunas, tentam se enveredar pela área da Geografia Física, porém, esta não os apetece e acabam por seguir outra trajetória. Para justificar, tem-se a seguinte fala: “[...] tem pessoas que entram pra trabalhar comigo que tem o perfil mais voltado pra área social, então eles tentam ficar um tempo aqui, mas depois eles seguem outra trajetória. Mas isso é importante, porque a formação que eles têm aqui, pode ajudá-los a ser um profissional melhor na área que eles optarem para trabalhar.”

Pesquisadora: Pensando a partir da questão anterior, seria possível falar sobre a existência de espacialidades/territorialidades no curso de Geografia, a partir de uma perspectiva de gênero?

À pergunta respondeu: que não. Considera que espacialidade e territorialidade não associam-se ao gênero, mas sim à experiência de cada pessoa. Para o entrevistado as/os alunos, quando chegam na Universidade, se aproximam de grupos com os quais se identificam. Diz ainda que tal identificação pode até coincidir com o gênero, porém, não tem conhecimento de alguma pesquisa que aborde tal associação. Em suma, para o docente, tais escolhas vinculam-se à história de vida das pessoas e não ao gênero.

Pesquisadora: Quando pensamos na universidade enquanto espaço público, como você avalia a inserção da estudante de Geografia neste espaço?

À pergunta respondeu: o professor respondeu que não faz distinção entre os gêneros em relação à ocupação dos espaços, para ele, tais estudantes se beneficiam muito da capilaridade proporcionada pelo curso, podendo percorrer os diversos espaços (departamentos) da Universidade, quando isso for de seu interesse, pois, a Geografia permite isso. Em suas palavras: “O profissional da Geografia, pra mim, é o maior camaleão que existe no mundo, porque, por exemplo: o/a profissional está no Coluni, no Effie Rolfs, estão no laboratório aqui, no Solos, na Floresta, na Extensão Rural, na Educação. Começaram a descobrir agora o eixo das engenharias aqui, eu já vi na Cartografia, na Engenharia Agrícola. Então o que eu vejo é o seguinte, a partir dessa experiência, da possibilidade, essa capilaridade que o curso tem, a estudante ela alça os vãos dela. Então quem tem planejamento urbano como interesse, começa aqui, daqui a pouco tá na Arquitetura, quem tem a área ambiental, voltada por exemplo pra questão do solos, começa aqui e daqui a pouco está no Solos. Quem quer água, recuperação de área, daqui a pouco tá na Floresta. Então, vai se misturando e isso também se reflete na pós-graduação. Os bons alunos, os melhores alunos do Departamento de Solos, saíram daqui.”

Pesquisadora: Para você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira isso ocorre?

À pergunta respondeu: que não possui dados sobre esse tipo de questionamento, porém, se levada em consideração a sociedade a qual vivenciamos, esta problemática ocorre sim, seja na Geografia ou nos demais cursos da UFV, contudo reitera que não sabe dizer em que nível tal situação ocorre, nem como a pesquisadora fará para extrair tal informação. Cita a realidade que vivencia junto às/os estudantes com as/os quais trabalha para exemplificar a não identificação de tal ocorrência, ou seja, de algum atravessamento sexista na formação da geógrafa. A seguir, tem-se o relato proferido pelo docente: “Por exemplo, aqui no laboratório, eu vou te falar a minha vivência, eu sou procurado por diferentes gêneros, pra trabalhar comigo, quem vem trabalhar comigo

conhece a minha característica. Qual é a minha característica? Eu sou muito sincero, eu sou muito objetivo, eu dou abertura pra isso pra quem trabalha comigo. Tanto é que toda minha aula é: entenderam? Tem alguma questão? Querem fazer alguma observação? Eu sempre dei essa liberdade. Então, se porventura, aqui dentro, acontecer alguma coisa relacionada a esse tipo de situação, eu nunca percebi e nunca ninguém chegou pra falar isso comigo. As meninas que trabalham comigo e que trabalharam comigo, elas têm total liberdade. Se você quiser conversar com elas longe de mim, fique extremamente à vontade, porque essa é a minha percepção. Se não for, seria interessante obter o outro olhar. Nós temos reunião toda semana, essa reunião todos os membros têm liberdade para discutir os projetos que eles estão e eles discutem qualquer coisa do laboratório. [...] Eu não escolho projeto em função de ser homem ou mulher, ou outro gênero. Por exemplo, a bolsista hoje que ganha mais aqui comigo, é a “estudante x” e ela é mulher, ela está em um projeto internacional. O maior projeto que eu tenho é uma mulher que está à frente. Ela é negra, extremamente tímida, é a característica dela, mas ela corresponde no trabalho. Eu vejo ela conversando com os meninos, nós temos um grupo e eles trocam muita informação, o tempo inteiro eu vejo eles conversando. Não vejo aqui dentro termos de baixo calão, eu não vejo ninguém falando coisas que poderiam desrespeitá-la. Estou falando ela, porque é a única até agora. [...] Então assim, aqui eu não vejo muito esse tipo de questão. Às vezes eu posso ser mal interpretado: “ah, o “professor z” é muito machista!” Não, ele é muito objetivo, então, o que eu tenho que falar, eu falo. [...] Eu não aceito aqui dentro ninguém desrespeitando ninguém. [...] Então eu não sei te dizer se o curso tem ou não tem, conhecendo a nossa sociedade, provavelmente tem, tá? Agora o nível disso, o quantitativo disso, eu não sei.”

(Docente 6: Geografia / mulher)

Data: 03/04/2023

Hora: 16:00

Em conversa inicial, antes mesmo dos questionamentos orientados pelo roteiro, a professora ponderou a respeito do que chamamos de Geografia Física e de Geografia Humana, alertando para o fato de que a parte da ciência que é tida como física, segundo sua visão, é muito atravessada pela questão de gênero. Para melhor evidenciar, tem-se suas próprias palavras: “[...] é oportuno falar sobre essa separação física e humana na Geografia, que é uma questão clássica [...]. Para mim também tá muito atravessada pela questão de gênero, né? E a dimensão física, ela é... o jeito como ela é tratada, né? É uma dimensão que dá um aspecto de mais cientificidade, por conta da objetividade com que se lida com os objetos de pesquisa, né? A materialidade. E aí você vê o quanto isso tem relação direta com a questão do poder, que é uma coisa denunciada na perspectiva decolonial. Gosto muito do aprofundamento da crítica que a perspectiva decolonial traz, e uma das denúncias que parte dos movimentos feministas, faz, né? Mas mais dentro dessa descendente, é justamente a denúncia dessa matriz da ciência moderna, que vem junto com a colonialidade, com o projeto de poder, o projeto de modernidade do capitalismo, né, dentro desse ambiente da cultura ocidental cristã e tem toda uma raiz do patriarcado que tá antes de tudo isso, né? E tudo isso assim, é estrategicamente oportuno, né? Esses fragmentos, essa necessidade do controle, daquilo que você pesquisa, né. Exigindo dos estudantes, o nível desse sofrimento que se tornou fazer pesquisa na universidade, né e por conta desse ‘apartheid’ com a vida, enfim, com as emoções, como se fosse possível você separar isso, né? Então para mim, isso já é um marco difícil, isso se manifesta nas relações dentro do departamento, relações de poder, mas isso se manifesta também na geografia humana, mas o geógrafos físicos, desde que eu sou estudante, depois como professora, nos eventos a gente percebe, né primeiro que é muito, é, esse pensamento que move a geografia física, tem muita coisa boa, muita coisa boa lá dentro, mas assim predomina esse aspecto que eu falei para você e isso acaba criando, gera um conservadorismo por parte desses geógrafos. Porque é um lugar que tem o conforto da não reflexão, né? Lugar que os fodões, os empoderados, os mais competentes, na verdade são muito frágeis, porque eles não querem viver no risco, né, a relação do risco nesse processo do conhecimento, do processo pedagógico, né, então é muito comum a gente ver esses empoderados, como se fossem, assim, o supra-sumo do saber e que desqualificam, desqualificam não só a dimensão humana da ciência mas desqualifica as pessoas, né, mas a gente vê nesse embate a desqualificação das mulheres.” A entrevistada ressaltou há avanços significativos dentro da chamada geografia física, onde existem geógrafos e geógrafas desenvolvendo discussões importantes sobre a superação dessa divisão, um exemplo, seria o trabalho da Dirce, geógrafa que desenvolveu pesquisas importantes, no Rio Grande do Sul, que avançaram a respeito da dicotomia física e humana na Geografia. Após essa conversa introdutória, seguiu-se o roteiro preparado para a entrevista semiestruturada.

Pesquisadora: Há quanto tempo você se formou e está nesta carreira? Fale um pouco sobre sua trajetória formativa considerando as diferentes etapas dessa formação.

À pergunta respondeu: Que se formou na Unesp de Presidente Prudente em 1987 nas modalidades Licenciatura e Bacharelado. Se envolveu com a questão agrária na graduação e em 1993 iniciou seu Mestrado, posteriormente ingressou como professora no ensino superior de uma universidade pública, lá trabalhou com movimentos populares, o que direcionou seus estudos do Doutorado. Passada essa fase ingressou como professora adjunta em outra universidade pública, trabalhando sempre com grupos sociais.

Pesquisadora: Houveram desafios ao longo dessa trajetória? Você os associa a algum fator determinante?

À pergunta respondeu: Positivamente, para ela existiram desafios que relacionam-se à dicotomia que envolve a

ciência geográfica, a separação entre os campos físico e humano. Para ela, estão embutidas na primeira perspectiva, o patriarcado e uma mentalidade colonial. O que a despertou para essa leitura, foi o envolvimento com os movimentos sociais durante sua primeira prática docente no ensino superior. Mencionou que enfrentou desafios desde a graduação até a fase que iniciou como trabalhadora em sua área. Em suas palavras: “Eu enfrentei sim, muito, desde a graduação e eu fui perceber melhor isso depois, mas na graduação você vê que tem as falas da competência, né? E eu sempre achei que eles eram muito melhores mesmo, sempre achei que aqueles homens sabiam mais e que eu tava muito aquém, né? A gente acredita nisso, porque tá instituído como poder, legitimado, né? Então eu acreditava sim, sempre achei que eu estivesse aquém [...]”.

Pesquisadora: Você considera que estes desafios vieram pela questão de gênero, que você mencionou, ou pelo fato de você levantar certas bandeiras de luta?

À pergunta respondeu: que seu envolvimento com a militância não foi o motivo dos desafios enfrentados, uma vez que a Geografia estava muito acolhedora para as lutas, enquanto ciência ela estava bastante direcionada à sua vertente crítica. Ela mencionou que ser militante de esquerda não era um problema, havia respaldo de grandes autores na época, como Ruy Moreira e Milton Santos, ao se pensar nas discussões cunhadas por estes naquele contexto. Porém evidenciou que dentro da própria esquerda havia sim machismo, ambiente também nocivo para seu autorreconhecimento intelectual, pois, segundo ela também se sentia aquém aos homens atuando nesta militância. Relatou também ter vivenciado desafios por conta da moral imposta socialmente, já que durante o desenvolvimento de algumas atividades na fase da militância, ela era a única mulher atuante junto aos homens e por conta disso as pessoas a julgavam. Classificou esta passagem como um atravessamento de gênero ocorrido devido a existência de uma “moral burguesa”. Segundo ela estes atravessamentos a incomodavam muito, pois a limitavam, fazendo com que a contivesse, fato que ocorria inclusive dentro dos movimentos de esquerda, o que considera lamentável. Relatou que os ditos “esquerdo-machos”, manipulam, oprimem e revelou sofrer isso, como docente, no departamento de Geografia, o que classificou como perseguição direta. Em suas palavras: “[...] há um afagozinho de um professor mais gentil assim, tem os que eu não existo e o outro que me persegue, me persegue, se ele pudesse me tirava do departamento, porque esse aí disputa poder [...]”.

Pesquisadora: E onde fica o respeito pela opinião dos outros?

À pergunta respondeu: “Não tem, não tem.” Disse que tal perseguição foi bastante violenta e se deu verbalmente. Segundo ela caberia justiça, mas preferiu não levar adiante porque seria um desgaste maior do que aquele que já estava vivenciando, que inclusive levou a seu adoecimento. Disse que para se poupar de desgaste maior, se retira dos locais em que a pessoa se encontra, a menos que seja obrigada institucionalmente a estar no mesmo ambiente. Disse que precisou agir dessa forma, pois, se sentiu sozinha, atitudes não foram tomadas por parte de ninguém que presenciou a problemática. Disse que ainda assim é provocada por e-mail. A docente relatou que orientou um trabalho intitulado cartografia do medo, que mapeou locais dentro da UFV onde as mulheres sentem-se mais vulneráveis. Voltou a mencionar que seu comportamento mais uma vez diante da opressão, foi o de se aquietar, o que não a contempla, mas por uma questão de poupar saúde, acaba agindo de tal forma. Disse também que os homens dentro do departamento, mesmo uns sabendo das atitudes falhas dos colegas do mesmo sexo, se aliam.

Pesquisadora: Você já esteve ou está à frente de cargos de chefia em seu departamento? Você associa o fato de ter alcançado ou não essa posição a algum fator especificamente?

À pergunta respondeu: que esteve à frente da coordenação do curso, mas não tem interesse na chefia do departamento, embora essa posição já tenha sido a ela oferecida. Disse não se interessar pois os atributos do cargo geram transtornos na vida de quem se dispõe a ocupá-lo. Relatou que o convite chegou até ela por questões de enfrentamento interno e não de maneira natural. Falou ainda, que enquanto esteve na coordenação, conduziu um importante processo referente à grade curricular do curso e enfrentou preconceitos por ser mulher, através do não reconhecimento do discurso, no que diz respeito à forma de se colocar, a entonação da voz. A docente disse que se quisesse realmente ser ouvida, tinha que “virar homem”, ou seja, impor a voz, mudar a entonação, esbravejar, caso contrário, não era validada. Deixou claro que não é do tipo briguenta, pelo contrário, mas que agiu assim por necessidade.

Pesquisadora: Ao se colocar enquanto trabalhadora/trabalhador inserida/o em uma sociedade capitalista, você acredita que sua jornada de trabalho na esfera privada (doméstica) interfere em sua jornada de trabalho formal na Universidade? Discorra sobre, por favor.

À pergunta respondeu: que não, apesar de saber que esta questão interfere sim, mas não foi o caso para ela, pois seu marido assume as tarefas domésticas enquanto ela pode dedicar-se ao trabalho formal remunerado.

Pesquisadora: Você se considera uma representatividade para as alunas/alunos do curso? Por quê?

À pergunta respondeu: que para ela é difícil medir isso, mas que a surpreende e a faz bem quando os alunos dizem que sua aula é muito boa e legal. Afirma que não deveria se surpreender, mas que isso acaba acontecendo, já que está em um momento em que ouvir esse tipo de elogio a faz bem, uma vez que inserida em uma instituição, segundo ela muito rígida, hierárquica, que por sua vez desgasta gerando desconfortos. Em suma diz que se enxerga enquanto uma representatividade mesmo.

Pesquisadora: Você observa se há um direcionamento, uma tendência, de mulheres seguirem majoritariamente determinada área dentro do curso de Geografia? E quanto aos homens? Em caso positivo, a que fatores atribui essa

situação?

À pergunta respondeu: disse que não consegue perceber.

Pesquisadora: Pensando a partir da questão anterior, seria possível falar sobre a existência de espacialidades/territorialidades no curso de Geografia, a partir de uma perspectiva de gênero?

À pergunta respondeu: disse que não consegue fazer um mapeamento relativo a essa questão, mas que percebe na Geografia da UFV aquilo que chamou de “grupos da resistência”, ou seja, grupos de estudantes que reivindicam, que manifestam, mas estes não são compostos de um único gênero. Afirmou ainda que mesmo nestes coletivos os “meninos” acabam assumindo mais protagonismo do que as “meninas”, julga que eles têm “as portas” mais abertas (mais espaço) para serem ouvidos.

Pesquisadora: Quando pensamos na universidade enquanto espaço público, como você avalia a inserção da estudante de Geografia neste espaço?

À pergunta respondeu: que acha que não, que as mulheres são mais retraídas na sala de aula, demonstram maior quietude, dificuldade para falar, já os homens falam mais.

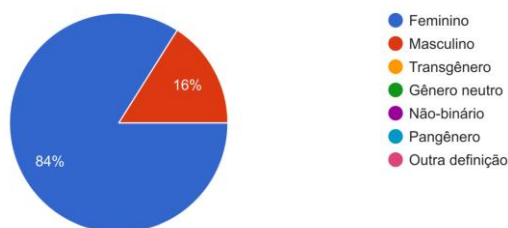
Pesquisadora: Para você, a formação da geógrafa é atravessada pelo sexismo no curso de Geografia da UFV? De que maneira isso ocorre?

À pergunta respondeu: que sim, que é atravessada pelos motivos já elencados: quem é que se pronuncia mais?; quem possui mais escuta?; que tipo de discurso é mais legitimado? Para ela, os ditos discursos da dimensão emocional, subjetiva, são tidos como pejorativos e isso por si só, a seu ver, é um problema que serve tanto ao poder de gênero quanto ao capitalismo. Acredita que de maneira geral os cursos como um todo são atravessados por esse fenômeno, pois, apesar da existência de “pessoas incríveis” (suas palavras), que trabalham em perspectiva contrária à da opressão, esta se apresenta como hegemônica. Para elucidar a interpretação, tem-se a seguinte fala: “a mulherada tem que se desdobrar mais, a mulherada tem que bater na mesa tem que virar macho, não pode ser mulher, não pode falar fino, não pode deixar suas cordas vocais normais, [...] porque eu vejo, às vezes, as meninas tendo que ficar um pouco brutas para se defender.” Para ela a Geografia enquanto ciência também faz isso, contribui com a existência do fenômeno, porém sem generalizar, pois, há muitos geógrafos e geógrafas “bacanas demais” no Brasil.

APÊNDICE C - Questionário aplicado às(aos) cursistas de Geografia da UFV, via Google Formulários, respondido entre os meses de março e maio de 2023

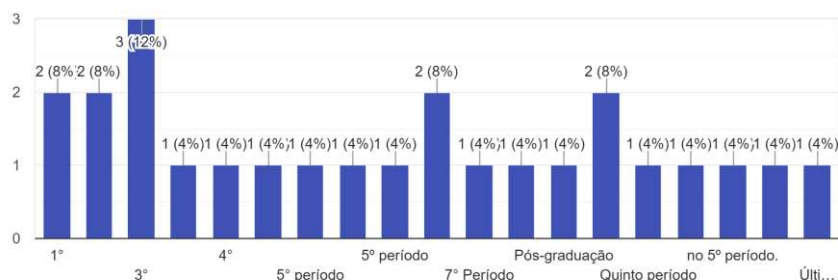
1- Como você se reconhece enquanto ao gênero?

25 respostas



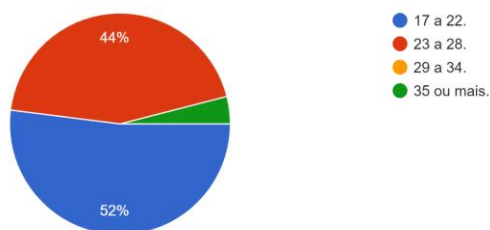
2- Você se encontra em que período de sua formação acadêmica?

25 respostas



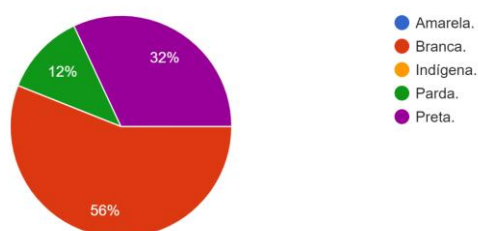
3- Qual a sua idade?

25 respostas



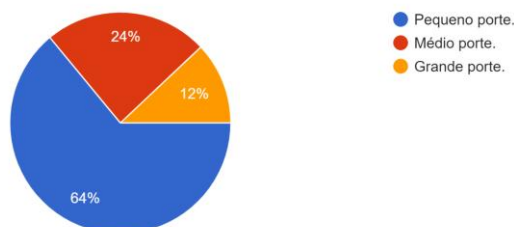
4- De acordo com a classificação por cor ou raça proposta pelo IBGE, você se autodeclara:

25 respostas



5- Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte?

25 respostas



6- O que te fez optar pelo curso de Geografia da UFV? O que você espera que essa graduação te proporcione? Esse objetivo vem sendo atingido?

1- A escolha do curso foi por gostar dessa disciplina durante o ensino fundamental e médio, sendo a profissão escolhida como professora por me inspirar nos professores que me ensinaram desde das séries iniciais. Espero que me proporcione conhecimento e que possa me proporcionar ter uma vida digna com um emprego. Sim, estou aprendendo bastante e essa aprendizagem me ajudou a ter um olhar mais crítico sobre as coisas que acontecem ao meu redor.

2- Foi o acaso, como sempre digo. Mas ao longo do curso fui aprendendo muito sobre o mundo, principalmente o que me cerca, e descobrindo mais sobre como as coisas funcionam. Acredito que a construção do profissional está sendo realizada apesar das dificuldades do dia a dia, afinal a vida não é apenas a academia. Aos poucos vamos atingindo nossos objetivos.

3- Sempre gostei de estudar geografia por ela abordar a questão do espaço geográfico (físico) e humano, em apenas uma ciência, ela abraça todas as coisas. Espero que esse curso me proporcione conhecimentos diversos, para enriquecer os debates sobre as diversas esferas estudadas pela geografia.

4- Optei pelo curso de geografia pelo meu interesse em aprender mais sobre o tema. Espero que a graduação me proporcione isso! Por enquanto está sendo seguido.

5- Sempre gostei da matéria por englobar várias coisas. Espero adquirir muito conhecimento e que o curso me proporcione experiências legais.

6- Geografia me faz entender o mundo, as pessoas, estudar um pouco de cada matéria seja humanas, exatas ou até no segmento biogeográfico. Como estou no primeiro período, ainda tenho muito o que aprender, mas já está sendo incrível a experiência de conhecer melhor a respeito da nossa sociedade no espaço geográfico!

7- Já conhecia a UFV, bem como a cidade de Viçosa. Por essa ser uma cidade menor, custo de vida não muito alto (comparando com BH, por exemplo) e ter o deslocamento um pouco mais facilitado, escolhi aqui. Somado ao curso de Geografia na UFV que, conversando com pessoas já formadas, me parecia uma boa opção, dado os meus interesses e prioridades. Entrei nessa graduação no ano de 2020, início da pandemia, logo acredito que isso deu uma prejudicada na formação inicial. Eu me interessei muito pela área de urbanismo, já sabia que não conseguiria me aprofundar tanto com as disciplinas básicas do curso e que tampouco tem muito essa possibilidade na UFV. Mas acredito que com a licenciatura meu objetivo vem sendo atingido sim.

8- Optei pelo curso de geografia na UFV por conta do amplo estudo voltado na área ambiental e espero da graduação uma rica experiência para me tornar uma boa profissional. Sim, já vejo o objetivo sendo atingido, através das aulas.

9- O espaço acadêmico. Que proporcione boas experiências. Sim.

10- Espero me formar e atuar na área

11- Sou formada em biologia, procurei cursar geografia após a minha primeira formação por admirar o meio ambiente e por querer seguir na área da biogeografia. Espero que a geografia me auxilie a entender ainda mais sobre o meio ambiente, vendo o mesmo de outros olhos, que vem das ciências humanas, diferente do que aprendi nas ciências naturais. E sim, estou conseguindo perceber as diferenças e semelhanças dentro do meu objetivo.

12- Geografia foi um curso que eu sempre tive afinidade e na UFV seria mais fácil para eu cursar, uma vez que fazia um outro curso aqui anteriormente. Espero que eu consiga trilhar um caminho com uma excelente base para o meu futuro como profissional e acredito que o objetivo esteja sendo alcançado.

13- Espero me formar professora de Geografia apta a levar um ensino diferenciado para as futuras gerações. E espero também atuar como geógrafa no intuito de contribuir com a sociedade de acordo com a minha área de atuação.

14- Gostava da área e decidi aventurar, me surpreendi e me surpreendo a cada dia. Espero que a graduação me proporcione conhecimento para ser boa profissional e faço minha parte para concretizar.

15- Optei por Geografia porque gosto e também porque pretendo atuar na área, como professora e como geógrafa.

16- A escolha da geografia foi pela permeabilidade em diversas áreas do conhecimento, a UFV foi pelo custo de vida, a parte da "geografia humana" tem decepcionado, mas o curso tem me proporcionado o crescimento.

17- A UFV sempre foi um sonho e o curso sempre esteve entre minhas opções, acabei escolhendo após muitas conversas com professores e amigos. Espero que a graduação me proporcione novas experiências e que consiga ampliar meus conhecimentos nos assuntos que tenho afinidade. O objetivo até que vem sendo atingido, mas devido à pandemia e falta de recursos, algumas experiências como por exemplo, viagens de campo, está sendo bem difícil acontecer.

18- Primeiro escolhi a licenciatura, depois me admirei pela geografia pelos temas que ela compreende, por ser tão ampla, complexa e também tão presente na minha vida. Espero ter uma graduação que contemple a base da formação profissional no sentido de me tornar uma professora preparada para lidar com as diversas experiências que eu venha a viver. Sinto que vem sendo atingido pelo fato de eu me comprometer com coisas que resultem na minha evolução pessoal, mas sinto falta de oportunidades para que isso ocorra, também no sentido do curso não abrir muitas portas para os discentes.

19- O fato de já estar morando na cidade de Viçosa quando prestei o vestibular influenciou muito na escolha. Pude conhecer um pouco do curso e das áreas de pesquisa e atuação dos professores e alunos. O objetivo foi atingido em partes, considero que seja devido à falta de organização interna do departamento e dificuldade dos professores de desenvolverem trabalhos conjuntos.

20- A possibilidade de poder cursar disciplinas optativas, espero me proporcionar o básico da graduação e não vem sendo atingido pq o catálogo possui diversas discrepâncias, até mesmo as optativas.

21- A graduação em Geografia em primeiro momento não foi minha primeira escolha, mas com o tempo de curso se tornou minha grande paixão. Aprendi muito e evolui em pensamento e experiência a partir dos conteúdos ministrados. Espero futuramente continuar me especializando na minha área de estudo (Climatologia Geográfica) e fazer com que mais pessoas vejam a importância da mesma. A partir do direcionamento do Prof Dr Edson Fialho que é atualmente meu orientador esse objetivo vem sim sendo atingido.

22- Custo de vida na cidade. Além disso, imaginei que o curso teria uma parte física forte, não, na teoria não se concretizou

23- Custo de vida. Boas oportunidades de trabalho. Não sei responder.

24- Nunca me imaginei fazendo Geografia, sempre quis cursar Arquitetura, mas acabei entrando na UFV através do curso de História em 2016, porém com o sonho de conseguir uma transferência interna. Até que, em um dia de aula prática de Gênese do Solo, uma amiga me chamou para ir (de penetrar) e acabei me apaixonando pela aula da Prof Irene, do departamento de Solos. Com isso, me encantei pela parte física da Geografia e acabei mudando para o curso em 2019. Espero que a graduação me proporcione bons conhecimentos e reflexões, além de uma base para meu futuro profissional. Este objetivo tem sido atingido de maneira moderada, pois, infelizmente, o curso de Geografia na UFV é bem limitado e debilitado, tanto em número de docentes, quanto em estrutura e verba para viagens de campo, por exemplo.

25- Distância da minha cidade.

7- Você pretende se graduar nas modalidades Bacharelado e Licenciatura ou apenas em uma? No espaço em branco diga, por favor, o motivo da sua opção.

1- Pretendo me graduar nas duas modalidades.

2- Pretendo continuar no bacharel, mas se conseguir um mestrado vou direto. Acredito que quanto mais diversificada a formação melhor profissional serei no futuro. Poderei buscar soluções para futuros problemas com base nas disciplinas que irei cursar, além de fazer novas conexões.

3- Pretendo me graduar nas duas modalidades, pois acho necessário ter os conhecimentos de ambas, para contribuir ainda mais com a minha formação profissional.

4- Irei me graduar nas duas, mas estou fazendo licenciatura primeiro, meu objetivo não é dar aulas, porém, preciso desenvolver minha relação da fala em público.

5- Por enquanto somente licenciatura, já que sempre quis ser professora.

6- Eu pretendo ser bacharel. É uma área excelente e que na minha concepção deveria ser mais explorada academicamente, pois muitos entram na ideia de serem apenas professores e o bacharel da área acaba não ganhando muito destaque no mercado pela pouca demanda.

7- Inicialmente, pretendo me graduar na Licenciatura somente. No momento não gostaria de estender minha formação.

8- Apenas em bacharel, pois por enquanto não tenho interesse na área da licenciatura.

9- Em ambas.

10- Licenciatura, sou apaixonada com a ideia de trabalhar em sala de aula.

11- Pretendo fazer as duas modalidades. Aproveitando a chance que a UFV nos proporciona de fazer ambas.

12- Apenas em Bacharelado, pois não me vejo em uma rotina em que dar aula seja o principal.

13- Meu objetivo é ter as duas formações. O motivo é justamente o que descrevi no item 6.

14- As duas graduações, pois pretendo atuar nas duas, além de que não perderia essa oportunidade

15- Apesar de já ter uma licenciatura em Pedagogia optei pela licenciatura em Geografia para ter uma formação mais ampla.

16- Graduação em ambas, o motivo de formação em ambas as áreas é que acredito que a licenciatura seja a forma de devolver para sociedade o conhecimento produzido

17- Inicialmente, entrei na graduação pensando só na licenciatura, hoje já pretendo me graduar em ambos. Sinto que o bacharel também pode me agregar muito, principalmente se tratando do mercado de trabalho.

18- Ambas, sinto que será bom para o meu objetivo que é estar preparada para a jornada acadêmica

19- Em ambas modalidades, para abranger uma área de atuação mais ampla e diversificada.

20- Pretendo me graduar nas 2 opções, porque pode me dar mais opções no mercado de trabalho.

21- Somente no Bacharelado. Devido a questão de afinidade.

22- Sim.

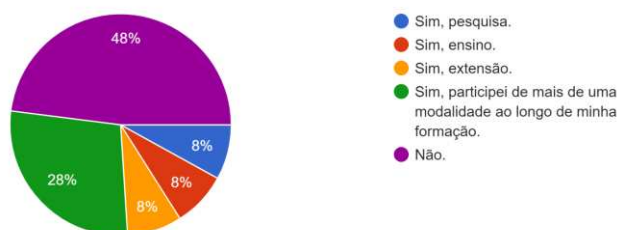
23- Sim, mais possibilidades de trabalho.

24- Antes queria as duas, agora estou apenas no Bacharel, sem perspectiva de graduar em Licenciatura. Infelizmente acabei desmotivada da licenciatura depois que fiz 18 meses de PIBID na pandemia, e isso foi crucial em minha decisão. Muitas reflexões sobre ser professora de ensino básico no Brasil, sobre o quanto a classe está cada vez mais sucateada, barreiras que estão sendo levantadas para dificultar uma educação de qualidade, pública e gratuita. Enfim, percebi que neste momento não me vejo plena numa sala de aula e por isso optei por graduar primeiro no bacharel, já que também é uma modalidade que gosto muito e o meio profissional é amplo.

25- Nas duas, ampliar meus horizontes.

8- Ao longo de sua formação acadêmica você esteve ou está envolvida, envolvido, envolve em projetos ligados à pesquisa, ao ensino ou à extensão?

25 respostas



9- Apenas para quem respondeu SIM na questão anterior. O que te fez optar pela participação em projetos de ensino, pesquisa ou extensão? Conte um pouco sobre sua experiência. Por favor, diga em quais destas modalidades você esteve ou está presente.

1- Para que eu possa ter uma visão mais ampla sobre os caminhos em que eu possa atuar. Estou num projeto de pesquisa, ensino e extensão em dois laboratórios sendo um deles no departamento de geografia e o outro no de solos. Está sendo uma experiência interessante e, apesar de ser um pouco difícil pela carga de atividades que tenho que conciliar com as disciplinas da graduação, acredito que será benéfico para minha profissão.

2- Residência pedagógica e iniciação científica. Ambas desafiadores e em alguns momentos achei que não fosse capaz, mas de enorme crescimento pessoal.

3- Sigo presente na modalidade de extensão e acredito que a formação acadêmica se completa estando nesses ambientes para além da sala de aula e das disciplinas formais oferecidas. Pra mim é de grande contribuição participar de outros projetos, seja vinculado ou não diretamente ao curso de graduação, mas que o espaço da universidade oferece.

4- Atualmente estou realizando uma pesquisa ligada ao turismo.

5- Experiência.

6- No desenvolvimento de pesquisas, comecei a participar do BIOCLIMA, pois foi onde encontrei com a respostas do fenômenos naturais que sempre foram determinantes para o sustento da minha família. Já no Projeto de Extensão, meu envolvimento está relacionado a relação universidade-sociedade

7- Estive presente nas modalidades de pesquisa e ensino, para conhecer melhor sobre as diferentes áreas de atuação.

8- A Climatologia vem se tornando uma área de interesse mundial nas últimas décadas devido às mudanças climáticas que vem ocorrendo e estão sendo previstas para ocorrer nas próximas décadas também. Minha experiência com a mesma vem sendo cunhada a partir da teoria de Clima Urbano desenvolvida pelo geógrafo brasileiro Carlos Monteiro, que delimitou o estudo do Clima Urbano em três grandes áreas, sendo elas: Qualidade do Ar, Conforto Térmico e Eventos Meteorológicos. Com base nos estudos desenvolvidos por ele e sob orientação do Prof Dr Edson Fialho desenvolvo pesquisas relacionadas à temperatura de superfície e risco decorrentes de eventos meteorológicos.

9- Qualificação para conseguir fazer mestrado e coisas acadêmicas

10- Oportunidade de bolsa, ensino.

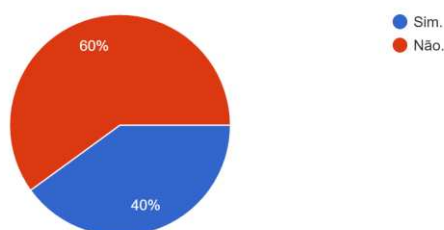
11- Participei do PIBID, como disse na resposta 7, e sempre tive muito interesse no Programa, pois além de ter bolsa (algo que preciso muito para me manter na faculdade) também já teria um contato prévio com a sala de aula, coisa que sempre quis ter e sou apaixonada. Participei e participo de alguns projetos de extensão. O primeiro foi em Educação e Interpretação Ambiental no Horto Botânico da UFV, fiquei de forma voluntária por dois semestres em 2019. Muito desse projeto me motivava em dar aulas, visto que o mesmo era voltado para visitas guiadas dentro do próprio Horto, na Avenida Purdue, o público variava entre crianças de 3 anos até idosos de 70+. Em 2022 participei, enquanto bolsista, de um projeto voltado para as mulheres camponesas de algumas cidades atingidas (direta ou indiretamente) pelo rompimento da barragem do Fundão, o título era: "GRAFIAS FEMININAS E DIÁLOGOS INTEREPISTÊMICOS A PARTIR DOS QUINTAIS PRODUTIVOS DE MULHERES CAMPONESAS DE VIÇOSA, ACAIACA E DIOGO DE VASCONCELOS (MG)" e pode-se dizer que a partir dos quintais produtivos dessas mulheres, o projeto apoiou a construção de uma rede colaborativa de intercâmbio de saberes e fazeres acadêmicos e populares, além de fortalecer as redes locais já constituídas nesta perspectiva e possibilitou o diálogo inter epistêmico no processo de produção de conhecimento. Algumas ações desenvolvidas no projeto: espaços de formação, com os seguintes temas e práticas: Manejo Agroecológico, Construção de Viveiro e Produção de Mudas, Associativismo e Cooperativismo (Acesso ao PNAE e Certificação Orgânica) e Desidratador Solar, Construção de Galinheiro e Cuidado Agroecológico dos animais, Manejo, Conservação e Distribuição das Águas. Intercâmbio Agroecológico junto aos projetos Quintais Produtivos e Osum Nanã. Além disso, participo de forma voluntária no GEIA - Mata, que é um projeto de extensão em Educação e Interpretação Ambiental com visitas guiadas dentro da Mata do Paraíso. A dinâmica e ações desenvolvidas são bem parecidas

com as do Horto. Por mim, estou começando a frequentar o APÊTI, que consiste num Núcleo de estudos e práticas em Sistemas Agroflorestais.

12- Projetos de pesquisa combina mais com os meus objetivos acadêmicos, fui capaz de aprender bastante desde que comecei a participar do projeto.

10- Você se sente representada, representado, representade em relação à composição numérica do corpo docente, levando em consideração a questão de gênero?

25 respostas



11- Você considera que a falta de paridade, em relação ao número de mulheres e homens, compondo o corpo docente do curso de Geografia, refletem nas suas escolhas em relação às áreas de formação oferecidas pelo mesmo? Em caso afirmativo, justifique o porquê no espaço em branco.

1- Não

2- Não

3- Sim, porque isso, querendo ou não, que barra um pouco sobre qual área atuar, ou seja, fica parecendo que as mulheres só podem ou conseguem exercer um caminho profissional, como ser professora.

4- Sim, percebo q os campos de pesquisa feito por mulheres no departamento está esvaziado. Além disso parece q existe uma separação mto grande entre as áreas, como se a Geo-gra-fia fosse duas. Essas ideias sempre estiveram em discussão no departamento e essa separação faz com que os alunos optem por áreas, segundo alguns, mais rentáveis. Isso atrapalha o rendimento do curso e afasta os alunos. Outro fator que percebo como problemático é a falta de uma empresa júnior no curso, o que se justifica também por essa cisão. Uns contra monetização outros a favor e enquanto isso os alunos ficam perdidos e quase q obrigados a procurarem outros departamento ou simplesmente desanimados.

5- Não refletem de forma alguma, pois acredito que, por mais que haja mais homens no corpo docente da geografia da UFV, todos são extremamente qualificados para a sua respectiva área, estão ali pelo seu alto grau de capacidade para isso.

6- Acho que não.

7- Não, eu particularmente nunca deixei que a opção de gênero fosse um fator decisivo para que eu escolhesse uma carreira para mim. Se há muitas mulheres ou muitos homens na minha formação, isso não me preocupa. E sim, dar o meu melhor e me tornar uma boa profissional!

8- Sim

9- não

10- não sei responder

11- Creio que o corpo docente do curso possui uma boa composição numérica em relação aos gêneros dos professores.

12- Não.

13- Eu gostaria muito de ter aulas com mulheres do departamento de Geografia (e nao de outros cursos) envolvidas nas áreas ambientais, gerenciamento de resíduos, sustentabilidade, ecologia e afins.. Mas, considero que o fato de que nao influencia tanto nas minhas áreas de escolhas.

14- Sim, é um mundo totalmente diferente (masculino), ter mulheres mostraria como seria a vivência que eu provavelmente teria fazendo aquilo.

15- Sim. Acaba que por ser mulher, nós sempre queremos nos inspirar em mulheres, e levando em conta que hoje, o nosso corpo docente conta cada vez menos com mulheres, o que acaba refletindo diretamente na área de formação em que imagino seguir.

16- Sim, sempre identifico uma maior proximidade à áreas em que possuem mulheres na geografia, penso que as mulheres de certa maneira sempre se esforçam mais para terem o reconhecimento que homens tem, e no geral, na geografia quando analiso o trabalho e a bagagem dos discentes, as mulheres sempre têm um destaque a mais em seus currículos e como pessoa!

17- Não necessariamente a falta de paridade, mas o comportamento de certos professores desencoraja a aproximação deles e de suas áreas de pesquisa

18- Sim, as melhores aulas foram com professoras mulheres

19- Não.

20- Não.

21- Depende. O número de docentes no departamento é muito pequeno, sendo que uma das três mulheres acabou de aposentar, e o substituto escolhido para a mesma é homem, a segunda das três acabou de tirar licença para o pós-doc, portanto estamos apenas com uma docente no curso, o que muito limita no que tange à área de atuação escolhida pelo corpo docente. Infelizmente, se a área for da Geografia Física, por exemplo, estamos limitadas à apenas dois professores homens, não tem para onde fugir.

22- Sim, a falta da presença feminina torna o ambiente menos confortável para as estudantes.

12- Você vivencia ou já vivenciou alguma situação relacionada a instâncias superiores dentro da Universidade que a/o impede ou impediu de seguir em determinada área de formação? Em caso afirmativo, pode relatar o ocorrido? Lembre-se, sua identidade será mantida em sigilo e não há necessidade de citar nomes em seu relato.

1- Não.

2- Não.

3- Não.

4- não.

5- Tenho vontade de fazer mestrado em planejamento urbano no Rio e a minha própria orientadora me desanimou.

6- Não vivenciei.

7- Creio que me distancie um pouco da questão cartográfica tão importante para um geógrafo, confesso que apesar do professor ser esforçado, faltou um pouco de refinamento da didática.

8- Na verdade não. Só gostaria mesmo de que fosse mais explorado o âmbito bacharel na universidade, pois escuto professores comentarem que é melhor seguir a licenciatura pois tem mais empregos. Claro que tem mais empregos para professores, não tem bacharel formando mesmo!

9- não

10- .

11- não.

12- Não vivenciei. Sou muito bem tratada por todos os professores.

13- Não diria que me impede, porém eu não ficaria confortável de ser orientada de professores que já assediaram alunas antes. Não sei se é o intuito da pergunta, porém seria o que mais me impediria de seguir alguma área, pelo menos durante a graduação.

14- Sim, a falta de verba do curso me desmotiva demais e inviabiliza seguir áreas de formação dentro do curso. Fica quase impossível fazer algo sem uma determinada orientação, porque todos os professores estão envolvidos com algo.

15- Não me sinto.

16- Não.

17- Não.

13- Ao longo de sua trajetória de formação acadêmica as categorias gênero e feminismo foram abordadas nas disciplinas de Geografia? Em caso afirmativo, você acha que esse tipo de discussão teve alguma influência em suas escolhas de formação? Em caso afirmativo, explique como foi essa influência.

1- Não muito, as discussões partem mais das estudantes que procuram sempre trazer o papel da mulher na geografia, as geógrafas que contribuíram com seus conhecimentos, em relação às bibliografias é questionado pelas estudantes mais textos que tenham mulheres como autoras.

2- Aconteceram algumas mesas em eventos pontuais. Sempre é um ponto que toca no momento das falas, mas a mudança de postura é algo difícil. Acredito que para real mudança, sejam necessárias ações permanentes em relação ao tema.

3- Até o momento, agradeço por não ter havido nenhuma abordagem a respeito de feminismo dentro da sala de aula, acho que é 100% dispensável e desnecessário para as disciplinas que fazemos, pois estamos na sala de aula para aprender os conteúdos de geografia, e não sobre a imposição de um movimento como esse.

4- Com toda certeza foi abordado esse tema, isso me ajudou a entender a relação da mulher e suas dificuldades num mundo um tanto quanto "machista" ainda. Fica evidente olhando no mercado de trabalho, por exemplo.

5- Não.

6- Sim, foram abordadas mas não influenciou minha decisão.

7- Sim. No meu caso, acho que não teve muita influência na escolha de formação porque já tinha em mente antes o que queria e já havia participado dessas discussões em outros espaços.

8- não me lembro.

9- Não me recordo.

10- tive poucas aulas, não tenho opinião formada ainda mas já foram abordadas alguns temas, e acho que depende da maneira que é abordado pode influenciar sim

11- Sim. Fiz parte de um grupo de estudos que abrangeu o tema sobre gênero, onde discutimos não só os casos relacionados ao meio acadêmico, como também a nossa vivência fora dos campus.

- 12- Foram abordadas. Têm influência em minha formação, pois me faz entender melhor sobre esses assuntos e querer seguir um caminho voltado para essas pautas.
- 13- Sinceramente não me lembro de tantas abordagens. Se tiveram, foram poucas.
- 14- Poucas. Não teve influência
- 15- Foram e são abordadas. Mas não tiveram influência.
- 16- Estes temas foram abordados, porém em discussões má coordenadas, uma falta de respeito com temas tão importantes para o desenvolvimento igualitário.
- 17- Sim. O assunto geralmente só é abordado pelas docentes mulheres, o que acaba me atraindo ainda mais para as áreas que elas atuam.
- 18- Muito pouco, os únicos contatos que tive em sala de aula relacionada a essas questões foram em disciplinas optativas de outros departamentos. Durante esse mínimo contato, sinto que me aperfeiçoei mais ainda como profissional em construção
- 19- As abordagens foram feitas de forma muito pontual e por poucos professores, sem aprofundamento das discussões.
- 20- Sim, não teve uma influência aparente porque foi retratado de maneira simplória.
- 21- Tais pontuações não foram abordadas até o momento no meu período de graduação
- 22- Não
- 23- Não.
- 24- Não, infelizmente.
- 25- Sim, as disciplinas da Geografia possibilitam a discussão desses temas, a área da licenciatura se preocupa em realizar discussões e seminários. Essas discussões não influenciam as minhas escolhas.

14- Apenas para quem tem filhos.

O cuidado da(s) criança(s) está sob sua responsabilidade ou você possui algum suporte, como por exemplo, a ajuda de outras pessoas ou o acesso à creche? Discorra, por favor, sobre esta situação.

1- Crio a minha filha sozinha e não tenho ajudante. Mas a minha mãe faz cia a ela na parte da noite. Mas no primeiro semestre do curso tive que deixá-la sozinha em casa para comparecer às aulas, pois a minha mãe teve que cuidar do meu pai que ficou doente e veio a falecer.

15- Independente da maternidade/paternidade, você é responsável pelas tarefas domésticas em sua casa? Em caso afirmativo, você considera que estas interferem no seu desempenho acadêmico ou vida profissional? Por quê?

- 1- Sim. Sim, porque é uma tarefa que ocupa bastante seu tempo.
- 2- Sim. Sou mulher e mora com mais um amigo (homem) e noto que a forma como me preocupado com a limpeza da casa é diferente da dele. Cuidar de uma casa não é apenas mantê-la limpa, para sobreviver preciso também trabalhar para pagar as contas da casa e isso atrapalha sim no rendimento acadêmico.
- 3- Sou responsável em parte pelas tarefas domésticas em minha casa, e isso não interfere em nada em meu desempenho acadêmico, pois sempre prezo pela organização e planejamento, com horários próprios para uma determinada tarefa, se não há organização e planejamento, obviamente isso pode vir a interferir, mas não pelo fato de ter que realizar essa tarefa, mas sim porque a pessoa não soube programar nada.
- 4- Moro com minha irmã e meu pai, e eu que cuido da casa e cozinha, tem dias que confesso ficar cansado mentalmente até para ler um pequeno livro recomendado pelo professor.
- 5- Não interfere
- 6- Sim, sou responsável. Como trabalho, estudo e tenho tarefas domésticas, não consigo ter o mesmo proveito e desempenho de estudantes do meu curso que tem o tempo livre. Portanto, interfere sim!
- 7- Sim. Acho que interfere, principalmente, pelo tempo necessário de dedicação a essas tarefas.
- 8- sim, isso acaba interferindo um pouco, mas nada que eu não consiga recuperar.
- 9- Sim. Não me interfere.
- 10- Sim, pois as vezes tem muitas coisas para fazer e não dá tempo de ler os textos ou estudar
- 11- .
- 12- Sou uma das pessoas responsáveis, logo, tendo outras pessoas dividindo a responsabilidade pelas tarefas domésticas, não interfere significativamente no meu desempenho.
- 13- Sim. Com certeza pelo tempo que leva com essas tarefas.
- 14- Sim. Sim, pois acabo tendo que escolher entre ler um livro pra uma disciplina ou fazer alguma tarefa de casa.
- 15- Sou a responsável e isso interfere sim. Sempre acabo o semestre exausta e tenho que me esforçar muito para dar conta de todas as atividades.
- 16- Não.
- 17- Sim. De certa forma acaba interferindo, mas hoje como moro em repúblicas, muitas das atividade são compartilhadas, o que me facilita.
- 18- Não sou completamente responsável, porém sinto que não sobra tempo para essas atividades quando estou envolvida com os fazeres acadêmicos

19- Sim. Pois são atividades que demandam tempo para além das aulas e tempo de estudos independentes, aumentando as responsabilidades e diminuindo o tempo disponível para atividades acadêmicas

20- Sim, não. Porque eu só limpo a casa, refeições faço na ufv.

21- Com o ritmo acadêmico é difícil conciliar algumas tarefas realmente

22- Sim, não interfere pois as atividades na minha casa são divididas, então não fica pesado, mas se fosse diariamente e apenas eu que fizesse obviamente influenciaria

23- Sou responsável e não interfere. Resido em alojamento.

24- Sim, mas não só eu. Moro com mais três pessoas, sendo uma menina e dois meninos, a divisão de tarefas é feita de forma igual. Mas, de certa maneira as tarefas domésticas interferem sim no desempenho acadêmico às vezes, porque tais tomam tempo e são cansativas.

25- Sim, atualmente não interferem, mas na pandemia era como se os meus estudos não fossem tão importantes quanto os serviços domésticos.

16- Você pretende seguir carreira acadêmica? Em caso positivo, quais são suas motivações? Em caso negativo, existem desmotivações? Quais?

1- Sim. Pois, quero sempre estar me aperfeiçoando como profissional, principalmente num mercado de trabalho que exige cada vez mais de nós mesmos.

2- Sim, apesar das dificuldades sei que é uma carreira a qual terei muitos frutos de realização pessoal principalmente, pois sempre tive problemas relacionados a minha segurança e continuar nessa vida será como um desafio pra minha autoestima intelectual.

3- Pretendo seguir carreira acadêmicas, as motivações são financeiras mesmo.

4- Desejo seguir. minhas motivação é me tornar cada vez mais conhecedor dos assuntos do campo da geografia, talvez as desmotivação sejam minha falta de ambição em certos períodos.

5- Sim. Quando me formar, quero trabalhar na área, fazer mestrado e doutorado.

6- Não, ser professora não seria ruim, eu gostaria inclusive de dar algumas aulas. Mas não me imagino lecionando para sempre, bem como tenho muito interesse em explorar o lado do bacharel que é menos reconhecido no mercado.

7- Gostaria de me dedicar ao ensino básico, inicialmente.

8- Se houver oportunidade em carreira acadêmica, posso sim pensar na possibilidade de segui-la, já que toda oportunidade é uma experiência enriquecedora.

9- Sim. A motivação é a vontade de ensinar.

10- sim

11- Sim. Minhas motivações estão relacionadas aos meus desejos e planos, principalmente relacionados a minha área de atuação.

12- Sim, pois acho importante para o meu desenvolvimento enquanto profissional e indivíduo em uma sociedade.

13- Sim. O que me motiva é o reconhecimento e o carinho dos alunos, e o gosto pela função.

14- Não. Não acho que é para mim

15- Pretendo. Já dou aula para o ensino fundamental I e vejo que se as crianças tiverem um bom ensino as coisas podem melhorar. Sou idealista e penso que se nos dedicarmos a docência com afinco colheremos bons frutos lá na frente.

16- Não sei responder no momento

17- Sim. Vejo a carreira acadêmica como uma forma de me especializar em áreas que eu realmente quero seguir e trabalhar, além de que pode me abrir muitas portas.

18- Pretendo sim, gosto de me aperfeiçoar nas minhas áreas de interesse, além das portas que se abrem para carreira acadêmica

19- Sim.

20- Sim, ganhar um melhor salário, aprender mais...

21- Não pretendo, mas é uma possibilidade em aberto. Acredito que não seja uma área que realmente me interesse.

22- Sim, questões salariais, apesar de não ser uma unanimidade no contexto atual, isso melhora o salário

23- Sim. Aprofundar conhecimento em uma área.

24- Não sei ainda, mas tenho me interessado em pesquisar mestrados para fins de aprimorar meu currículo e aprofundar os conhecimentos.

25- Não, não me identifico com a carreira acadêmica.

17- Você acha que o curso de Geografia da UFV é atravessado pelo sexismo? Em caso afirmativo, aponte algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre.

1- Não

2- Não sei opinar sobre isso.

3- .

4- Não acho que o curso de geografia da UFV seja atravessado pelo sexismo, pois cada profissional está ali de acordo com sua capacidade e esforço. Se há menos mulheres em um determinado grupo, é porque elas não se

esforçaram tanto ou porque, de fato, não se interessaram por estar ali, mas lutaram para estar em outros lugares/profissões.

5- Acho que não.

6- Não

7- Não, na verdade não sei, estou no meu primeiro período. Ainda analisarei isso melhor!

8- Sim. Já senti em sala de aula um professor dando mais atenção ao que homens falava do que à minha opinião, por exemplo. Não estou conseguindo lembrar de outros exemplos, mas toda a estrutura da universidade é atravessada pelo sexismo, um exemplo é a questão do assédio e essa é uma das violências que, com certeza, afetam às graduandas da Geografia.

9- não

10- Acho que não.

11- não sei responder

12- Até então não tive plena percepção de que isso aconteça.

13- Acredito que não

14- Sim. Há atualmente apenas uma mulher no corpo docente.

15- Não, eu vejo o DGE como um dos mais equilibrados em relação a presença e atuação entre os gêneros

16- Sim. É notório o "descaso" com a figura feminina no departamento, desde o momento em que o número de mulheres são bem menores no corpo docente, além de relatos que já escutei de alunas dizendo já terem sofrido com isso.

17- Com certeza, o número de professores homens no departamento em comparação ao número de mulheres é o que mais me revolta, ainda mais enquanto a quantidade de professoras mulheres e negras muito competentes e formidáveis segue diminuindo

18- Sim, mas não acredito que seja um caso específico deste curso. Algo curioso que acho interessante apontar: ao longo de toda minha graduação, houve vários processos seletivos para professores substitutos e em nenhum foi contratada uma professora

19- Sim, a maioria dos professores são homens e sempre escuto casos de que as opiniões deles têm mais peso do que as delas.

20- Acredito que em todo espaço ainda nos deparamos com esse problema, mas eu não tive contato diretamente com esse problema até o momento.

21- Sim, corpo docente é composto em grande parte por homens e poucos vemos mulheres na liderança, isso não se reflete apenas com os professores, mas os técnicos do departamento são apenas homens

22- Sim. Existe disparidade no número de funcionários e professores, que são maioria em homens.

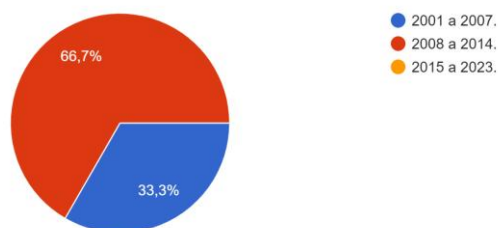
23- Sim, primeiramente por ter mais docentes homens ocupando cadeiras no departamento. Outro fato é que alguns professores já assediaram alunas e isso ficou por debaixo dos panos e nunca aconteceu nada com os mesmos, pois as alunas tiveram medo e receio de denunciar e serem perseguidas depois, ou por saberem que nada iria acontecer com eles.

24- Sim, percebe-se pelo número de professoras mulheres no departamento e pela distribuição das estudantes nos laboratórios. Os laboratórios voltados para a licenciatura e que possuem professoras atraem muito mais garotas que os laboratórios de Geografia Física, por exemplo.

APÊNDICE D - Questionário aplicado às estudantes egressas do curso de Geografia da UFV, via Google Formulários, respondido entre os meses de março e maio de 2023

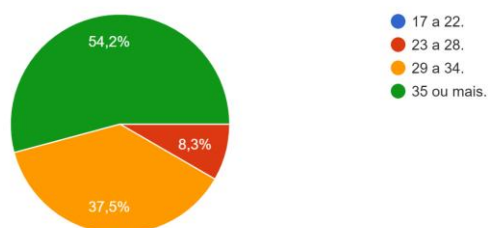
1- Seu ano de ingresso no curso está compreendido em qual período de tempo?

24 respostas



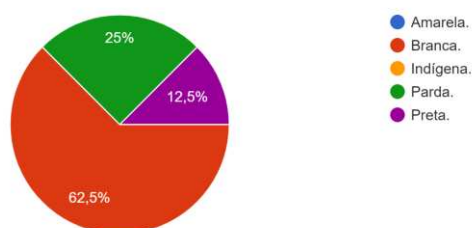
2- Qual a sua idade?

24 respostas



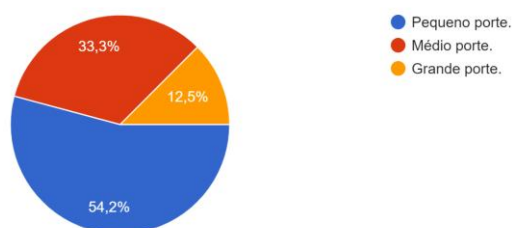
3- De acordo com a classificação por cor ou raça proposta pelo IBGE, você se autodeclara:

24 respostas



4- Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte?

24 respostas



5- O que te fez optar pelo curso de Geografia da UFV? O que você esperava que essa graduação te proporcionasse? Esse objetivo foi atingido?

1- Interesse pelas questões socioespaciais urbanas. Esperava um ambiente dialógico, de amadurecimento e que me proporcionasse boas oportunidades profissionais. Sim!

2- Observação/contemplação da paisagem associada ao pensamento crítico. Foi atingido em partes.

3- Optei pelo curso de Graduação em Geografia pela interação entre questões sociais e ambientais que a grade oferecia, além dos campos variados de trabalho em que um Licenciado ou Geógrafo poderiam atuar. Esse objetivo foi alcançado no que concerne a Licenciatura- No entanto, isso se liga a oferta de concursos públicos também, o que está cada vez mais escasso; já o bacharelado, por perceber uma maior dificuldade em atuar profissionalmente, foi uma modalidade que deixei de investir.

4- Por que sempre quis estudar em Viçosa. Estudo de qualidade. Sim

5- Passar no vestibular em um curso menos concorrido, afinidade com o conteúdo. Formação para entrar no mercado de trabalho. Sim. Objetivo atingido.

6- O curso de Geografia me interessou por envolver estudos da sociedade e da natureza de forma conjunta. Esperava que a graduação me preparasse pra ser uma profissional que faz diferença na sociedade. Acho que sim.

7- A oportunidade de estudar em uma universidade federal, esperava ter embasamento teórico e prático na área da Geografia. O objetivo foi alcançado.

8- Oportunidade de acesso ao ensino superior. Sim.

9- Fugir da cidade grande! Queria uma formação política mais ampla e um conhecimento mais aprofundado sobre a dinâmica da natureza e da sociedade capitalista. Em partes, sim.

10- Sonho de estudar na UFV e me formar com uma interface de análise ambiental abrangente.

11- Optei pelo curso de Geografia a princípio pelo grande interesse nas questões ambientais, e grande infraestrutura que a universidade possui. Esperava ter uma formação de qualidade. Mesmo com muitos desafios, o objetivo foi atingido.

12- Sempre gostei muito de estudar geografia na escola, por isso optei pelo curso, pois o conteúdo é muito amplo. Esperava ir a campo, aumentar meu senso crítico e compreender as diversas relações entre os seres humanos e a natureza. Foi atingido sim, aprendi bastante.

13- afinidade com a área. proporcionasse melhores condições financeiras e chances de esta entrando no mercado, pois como sou de uma cidade pequena e o trabalho que tem é mais na roça e são os homens que trabalham, não via muitas oportunidades. Este objetivo ainda não foi atingido.

14- A escolha pelo Geografia foi o interesse pelas questões ambientais. E também uma fuga de um curso de exatas. Não entrei com muitas expectativas pelo fato de não conhecer o que seria a Geografia na academia. A única referencia dessa ciência era a Geografia escolar, que algo muito diferente. Por isso, não sou capaz de responder se o objetivo foi atingido, mas saí de um curso com a mente muita aberta para a mundo e sua diversidade e para as questões sociais.

15- A princípio, o que me fez optar pela Geografia, foi a possibilidade mais ampla de áreas que eu pudesse trabalhar para além da docência e pelo fato de eu me identificar com a área ambiental. No processo, contudo, fui me identificando mais com a docência e a área da Educação. O objetivo foi alcançado. Tornei-me professora.

16- Me encantei com o curso quando ainda estava matriculada no Cursinho Popular do DCE. A escolha da UFV ocorreu devido a ter familiar na cidade. Esperava me tornar pesquisadora e contribuir para desvelar as desigualdades socioespaciais. Não só atingi esse objetivo (sou doutoranda hoje da UFF), como me tornei professora.

17- Foi a primeira que passei e foi a oportunidade para vivenciar coisas novas como morar longe dos pais e dividir a casa com outras pessoas. Eu esperava que pudesse mudar um pouco o mundo e conseguir viver mais tranquilamente financeiramente. Não, o objetivo não foi atingido

18- Ponto de corte enquadrava na minha nota. Conhecimento para ingressar no mercado de trabalho. Em partes!

19- Optei pelo curso de Geografia por sempre ter tido maior interesse pela matéria no ensino básico e por assuntos afins. Esperava que o curso me proporcionasse a possibilidade de trabalhar com pesquisas. O objetivo foi atingido no âmbito dos estudos e não como forma de trabalho.

20- Quando ingressei no curso não tinha muitas informações a respeito. Fiz o curso pq foi onde passei no vestibular. Minha primeira escolha seria a UFMG, por ser mais perto da minha cidade de origem.

21- Não houve um motivo específico. Pensei que trabalharia na área ambiental. Não foi.

22- Proximidade de casa, facilidade e possibilidade de ingresso (entrei pelo pases)

23- A minha escolha foi baseada no que eu já tinha de experiência em relação a Geografia. Sempre gostei de trabalhar com solos, água e natureza de forma geral. Em alguns poucos quesitos consegui atingir o objetivo desejado.

24- Entrei para o curso por gostar da área de Geografia Urbana. Jurava que iria trabalhar com algo voltado para o planejamento de cidades, porém o curso se mostrou muito mais amplo e vasto. No meio da graduação acabei optando pela licenciatura e logo nos primeiros meses me vi apaixonada pela área da educação. Sempre acreditei que o curso de Geografia ampliaria minha visão social sobre o mundo e acredito que cumpriu com esse objetivo. No entanto, em relação a área da educação, vejo que o curso me preparou de uma maneira mais "platônica". A realidade é bem diferente e mais desafiadora. Trabalhar em escola vai muito além da formação que uma licenciatura pode oferecer, pois lidamos com problemas de esferas sociais, governamentais e de segurança. Entendo que a graduação contribui, mas não me preparou plenamente para esses desafios.

6- Você se graduou nas modalidades Bacharelado e Licenciatura ou optou apenas por uma? Em caso de apenas uma, qual foi? No espaço em branco diga, por favor, o motivo da sua opção.

1- Sim, nas duas.

2- Licenciatura e Bacharelado

3- Bacharelado. Por não gostar de dar aula.

4- Licenciatura. Optei pela licenciatura, primeiramente, por indicação dos professores do Departamento. Já na metade do curso, percebi que era um campo de trabalho que me ofereceria mais oportunidades a curto prazo. Cursei quase todas as disciplinas do bacharelado. Porém, desisti para ingressar na pós graduação e por perceber uma maior dificuldade em atuar profissionalmente como Bacharel em Geografia.

5- Nas duas modalidades. Mais flexibilidade no mercado

6- Ambas.

7- Me graduei em ambas.

8- Sim.

9- Sim.

10- Bacharelado e licenciatura

11- Nas duas modalidades. Para ampliar o escopo de trabalho.

12- Licenciatura, por ter mais oportunidades no mercado de trabalho.

13- Apenas na licenciatura. Na época o desejo era fazer o bacharel, mas havia a possibilidade de fazer os dois e em menor tempo se iniciasse com a licenciatura e acabei graduando apenas na licenciatura por não ter gostado do bacharel.

14- Me graduei nas duas modalidades.

15- Licenciatura. Tentei continuar o bacharelado, mas não me identifiquei com o processo e tive grandes dificuldades para concluir a monografia. Acabei abandonando o bacharelado, após a licenciatura, para me dedicar aos concursos e processos seletivos. Nesse período eu passei em um processo seletivo de um IF em outra cidade. O desafio de exercer a licenciatura foi maior, por isso resolvi encerrar o bacharelado.

16- Bacharel e Licenciatura

17- Na UFV me formei somente em Licenciatura. Escolhi essa modalidade primeiro por ser mais rápida e se houvesse qualquer coisa eu já teria como da aula. Não quis continuar para a modalidade bacharelado, pois queria cursar em alguma universidade que tivesse mais professores geógrafos de todas as áreas, diferente do que acontece na UFV onde a graduação é completada com vários cursos. E assim fiz o bacharel em outra universidade e descobri um novo mundo dentro da geografia física, com professores geógrafos mesmo e não agrônomos ou engenheiros.

18- Licenciatura. Campo de trabalho ser mais amplo.

19- Me graduei nas duas modalidades para ter maior possibilidade de atuação no mercado de trabalho.

20- Fiz a Licenciatura e planejava fazer o bacharelado em seguida. Porém, fui aprovada no mestrado e não fiz a segunda modalidade.

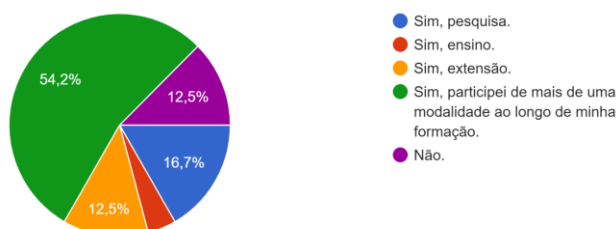
21- Fiz licenciatura e comecei o bacharel, mas tive que trancar para assumir o concurso de 2018

22- Bacharel e licenciatura.

23- Somente Licenciatura, pois fui chamada para assumir um concurso público em outro estado, antes de conseguir finalizar o bacharelado

7- Ao longo de sua formação você esteve envolvida em projetos ligados à pesquisa, ao ensino ou à extensão?

24 respostas



8- Apenas para quem respondeu SIM na questão anterior. O que te fez optar pela participação em projetos de ensino, pesquisa ou extensão? Conte um pouco sobre sua experiência. Por favor, diga em quais dessas modalidades você esteve presente.

1- Desde o 5 período me envolvi e participei de atividades de pesquisa. Sempre foi a modalidade que mais me identifiquei no campo acadêmico.

2- Pela bolsa e pela experiência. Projeto de extensão sobre educação patrimonial. Foi oferecido por uma professora do departamento de Arquitetura.

3- Estive presente na Iniciação Científica e no Projeto de extensão do Observatório de Movimentos sociais. Me interessei por essas modalidades por afinidades com a pesquisa acadêmica e também pelo interesse em pautas sociais.

4- Pesquisa. Me identifico com a investigação científica

5- Ampliar minha experiência para atuar em sala de aula. Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef, Projeto Rondon.

6- Estive presente nas modalidades pesquisa e extensão. E me interessei desde o início por querer cursar mestrado e doutorado posteriormente.

7- Participei em projeto de extensão, a motivação foi a oportunidade de trabalhar fora da universidade com a comunidade escolar.

8- Tive experiência com monitoria, pesquisa e extensão. Tive a sorte de estudar num período com bastante investimentos do governo federal.

9- Inicialmente, o dinheiro da bolsa e depois, na extensão, pela possibilidade de exercer minha então futura profissão

10- Para ter uma noção dos diferentes âmbitos de atuação como profissional.

11- Compreendo que a participação em projetos são de profunda importância e solidificação do processo de formação profissional e cidadã, uma vez que os projetos de extensão e ensino, dos qual participei, haviam retorno à sociedade.

12- Estive presente no PIBID que contribuiu muito para entender como seria estar em sala de aula, participei do PIBEX onde desenvolvi trabalhos sobre gênero nas escolas e também do Proext onde trabalhei com a agroecologia.

13- Eu participei apenas do PIBID e mais por uma necessidade financeira. não participei de demais projetos primeiro por uma questão pessoal e emocional e segundo porque não sentia afinidade com os professores que atuavam na área que eu tinha interesse.

14- A experiência com o ensino foi mais marcante. Foi o campo em que tive mais afinidade e talvez mais referências profissionais ao longo da minha vida antes da universidade. De certa forma, isso me influenciou na escolha dessa área e os projetos de ensino ocuparam grande parte da minha trajetória acadêmica.

15- A princípio eu não tinha muita noção do que era a pesquisa e a extensão na universidade. Fui aprendendo no processo das práticas. Realizei estágio no Museu de Ciências da Terra da UFV onde pude aprender a maior parte do que sei hj como por exemplo, fazer projetos, lidar com pessoas diversas, exercer a pesquisa, trabalho em equipe, etc. Também fui professora em um cursinho popular da mesma universidade, o cursinho do DCE, onde a docência aflorou com maior intensidade em mim. Foram experiências muito potentes e transformadoras em minha carreira.

16- Pesquisa era mais voltado para minhas aspirações profissionais. Mas contribui com algumas atividades de extensão também.

17- Participei de projetos de extensão e de pesquisa. A experiência foi super válida pois me proporcionou maior conhecimento sobre desenvolvimento e publicação de pesquisas; maior interação com a população da cidade e com estudantes de outros cursos; além do valor da bolsa mensal que me ajudava no orçamento de estudante.

18- Fiz um projeto de iniciação científica. Foi uma experiência incrível! Pude aprofundar em um estudo de caso na minha cidade, aprendi a fazer e executar um projeto de pesquisa... foi enriquecedor!

19- Extensão apenas. Os motivos foram: enriquecer o currículo, ganhar experiência em áreas afins com meus interesses e ganhar bolsa.

20- Possibilidade de conhecer as áreas de atuação, ganhar bolsa e acrescentar ao currículo.

21- Vivenciar na prática e adquirir experiência. Trabalhei com um Projeto de Extensão sobre trabalho infantil. Achei o tema relevante e pertinente para a sociedade e quis aprofundar minha pesquisa sobre esse assunto. Também trabalhei como bolsista do PIBID e pude vivenciar na prática a docência. No PIBID pude perceber como as escolas estão sucateadas e os professores esgotados e desmotivados. Na época não compreendia muito bem esse comportamento por parte da maioria dos professores, porém, após assumir meu cargo de professora efetiva, ficou claro o motivo: baixa remuneração, esgotamento psicólogo, violência escolar, indisciplina, defasagem na aprendizagem, modelo de ensino engessado e atendendo regras de pessoas que não vivem o dia a dia das escolas.

9- Ao longo de sua trajetória de formação acadêmica as categorias gênero e feminismo foram abordadas nas disciplinas de Geografia? Em caso afirmativo, você acha que esse tipo de discussão teve alguma influência em suas escolhas de formação? Em caso afirmativo, explique como foi essa influência.

1- Não.

2- Não foram.

3- Foram abordadas durante poucas disciplinas, de modo pontual, principalmente por professoras. Porém, não houve debates específicos ou aprofundados sobre o tema.

4- Não foi adotado

5- Não tive formação em gênero e feminismo.

6- Foi abordado muito pouco.

7- Não

8- Não.

9- Não me lembro, tendo a achar que não. Meu maior conhecimento sobre o assunto se deu através do movimento estudantil

10- Não me recordo de ser abordado de forma regular em disciplinas.

11- Era pouco discutido, acho que fui eu que iniciei a preocupação em estudar gênero na geografia junto com a professora Isabel.

12- Não, que eu me lembre. se foram abordadas foram por interesse dos próprios estudantes em está desenvolvendo pesquisa e discussões dentro da sala de aula. tive discussões a respeito em uma disciplina que não era da geografia.

13- Não!

14- Essas discussões apareciam de formas transversais. Não eram discutidas diretamente nos currículos das disciplinas, mas faziam parte dos ambientes nos quais eu frequentava com alunos e professores. Esse tipo de discussão teve influência direta na minha formação pessoal e profissional. A primeira vez que vi um livro sobre feminismo foi no cursinho do DCE, o que me ajudou a compreender muitas coisas. Atualmente essas discussões fazem parte do meu trabalho em sala de aula com meus alunos e alunas.

15- Não

16- Não era muito discutido não. O que era debatido era muito mais dentro de outros segmentos como o movimento estudantil e a AGB, os quais participei. Entretanto, não me recordo de trabalharmos nas disciplinas textos com essa temática

17- Sim. Não

18- As categorias de gênero e feminismo foram abordadas sim, porém a discussão que acontece hoje dentro da academia é muito mais forte e consistente do que na época em que fiz o curso. Não considero que essas discussões

tiveram influência na minha formação acadêmica em si, porém com certeza influenciaram e influenciam na minha dinâmica social e profissional hoje.

19- Não me lembro de perceber uma abordagem mais direta sobre essas discussões.

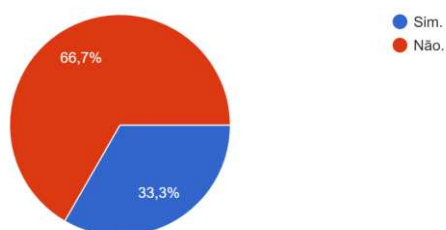
20- Sim, mas não tanto. A discussão sempre esteve presente entre os colegas. Mas pouco entre alguns professores

21- Na época que escolhi fazer o curso não olhei por este ângulo, anos mais tarde vi que tinha escolhido o curso, por este motivo também. Sabemos que vários cursos são mais voltados para o público masculino e isso é muito claro na UFV. Uma disciplina e outra aparecia discussões sobre gênero. Nada transformador de fato.

22- Sim, foi abordado especialmente por professoras mulheres. Muitas foram inspiração em minha graduação e trajetória na educação. A influência se deu na posição que elas exerciam, no domínio sobre si mesmas enquanto mulher em uma sociedade patriarcal. Exemplos de força, sucesso, inteligência e humanidade.

10- Enquanto mulher, você se sentia representada em relação à composição numérica do corpo docente, levando em consideração a questão de gênero?

24 respostas



11- Você considera que a falta de paridade, em relação ao número de mulheres e homens, compondo o corpo docente do curso de Geografia, refletiram nas suas escolhas em relação às áreas de formação oferecidas pelo mesmo? Em caso afirmativo, justifique o porquê no espaço em branco.

1- Não

2- Não.

3- Não.

4- Sinceramente, não refletiram. Ao menos não percebi isso à época. Até porque não tínhamos discussões sobre isso tão evidentes como hoje.

5- Não sinto.

6- Não refletiram

7- -

8- Acredito que indiretamente acaba interferindo , nunca pensei sobre o assunto.

9- Não.

10- Enquanto vivi a formação não me recordo de ter essa percepção, focava nas habilidades/competências/área do docente. Mas analisando hoje, o fato é que tive na maior parte da trajetória acadêmica orientadoras, mesmo elas sendo a minoria.

11- Não, pois a minha escolha estava relacionada a oportunidade no mercado de trabalho. Tanto mulheres quanto homens, acredito que optam pela licenciatura pelo mesmo motivo.

12- sim, pois o simples fato de você estar rodeada de homens já te deixa um pouco desconfortável e receosa e isso é algo que as vezes nem tem motivos concretos, mas como desde pequena temos experiências ruins em relação a espaços dominados por homens que é um sentimento que já fica internalizado.

13- Acho que não tem uma relação direta com a minha escolha de área, mas fico pensando: se eu tivesse tido as aulas de ensino com homens eu teria trilhado o mesmo caminho? Eu não sei! O fato é que as áreas que mais me inclinei e me dediquei durante o curso foram de disciplinas oferecidas por mulheres.

14- Acredito que não influenciou, mas arrisco a dizer que a área da "Geografia Física" tem uma predominância masculina, o que pode influenciar algumas mulheres a se sentirem mais inseguras ao seguir essa área.

15- Sim. Primeiro que não havia mulheres na parte de geografia física e os docentes dessa área eram homens totalmente machistas e soberbos. Das três mulheres que tive aula na UFV a mais potente e com um debate bem mais social me fez apaixonar pelas questões urbanas que me facilitaram muito em minhas futuras pesquisas. Inclusive foi ela que me fez pensar que a geografia da UFV não era só campo ou rural.

16- Sim, pois haviam apenas 2 professoras. Acabei focando mais na área de ensino, pois, me identifiquei com a didática da professora e também por me sentir à vontade com ela. Havia um professor da área física que agia de forma um pouco assustadora, no sentido de apontar as pessoas em sala de forma inesperada para que respondessem às suas perguntas, fazia piada se a pessoa não soubesse e isso pra mim era intimidador. Nunca consegui me

aproximar muito dessa área, não sei se necessariamente pela presença desse professor, mas acho que isso influenciou sim.

17- Sim. Poucas mulheres nas áreas físicas. A maioria está. No ensino

18- Não

12- Você já vivenciou alguma situação relacionada a instâncias superiores dentro da Universidade que a impediu de seguir em determinada área de formação? Em caso afirmativo, pode relatar o ocorrido? Lembre-se, sua identidade será mantida em sigilo e não há necessidade de citar nomes em seu relato.

1- Não

2- Não

3- Não.

4- Não.

5- Não, nunca.

6- Não vivenciei esta situação.

7- Não. Em nenhum momento.

8- Diretamente não envolve o curso de geografia mas presenciei uma fala de um professor de outro departamento numa de suas aulas. Era aula de campo e o referido professor comentou que não dava certo mulher se envolver naquela determinada linha de pesquisa pois era muito exaustivo e a mulher não possuía força física para essas tarefas. Eu até entendo o fato de naturalmente os homens serem mais fortes mas a forma limitante como aquilo foi colocado me chamou atenção.

9- Não, optei pela Licenciatura, lugar onde mulheres são maioria

10- Sim, não na graduação, mas no mestrado, sofri abusos morais, que me fizeram desistir da vida acadêmica, isso me marcou muito. A graduação foram tempos de boas lembranças e muito aprendizado, já o mestrado me senti humilhada e desrespeitada por minhas orientadoras. Apesar de estudar gênero, não fui acolhida por mulheres que estudam e defendem essa temática. Essa contradição, entre defender o feminismo e não ter empatia com mulheres que estudam sobre gênero, me fez enxergar que ainda estamos muito longe de diminuir o machismo dentro do curso de geografia.

11- sim. neste caso não se refere apenas a uma relação que envolve gênero mas também de relações de dominação entre quem detém o "conhecimento" e o estudante e quando envolve os dois aspectos a sua autoestima é bem abalada.

12- Sim. Deboche/incompreensão de professor durante as aulas, o que causava certa aversão ao tema dado.

13- Fui muito mal recebida por outra mulher ao fazer uma entrevista para um estágio. Ela, ao me entrevistar, mencionou que a minha roupa a estava irritando e que o meu currículo seria jogado no lixo, pq ninguém iria ler. O meu pai, por ser funcionário na universidade, acionou o responsável pela área para relatar o ocorrido. Apesar da mulher ter sido notificada, eu não quis retornar ao estágio para obter a vaga.

14- Em determinada área de formação não, mas já fui assediada fora do curso de Geografia, tanto por um professor (da Eng. Florestal), quanto por um funcionário, durante a Semana do Fazendeiro. O primeiro fazia propostas para que saísse com ele e o segundo se dirigia a mim e a outras meninas com expressões eróticas não condizentes com o momento vivenciado (no caso estávamos trabalhando na Semana do Fazendeiro e o cara coordenava a equipe na qual eu e essas outras garotas estavam inseridas).

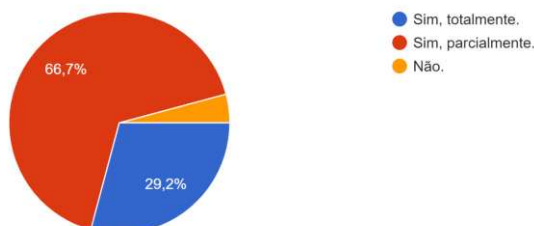
15- .

16- Sim, um determinado episódio me lembro de quase ter desistido do curso por que um professor foi muito infeliz em determinada circunstância.

17- Já fui perseguida por um professor homem, que menosprezava minhas colocações e tentava a todo custo me diminuir em público. Curiosamente antes não percebia isso como machismo, hoje sim

13- Você acha que sua trajetória acadêmica se reflete hoje em sua carreira profissional e vida financeira?

24 respostas



14- Ainda de acordo com a pergunta anterior, em caso afirmativo, você acha que se tivesse percorrido outro caminho dentro da própria Geografia, hoje teria mais sucesso em sua vida profissional? Explique, por favor.

- 1- Não.
- 2- Com certeza. Faltou curiosidade, vontade e estímulo para ir atrás das áreas que certamente são mais interessantes financeiramente falando.
- 3- Considero que o curso de Geografia da UFV tem uma forte formação na licenciatura e uma formação menor na área de bacharelado. São poucos profissionais que vão de fato trabalhar como Geógrafos. Salarialmente, essa área tende a ser melhor, no entanto, há menor espaço no mercado.
- 4- Não teria
- 5- Não. Acredito que estou bem em relação as possibilidades com minha formação.
- 6- Sim. Acredito que em relação a questão financeira se eu tivesse optado pelo bacharel teria uma melhor condição financeira.
- 7- Sim, acredito que a área relacionada ao geoprocessamento seja melhor remunerada.
- 8- Não.
- 9- Não tenho como saber, não trilhei outro caminho
- 10- Acredito que sim pois o que determina o sucesso profissional é o quão você se dedica a sua área de atuação.
- 11- Sim. O ingresso na carreira pública em nível superior ou de bacharel poderia ter melhores salários.
- 12- Sem dúvidas, seguindo para o doutorado teria mais oportunidades, mas devido crises de ansiedades enfrentadas pelos problemas relatados no mestrado, ainda não consigo seguir a carreira acadêmica.
- talvez sim. talvez se tivesse me dedicado a outras áreas e pesquisas além da licenciatura.
- 13- Sim, talvez. Às vezes penso que se tivesse me dedicado mais a área física teria tido mais sucesso hoje. Trabalhar diretamente com o planejamento urbano ou ambiental. Trabalhar com programas diversos... Mas o sucesso é relativo. rs
- 14- Eu poderia ter maior sucesso financeiro, mas não posso afirmar que teria sucesso pessoal, pois hoje eu me sinto realizada como professora, apenas acredito que eu poderia receber bem melhor como professora estadual.
- 15- Não escolheria outro caminho. Escolhi o que mais me identifiquei.
- 16- Acho que se tivéssemos mais incentivo a pesquisas (na minha época as bolsas e pesquisas eram muito mais de outros departamentos) e mais proximidade com visões geográficas sobre as reais possibilidades dos geográficos, ficando muito reduzidos a geoprocessamento ou carreira acadêmica (do bacharel em si).
- 17- Não
- 18- Não. Infelizmente o curso de Geografia ainda não oferece, de forma abrangente, oportunidades com boas condições de trabalho e salários justos. Ainda não há essa valorização da área.
- 19- Amo a docência. Não considero outras possibilidades hoje.
- 20- Acredito que sim. Penso que se tivesse me dedicado mais à área física, hoje poderia atuar em um ramo que me conferisse mais renda que a docência.
- 21- Sim. Na área física. Se eu tivesse investido mais teria feito mestrado. E talvez receberia melhor do que como professora
- 22- Sim, acredito que eu deveria ter participado de projetos de extensão e pesquisa e para além do desconforto em relação aos professores eu precisava me manter em um emprego fixo para me sustentar, embora muitos achassem que eu tinha condições financeiras facilitadas.
- 23- Me considero uma pessoa de sucesso, porém creio que a remuneração na área da educação não é adequada.
- 24- Talvez se tivesse seguido para a área de planejamento urbano, estaria recebendo mais.
- 15- Você foi mãe durante a graduação? Em caso afirmativo, o cuidado da(s) criança(s) esteve sob sua responsabilidade ou você recebeu algum suporte? (Como por exemplo, a ajuda de outras pessoas ou o acesso à creche). Discorra, por favor, sobre esta situação.**
- 1- Não.
- 2- Não.
- 3- Não.
- 4- Não.
- 5- Não.
- 6- Não.
- 7- Sim, no primeiro ano. Recebi ajuda da rede de apoio paga, a creche, exclusivamente.
- 8- Não.
- 9- não.
- 10- Não fui mãe.
- 16- Independente da maternidade, você era a responsável pelas tarefas domésticas no período da graduação? Em caso afirmativo, você considera que estas interferiram em seu desempenho acadêmico? Por quê?**
- 1- Não.
- 2- Sim, era a responsável. Interferiram muito, pois foi um tempo muito grande despendido nessas atividades.

- 3- Dividíamos as tarefas entre as moradoras. Nunca essas tarefas interferiram no meu desempenho acadêmico.
- 4- Não.
- 5- Não.
- 6- Não fui responsável.
- 7- Sim, era. E não me interferiu.
- 8- Sim, não interferiu pois dividia as tarefas com a colegas de república.
- 9- Não.
- 10- Sim, pq eu trabalhava mais que colegas sem filhos e o pior, nunca fui paga para isso. Criei força de trabalho qualificada sem receber um real por isso, pelo contrário, tive apenas gastos e preocupação.
- 11- Sim. Morei no alojamento da universidade e com isso era responsável por manter minhas roupas limpas e tinha o dia que era responsável pela limpeza do apartamento que morava. E acredito que essas responsabilidades não interferiram no meu desempenho acadêmico.
- 12- Sim. Não interferiram diretamente.
- 13- não. Mas a questão financeira pesou porque em vários momentos vi extremamente preocupada e ansiosa pela falta de suporte.
- 14- Sim. As tarefas domésticas consomem boa parte do tempo e nunca acabam.
- 15- Sim. Porque ficava sobrecarregada quando morava em república mista em relação as tarefas domésticas.
- 16- Como moradora de república não interferia, pois as tarefas eram divididas. Mas o que eu percebi ao longos dos quatro anos é que em repúblicas femininas as tarefas eram feitas pelas próprias moradoras, dividindo e em masculinas é muito mais terceirizados, com diaristas.
- 17- Não
- 18- Sim. Com certeza interfere na dedicação ao curso, pois os compromissos domésticos, que normalmente recaem sobre as mulheres, competem diariamente com as atividades acadêmicas.
- 19- Sempre fui corresponsável nas tarefas da república. Mas isso nunca teve interferência negativa em meu desempenho acadêmico.
- 20- Sim. Não considero, pois, a tarefa era dividida com as outras pessoas que moravam comigo, então não era algo pesado e que comprometesse os estudos.
- 21- Sim. Mulheres sempre tem jornadas duplas...triplas...
- 22- Quando temos que trabalhar para nos manter e preocupar com questões de casa e outros, tudo isso acaba impactando nos estudos. Já não tinha muito tempo, então fazia o que dava mesmo. Acabei não fazendo matérias que gostaria de ter feito estágios entre outros.
- 23- Sim, mas por precisar trabalhar fora, trabalhar com extensão ou ensino e ainda cuidar das tarefas domésticas. Isso definitivamente tornou a graduação um pouco mais complicada, pois não podia me dedicar inteiramente
- 17- Você seguiu carreira acadêmica? Em caso positivo, quais foram suas motivações? Em caso negativo, houveram desmotivações? Quais?**
- 1- Sim. Motivações ligadas à pesquisa desenvolvida na graduação. A oportunidade de ter uma bolsa de iniciação científica me inseriu no universo da pesquisa e nunca mais parei. Fiz mestrado, doutorado e hoje trabalho como professora na educação básica e superior.
- 2- Não. A monografia foi cansativa e me desestimulou e já tinha em mente prestar concursos.
- 3- Segui até o mestrado. Minhas motivações foram continuar com a pesquisa e obter, futuramente, um melhor ganho salarial.
- 4- Não. Poucos concursos quando me formei. Optei pelo mercado empresarial
- 5- Não segui carreira acadêmica. Não era meu foco.
- 6- Sim, permaneço na carreira acadêmica. Minha motivação foi a busca por melhores condições de trabalho e plano de carreira melhor.
- 7- Segui a área acadêmica, a maior motivação foi a realização pessoal, o que mais desmotiva é a cobrança por produção.
- 8- Sim. Como comentei, dei sorte de estudar num período com muitos investimentos em ciência e tecnologia, então havia muita oferta de bolsas, em bons programas e isso permitiu que eu pudesse usufruir de possibilidades até então inexistentes na minha família.
- 9- Sim, precisava garantir o sustento de minha filha. Não tem nenhuma motivação maior que essa
- 10- Durante a pós-graduação tive contato com a consultoria ambiental e a "adrenalina" de novos desafios sempre me fez optar em trabalhar prioritariamente com consultoria ambiental.
- 11- Havia intenção de seguir carreira acadêmica. Ministrei disciplinas em Universidade, realizei mestrado acadêmico, porém, deixei a área e atualmente estou como docente em ensino fundamental e médio. Me senti desmotivada pelo ambiente acadêmico, muito competitivo, em grande parte tóxico, aspectos que a mim, não colaboram à qualidade de vida e saúde mental.
- 12- Segui até o mestrado, as desmotivações foram a ausência de bolsa, falta de empatia e a ausência de preocupações com a saúde mental dos estudantes.
- 13- sim. amplia o leque de possibilidades dentro do mercado de trabalho.

14- Fiz o mestrado. Mas por ter tido uma experiência ruim, não tenho muita vontade em prosseguir para o doutorado. Acho que o ambiente acadêmico vem adoecendo muito as pessoas. Cobranças excessivas para publicação, orientadores despreparados, sobretudo emocionalmente...

15- Sim. Eu me identifico com a área acadêmica, mas ainda não prestei o doutorado por questões financeiras.

16- Sim. Minha motivação sempre foi a busca pelo conhecimento e me inspirei em algumas pessoas ao longo do caminho. Uma grande motivação era me tornar alguém da minha família com acesso ao ensino superior.

17- Tanto na especialização quanto no mestrado a inspiração é mais o título mesmo. Primeiro por um sonho de ter esse título, de pensar que cresci em uma sociedade que os títulos são valorizados como algo social msm. E segundo, que como concursada, aumenta o salário (não muito, mas já é alguma coisa).

18- Não. Falta de preparo.

19- Dei aula para o Ensino Básico por um tempo e a dura realidade das salas de aula no ensino público me motivaram a prestar concurso para uma área fora da minha formação na Geografia. Apenas continuei com a pesquisa desenvolvida na graduação durante um mestrado na área de Arquitetura e Urbanismo.

20- Trabalho na educação básica. Não me dediquei ao ensino superior pq sentia a Universidade um ambiente ruim. Ego, disputas, desrespeito e violência emocional me afastaram do ambiente. Vivenciei isso durante o mestrado, que não foi na Geografia.

21- Sim. Fiz pós-graduação e mestrado. As únicas motivações foram crescer na carreira.

22- Não.

23- Não consegui ainda seguir carreira acadêmica...mas não quer dizer que eu não vá. Por questões financeiras familiares e outras acabei indo para outro campo.

24- Não, pois a escola me consumia e me desgastava. Não tive forças mentais para procurar um mestrado na época.

18- Você acha que o curso de Geografia da UFV é atravessado pelo sexismo? Em caso afirmativo, aponte algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre.

1- Não tenho contribuição relevante sobre o assunto.

2- Não acho que o curso de Geografia seja. Acho que a vida toda é.

3- Considero que por vivermos em uma sociedade machista, qualquer setor da sociedade em que tenha relação de homens com mulheres será atravessado por sexismos. No curso de Geografia não é diferente, discursos, atitudes (mesmo que sutis), são presentes.

4- Não.

5- Não observei nenhuma evidência desta conduta ao longo da minha graduação.

6- Sim. Acho por exemplo que as professoras do departamento poderiam ocupar mais os espaços de chefia e coordenação do curso pois iria fazer uma grande diferença na visibilidade e representatividade de mulheres nesses espaços.

7- Acredito que sim, por ser uma universidade predominantemente de área agrária, reflete-se pontos referentes ao sexismo.

8- Não.

9- Sim, maioria de professores homens, brancos e heterossexuais; leituras e recomendações biográficas. ...

10- Não.

11- Acredito que o sexismo é uma camada estrutural em nossa sociedade. Em grande parte sutil.

12- Sim. Acho que criar uma disciplina, a geografia de gênero e grupos de estudos sobre gênero seria fundamental.

13- sim, tanto por parte de estudantes quanto de professores. Dos estudantes, principalmente aqueles que tem "discursos" que já desrespeitaram inclusive as professoras do departamento, e pelo departamento na ausência de docentes mulheres, de disciplinas e também no tratamento com as estudantes.

14- Sim. Acho que quando o quadro de professores é predominantemente masculina é de certa forma sexista. Seria interessante uma política de curso e de universidade em que os departamento tivessem a quantidade de professores fossem divididas igualmente entre homens e mulheres. Seria um começo para grandes mudanças enquanto academia e sociedade.

15- Sim, existem cursos que são preenchidos, em sua maioria por mulheres como Educação Infantil e Pedagogia. Esses cursos são menos valorizados se comparados com as engenharias, em sua maioria, preenchidos por homens.

16- Sim. Há maior número de docentes homens do que docentes mulheres no curso. Ao que tudo indica o corpo masculino da instituição é mais privilegiado detendo, inclusive, os maiores salários e poder de decisão. O corpo feminino da instituição tem seus direitos violados quando não são respeitadas por engravidar e tirarem licença maternidade, quando são assediadas (alunas, funcionárias e professoras), quando limitam os horários de circulação (não podendo ir e vir pelas vias públicas ou ônibus em determinados horários).

17- Me formei há 11 anos. Alguns novos professores entraram e o número de mulheres continua o mesmo: 3. Sinto que os professores (homens) se potencializam nessa estrutura e acabam se beneficiando bem mais, seja em laboratório ou mesmo em nome.

18- Não.

19- Apesar de todas as discussões sociais que são aprofundadas durante esse curso, considero que o curso de Geografia, talvez em menor escala, também é atravessado pelo sexismo.

20- Não sei responder.

21- Essa é uma questão difícil, não sei dizer necessariamente. O que entendo é q a sociedade como um todo é atravessada por esse fenômeno. No curso em si, no departamento de Geo, eu nunca vivenciei nada de constrangedor.

22- .

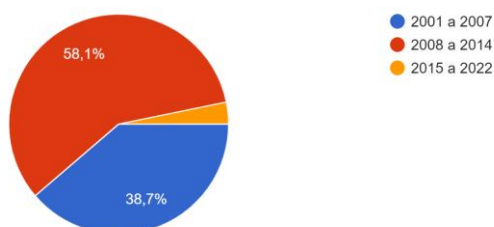
23- Não sei responder com clareza, não tive tanto acesso ao departamento para responder esta questão. No curso de forma geral sempre existiu.

24- Sim, por coisas já vivenciadas por mim, como já mencionei. E também pelo corpo docente na época ser quase que marjoritariamente masculino. Atualmente não sei como está.

APÊNDICE E - Questionário aplicado aos estudantes egressos do curso de Geografia da UFV, via Google Formulários, respondido entre os meses de março e maio de 2023

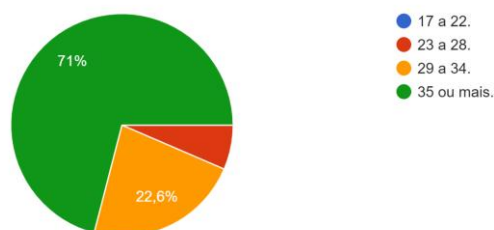
1- Seu ano de ingresso no curso está compreendido em qual período de tempo?

31 respostas



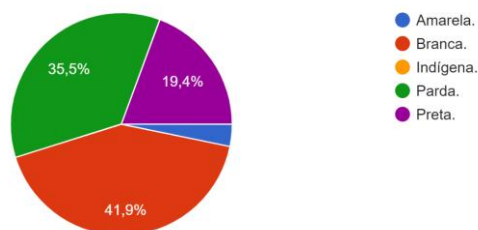
2- Qual a sua idade?

31 respostas



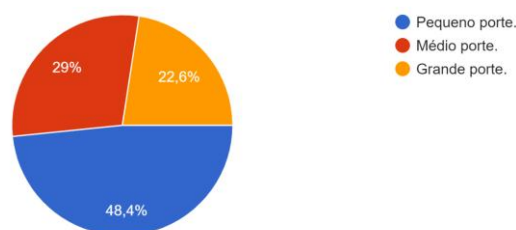
3- De acordo com a classificação por cor ou raça proposta pelo IBGE, você se autodeclara:

31 respostas



4- Você é natural de uma cidade de pequeno, médio ou grande porte?

31 respostas



5- O que te fez optar pelo curso de Geografia da UFV? O que você esperava que essa graduação te proporcionasse? Esse objetivo foi atingido?

1 - A opção pela Geografia foi por ser um curso em que me identificava, sempre gostei das temáticas ligadas à Geografia Física. Meu objetivo desde que ingressei na Geografia era ser professor.

2 - Nada especial, achei interessante a geografia física no cursinho e depois vi que poderia unir com a parte computacional que sempre gostei também.

3 Eu só tinha como opção realizar minha graduação na UFV, já que sou de Viçosa. optei pela geografia já que era um dos cursos que na época eu gostava e que tinha interesse de trabalhar. Me interessava mais pela parte física da Geografia, principalmente ligada ao meio ambiente. meu objetivo não foi atingido, o curso não me deu base suficientes para procurar um trabalho nessa área específica.

4 - Modalidade de ensino - público. Não possuía condições financeiras para ingressar no ensino privado. A experiência de vivenciar no meio acadêmico e formação profissional. Frustração com o tripé acadêmico (ensino, pesquisa e extensão) voltado mais para o capital e pouco para a sociedade.

5 - Esperava que me desse uma formação sobre meio ambiente, e a interação da sociedade com a natureza. Foi atingido em parte. Chegando aqui descobri a precariedade do curso e me decepcionei um pouco.

6 - A proximidade com minha cidade e esperava me formar como professor. Objetivo atingido.

7 - O curso era próximo da minha cidade. Eu gostava da disciplina. Mas não tinha muita noção do que eu seria. Parcialmente atingi meus objetivos.

8 - A escolha se deu por afinidade com a matéria de Geografia ao longo do ensino médio. Não havia grandes expectativas, pois a escolha não foi tão consciente.

9 - Conhecer as dinâmicas das sociedades, o planeta, geomorfologia, o objetivo foi atingido em parte, ficou um pouco a desejar.

10 - Em 2008 a UFV era a única universidade fora de SP que poderia ser feita na capital paulista. Prestei como uma alternativa para o vestibular.

11 - Conhecimento e oportunidades, sim.

12 - Não sabia o que fazer. Melhoraria minha visão e entendimento do mundo. Parcialmente.

13 - Optei pela UFV em função de minha trajetória pessoal de vida que me levou a vir morar em Viçosa permitindo assim que cursasse Geografia. A escolha pela Geografia se deu pelo desejo de associar o conhecimento das ciências humanas à questão ambiental. Sim, o objetivo foi atingido (ou parcialmente atingido), ainda que por caminhos distintos aos que vislumbrava inicialmente.

14 - Afinidade com a área do conhecimento e a base assistencial da instituição. Esperava meu desenvolvimento intelectual com vistas a atuar na área ou em áreas correlatas. Sim, foi atingido.

15 - Ingressei na UFV por uma prova de vagas remanescentes, contudo de outro curso em geografia mesmo. Buscava um lugar onde pudesse ter a vivência de uma universidade plural junto a um curso que fosse mais forte só que a universidade privada que vim. Durante o percurso, ressignifiquei o conceito de pluralidade, universidade, Geografia e mesmo de formação. O curso, como todo espaço produzido por pessoas, tem suas deficiências, suas contradições, mas hoje, diante da pergunta, honestamente, ganhei muito mais do que buscava. Grato por tudo e principalmente pelos encontros, professores, pessoas que foram realmente minha formação. Nosso curso está evoluindo com as pessoas novas que chegam, está aprendendo a olhar por óticas que antes não víamos/ouvíamos debates/reflexões. Sobre a questão de gênero mesmo, é importante atentar. Não sei era algo muito debatido quando entrei. Com a chegada de alguns estudantes, professorxs e até mesmo da galera da ciências sociais, foi possível ver acirrar os debates, pautas serem colocadas em discussão, bem como de outras questões tão importantes.

16 - Geografia na UFV foi uma das minhas opções e foi a que passei. Formação superior em Geografia, sem expectativa. Foi demais.

17 - Há época, era a matéria que mais me apetecia no ensino médio e iniciei o curso na intenção de aprender mais e trabalhar com pesquisa na área. No final do curso, muito por culpa minha, acabei trabalhando muito pouco na área.

18 - A Príncipe a estrutura da UFV e o baixo custo de vida da cidade de Viçosa. Esperava que proporcionasse uma

formação sólida, crítica, com ampla experiência em diferentes campos de conhecimentos. A Geografia da UFV criou possibilidades para atingir esses objetivos. Até mesmo pq o momento político quando estudei foi de grande investimento no ensino superior.

19 - Gostar muito da disciplina e ver nela um leque de opções de trabalho. O Objetivo foi atingido, escolhi o que eu gosto de estudar/trabalhar e hoje atuo profissionalmente na área

20 - Aprender conteúdos que transpassaram diversas ciências compartimentadas, e aprofundar nos limites e fronteiras e não no centro dessas compartimentações

21 - Eu sempre quis estudar Geografia e a opção pela UFV se deu por três condições: nota de corte baixa, baixo custo de vida e cultura universitária forte. Eu esperava que houvesse mais oportunidades de estágio e mais incentivos à carreira de Geografia na iniciativa privada e apesar do departamento ser pequeno e fraco em relação aos outros da UFV, me tornei professor e sou realizado no que eu faço.

22 - Ter uma profissão. Mais ou menos.

23 - Experiência de viver em uma cidade universitária e trabalhar em alguma área que envolvesse sociedade e natureza.

24 - Queria sair do estado de São Paulo, e a UFV me atendia muito bem por ser uma cidade com custo de vida baixo e com cursos que me interessava. Naquele momento não sabia se era bem geografia que me interessava, mas acabei gostando e concluindo o curso. Certamente morar e viver em viçosa também foi importante, por conta dos custos e da vivência universitária. Acho que meu objetivo foi atingido.

25 - Esperava uma vida universitária afastada das grandes cidades. Atingi o objetivo.

26 - Eu não tinha objetivos.

27 - Optei por gostar de relacionar os conhecimentos entre as áreas de humanas e ambientais (sociedade x natureza). Eu esperava que a graduação me proporcionasse além do conhecimento teórico, também um desenvolvimento de conhecimento técnico-científico. Infelizmente não foi alcançado em um grau adequado dentro do departamento de Geografia da UFV. Falta de recursos humanos, disciplinas mais práticas e equipamentos.

28 - O meu gosto pela diversidade de estudos da Geografia. Esperava me preparar em teoria e prática para o mercado de trabalho como geógrafo e professor. Foi atingido parcialmente, especialmente na formação de bacharelado.

29 - Optei por ser uma área de estudo abrangente. Esperava ter uma formação técnica, crítica e que abordasse diferentes pontos de vista para entender o todo. Esse objetivo não foi atingido, ou foi atingido parcialmente, o curso é enviesado, praticamente todos os autores são marxistas, as aulas são muito teóricas e de prática se vê muito pouco.

30 - Proximidade com a cidade de origem. Esperava que proporcionasse uma carreira como professor numa área de meu interesse. Sim, o objetivo foi atingido.

31 - Conhecimentos amplos e capacidade de ler o espaço nas suas nuances. Bons professores, matérias densas e prática. Em partes, o segundo e o terceiro mais, o primeiro nem tanto.

6- Você se graduou nas modalidades Bacharelado e Licenciatura ou optou apenas por uma? No espaço em branco diga, por favor, o motivo da sua opção.

1 - Ambas modalidades. Acredito que são complementares e que o aprendizado nunca é demais.

2 - Só bacharelado. Além de não ter o dom de dar aula não via perspectiva de futuro e boa remuneração cursando licenciatura.

3 - Bacharelado e licenciatura. Opção devido a maior chance de conseguir emprego.

4 - Licenciatura - anseio de lutar por uma escola mais humana.

5 - As duas. Para aumentar a chance profissional.

6 - Bacharelado e Licenciatura. Para aumentar as oportunidades.

7 - Optei pelas duas. Para aumentar a chance de empregabilidade.

8 - Nas duas modalidades. Na licenciatura por ser o foco prioritário e, posteriormente, no bacharelado como forma de complementar a formação (na licenciatura) e ampliar as possibilidades de atuação.

9 - Bacharelado, tenho mais interesse em pesquisas, mas não discordo depois fazer licenciatura

10 - Fora as duas modalidades. Acredito que a compreensão da Geo em sua totalidade passa por estas duas modalidades. Uma complementa a outra.

11 - Bacharelado, não tinha objetivo de ser professor

12 - Licenciatura. Achei o bacharelado muito focado na área agrária.

13 - Me graduei apenas em Licenciatura, pretendia cursar concluir o Bacharelado também, mas não foi possível. Priorizei a Licenciatura por compreender que haveria maiores garantias de emprego no curto prazo.

14 - Bacharelado e Licenciatura. Optei por ambas para aumentar o rol de opções de carreira.

15 - Realizei licenciatura e bacharelado. Por uma questão de aproveitar mais o curso.

16 - Optei pelas duas. A intenção sempre foi as duas titulações.

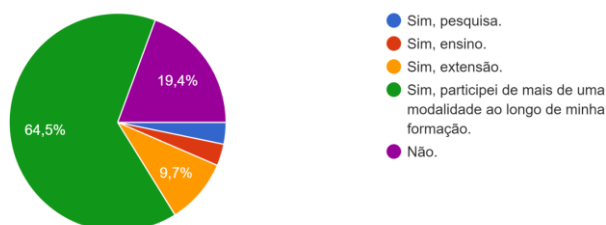
17 - Bacharelado. Minha intenção nunca foi dar aula.

18 - Realizei as duas modalidades. As modalidades possibilitam o contato com diferentes áreas do conhecimento, assim enriquece o círculo e a forma de abordagem dos fenômenos.

- 19 - Bacharelado e Licenciatura. Aumenta as possibilidades de trabalho. Mas existe uma preferência
 20 - Somente bacharelado.
 21 - Me graduei apenas na licenciatura. O motivo foi a maior facilidade de inserção no mercado de trabalho.
 22 - Bacharelado e Licenciatura. Para ampliar o campo de trabalho.
 23 - Graduei nas duas para aumentar o leque de possibilidades.
 24 - Graduei nas duas modalidades.
 25 - As duas. Porque tive a oportunidade de me manter estudando.
 26 - Me graduei nas duas modalidades.
 27 - Licenciatura e Bacharel.
 28 - Licenciatura. O Bacharelado não terminei. Eu inclinei a minha formação para a licenciatura pelo gosto pela sala de aula e tudo que compreende o universo escolar.
 29 - Optei apenas por Licenciatura.
 30 - Licenciatura. Interesse exclusivo em lecionar.
 31 - Licenciatura. Ensinar como uma profissão de doação.

7- Ao longo de sua formação você se envolveu em projetos ligados à pesquisa, ao ensino ou à extensão?

31 respostas



8- Apenas para quem respondeu SIM na questão anterior. O que te fez optar pela participação em projetos de ensino, pesquisa ou extensão? Conte um pouco sobre sua experiência. Por favor, diga em quais dessas modalidades você esteve presente.

- 1 - Pesquisa. Eu tinha conhecimento de que para ingressar na pós-graduação era fundamental o aprendizado na pesquisa, onde pude desenvolver projetos e realizar análises laboratoriais.
 2 - Participei de programa de iniciação científica e iniciação a docência. A minha participação nesses projetos se deu para uma melhoria do meu currículo e por uma necessidade de ter uma renda durante minha graduação. Participei de uma pesquisa no departamento de nutrição nos anos 2008 e 2009 e posteriormente do PIBID de Geografia com o professor André. Ambas experiências contribuíram muito para minha formação profissional.
 3 - Extensão - por acreditar que é a maneira mais direta e necessária para possibilitar o envolvimento da sociedade dentro dos processos acadêmicos
 4 - Para desenvolver habilidades e potencialidades como futuro profissional e como ser humano. E para aprender certas práticas, que apenas nas aulas não é possível aprender.
 5 - Participei de pesquisa e ensino. A experiência é fundamental para garantir uma boa formação profissional.
 6 - Desenvolvimento de outras habilidades
 7 - Estive presente nas modalidades de ensino e pesquisa. O interesse se deu pelas possibilidades de aprofundar a formação e contribuir de alguma forma com a sociedade.
 8 - Escolhi vivenciar estas 3 modalidades de projeto como caminho para o amadurecimento do meu olhar enquanto sujeito que esta com/e no mundo. Estive presente em todas com muita rigorosidade.
 9 - Estive no PIBID e no programa de climatologia regional com o Edson. Precisava de bolsa
 10 - A participação em tais projetos ocorreu a partir da necessidade/desejo de qualificar minha trajetória acadêmica/profissional por meio de experiências que extrapolassem o aprendizado em sala de aula. Atuei de atividades de pesquisa e extensão.
 11 - Entrei como por acaso em um projeto extensionista de educação ambiental (Geia Mata), me encontrei ao ingressar nas atividades e permaneci por cerca de dois anos, extraindo experiência muito positiva.
 12 - Como disse, encontrei algo a mais do que esperava. A formação, eu descobri que, talvez, 50% ou um pouco mais, se faz pelo diploma e "disciplinas cursadas". Os outros 50% estão nas conversas de corredores, projetos de pesquisa, extensão, ensino, bem como nas prosas de bar, movimentos sociais, estudantis, etc. Eu realmente conquistei alguma coisa até hoje, graças a todas essas multiplicidade de trajetórias que me permiti estar e ser. O curso de Geografia é uma vivência constante do seu "laboratório" - o Espaço. Nada está fora do espaço e somos, sempre do(S) espaços (s). Assim, participei e me recriei no participando do P*C*G, do Coletivo Acadêmico, do Projeto de pesquisa e extensão Observaterra, orientado pela Gigantesca professora Lídia Antogiovanni, do Cursinho Popular DCE, sendo substituto da Maysa, depois só projeto de pesquisa e extensão "Espaço Construído

e o Espaço habitado" nos conjuntos habitacionais de Viçosa, vinculado ao NIEG (diga-se de passagem, um lugar que aprendi muito sobretudo, sobre questões de gênero e a triste realidade de violência), bem como dos GT's realizado pela AGB SL Viçosa e meu projeto independente de pesquisa, orientado por meu "pai" Leonardo Civale.

13 - Pesquisa no meu mestrado. Extensão em atividades profissionais. Ensino projetos de educação ambiental.

14 - Fiz estágios na área de pesquisa junto ao departamento de economia doméstica que desenvolvia uma trabalho no bairro Santo Antônio, bem como no IEF, ligados a projetos de geoprocessamento e sensoriamento remoto. Ambas as experiências foram ótimas e o estágio no IEF me rendeu uma oferta de emprego assim que formei.

15 - Pesquisa e Ensino. Fiz estágio tanto nos departamentos da UFV quanto nas escolas públicas e privadas da cidade. Foi uma ótima experiência para escolher o caminho a trilhar

16 - Pesquisa para aprofundar conteúdos de interesse (grupo Apêti de agrofloresta), Extensão para contribuir com a ligação da Universidade com a comunidade (ITCP)

17 - Trabalhei em projeto de extensão de implantação de coleta seletiva. Abriu várias portas e caminhos na área pois permitiu vivenciar algo prático.

18 - Inicialmente participei de projeto de pesquisa, depois de extensão. Optei por conta da bolsa, que era necessária para minha sobrevivência em viçosa. Depois me interessei pela carreira acadêmica e participar de projetos era um diferencial para cursar uma pós graduação.

19 - Me envolvi com ensino, pesquisa e extensão. O fiz por compromisso político e interesse acadêmico e profissional

20 - Possibilidades de bolsa, me aprofundar em assuntos relacionados com minhas pesquisas de monografia e conhecer a região de viçosa.

21 - Desenvolvimento teórico, técnico e científico.

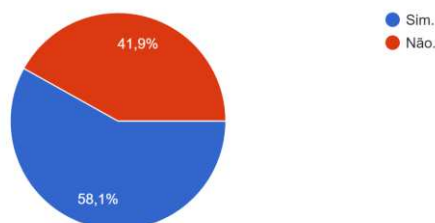
22 - Ensino, Pesquisa e Extensão. Busquei diversificar a minha formação básica em todos os campos da Geografia. Participei do PIBID (2 anos), PIBIC (2 anos) e Extensão em um cursinho popular (1 ano e meio).

23 - Ensino. PIBID e monitoria. Interesse em aprimorar a arte de lecionar.

24 - Ensino e extensão. Ensino, me defrontei com algumas limitações, como falta de prática real dos docentes universitários e limitações da rede pública de ensino. Extensão foi o lugar onde mais pude desenvolver ações e mobilizar conhecimentos adquiridos durante o curso para prover mudanças em realidades alheias a minha.

9- Você se sentia representado, em relação à composição numérica do corpo docente, levando em consideração a questão de gênero?

31 respostas



10- Você já vivenciou alguma situação relacionada a instâncias superiores dentro da universidade que o impediu de seguir em determinada área de formação? Em caso afirmativo, pode relatar o ocorrido? Lembre-se, sua identidade será mantida em sigilo e não há necessidade de citar nomes em seu relato.

1 - Não.

2 - Não.

3 - Não.

4 - Não.

5 - Existe ou existia um preconceito no DGE com quem não opta pela licenciatura. Credito meu bom currículo acadêmico, na área que escolhi seguir, a possibilidade de cursar matérias de outros departamentos.

6 - Não.

7 - Não me lembro

8 - Não, mas fiquei um pouco decepcionado em relação a alguns professores, podiam ter mais honestidade com notas e com o curso

9 - Não me recordo.

10 - Com toda certeza, sim. Nossa área de geografia física é possivelmente o maior exemplo. Quando cheguei ao curso, admito que havia uma inclinação pessoal na área ambiental. Contudo, a conduta dos professores na área e a maneira como se posicionavam diante do próprio cargo, acabou me levando a uma identificação maior na área de geografia humana. Deve ressaltar que nossos dois professores à época, junto a alguns professores do departamento de solos, exerciam um desfavor a formação coletiva do curso, ao construindo um imaginário em seus orientados do tipo, "nós" e os "Outros". Além disso, perseguições com colegas, de maneira escancarada.

11 - Como membro do grupo Apêti, perdemos a área de práticas para outro projeto, necessitando conseguir outra área fora da universidade.

12 - Não.

13 - Uma vez fui perseguido por um professor(aluno de mestrado do depto dr economia).

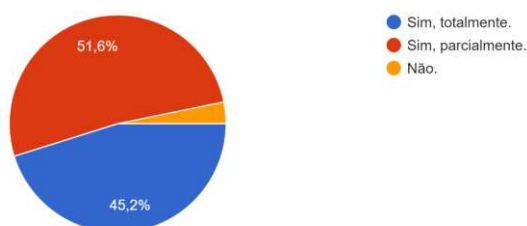
14 - Falta de oportunidade bolsas para a Geografia em departamentos vinculados dentro da UFV.

15 - Compreendo que o fato de eu ser um homem gay assumido tenha me deixado um pouco receoso de seguir em áreas majoritariamente "masculinas" do bacharelado.

16 - Sim. Professores do depto de geografia que relativizaram casoS de abusoS dentro do campus, e a constante defesa dos professores detratores. Bem como a indiferença de alguns docentes da Geografia no que tange a importância de bolsas de apoio para discentes da Geografia. Abandonei o bacharel.

11- Você acha que sua trajetória acadêmica se reflete hoje em sua carreira profissional e vida financeira?

31 respostas



12- Ainda de acordo com a pergunta anterior, em caso afirmativo, você acha que se tivesse percorrido outro caminho dentro da própria Geografia, hoje teria mais sucesso em sua vida profissional? Explique, por favor.

1 - Não. Segui o caminho que sempre sonhei e estou satisfeito.

2 - Não. Acredito que tomei as decisões corretas não cursando licenciatura e focando em optativas de outros departamentos que julgava mais interessante para minha formação.

3 - Sim, se tivesse direcionado meus estágios e iniciação científica para a área mais física da geografia eu teria mais opções de emprego hoje, porém na época de estudante não tinha maturidade e não tive nenhum tipo de conselho nesse sentido.

4 - Seria necessário ter percorridos outros caminhos e ter se aliado a outras lógicas e ideias para de ter uma opinião formada. Também se faz necessário identificar a qual tipo de sucesso nos apegamos. A certeza que tenho é que seria no mínimo diferente.

5 - Sim. Mais praticidade, talvez tivesse agilizado mais ações para melhorar o currículo. Envolvi muito em atividades políticas e comunitárias que não são tal valorizadas no mundo do trabalho.

6 - Não. Segui o que sempre sonhei. Ser professor.

7 - Acredito que não.

8 - É um pouco difícil de precisar, mas em termos financeiros há algumas áreas do bacharelado que remuneram melhor que a licenciatura e oferecem condições de trabalho um pouco menos precarizadas.

9 - Não.

10 - Sim. Pois a trajetória que percorri me ensinou a gingar enquanto trabalhador, ou seja, saber construir, mesmo com as dificuldades, a possibilidade de um sucesso profissional digno.

11 - Acredito que sim, mas faltou mais dedicação e foco, muito difícil conciliar trabalho, estudo e vida pessoal.

12 - Não. Não consigo ver muito sucesso na geografia.

13 - Talvez. Primeiramente, considero que o sentido atribuído à palavra sucesso relativa aos valores e visão de mundo dos sujeitos, podendo ser reduzida ao retorno financeiro ou abranger transformações do campo social a partir da atuação pessoal (ainda que neste caso não haja retorno financeiro).

14 - Segundo, a realização conjecturas sobre a trajetória de vida tende a confrontar o real e o ideal, de tal modo que sempre é possível vislumbrar opções mais acertadas diante dos equívocos cometidos.

15 - Possivelmente, sim. Ainda que tenha grande satisfação com meu atual sucesso profissional, entendo que poderia tê-lo atingido mais precocemente se seguisse uma linha junto à pesquisa.

16 - Não vejo por essa ótica. A vida acaba nos levando onde devemos estar. Tenho certeza que consegui contribuir ativamente nos caminhos que formei e com eles aprendi tudo que sou hoje. Sabemos da complexidade do Espaço. Como diz Doreen, ele está aberto e em constante mudança. Por maiores e mais focados que sejam os objetivos, há sempre a condição do inesperado, do acaso, dos giros que modificam nossas trajetórias.

17 - Não. Atualmente atuo em geoprocessamento e o mercado para os geógrafos nesse ramo é satisfatório.

18 - Acredito que no momento preciso dar continuidade ao mestrado e doutorado, mas dentro da mesma área que atuo hoje.

19 - Não sei dizer

- 20 - Não, mas fora da Geografia sim.
- 21 - Se eu tivesse seguido na área de geoprocessamento, hoje teria uma remuneração maior e uma carreira mais promissora.
- 22 - Sim. Porque se estivesse focado em área que tivessem melhores oportunidades no mercado e tb com um foco melhor da minha parte, talvez estaria me sentindo melhor em minha vida profissional.
- 23 - Não, considero que o fato de eu gostar de geografia me possibilitou sair bem e passar em um concurso para geógrafo.
- 24 - Não. Atingi o que pretendia, ser professor e pesquisador.
- 25 - Não, porque não consigo imaginar outra trajetória que me agradasse.
- 26 - Sim. Foquei somente em licenciatura e não dei a devida atenção ao bacharelado
- 27 - Sim. Com a experiência acumulada hoje, teria conseguido percorrer os caminhos dentro da instituição de uma forma mais precisa.
- 28 - Sim. Creio que se tivesse seguido a área do bacharelado. No entanto não me identificava durante a graduação e esse fato impactou nas minhas escolhas.
- 29 - Não, vejo que o mercado não é muito promissor para as áreas Geográficas, e o motivo é a falta de especialização nas áreas do saber. A geografia tem ensinado de tudo, mas de forma rasa, um geólogo sabe mais de solo que um geógrafo, um economista, sabe mais que alguém da Geografia Econômica, e assim por diante. Desse modo, a Geografia tem falhado em ser a ciência de ligação entre as demais ciências e tem buscado fazer de tudo de forma rasa. A Geografia humana, inclusive, tem sido uma versão mais light das Ciências Sociais. Onde está a síntese da "Ciência das Sínteses?"
- 30 - Sim. Em geral a atividade de professor tem uma remuneração baixa.
- 31 - Complexo, talvez? Entendo que em alguns momentos poderia ter me dedicado mais, focado em tecer relações melhores, mas ao mesmo tempo, avaliar o quanto isso impacta minha realidade atual é difícil, pois não trabalho com a licenciatura, e acredito que obtive acesso a métodos e ferramentas que me proporcionam hoje uma melhor atuação sobre a minha ação.

13- Você é pai? Em caso afirmativo, o cuidado da(s) criança(s) está sob sua responsabilidade ou você possui algum suporte, como por exemplo, a ajuda de outras pessoas ou o acesso à creche? Discorra, por favor, sobre esta situação.

- 1 - Não.
- 2 - Não.
- 3 - Não.
- 3 - Não.
- 4 - Não tenho filhos.
- 5 - Sim. Mora com os pais e frequenta berçário.
- 6 - Não.
- 7 - Não sou pai, mas sou filho que ajuda os meus pais.
- 8 - Sim, duas crianças já frequentam a escola.
- 9 - Minha formação teria sido interrompida no ano de 2013, se não fosse o LDI da UFV. Tive minha filha quase no final da graduação. Foi um período obviamente conturbado, frente aos estudos e condição pessoal de sobrevivência em Viçosa. Com a possibilidade do LDI em tempo integral, conseguia participar dos projetos, estudar e ainda garantir um bom apoio de desenvolvimento para minha filha. Assim também foi para minha companheira à época e mãe da minha filha.
- 10 - Não sou pai, ainda.
- 11 - Sou pai, e tenho uma rede de apoio da minha família e da família da minha esposa. Minha filha ainda não tem idade para frequentar creche ou escola.
- 12 - Sim, meu filho está sob a minha responsabilidade.
- 13 - Sim, sou pai. E a guarda da minha filha sempre foi da mãe dela. O acordo sempre foi de visitas aos finais de semana.
- 14 - Sim. Possuo guarda compartilhada meio a meio de uma filha de 4 anos. Minha filha estuda em tempo integral.
- 15 - Sou pai. Tenho apenas a família nuclear por perto, e isso dificulta um pouco as coisas com criança. Aí acabei recorrendo à creche pública. Sem isso, não conseguiria trabalhar e nem minha esposa.
- 16 - Sim. Tenho dois filhos na escola.
- Não, ainda não sou pai

14- Independente da paternidade, você é responsável pelas tarefas domésticas em sua casa? Em caso afirmativo, você considera que estas interferem no seu desempenho acadêmico ou vida profissional? Por quê?

- 1 - Realizo tarefas domésticas diárias, mas elas não interferem no meu desempenho.
- 2 - Sim, mas não interferem.
- 3 - Realizo minhas tarefas domésticas, já que moro sozinho e não contrato nenhum tipo de ajudante. Essas tarefas não prejudicam minha vida profissional.

- 4 - Sim, na verdade interfere na vida como um todo.
- 5 - Sim. É preciso organizar o tempo ou ter dinheiro para pagar alguém para fazer. O tempo de trabalho esgota e não deixa tempo para a vida, e para cuidar de outras atividades pessoais.
- 6 - Sou responsável e não interferem em nada.
- 7 - Sou. Acredito que não interfira.
- 8 - Sim, sou o responsável. Mas no meu caso é uma carga pequena que não gera comprometimento
- 9 - Sim, me toma tempo
- 10 - Sim. Não, pois temos um ritmo equilibrado de divisão de tarefas.
- 11 - Responsável também, dividimos as tarefas.
- 12 - Sim. Não interferem, trabalho meio período.
- 13 - Sim. Creio que as tarefas domésticas tendem a interferir na vida de todas as pessoas. Aqueles(as) que necessitam assumir uma carga maior destas tarefas acabam dispondo de um menor tempo para se dedicar aos estudos, representando uma interferência negativa. Pessoalmente considero que tenho uma condição bastante cômoda quando comparada com as condições da maior parte da população (sobretudo pessoas de baixa renda e mulheres) e, apesar de realizar as tarefas domésticas em geral, consigo consilia-las com as demandas de estudo/trabalho com maior ou menor esforço e desgastar a depender das circunstâncias.
- 14 - Sim, um dos responsáveis. Em certa medida há algum nível de interferência delas, no entanto sem grande impacto no desempenho acadêmico/profissional.
- 15 - Sim. A vida acadêmica é sempre uma sugadora de tempo. Quando deixamos ser levado pelas necessidades "obrigações/condições" acadêmicas, acontece um processo natural de ansiedade. Com ele, tudo parece disputar nosso tempo e nos tirar do eixo. Com isto, acaba que tarefas diárias, parecem tomar nosso tempo de estudo/pesquisa e que nos atrapalham. Mas é uma condição que devemos refletir. Pois a academia deve ser o espaço de defesa do bem estar. Hoje me afastei da academia por ver que ela estava consumindo de mim a condução de bem estar.
- 16 - Sim. Faço tudo em casa
- 17 - Sim. Sou responsável por boa parte das tarefas domésticas, e não acho que isso interfere no meu trabalho, pois tudo é bem dividido e não pesa pra ninguém.
- 18 - Sim. Não interferiu. Poque a minha vida sempre precisei conciliar os afazeres domésticos com os estudos. É claro que não tenho filho o que interferiria menos quanto aos estudos.
- 19 - Sim, sou responsável, não interfere na minha vida profissional
- 20 - Sim
- 21 - Durante a maior parte da graduação eu morava sozinho e era o único responsável pelas tarefas domésticas, incluindo todos os cuidados com a minha filha — que era um bebê — aos finais de semana.
- 22 - Não. Só arrumo cozinha de vez enquanto e ajudo limpar a casa tb.
- 23 - Sim. Sou o único responsável e isso me tira muito tempo que poderia ser melhor aproveitado.
- 24 - Sim, também sou responsável. Principalmente a rotina da criança interfere na dinâmica acadêmica, o que acaba por atrasar algumas tarefas .
- 25 - Sim. Interferem, sobretudo os encargos com os filhos.
- 26 - Sim. Não interferem no meu desempenho.
- 27 - Sim. Interferem em certa parte, porém, é necessário adequar as necessidades da vida cotidiana às necessidades de trabalho e vice-versa.
- 28 - Em partes, sim. Não interferem. Ajudo minha mãe nas tarefas de casa.
- 29 - Sim, mas minhas tarefas não interferem na minha vida profissional ou acadêmica. Gasta-se tempo para fazê-las, mas é importante ter atividades diversas da acadêmica e profissional, até mesmo para dar estímulos diferentes ao cérebro.
- 30 - Sim. Não, as atividades da casa são relacionadas às minhas necessidades individuais.
- 31 - Sim, e sim, a constante invisibilização do trabalho doméstico, e a "terceirização" dessas tarefas por parte de colegas da profissão é uma das questões que mobilizam a direção que segui pós formatura.

15- Você seguiu carreira acadêmica? Em caso positivo, quais foram suas motivações? Em caso negativo, houveram desmotivações? Quais?

- 1 - Não.
- 2 - Sim. A carreira acadêmica foi a realização de um sonho.
- 3 - Não.
- 4 - Não segui a carreira acadêmica e não segui carreira ligada à geografia. Assim que formei lecionei por aproximadamente um ano e depois passei num concurso em outra área.
- 5 - Não. Frustração com o meio acadêmico. Principalmente pelo estudante estar sujeito a determinações (orientadores e/ou ditadores) e acata-las para atingir um dos objetivos finais, o diploma.
- 6 - Estou tentando. Loucura, certa vocação científica... Vontade de descobrir a verdade por trás das coisas e mudar o mundo.
- 7 - Não. Nenhuma desmotivação. Só não tive vontade.
- 8 - Não segui. Não me identifiquei.

9 - A motivação foi a vontade de aprofundar os estudos e a necessidade de alcançar requisitos para tentar cargos com melhor remuneração.

10 - Ainda não formei, não pretendo, desmotivado pelo meio acadêmico

11 - Sim. O que me motivou foi a possibilidade de contribuir com os meus a partir da linha acadêmica crítica e emancipadora. Saber que posso ser exemplo de que a educação é caminho de desconstrução opressões e , também, de desenvolvimento de uma vida digna.

12 - Não. Minha maior desmotivação foi o monte de matéria mal dada que tive, coisas que me deixaram com uma defasagem.

13 - Sim. Por um lado o desejo de continuar estudando, por outro a necessidade de atingir níveis mais elevados de formação para poder acessar alguns campos/vagas de trabalho.

14 - Sim, não no magistério superior, mas no ensino profissional e técnico. Me motivou a ideia permanente de ingresso nesta rota de carreira, tendo por base a relativa melhor valorização em comparação a algumas outras áreas de atuação.

15 - Sim. Até 2018 eu busquei e conquistei tudo que almejei. Contudo, um ano após concluir meu mestrado, notei que não estava feliz. Que não era dessa maneira que gostaria de continuar na área acadêmica. Notei que todo o sistema de educação, da rede básica ao ensino superior vive um loop. São pequenas evoluções pra uma condição quase sempre igual. Com pequenas adequações ao tempo/espaço do presente. Então resolvi sair e respirar um pouco. Ainda quero voltar, mas sem deixar ser cooptado por esse sistema que é a armadilha da área acadêmica. É contraditório, mas é isso. Amo a área acadêmica, mas também sei do seu mal. Preciso amadurecer em mim o modo como vou me relacionar com ela.

16 - Não. Infelizmente a carreira acadêmica no Brasil não é uma boa opção. As pesquisas se resumem a publicar artigos. Pelo menos minha experiência acadêmica de pós graduação.

17 - Desde que entrei não tive a intenção de seguir carreira acadêmica.

18 - Não. O motivo de não seguir a carreira academia resumo na necessidade de se colocar no mercado de trabalho, e como assumir um concurso acaba surgindo outras situações o objetivos pessoais o que me afasta desse foco. Entretanto, pretendo fazer o mestrado e quem sabe o doutorado.

19 - Fiz o mestrado mas não segui na carreira acadêmica. Desmotivei por não gostar muito e uma péssima experiência com o orientador

20 - Não, ausência de bolsas, insegurança para a carreira

21 - Não segui ainda, mas pretendo cursar o mestrado e o doutorado, e dar aulas no ensino superior.

22 - Não. Quis usar o meu tempo para trabalhar a pagar as contas.

23 - Fiz mestrado e pretendo fazer doutorado, mas não segui a carreira acadêmica por diversos fatores.

24 - Sim. Minha principal motivação era salarial melhor e pesquisar de maneira mais qualificada.

25 - Sim. Interesse pessoal, gosto pela carreira.

26 - Sim. As motivações foram o desenvolvimento de pesquisa, extensão e ensino.

27 - Fiz mestrado em Geografia. Busquei aprofundar meus estudos na área da Geografia Histórica e conquistar futuramente maior qualificação e remuneração.

28 - Não, já cheguei a ministrar algumas aulas, mas o mercado é muito difícil de entrar, nas designações são beneficiados os profissionais com mais anos de mercado.

29 - Sim, mestrado. Aprimoramento da formação e promoção de carreira.

30 - Não. (Ainda?)

16- Você acha que o curso de Geografia da UFV é atravessado pelo sexismo? Em caso afirmativo, aponte algum exemplo ou exemplos de como isso ocorre.

1 - Não.

2 - Sim. Em várias atividades , como, por exemplo, em trabalhos de campo com coletas de amostras, as mulheres são de certa forma "deixadas de lado".

3 - No corpo docente sim, até a minha formatura o DGE tinha muito mais homens que mulheres, mesmo professores substitutos.

4 - Não acho, durante meu tempo de graduação o curso de modo geral era muito humano e respeitava os direitos humanos. porém acredito que algumas falas de alguns professores do sexo masculino eram machistas.

5 - Não

6 - Se sexismo são questões de gênero, deve ter sim, como todas as relações sociais da sociedade brasileira, com sua cultura e histórico.

7 - Mas como não sou mulher nem gay nem trans, quer dizer não faço parte de nenhuma minoria política com relação a gênero, não vivenciei nada disso.

8 - Acredito que apenas na proporcionalidade entre os professores. Mas a representatividade que as poucas professoras exercem é uma inspiração.

9 - Como toda sociedade é sim. Existe sempre questionamentos sobre a competência profissional das mulheres. Não de maneira aberta, claro. Mesmo com titulações superiores aos homens elas são preteridas.

10 - Sim, assim como em outros cursos da instituição. Em situações, por exemplo, de se dar mais crédito aos

profissionais homens do que as profissionais mulheres

11 - Em parte sim, nossa sociedade é e não é diferente o meio acadêmico

12 - Não só o da UFV como a Geografia Brasileira. Não me lembro de ter estudado em HPG uma pesquisadora..uma geógrafa...uma mulher. Se formos articular com o debate de Raça, esse atravessamento é ainda mais profundo. As bibliografias em Geografia ainda são, em sua totalidade, masculinas, cis e brancas .

13 - Não tenho embasamento suficiente para responder.

14 - Eu acho que toda a ufv e sociedade é atravessada pelo sexismo. De múltiplas maneiras, da taxação de curso de homem e mulher, a departamento quase que exclusivamente masculinos ou femininos. Todavia os cursos de humanas tendem a ser mais brandos neste aspecto.

15 - Creio que sim, considerando o sexismo como algo que estrutura as relações sociais em geral, o curso de Geografia da UFV evidentemente também será atravessado por relações sexistas, para além da vontade individual das pessoas que possam compor o curso. Talvez a questão seja pensar em que medida o curso de Geografia, enquanto parte de uma instituição, reproduz ou de contrapõe a reprodução do sexismo em suas diferentes formas de manifestação e nos mais diversos âmbitos. Neste sentido percebo que no curso de Geografia existem ações de combate ao sexismo, assim como ações que fazem perpetuar esta condição, ainda que de forma inconsciente e sutil.

16 - Sim, como em todos os demais cursos superiores da UFV e de outras instituições. Ainda que pela organização e engajamento de discentes e grupos internos, na Geografia e em outros cursos das Ciências Humanas, o sexismo seja de menor grau, embora ainda persista. Tiro como um exemplo as escolhas objetificadas de graduandas para projetos de outros departamentos, em que não eram as capacidades intelectuais e trajetória acadêmica (por sinal, muito bons) que certos docentes levavam em conta na hora das seleções, e sim a beleza física.

17 - De todos os modos possíveis. Relação professor, grupos de estudantes e de maneira individual. Me lembro de um embate entre dois colegas em sala de aula. Certo momento, nossa amiga gritou! "Eu mato um machista dentro de mim todos os dias. Por que vocês não podem fazer o mesmo"? Referindo a dois ou três colegas de sala e um professor. É isto. Da estrutura curricular do nosso curso, aos debates propostos, até o ano que estive em sala de aula, passando pelas relações entre nós studentxs, nosso curso é sim, amplamente atravessado pelo sexismo.

18 - Não tenho condições de avaliar essa pergunta.

19 - Há época que eu fiz o curso, não.

20 - Não

21 - Nossa tenho informações para responder, mas acredito que sim pois o sexismo atravessa todas as instâncias da sociedade

22 - Sim. Acredito que toda a sociedade é atravessada pelo sexismo, e sendo o curso de Geografia da UFV um pequeno recorte dela, também sofrerá com esse problema. Entretanto não me lembro de um sexismo explícito no DGE, já que os grupos de estudo e pesquisa sempre foram ocupados por homens e mulheres. A minha percepção sempre foi de mais mulheres que homens, pois a maior parte das mulheres que eu conhecia, possuíam um coeficiente maior e assim, maior possibilidade de obterem uma bolsa

23 - Não sei como está atualmente mas acredito que em vários cursos e instâncias pode haver algum tipo de relação abusiva ou sexista devido a sociedade patriarcal e machista.

24 - Sim. A própria composição departamental que é masculina em sua maioria. Já ouvi relatos de assédio de professores com alunas também, abuso de poder.

25 - Acredito que as relações de gênero em geral se expressam nas relações acadêmicas. O meio acadêmico dispõe de poucos mecanismos de atenuação dos problemas de gênero.

26 - Sim.

27 - Nunca presenciei ou notei tal situação. A Geografia UFV é marcada por bastante teoria e pouca prática.

28 - Creio que, sim, ainda que em menor medida se comparado com os outros cursos da UFV. Enquanto homem gay talvez tenha sentido "intimidado" apenas por alguns professores homens fora do departamento. Nunca sofreu nada diretamente, que fique claro.

29 - De modo algum, vi no curso de Geografia aceitação e respeito para ambos os sexos. Inclusive a professora Isabel e a Janete possuem mais prestígio que os demais professores, apesar de eu particularmente preferir os métodos do Ulisses.

30 - Sim na medida que esse é um tema de abrangência ampla. Não teria um exemplo específico.

31 - Sim, a maior autonomia, autoridade e respeito conferida aos docentes homens do curso, bem como algumas denúncias relativas a um certo docente da Geografia, escancaram de forma inegável a posição de privilégio, presente na sociedade e refletida dentro do curso de Geografia da UFV.

APÊNDICE F - Monografias por gênero e área, entre os anos de 2006 e 2021

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA	
2006	1º SEMESTRE	MASC.	8	13	ENSINO	0	
					GEOG. FÍSICA	6	
		GEOG. HUMANA	2				
		ENSINO	0				
	FEMIN.	5	GEOG. FÍSICA	4			
				GEOG. HUMANA	1		
		2º SEMESTRE	MASC.	7	14	ENSINO	0
						GEOG. FÍSICA	5
GEOG. HUMANA	2						
ENSINO	0						
FEMIN.	7	GEOG. FÍSICA	2				
			GEOG. HUMANA	5			

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA	
2007	1º SEMESTRE	MASC.	6	15	ENSINO	0	
					GEOG. FÍSICA	3	
		GEOG. HUMANA	3				
		ENSINO	0				
	FEMIN.	9	GEOG. FÍSICA	3			
				GEOG. HUMANA	6		
		2º SEMESTRE	MASC.	7	18	ENSINO	1
						GEOG. FÍSICA	0
GEOG. HUMANA	6						
ENSINO	1						
FEMIN.	11	GEOG. FÍSICA	4				
			GEOG. HUMANA	6			

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA	
2008	1º SEMESTRE	MASC.	7	12	ENSINO	1	
					GEOG. FÍSICA	3	
		GEOG. HUMANA	3				
		ENSINO	0				
	FEMIN.	5	GEOG. FÍSICA	4			
				GEOG. HUMANA	1		
		2º SEMESTRE	MASC.	7	18	ENSINO	0
						GEOG. FÍSICA	1
GEOG. HUMANA	6						
ENSINO	0						
FEMIN.	11	GEOG. FÍSICA	4				
			GEOG. HUMANA	7			

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA	
2009	1º SEMESTRE	MASC.	5	14	ENSINO	1	
					GEOG. FÍSICA	1	
		GEOG. HUMANA	3				
		ENSINO	0				
	FEMIN.	9	GEOG. FÍSICA	2			
				GEOG. HUMANA	7		
		2º SEMESTRE	MASC.	10	17	ENSINO	0
						GEOG. FÍSICA	2
GEOG. HUMANA	8						
ENSINO	0						
FEMIN.	7	GEOG. FÍSICA	3				
			GEOG. HUMANA	4			

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA	
2010	1º SEMESTRE	MASC.	8	11	ENSINO	1	
					GEOG. FÍSICA	6	
		GEOG. HUMANA	1				
		ENSINO	0				
	FEMIN.	3	GEOG. FÍSICA	1			
				GEOG. HUMANA	2		
		2º SEMESTRE	MASC.	9	20	ENSINO	0
						GEOG. FÍSICA	3
GEOG. HUMANA	6						
ENSINO	0						
FEMIN.	11	GEOG. FÍSICA	3				
			GEOG. HUMANA	8			

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2011	1º SEMESTRE	MASC.	2	4	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	1
		GEOG. HUMANA	1			
		ENSINO	1			
	2º SEMESTRE	FEMIN.	2	10	GEOG. FÍSICA	0
					GEOG. HUMANA	1
		MASC.	7		ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	2
FEMIN.	3	GEOG. HUMANA	5			
		ENSINO	0			
GEOG. FÍSICA	0					
GEOG. HUMANA	3					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2012	1º SEMESTRE	MASC.	2	6	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	1
					GEOG. HUMANA	1
		FEMIN.	4		ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	1
	GEOG. HUMANA	3				
	2º SEMESTRE	MASC.	5	10	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	3
					GEOG. HUMANA	2
		FEMIN.	5		ENSINO	0
GEOG. FÍSICA					2	
GEOG. HUMANA	3					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2013	1º SEMESTRE	MASC.	5	9	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	3
					GEOG. HUMANA	2
		FEMIN.	4		ENSINO	1
					GEOG. FÍSICA	0
	GEOG. HUMANA	3				
	2º SEMESTRE	MASC.	8	13	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	5
					GEOG. HUMANA	3
		FEMIN.	5		ENSINO	0
GEOG. FÍSICA					2	
GEOG. HUMANA	3					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2014	1º SEMESTRE	MASC.	7	14	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	3
					GEOG. HUMANA	4
		FEMIN.	7		ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	3
	GEOG. HUMANA	4				
	2º SEMESTRE	MASC.	9	14	ENSINO	1
					GEOG. FÍSICA	2
					GEOG. HUMANA	6
		FEMIN.	5		ENSINO	0
GEOG. FÍSICA					2	
GEOG. HUMANA	3					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2015	1º SEMESTRE	MASC.	7	15	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	5
					GEOG. HUMANA	2
		FEMIN.	8		ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	6
	GEOG. HUMANA	2				
	2º SEMESTRE	MASC.	8	16	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	6
					GEOG. HUMANA	2
		FEMIN.	8		ENSINO	1
GEOG. FÍSICA					1	
GEOG. HUMANA	6					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2016	1º SEMESTRE	MASC.	4	12	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	4
		FEMIN.	8		GEOG. HUMANA	0
					ENSINO	2
	2º SEMESTRE	MASC.	6	9	GEOG. FÍSICA	2
					GEOG. HUMANA	4
		FEMIN.	3		ENSINO	1
					GEOG. FÍSICA	1
GEOG. HUMANA	2					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2017	1º SEMESTRE	MASC.	2	5	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	0
		FEMIN.	3		GEOG. HUMANA	2
					ENSINO	0
	2º SEMESTRE	MASC.	8	11	GEOG. FÍSICA	0
					GEOG. HUMANA	3
		FEMIN.	3		ENSINO	1
					GEOG. FÍSICA	4
GEOG. HUMANA	2					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2018	1º SEMESTRE	MASC.	4	7	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	1
		FEMIN.	3		GEOG. HUMANA	3
					ENSINO	1
	2º SEMESTRE	MASC.	6	12	GEOG. FÍSICA	1
					GEOG. HUMANA	1
		FEMIN.	6		ENSINO	1
					GEOG. FÍSICA	1
GEOG. HUMANA	3					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2019	1º SEMESTRE	MASC.	5	7	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	2
		FEMIN.	2		GEOG. HUMANA	3
					ENSINO	0
	2º SEMESTRE	MASC.	5	7	GEOG. FÍSICA	2
					GEOG. HUMANA	0
		FEMIN.	2		ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	1
GEOG. HUMANA	4					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2020	1º SEMESTRE	MASC.	1	1	ENSINO	1
					GEOG. FÍSICA	0
		FEMIN.	0		GEOG. HUMANA	0
					ENSINO	0
	2º SEMESTRE	MASC.	3	4	GEOG. FÍSICA	0
					GEOG. HUMANA	0
		FEMIN.	1		ENSINO	1
					GEOG. FÍSICA	1
GEOG. HUMANA	1					

			QUANTIDADE	TOTAL	ÁREA DE ESTUDO	QUANTID. POR ÁREA
2021	1º SEMESTRE	MASC.	0	1	ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	0
					GEOG. HUMANA	0
		FEMIN.	1		ENSINO	0
					GEOG. FÍSICA	0
					GEOG. HUMANA	1